

RENNAN OLIVEIRA

Lilás



PARA ELES, O TÉRMINO DE UM NAMORO
É O COMEÇO DE UMA NOVA HISTÓRIA.



Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

RENAN OLIVEIRA

Lilás

Copyright © 2017 Rennan Oliveira

2ª Edição Março de 2018

Todos os direitos reservados.

Título: *Lilás*

Autor: *Rennan Oliveira*

Capa: *Denis Lenzi*

1.

Ela segurava a minha mão, mas eu não segurava a dela.

Parecia um gesto romântico. Estávamos lá, olhares cruzados, a mão dela sobre a minha. Notava-se que ela estava alegre, algo no brilho que carregava no olhar, diferente daquele que diariamente se via em tantos outros. Seus olhos eram naturalmente claros – não azuis ou verdes, mas castanhos –, mas aquele brilho lhe era novo. Hoje, tinha o aspecto lívido de alguém que sente uma verdadeira paz de espírito, semblante que não era comum a muitos, tampouco a mim.

– Sabe de uma coisa? – ela perguntou de repente. O silêncio já durava tanto que o som da sua voz me assustou. Estava tão acostumado com a falta de assunto que já não pensava na possibilidade de um dia ela ter fim. – Não há outro lugar no mundo em que eu quisesse estar agora, senão esse.

Júlia se referia ao shopping, com todo o seu movimento e opções de consumo. Estávamos especificamente na praça de alimentação, onde, me parecia, se concentrava a maior parte dos frequentadores no momento. Eram três da tarde de um sábado, horário de almoço para a grande maioria. Para nós também. Júlia disse o que disse dez minutos após tocarmos em nossa comida pela última vez: dois combos de hambúrguer, batata frita e refrigerante.

– Gosta daqui? – perguntei.

Júlia franziu o nariz.

– Você entendeu o que eu quis dizer.

Ela estava à vontade. Segurava uma das minhas mãos sobre a mesa, mas também mantinha um dos braços apoiados no meu ombro. Apossava-se do meu corpo como se eu a ela pertencesse.

– Não sabe? – insistiu.

– Hum, sobre o que estamos falando, mesmo?

Júlia riu. Afastou os cabelos do rosto, como se, com isso, abrisse espaço para o seu sorriso, um tão lindo de se ver, quase contagiante. Júlia tinha dentes grandes que se punham para fora da boca com facilidade, mesmo na articulação da menor das palavras.

– Eu estava tentando ser romântica – disse. – Mas sempre me esqueço desse seu problema de atenção com os detalhes. Eu não estava falando do shopping, é claro. O lugar poderia ser

qualquer outro, desde que você estivesse nele.

Assenti com a cabeça, devagar, absorvendo as palavras. Mantive o silêncio tempo suficiente para perceber que não devia ter feito isso; Júlia estava se abrindo e demandava uma reação. Entreguei-lhe um sorriso rápido e caloroso. Algo em seu rosto me fez crer que ele não pareceu tão sincero quanto eu o idealizara.

– Não vou mentir, isso é um pouco estranho – ela prosseguiu. Soltou a minha mão para poder amarrar os cabelos atrás da cabeça. – Mas, bem, namorar é isso, não é?

– Como assim?

– Ah, você sabe. Somos pessoas diferentes, somos *construídos* de jeitos diferentes. Somos estranhos até nos conhecermos, e mesmo quando nos conhecemos precisamos nos adaptar um ao outro. – Levou algum tempo, mas acrescentou: – Para fazer a coisa dar certo.

Assenti mais uma vez, uma reação natural que, para os mais espertos, seria reconhecida como um “Eu ouvi e entendi o que você disse e, muito embora eu tenha algo a dizer, prefiro não fazê-lo”. Eram os meus instintos querendo que aquele momento acabasse logo, um manifesto do meu corpo sobre o fato de que, diferentemente de Júlia, eu não estava onde gostaria de estar.

– Todos nós temos defeitos – Júlia retomou, o que queria dizer que estávamos falando de um dos meus. – Mas amar alguém é prevalecer suas qualidades em meio a eles.

Talvez ela tivesse boas intenções ao dizer aquilo, mas havia um erro grave na sua fala. A frase original tinha outra construção, algo como “Só amamos alguém quando suas qualidades superam os seus defeitos”, o que queria dizer o que de fato dizia, que só amamos alguém quando seus defeitos parecem ínfimos diante das suas qualidades. A forma como Júlia expusera esse conceito, no entanto, mudava o seu entendimento, fazendo parecer que havia certa obrigação em prevalecer as qualidades em meio aos defeitos quando se trata de amar alguém. Tirava todo o romantismo da frase de rodapé de páginas de agenda e lhe adicionava o sentido que melhor lhe convinha.

Sim, pois Júlia dissera exatamente o que queria dizer. Ela era capaz de reconhecer os meus defeitos e, se fosse preciso, até os apontaria, mas por imposição do namoro – ou por imposição de *me amar* –, ela os ignorava. Pensaria nas minhas qualidades, se lhe ajudasse.

– E quais das minhas qualidades você mais gosta? – ousei perguntar.

Júlia voltou a rir.

– Ah, posso falar do que é mais óbvio. Você é lindo! E digo até que é bonito sem se esforçar. Já falei sobre como seu nariz tem uma construção perfeita? Sempre que olho para ele

penso nas aulas de trigonometria e todos aqueles triângulos. E seus olhos... Geralmente, eu não gostaria de olhos tão escuros, mas os seus são grandes e cabem tão bem no seu rosto. E o seu cabelo, tão negro que parece tingido. – Júlia afastou o próprio rosto por um instante, como se quisesse espaço para analisar o meu. – É tão bonito de se ver!

Não cometi o erro de antes e, dessa vez, me apressei a sorrir. Eu estava sendo elogiado e essa era a reação esperada.

Mas também naquele sorriso não houve sinceridade, embora eu tivesse me esforçado para disfarçá-la. Ouvir de Júlia que amar alguém é prevalecer as qualidades em meio aos defeitos e, em seguida, ouvi-la dizer que a minha principal qualidade era a minha beleza não eram motivos para se sentir lisonjeado, e isso por uma razão muito simples: para Júlia, eu era apenas um rosto bonito. Não havia nada mais que eu pudesse lhe oferecer. O nariz triangular e os olhos negros eram qualidades suficientes para fazer com que meus defeitos não fossem notados. Era isso.

Para muitos, ouvir esse tipo de coisa serviria como uma massagem no ego, do tipo que anima até a mais triste das pessoas, mas não servia para mim. Ouvir que sua principal qualidade é que você é bonito talvez sirva para alguém que só tem beleza a oferecer, mas eu nunca fui assim.

– Você está estranho – voltou a dizer.

– Por que acha isso?

– Sei lá. Algo não está certo. A gente costuma conversar e rir por horas, mas nada disso aconteceu hoje.

Não neguei. Estar com a mesma pessoa por tanto tempo estabelece alguns padrões e rotinas que, quando quebrados, causam certo estranhamento. Sendo assim, quando me chamou para ir ao shopping naquela tarde, Júlia contava com a possibilidade de ter uma tarde divertida de trocas de ideia com sessões intermináveis de riso, mas nada disso acontecera. Da rotina com a qual estávamos acostumados, apenas a compra do *fast-food* dera as caras.

– Está tudo bem? – ela quis saber.

Dei de ombros. Minha saúde estava em dia, mas não podia dizer que estava bem. Estava incomodado. Quem dera eu estar tão à vontade quanto ela...

– Estou.

– Não, você não está. – Júlia voltou a me analisar, embora dessa vez não se atentasse aos ângulos do meu rosto. Tentava descobrir o que se passava na minha cabeça. – Já te vi em dias melhores e sei dizer a diferença. – Inclinou a cabeça para o lado. – E você costuma ser bem

sincero comigo sobre os seus sentimentos. Gosta de desabafar. Por que não quer fazer isso mais essa vez?

Porque as coisas mudaram, era a resposta que eu tinha na ponta da língua.

– Talvez porque não haja sobre o que desabafar.

Foi a vez de Júlia de assentir.

– Tudo bem.

Ainda havia batatas em nossa bandeja, e Júlia se lembrou delas. Apanhou algumas e as levou à boca, uma a uma, mastigando lentamente enquanto observava o movimento. Vez ou outra, eu voltava o meu olhar na sua direção, como que para verificar que ela ainda estava lá. E sempre estava.

A cada minuto que eu passava na sua companhia, mais eu me sentia afundando. Não havia uma imagem muito clara do lugar em que eu me afundava, mas, se tivesse que ilustrá-lo, usaria a imagem de alguém sendo enterrado vivo. Era como se eu tivesse sido jogado em uma cova maior do que eu e, a cada minuto em seu interior, essa cova ganhasse profundidade. Em um cenário como esse, há duas verdades que são inegáveis, e a primeira delas é que, uma vez no buraco, é preciso tentar sair dele. A segunda é que, se o buraco só fica mais fundo com o passar do tempo, se você não se apressar, sair dele vai ficar bem mais difícil.

– Leandro, eu quero ir para casa – disse Júlia, por fim.

– Eu te acompanho até lá.

– Não precisa.

Mais uma quebra na rotina, uma que eu não podia deixar passar sem comentar.

– Por quê?

– Você parece cansado – ela respondeu, valendo-se de um altruísmo que eu não sabia que tinha. – Prefiro te acompanhar até a sua casa e garantir que tudo vai estar bem.

– N-Não precisa fazer isso...

– Eu sei que não preciso, mas eu quero. – Voltou a agarrar a minha mão. – Todos nós temos dias ruins, e hoje é visivelmente *o seu*. Eu só quero ajudar.

Mirei suas mãos envoltas na minha, um gesto de carinho tão sincero e tão pouco merecido. Minha mão no meio das dela parecia a de um morto, com os dedos semiflexionados, mal reagindo à carícia que recebia. A mensagem era tão clara que me admirava que Júlia não a percebesse.

– Tudo bem – respondi. – Podemos fazer assim.

Júlia me encarou com seriedade, mas logo a substituiu por um sorriso. Levantou-se e me

puxou consigo, ignorando que precisávamos levar nossas bandejas às latas de lixo. O brilho em seu olhar era o mesmo de quando começamos aquele encontro, exibindo satisfação. Satisfação de alguém que sabia que fazia a coisa certa.

Pelo menos um de nós se sentia assim.

Enquanto isso, eu continuava afundando.

2.

Era uma piada interna dos meus pais chamar o shopping que frequentávamos de quintal da nossa casa, pois a distância que havia entre eles era muito curta, como se o shopping de fato estivesse do outro lado da porta. Essa proximidade tinha grandes vantagens, mas, naquela tarde, ela me foi uma aliada como nunca antes fora.

Júlia e eu paramos em frente ao portão da minha casa, eu já com um pé na direção da entrada. Júlia talvez quisesse conversar, mas eu estava pronto para me despedir desde muito tempo atrás. Analisava a casa como se a visse pela primeira vez. Era quase como se pedisse para ser convidada a entrar.

– Foi uma tarde agradável – disse, ostentando mais um de seus sorrisos iluminados. – Eu me diverti.

– Que bom.

– Prometi à minha mãe ajudá-la amanhã com algumas arrumações na casa da irmã dela, mas... Voltamos a nos ver? – ela perguntou, o que soava estranho, pois, se éramos namorados, por que não voltaríamos a nos ver? Era quase como se Júlia pressentisse algo.

– É claro – respondi e não mentia. Mesmo que não voltássemos a nos ver como namorados, uma perspectiva que ainda não me parecia tão próxima, a gente estudava na mesma escola e na mesma sala. Eu só não voltaria a vê-la se ela mudasse de sala ou, na pior das hipóteses, de escola.

– Ótimo. – Júlia desistiu de esperar pelo convite que não viria e cruzou as mãos em frente ao colo antes de se aproximar para me dar um beijo. Em um impulso involuntário, desviei o rosto no último instante, o que fez com que seus lábios tocassem parte da minha bochecha. Senti meu rosto corar, envergonhado por não ter controlado aquela reação, mas então percebi que Júlia não esperava mais do que isso. – Descanse bem.

– Você também.

Fiquei no portão durante algum tempo, assistindo a lenta caminhada de Júlia em direção à sua casa. Quando virou à esquina e sumiu do meu campo de visão, passei para o outro lado do portão e o tranquei.

A casa estava cheia de movimento, o que não era de todo incomum para um fim de semana. A tarde caminhava para o seu fim, mas minha mãe, na cozinha, já providenciava o que

comeríamos na noite que se aproximava. Nada de pizza pedida pelo telefone; hoje comeríamos uma receita nova que envolvia pão de forma, queijo, presunto, requeijão, molho de tomate e uma boa quantidade de orégano.

– Eu vi essa receita no *Facebook* – minha mãe respondeu quando perguntei do que se tratava. – Naquelas páginas com videozinhos rápidos, em que as receitas ficam prontas dentro de um minuto. Não faço ideia de qual seja o nome do prato, se é isso o que quer saber, mas que é bonito de se ver, ah, isso é. Vou basicamente juntar tudo em uma forma redonda e levar ao forno, e ainda vou definir a ordem dos ingredientes. – Apoiou-se no balcão por um instante. – Sei que não consegui descrever a receita direito, mas posso te mostrar o vídeo, se quiser.

– Obrigado, mãe, mas vou deixar passar.

– Está com fome?

– Não por enquanto. Comi bem no shopping.

– Estava com a Júlia?

– Sim.

– E onde ela está?

– Foi para casa.

Minha mãe ficou em silêncio. Não era muito boa em esconder emoções, mas ainda assim tentou algo quando disse:

– Ah, claro. Está tudo bem?

– Comigo? Está sim.

– Com vocês dois.

Dei de ombros. Era o melhor que eu podia fazer no momento.

– Se quiser conversar... – ela insistiu.

– Não sei do que está falando.

– Bem, vou retomar minha receita. Prefere queijo ou presunto em abundância?

– Presunto.

– Anotado!

Meu pai estava no cômodo ao lado, tomando sozinho um sofá de três lugares enquanto assistia a um filme na televisão. Estava bem à vontade, vestido com as mesmas roupas com as quais acordara naquele dia enquanto jogava amendoins na boca. O filme era um tanto violento para ser exibido tão cedo, mas a TV paga nunca tivera essa preocupação com a sua programação. Claro que eu poderia pedir um espaço no sofá e acompanhá-lo em seu divertimento, mas preferia manter meu hambúrguer onde ele atualmente estava. Pus-me para

fora da sala e subi as escadas.

Certezas são tão raras quanto diamantes na vida de alguém da minha idade, mas eu tinha uma que nunca se perdia, independentemente das circunstâncias: não importava o momento do dia, eu sempre encontraria a minha irmã em casa, e aquele dia não era uma exceção. No corredor, eu podia ouvir o som da TV em seu quarto, acompanhado de batidas em um teclado de computador tão rápidas que me faziam perguntar como dedos tão pequenos poderiam martelar com tamanha força. Sua porta costumava ficar entreaberta, como se concedesse permissão prévia para que quem quisesse pudesse entrar. Era convidativo. Antes de me encaminhar para o meu quarto, deparei-me caminhando na direção daquela fresta, apanhando a maçaneta da porta e empurrando-a para dentro. Marcela não demorou a me notar.

– Sabia que era você – ela disse, girando em sua cadeira. – Reconheci pelos passos.

Marcela era uma mulher acima dos vinte e tantos anos, mas seu rosto contava uma história diferente, fazendo parecer que tínhamos idades muito próximas. Minha mãe dizia que era culpa da genética. Eu me perguntava se não era o fato de ela ser tão cheinha, o que acabava por esticar a sua pele e lhe adicionar aquele aspecto juvenil. Estava sempre vestida em moletoms e passava grande parte dos dias daquele mesmo jeito em que agora se encontrava, de frente para o computador, trabalhando no que quer trabalhasse. Era viciada em redes sociais e dosava bem suas parcelas de consumidora e fornecedora de conteúdo para a internet.

– Quer alguma coisa? – ela quis saber.

– Não – respondi. Nem conseguia me lembrar do porquê de ter ido até lá. – Desculpa atrapalhar.

– Não atrapalhou. Não estou fazendo nada de importante.

– Mesmo assim. – Encostei a porta ao me retirar, tentando deixá-la o mais próximo de como eu a encontrara antes de abri-la.

Dei alguns passos em direção ao meu quarto antes de dar meia volta e refazer o caminho até o quarto de Marcela.

– Eu sabia que você ia voltar – ela disse, girando em sua cadeira novamente.

Dessa vez, não deixei a porta aberta ao passar; encostei-a.

O quarto de Marcela tinha a mesma aparência desde que, aos quinze, ela decidira que sua cor favorita era cor-de-rosa. Seria também o quarto perfeito para uma criança com seus seis anos – isso se ela gostasse também de livros e *action figures*, que não serviam para brincar, mas para olhar e enfeitar. Eu era tão pouco íntimo da dona daquele recinto que, esquadrinhando-o em busca de um lugar para me sentar, só me senti à vontade o bastante para

ocupar o chão. Já cruzava as pernas para me sentar no carpete quando Marcela interveio:

– Pode se sentar na cama. Eu ofereceria outra cadeira, se houvesse uma.

– Claro...

Sentei-me na borda do colchão e cruzei as mãos sobre o colo. Achei que Marcela fosse retomar o motivo de sua digitação nervosa quando se certificasse de que eu estava bem acomodado, mas não o fez. Voltou a girar em sua cadeira – e sua cadeira era larga o suficiente para que ela conseguisse se sentar com pernas de índio – e, dessa vez, postou-se de frente para mim. Parecia bastante interessada em mim, mais do que eu achava normal.

– Faz tanto tempo que não conversamos... – ela disse, apoiando-se no cotovelo. – E como poderíamos? Você mal para em casa e, quando para, só sabe gritar que nem um louco pelos motivos mais banais.

– O que faz pensar que estou aqui para conversar?

– Intuição, talvez. Por que está aqui, então?

Tentei enxergar aquela cena de longe, como um espectador, como meu pai assistia aos seus filmes. Marcela estava em sua zona de conforto, tão situada que poderia levar aquela conversa pelo tempo que fosse necessário. Eu, por outro lado, ao tentar ocupar o mínimo de espaço possível, deixava claro estar *bem* distante da minha. A cena poderia ser vista como cômica, afinal, ali estava um garoto confuso de dezessete anos procurando a atenção da irmã para nem ele sabia o quê. Duas pessoas com laços fraternais, mas de personalidades tão diferentes... Às vezes, até para mim era difícil acreditar que fazíamos parte da mesma família e que compartilhávamos da mesma educação.

Esfreguei uma mão na outra, e elas estavam escondidas entre as minhas pernas, como se eu procurasse aquecê-las. Meus ombros, tão erguidos, pareciam querer esconder a minha cabeça. Eu tentava me ajustar, mas se esperasse até que isso acontecesse antes de dizer alguma coisa, talvez jamais tivesse aberto a boca.

– Você já namorou alguém, Marcela? – perguntei.

– Oh, estamos aqui para falar de mim? – disse ela, entre risos. – Por essa eu não esperava. Bem, talvez você não se lembre, ou pode ser que eu não tenha compartilhado essa parte da minha vida com você, mas... É, eu já tive um namorado. Há muito tempo.

– E como foi?

– Bom. Enquanto durou. Se tivesse sido melhor, ainda estaríamos juntos. Por que está me perguntando isso?

– Por que vocês terminaram? – rebati.

– Hum, é complicado – foi como ela começou sua resposta, e não fiquei surpreso. Tampouco me surpreenderia se ela não dissesse mais nada depois disso, mas ela disse: – O relacionamento ficou ruim. *Abusivo*. Ele queria que eu fizesse as vontades dele, mas dificilmente fazia as minhas. Tivemos problemas bem sérios por causa disso. – Fitava o chão enquanto recordava. – Ele não me apoiava na maior parte do tempo e não me apoiou quando eu mais precisei.

– Sinto muito.

– Eu não. Já superei. – Apertou os olhos na minha direção e perguntou: – Está querendo aprender algo com a minha experiência ou só está curioso?

– Curiosidade.

– Tem certeza?

Eu me sentia acuado, mas não era preciso ser um grande gênio da observação para perceber que, se eu fora parar naquele quarto naquela tarde, era porque eu *queria* falar sobre algo.

– Não – confessei.

– Eu sabia! – Marcela apanhou uma lata de energético em sua escrivaninha e bebeu um gole. – E nem estou usando a minha intuição. Isso está claro no seu semblante, não é preciso nenhum dom místico para ver.

Essa era uma das razões pelas quais eu me mantinha tão afastado de Marcela: ela acreditava no absurdo. Seu assunto preferido, por exemplo, era a mediunidade. Marcela acreditava que era sensível e que em todo lugar havia energias negativas e positivas querendo falar sobre o futuro. Para mim, toda essa conversa soava como uma piada, sendo eu um garoto que tinha dificuldade em acreditar em teorias que não podiam ser comprovadas. E por isso eu me sentia tão desconfortável.

– Está tudo bem entre você e a Júlia?

Ao ouvir uma pergunta tão direta ao ponto, uma pessoa sem muito discernimento talvez achasse que Marcela, de fato, possuía dons místicos que lhe permitiam ver o futuro, mas eu era melhor do que isso. Não era como se eu fizesse força para esconder o que sentia, e Marcela era esperta o suficiente para ler as entrelinhas com uma habilidade que poucos dos meus conhecidos tinham. Se eu não fazia aquelas perguntas por curiosidade, só podia estar querendo aprender algo com elas. E se eu queria aprender algo com as experiências amorosas da minha irmã, não havia outra razão para isso, senão a de usá-las com a minha própria vida amorosa. Era uma questão de lógica.

– Leandro, você não precisa esconder essas coisas de mim, você sabe que eu sempre vou te

apoiar. – Marcela olhou de relance para a porta antes de dizer. – É *deles* que você tem que se esconder.

Com isso, Marcela me fez rir, e ficou satisfeita com isso.

– Há quanto tempo vocês estão namorando, mesmo?

– Um ano e alguns meses. Ela saberia dizer quantos.

– É um tempo *considerável*. Muitos casais não conseguem durar mais do que isso, principalmente porque o relacionamento entra em um tipo de rotina que mentes sem muita imaginação não conseguem contornar. Enjoa fácil. – Marcela ponderou por um instante. – Você, por acaso, perdeu o interesse por ela?

– Eu gosto de estar com ela.

– Não é desse tipo de interesse que estou falando.

Pensei em Júlia. Pensei no seu corpo. Júlia era uma dessas garotas finas com quadris largos, cheia de graça. Seu jeito de andar me fascinava, pois era como se *deslizasse*, os quadris balançando de um lado para o outro em uma coreografia hipnotizante e não ensaiada. E havia também o toque da sua pele, tão macia e tão única. Júlia sabia como usá-lo a seu favor, e seus toques, sempre tão bem posicionados, tornavam nossas trocas de carícias um momento único, um que eu desejava que nunca tivesse fim. Parte disso vinha do fato de que eu achava Júlia a garota mais linda que eu já tivera a oportunidade de conhecer.

– Eu não perdi o *interesse* por ela, eu ainda a acho muito bonita. É só que...

Mas o fato de eu achá-la bonita já não servia mais. Talvez Marcela estivesse certa quanto ao seu pensamento de que estávamos juntos havia tempo demais. Talvez eu estivesse enjoado.

– Eu também acho o Zac Efron bonito, mas nem por isso tenho interesse em namorá-lo. Ele tem cara de ser chato. Isso e o fato de que ele jamais ficaria com alguém como eu, não é mesmo? – Marcela emendou, rindo da própria piada. – O que eu quero dizer é que beleza não é suficiente. É ótima para chamar a atenção de alguém, mas não para mantê-la. Entende o que quero dizer?

Concordei com a cabeça.

– Mas se vocês estão mesmo tendo problemas... – Marcela sacudiu a cabeça em negativa. – Quer dizer, se me perguntassem sobre vocês dois uma hora atrás, eu diria que eram um exemplo de casal! Sempre invejei como vocês pareciam unidos, rindo das mesmas piadas, papeando sem jamais deixar a peteca cair. Não consigo nem pensar em amigos meus com os quais eu me sentiria tão à vontade. Não vou mentir, me assusta um pouco que algo naquele casal que eu vi assistindo TV no sofá da sala no sábado passado tenha mudado tão de repente.

Ou aquilo era fingimento?

Não, não era fingimento.

– Aconteceu alguma coisa? – Marcela tornou a perguntar.

Aquele era outro momento em que uma pessoa com pouco discernimento talvez achasse que Marcela era uma adivinha, mas volto a repetir que não era preciso se valer de nenhum dom místico para que meu interlocutor obtivesse de mim as respostas que procurava, sem que eu precisasse dizê-las. Meu silêncio falava por si só.

– Deve ter sido algo bastante grave.

Dei de ombros e abaixei o rosto. Havia um formigamento no meu olho esquerdo.

– Leandro, se houver algo que eu possa fazer para ajudar...

Batidas na porta forçaram uma pausa na nossa conversa.

– Pode entrar – disse Marcela em resposta.

– Com licença, querida, eu só queria que... – Era a minha mãe. Sem adentrar o espaço, ela falava por uma abertura na porta. Notara que a companhia de Marcela naquele instante era o seu irmão e expunha em seu rosto sua total surpresa com essa constatação. – Marcela, eu só queria pedir um favor seu. Pode ir ao mercado comprar bebidas?

– Vinho e cerveja?

– Estava pensando em algo mais suave, como um suco de laranja ou uma Coca Cola. – Voltou a olhar na minha direção. Forçava-se a dividir a atenção entre o pedido que precisava fazer e uma reflexão de última hora sobre o porquê de ambos os filhos estarem no mesmo quarto a portas fechadas. – E um vinho, talvez. Apenas *talvez*. – Quando Marcela se aproximou para apanhar o dinheiro, ouvi-a sussurrar: – *Tente encontrar algum vinho barato, está bem?*

– A minha especialidade.

Minha mãe se despediu com uma saudação que não consegui ouvir e fechou totalmente a porta ao se retirar.

– Eu não imaginava que fosse ter que me vestir para ir à rua hoje, mas... É, vamos ter que continuar essa conversa depois, Leandro.

– Tudo bem – eu disse, já me pondo de pé.

– Será que pode me dar uma *licencinha* para que eu possa me trocar...?

– É claro. – Eu já estava com a mão na maçaneta quando me virei na direção de Marcela e perguntei: – Será que eu não posso ir com você comprar as bebidas?

Marcela já tinha a mão no cós da calça de moletom, mas fez uma pausa quando ouviu o

meu pedido. Entregou-me um sorriso caloroso antes de dizer:

– Não precisava nem ter perguntado.

Sorri de volta e deixei o quarto. No corredor, voltei a esfregar uma mão na outra, refletindo sobre tudo o que acontecera até então. Eu não me reconhecia em nenhuma das atitudes daquela tarde, e era questão de tempo até descobrir que impactos essas mudanças teriam nos dias que estavam por vir.

3.

O refrigerante era um mero detalhe entre as compras de Marcela, o que fazia sentido, considerando que ele seria desprezado por toda a família durante o jantar, com exceção de mim. Com dezessete anos, não era de bom tom compartilhar do vinho barato que os adultos tomariam. Pelo menos não na frente deles.

– Acha que a mãe vai reclamar? – perguntou Marcela em dado momento do nosso retorno.

– Eu duvido.

– É, eu também. Ela só pediu para que eu não comprasse cerveja para cumprir o seu papel de mãe, mas não consigo imaginá-la reclamando por eu ter voltado para casa com aquilo que ela secretamente quer. Aquele pedido sussurrado no final, o de comprar vinho barato, foi o seu subconsciente implorando para que eu o comprasse.

– Mas você está trazendo cerveja também.

– Vai por mim, o pai prefere cerveja a vinho barato. Eu os conheço há mais tempo do que você – disse Marcela, bagunçando os meus cabelos como uma irmã mais velha geralmente faz com o irmão mais novo.

Aquele fim de tarde estava nublado e um tanto mais fresco do que fora o restante do dia. Marcela passara o zíper de seu casaco até que ele tocasse o seu queixo. Vestido com um casaco simples, de gola comum, não restava a mim mais do que os arrepios causados pelas rajadas de vento que me atingiam. Mesmo assim, caminhávamos sem pressa, um passo após o outro, como que em um passeio. Se Júlia pudesse me ver agora, estranharia o fato de que, com ela, em nosso retorno do shopping, eu caminhara com a pressa de alguém que tinha um compromisso muito importante para cumprir ainda naquele dia.

– Se me permite observar – Marcela voltou a falar –, você não está tão bem quanto diz estar, Leandro.

– Por que acha isso?

– Você é um garoto jovial. Andar assim, com a cabeça baixa, arrastando os pés... Esse não é você. É como se estivesse carregando um fardo pesado demais e já não conseguisse mais lidar com ele. – Senti certa hesitação em sua voz quando a ouvi dizer: – Isso pode ser por causa da sua relação com a Júlia, mas também pode não ser. De repente, você só está indo mal na escola e isso está afetando a sua vida pessoal de alguma forma...

Era injusto culpar fatores externos pelo que eu sentia sobre a Júlia, e meu desempenho escolar, em especial, nada tinha a ver com isso. Minhas notas não eram das melhores, mas eram boas. Se Marcela sugeriria que minha mudança de humor estava atrelada a alguma insatisfação que eu pudesse ter a meu respeito, era porque não sabia nada sobre mim.

– Não, o problema não é esse – eu disse, enfático.

– Então o problema é a Júlia.

Não era uma pergunta e, assim sendo, não lhe concedi resposta.

– Sei que não somos muito próximos e que você não me vê como um exemplo por conta da vida que escolhi levar, mas eu realmente gostaria de poder te ajudar, irmão. – Senti sua mão em meu ombro, um toque bem-vindo. – Mas para isso eu preciso saber o que está acontecendo. Do contrário, não vou conseguir mais do que citar trechos de livros de autoajuda, e você sabe que eu leio vários deles.

Talvez tenha sido o toque, tão cheio de um afeto sincero, tangível. Talvez fosse o jeito como Marcela falava comigo, com tanta compreensão, algo tão difícil de encontrar. Talvez fosse por finalmente ter percebido que Marcela não mentia ao dizer que se importava comigo e que queria me ajudar. Por qualquer que fosse o motivo, eu comecei a chorar.

Se Marcela não estivesse olhando na minha direção, não teria percebido a primeira lágrima; tão silenciosa, ficaria para trás como se jamais tivesse existido. A segunda veio também sem convite, mas essa eu fui obrigado a limpar com o verso da mão. Marcela me puxou para perto, me abraçando de um jeito que tornava a caminhada mais difícil, mas que eu estava disposto a aturar se pudesse ficar assim, tão próximo dela, por mais tempo.

– Isso não está certo – disse ela. – Sentir-se assim por conta de alguém não é certo.

– Ela me traiu.

Tão próximo que estava da minha irmã, pude ouvir o ar descer pela sua garganta quando Marcela engoliu em seco. Sem aviso, nosso retorno para casa teve uma pausa. Marcela recolheu o braço que me envolvia e parou na minha frente, o olhar tão severo que era como se estivesse prestes a me repreender pelo que acabara de ouvir.

– O que foi que disse?

Fazer aquela confissão pela primeira vez foi difícil. Repeti-la, portanto, estava fora de cogitação. As lágrimas escorriam em um fluxo contínuo, fora do meu controle, e eu já não sabia dizer se sentia tamanha tristeza porque acabara de revelar algo que eu jamais imaginei que revelaria ou se porque era difícil sustentar a dureza do olhar de Marcela.

– Tudo bem, tudo bem... – disse ela para si. – É pior do que eu imaginava.

Enquanto Marcela vasculhava o chão com o olhar, como se procurasse nele o que dizer em seguida, uma percepção vinha a mim, tão clara quanto a água de um lago: traição *não é* algo fácil de aceitar, e há mais de uma maneira de lidar com o seu descobrimento. Eu, que fazia o papel de traído, chorava. Antes disso, me mantive recluso, falando pouco como se, com isso, pudesse evitar aquele final cheio de lágrimas descontroladas.

Mas havia também a reação de Marcela. Claro, naquele dilema, Marcela era apenas a irmã que tomava as dores do irmão, mas nem por isso as emoções que ela agora sentia deviam ser desmerecidas. Marcela sentia raiva. O brilho em seu olhar se fora, e seus olhos na minha direção estavam arregalados não de surpresa, mas de atenção redobrada.

– E você deixou essa garota sair impune? – ela disse por entre os dentes. – É isso o que está querendo me dizer? – Sua mão voltou a agarrar o meu ombro, mas dessa vez havia pouco carinho no gesto. Marcela me chacoalhou como se exigisse que eu acordasse, que eu dissesse algo, que saísse, à força, do estado em que agora eu me encontrava. – Leandro, é isso mesmo o que está querendo me dizer? Fala alguma coisa!

Derramei as últimas duas lágrimas quando Marcela me sacudiu pela última vez. De repente, todos os sentimentos bons que havia em estar na sua companhia e que me encorajaram a me abrir com ela tinham se esvaído, sumidos como uma nuvem de vapor. Eu estava arrependido.

Agarrei a mão de Marcela e a soltei no ar, deixando-a em qualquer lugar, menos em mim; seu toque não me interessava mais, fosse ele uma carícia ou não. Em seguida, como Marcela estava em meu caminho, fui obrigado a empurrá-la para o lado para seguir em frente. Ainda havia algumas quadras a serem vencidas até a minha casa, mas aquela caminhada lenta, de passeio, já não tinha mais propósito para mim. Eu queria chegar em casa. E logo.

4.

Já é bastante ruim sofrer uma traição, mas o sentimento só piora quando começamos a ponderar sobre o porquê de ela ter acontecido. Será que não nos dedicamos totalmente à relação? Será que deixamos faltar algo? Será que não somos bons o bastante? São perguntas cujas respostas dificilmente virão à tona se não tivermos uma conversa *séria* com o responsável por ela – algo que evitaremos até o fim, se pudermos. Assim, acabamos nos rendendo à especulação.

E foi por essa razão que a indagação de Marcela me incomodou. Quando me perguntou se eu deixara Júlia sair impune da traição, a falta de uma resposta que me fosse óbvia me assustou, o que fez com que eu percebesse, da pior maneira, que eu realmente não fizera nada a respeito dela, que eu descobrira a traição de Júlia e segui com a minha vida. Como um covarde.

Saber de uma traição é ruim, mas estar na presença de alguém que reage furiosamente ao saber dela é ainda pior. Eu precisava me afastar. Eu precisava voltar a me esconder, e dessa vez não só dentro de mim, mas fisicamente, dentro do meu quarto, com a porta trancada. Só assim eu conseguiria, mesmo que por alguns instantes, lidar com o fato de que a traição acontecera, sim, e que infelizmente eu não fizera nada a seu respeito. Eu precisava me acostumar com o meu erro.

Não sei por quanto tempo fiquei ali, deitado, com tudo fechado, antes de alguém bater na porta. Agora de olhos abertos, notei que era noite havia algum tempo, a julgar pela qualidade da escuridão. Despertei do meu estado de torpor e preparei a voz com um pigarro.

– Eu estou bem, só estou tentando tirar um cochilo! – respondi, imaginando que fosse minha mãe quem me procurava.

– *Sou eu.*

Era a Marcela.

De cara fechada, corri até a porta e a abri.

– O que você quer? – perguntei, ríspido.

– Achei que estivesse com fome.

Marcela segurava um prato com uma fatia do que quer que fosse a receita preparada pela minha mãe. Era bonita. Eu podia ver o pão de forma em meio ao queijo derretido e ao presunto

fervente. Todo aquele orégano e molho de tomate me fazia pensar em uma fatia de pizza. Não vou negar, o prato me dava água na boca, e se essa era a estratégia de Marcela para conseguir a minha atenção, devo dizer que funcionou.

– Obrigado – eu disse, levando a mão ao prato.

– Mas eu também gostaria de me desculpar.

É claro que gostaria. Pessoas não se preocupam com o apetite dos irmãos sem nenhum propósito. O gesto de caridade tem que favorecê-los também.

Parte de mim sugeria apanhar aquele prato e fechar a porta. Outra aconselhava que o certo era fechar a porta sem sequer apanhar o prato. Uma terceira parte, uma que falava alto o suficiente para ofuscar as outras duas, me pedia, com gentileza, para deixar Marcela entrar com prato e tudo, e foi essa a que eu ouvi naquela noite.

– Que seja.

Acendi a luz. Marcela fechou a porta ao passar. Sentei-me na cama e Marcela se sentou ao meu lado, oferecendo o prato.

– Não faço ideia do que isso seja, mas a mãe acertou em cheio – começou dizendo.

– É o que parece. – Levei uma garfada à boca. Estava delicioso.

– Sinto muito se pareci insensível.

– Marcela...

– Por um momento, só consegui pensar em vingança. Eu queria *punir* alguém e, com isso, fazer com que você se sentisse melhor, o que me faria sentir melhor também. Mas não soou certo, e a sua reação foi a prova viva disso. Não queria que ficasse com raiva de mim por conta de uma atitude tão irracional.

– Eu não fiquei com raiva de você – eu disse, sem conseguir olhá-la. Poderia parecer que minha atenção estava, por inteiro, voltada ao prato que agora eu devorava, mas a verdade era que eu o usava como desculpa para não manter contato visual durante a conversa. – Pode soar meio clichê, mas eu fiquei com raiva de mim.

– E por que ficaria? Você não é o culpado da traição.

– Como você pode ter tanta certeza disso? Como *eu* poderia ter certeza disso?

Marcela coçou a parte de trás da cabeça, descontente.

– Eu devia saber que em algum momento chegaríamos a esse ponto da *coisa* – ela disse. – Sabe, Leandro, nem sempre somos culpados pela traição de alguém. Como eu te disse antes, eu via com os meus próprios olhos que vocês eram um casal feliz e que você, especialmente, dava o seu melhor na relação. Mas até aí, mesmo que um namoro seja feito de duas pessoas, você só

pode ter controle sobre si. O que a Júlia escolheu fazer está e sempre esteve longe do seu alcance.

O prato um dia estivera delicioso, mas agora eu já não sentia mais o seu gosto.

– Se me permite uma opinião pessoal – Marcela retomou –, ousou dizer que uma traição só acontece onde há falta de amor. E se não foi você a pessoa que causou a traição, sinto em dizer que seu amor não era recíproco.

– *Horas atrás* ela disse que me amava.

– Eu também costumo dizer bom dia às pessoas, mas nem sempre é isso o que quero elas tenham. Palavras são só palavras. Dizer que ama alguém é muito fácil, basta conhecer os termos e a ordem de dizê-los. – Mais uma vez, Marcela voltou a me abraçar. – Ela não te ama, se fez o que fez. Você pode discordar de mim, mas duvido que consiga me fazer mudar de ideia.

Marcela não estava errada. O que Júlia sentia por mim não era amor, e isso sempre estivera claro. Para citar um exemplo mais recente, quando precisou enumerar minhas qualidades, apontou a minha beleza, portanto nem a minha personalidade lhe era atraente. Amor baseado em aspectos físicos não é amor, é só paixão.

– Mas se você está tão afetado assim, é porque ainda a ama? – Marcela quis saber.

E eu ergui meu olhar na sua direção, como num pedido de direcionamento. Afinal, eu deveria dizer a verdade ou o que eu *queria* que fosse a verdade?

– A verdade, Leandro – disse Marcela, como se pudesse ler a minha mente.

– Eu a amo. *Muito*.

– Tudo bem, não tem por que chorar sobre isso – disse Marcela, limpando lágrimas em meu rosto que eu nem percebera estar despejando. – É o que você sente e é a verdade. Isso é tudo o que importa.

Marcela me puxou para perto e eu chorei em seu peito, aos soluços, agarrando-me ao braço que me envolvia como se tivesse medo de cair. Àquela altura, eu já me encontrava bastante fundo no poço em que eu me jogara, mas a proximidade com a minha irmã me dava essa sensação de que, pelo menos por enquanto, eu não afundaria mais.

– Hum... Leandro? – Marcela voltou a dizer, usando um tom de voz vacilante. – Bem, temos um grande dilema aqui, não temos?

– Um *enorme*.

– E precisamos lidar com ele. O mais saudável, na minha opinião, seria resolvê-lo.

– E o que você espera que eu faça? – perguntei. A essa altura, distante do abraço de

Marcela, eu não chorava, mas falava como alguém que chorasse.

– Tenho duas sugestões. A primeira delas é: você está disposto a perdoar a Júlia pelo que ela fez?

Era como pedir que eu fosse gentil com alguém que me tratou como lixo.

Quando somos a pessoa afetada, parece absurdo ter que perdoar alguém pelo erro que ele cometeu. Confesso que a minha vontade, assim como a de Marcela, era a de punir Júlia, mas esse pensamento vinha com uma pergunta: para quê? Para que ela visse do que eu era capaz e voltasse para mim de corpo e alma? Não parecia o meio certo de conseguir isso.

Talvez o perdão fosse o caminho.

– Sei que parece loucura, mas, vai por mim, você ainda vai se agradecer por ter agido assim – Marcela continuou. – Vai te deixar com a consciência leve. Vai permitir que você siga com a sua vida e seja feliz como sempre quis ser, e permitirá o mesmo a ela. E é isso o que você quer para ela, não é? Se você a ama tanto, quer que ela seja feliz.

Concordei com a cabeça, limpando o que ainda restava das lágrimas no meu rosto. Se eu concordava com a concessão do perdão ou com a explicação fornecida para ela, naquele momento, era impossível dizer, mas Marcela viu no meu gesto a resposta que esperava e prosseguiu com as suas sugestões.

– Em seguida... – Estava hesitante. – Bem, é lindo que você seja capaz de perdoá-la, é muito lindo. Feito isso, sinto em dizer, mas... Você vai ter que terminar esse namoro.

Eu não estava preparado para essa proposta. Eu nem sequer tinha *considerado* essa possibilidade.

– Por que eu faria isso? – ouvi-me perguntar.

– Você disse que a ama, e eu não duvidei disso. Sendo assim, não vejo alternativa para esse dilema, senão libertar a Júlia desse relacionamento do qual ela claramente não quer mais fazer parte. Ela não te ama, e você mesmo foi capaz de perceber isso. Mas já que *você* a ama, não acha que o certo a fazer é permitir que ela seja feliz, mesmo que não seja ao seu lado?

Eu me sentia frustrado. Marcela tinha razão em cada uma de suas palavras. Doía ouvir a verdade assim, tão nua e crua, principalmente aquela que eu estivera rejeitando desde que descobrira a traição. Eu não queria terminar o meu namoro com a Júlia, mas esse querer estava atrelado à minha ou à felicidade dela?

Essa resposta era óbvia, mesmo para um adolescente como eu. Eu estava preocupado comigo mesmo, com o que me aconteceria assim que as pessoas percebessem que eu não namorava mais a Júlia, com o que eu faria do meu tempo que, integralmente, sempre fora

dedicado a ela, para que eu sempre estivesse a seu dispor. Como seria me acostumar com a vida de um garoto solteiro, que não tinha a quem se apegar para falar das suas emoções? Como seriam os meus dias ao perceber que Júlia estava, enfim, feliz com aquele que atualmente desejava, enquanto eu ficava sozinho, sem o apoio de ninguém?

Sem o apoio de ninguém?, minha consciência rebateu. *E os amigos que você tem? Eles não servem para nada? E a sua família? Será que dedicar toda a sua atenção a alguém que não se importa com você é o mais correto, enquanto o esforço de todos os outros para fazer com que você se sinta bem é jogado no lixo? Será que nem a sua irmã, que está agora gastando o seu tempo para fazer com que você se sinta melhor, não simboliza um apoio REAL?*

– Marcela, eu...

As palavras não pareciam querer sair da minha boca.

– Eu vou mandar uma mensagem para a Júlia e marcar de me encontrar com ela amanhã. E vou terminar isso.

Mas quando eu as disse, nunca estive tão convicto de que fazia a coisa certa.

E assim também se sentiu Marcela, que me abraçou uma última vez naquela noite, e não com a intenção de me consolar, mas de me oferecer o apoio de que eu precisava. Sua alegria me contagiava e me fazia perceber como eu era tolo por não ter notado antes que havia, sim, pessoas querendo o meu bem e prontas para me apoiar se eu precisasse. E elas estavam *tão próximas*. Marcela, por si só, simbolizava tudo isso para mim.

E eu nunca me senti tão sortudo por ter uma irmã como ela por perto.

5.

Era como se Júlia já soubesse o que estava por vir.

Combinamos de nos encontrar em um parque que não ficava tão próximo de casa, mas isso por escolha dela, que precisava voltar para a casa da tia depois da nossa conversa. Como casal, não costumávamos frequentar parques, e isso porque Júlia nunca gostara desse tipo de passeio; preferia lugares fechados e demonstrava certa resistência a atividades ao ar livre.

Eu a aguardava sentado em um banco. Devorara as unhas dos dedos da mão até onde podia enquanto a esperava. Se Júlia já estava nas proximidades, eu tinha razão para crer que só estava atrasada porque queria. Era *charmoso* da sua parte.

Quando apareceu, estava vestida com moletons muito parecidos com os da minha irmã. Nem parecia a Júlia que eu conhecia, que jamais sairia de casa se não fosse para causar uma boa impressão. Talvez naquele dia ela não sentisse essa obrigação. No fundo, sabia que não havia por que se arrumar tanto, se aquela conversa seria tão rápida e, ao final dela, todo o embelezamento de nada valeria. Era como se soubesse que o fato de ser tão bonita já não tinha tanta influência em mim.

– Boa tarde – disse ela e se sentou ao meu lado. Não houve troca de beijos.

– Boa tarde. Hum, você almoçou? Podemos ir a algum lugar, se quiser...

– Não precisa.

Foi uma resposta seca, como se me apressasse a ir direto ao ponto.

– Minha tia está preparando algo e eu não quero fazer desfeita – incluiu. – Mas o que é que você tem para falar que não podia ser falado pelo *WhatsApp*?

Na minha mente, parecera tão mais fácil...

Mal preguei os olhos durante a noite, preocupado com o que falaria, e posso dizer que essa madrugada em claro me permitiu ensaiar todas as frases que estava prestes a dizer até atingir a perfeição. Mesmo quando me levantei, o discurso continuava pronto, na ponta da língua.

Agora que estava diante de Júlia, no entanto, eu já não tinha mais tanta certeza de que faria a coisa certa.

– Leandro, se puder se apressar um pouco...

– Eu quero terminar.

Um grupo de jovens a alguns metros de nós riu como se tivesse achado engraçada aquela

parte da conversa.

– E-Eu... O que foi que disse?

Não era como se Júlia soubesse o que estava por vir.

Suspirei com pesar. É claro que a separação não seria fácil, e só um tolo teria imaginado que terminar um namoro de um ano e alguns meses seria fácil como cancelar um compromisso qualquer.

Eu esfregava uma mão na outra, vendo sua cor se perder nos movimentos. A pergunta de Júlia martelava minha têmpera, uma pendência que exigia sua resposta, e eu sabia o que precisava fazer, mas não conseguia dar o próximo passo. Parte de mim sabia que Júlia entendera o meu pedido e que só queria confirmar suas suspeitas, mas essa mesma parte, orgulhosa como era, se recusava a lhe entregar esse deleite.

– Júlia, eu...

– Por que isso de repente? – ela quis saber, a voz aumentando uma oitava. – O que está acontecendo, Leandro?

– Eu te amo, Júlia, eu juro que te amo, mas...

– Não é o que está parecendo! – Júlia falava alto. Alguns dos mais próximos já começavam a voltar seus olhares na nossa direção. – Posso estar enganada, mas juro que acabei de ouvir você dizer que quer terminar comigo.

– Eu sei, mas...

– E posso estar *duplamente* enganada, mas não vejo o mínimo de lógica em alguém querer terminar o namoro e, em seguida, dizer que ainda ama a outra pessoa. – Júlia riu um riso nervoso, atropelado. – Meu Deus, você não faz *ideia* do que está dizendo!

Uma indignação muito parecida com a de Júlia me contaminava, e não porque eu sentia o que ela sentia, mas porque eu sabia de algo que ela fizera e que ela não sabia que eu sabia. A sensação se tornou ainda pior quando percebi que Júlia só agia dessa forma porque me reprimir lhe era um passatempo prazeroso.

Mas por quê?, eu me questionava. *Eu achei que ela quisesse a própria liberdade, então por que não está contente com isso?*

A menos que...

– Você não é *nem capaz* de me dizer o porquê de querer esse término! – O olhar de Júlia era intimidador. Momentos antes, eu jamais teria imaginado que um rosto tão bonito pudesse ostentar semblante tão horroroso. – Aliás, não é capaz de dizer *nada*! – Empurrou-me pelos ombros antes de dizer: – Acorda, Leandro! Reaja!

A fúria borbulhava dentro de mim, queimando meu interior como ácido corrosivo. Eu a sentia no topo da garganta e por isso engolia em seco, tentando refreá-la pelo menos até o fim da conversa, para que nenhum de nós tivesse uma reação explosiva.

Mais tarde, eu me lembraria desse momento e riria da sua ironia. Não era engraçado como Júlia agia exatamente como eu pensava em agir, antes de conversar com a Marcela? Com agressividade, como se, com isso, achasse que eu retiraria o que dissera e seguiria com o nosso projeto de casal, como se nada tivesse acontecido? Era tão *preguiçoso* da sua parte pensar assim...

E não era como se Júlia quisesse saber o porquê da minha escolha para que pudesse justificar o seu erro e dizer que o que acontecera era coisa da minha mente, ou que não houvera sentimento na traição e que eu não precisava me preocupar. Ela ouvia as minhas razões para usá-las contra mim. Podia ouvi-la me dizer que eu acreditava com facilidade em tudo o que os outros diziam, mas nunca nela, e que eu era um péssimo namorado por suspeitar da sua fidelidade. Júlia era assim.

– Leandro?! – Júlia estalou os dedos na frente dos meus olhos. – Está se fingindo de morto para não ter que lidar com o que acabou de me dizer ou o quê?

– Como eu disse, eu te amo, Júlia...

– Não me venha com essa baboseira!

– Eu *realmente* te amo...

– Quem ama não faz esse tipo de brincadeira imunda!

– *EU PRECISO FALAR, JÚLIA!*

Meu grito a assustou, e posso jurar que Júlia se afastou alguns centímetros. Mas ela não foi a única; se antes havia alguém que ainda não tivesse percebido o que acontecia entre a gente, o meu grito corrigira esse cenário, fazendo até com que os mais cautelosos dessem alguns passos para longe. Eu temia que as pessoas pensassem que eu era um monstro maltratando uma garota, mas, ao mesmo tempo, minha fúria atingira tal nível que já não havia mais como suprimi-la. Ela falava por si só.

– Se vai gritar comigo, eu vou embora – disse Júlia. – Eu juro que vou!

– Você vai ouvir o que eu tenho para dizer...

– Eu não sou obrigada!

Agarrei os seus pulsos antes que ela pudesse se levantar. Eu não pensava em machucá-la, mas precisava garantir que ela se mantivesse no lugar para me ouvir até o fim.

– Eu não quero mais continuar com isso, Júlia. É *tóxico* para mim. Está me fazendo mal. –

Eu fitava cada um dos seus olhos, mudando a atenção entre eles. – Eu quero terminar com isso *agora*.

– Me solta...

– Eu preciso ter certeza de que você me ouviu, Júlia.

– Me solta...

– *DIGA QUE ME ENTENDEU, JÚLIA!*

– Solte a garota, rapaz!

Alguém me agarrou pelos ombros e me puxou para longe. Era alguém que sabia o que estava fazendo, pois prendeu os meus braços nos seus de modo que nem me sacudindo muito eu pude me desvencilhar.

Reconheci a mulher que se aproximou de Júlia como parte do grupo que rira ao me ouvir dizer que queria o término. Parecia legitimamente preocupada com a garota que amparava, como se eu, de fato, tivesse batido nela, e Júlia reforçava bem essa impressão, esfregando os pulsos como se eu os tivesse apertado até o sangue parar de correr. Chorava nos braços da estranha, sussurrando coisas que eu não podia ouvir. É claro que falava sobre como eu era louco ou coisas do tipo, e a estranha acreditava no que ela dizia, pois me julgava com seu olhar.

– Eu nunca mais quero te ver, Leandro – Júlia disse, por fim. – Fique longe de mim *pelo resto da sua vida!*

Não seria preciso pedir duas vezes.

Júlia agradeceu o apoio da estranha e se retirou do lugar, caminhando com pressa. Quando já não havia maneira de eu voltar a me aproximar dela, uma vez que Júlia já não se encontrava mais no parque, os braços que me seguravam afrouxaram o aperto.

– Não faça nenhum tipo de besteira, garoto! – disse-me o estranho que me imobilizara. – Não faça nada de que possa se arrepender depois.

Me arrepender?, eu me perguntei. *Como poderia?*

Júlia mostrara sua verdadeira face naquela conversa, uma que eu ainda não conhecia, mesmo após um ano e alguns meses de namoro. Mostrara que podia agir com vitimismo, se lhe favorecesse. Mesmo sem saber que eu queria o término porque descobrira sua traição, fez com que eu me sentisse culpado, como se o pior erro em nosso relacionamento fosse eu querer o nosso término. Que eu era louco por agir assim.

– Estamos combinados? – o homem insistiu, surgindo à minha frente.

Eu assenti. É claro que estávamos combinados. Não havia motivos para arrependimentos

naquele dia, de forma alguma. Eu fizera o que precisava fazer e isso bastava.

E se havia algo que eu pudesse sentir no lugar de arrependimentos naquele momento era, sem sombra de dúvidas, a mais intensa das alegrias. E foi por isso que gargalhei.

6.

O dia estava ensolarado. Não de um jeito que eu já tivesse visto, mas de um que enchia os olhos e que tornou aquele um dia único em comparação a todos os outros que vivi até ali. Antes de admirá-lo, no entanto, eu o estranhei.

Franzi o cenho primeiro para o céu, e o sol forte me fez espirrar. Com lágrimas nos olhos causadas pela claridade, olhei ao redor, fascinado pela maneira como ela tornava as cores tão vivas. O dia estava fresco – para os que vestiam blusa, frio –, mas lá estava o sol, brilhando como dia após dia era obrigado a brilhar, emanando o seu calor, apesar de hoje não podermos senti-lo por inteiro. Dava o seu melhor.

Cruzei o caminho de muitos em meu trajeto para fora do parque. De braços cruzados, continuava estranhando tudo aquilo, como se só então tivesse percebido que havia e sempre houvera outras pessoas vivendo suas vidas enquanto eu vivia a minha. Algumas delas me notavam, as que pareciam frequentar o parque com maior frequência, passeando na companhia de seus cachorros, amigos ou parentes próximos. Desejavam-me boa tarde. Agradei a maioria delas e algumas eu até retribuí. Não resisti ao impulso de afagar as orelhas de um *chow chow* de pelos cheios e castanhos, convidativos, quando ele surgiu na minha frente. Mergulhei meus dedos neles antes de olhar nos olhos do seu dono.

– Me desculpa – disse ao perceber o que fazia.

– Não tem problema – disse-me a dona. Seus olhos estavam escondidos atrás de óculos escuros, mas nem por isso seu sorriso me pareceu menos sincero. – Eu faria o mesmo com o cachorro de alguém, se já não tivesse o meu.

Os olhos do *chow chow* eram minúsculos e difíceis de encontrar em meio à pelugem. Animado, girava a cabeça em busca da minha mão, a boca aberta, oferecendo vislumbres de sua língua azulada. Quando a encontrou, apalpou-a com seus dentes afiados, mas não a machucou; não era a sua intenção. Eu continuaria com aquela troca de carícias por muito mais tempo, se a dona do cachorro não estivesse por perto. Tudo bem que ela não parecia se importar com o meu momento, mas não era justo me aproveitar da sua boa vontade.

– É um lindo cachorro – acabei por dizer. – Tenha uma ótima tarde.

Uma avenida movimentada me aguardava no lado de fora do parque, com seu trânsito de automóveis fluindo bem e transeuntes caminhando sem pressa, aproveitando seu fim de

semana com o passeio. Por um momento, desejei ser uma daquelas pessoas. Em outro, desejei poder, no mínimo, conhecê-las.

Em que mundo eu vivia?, era a pergunta que me perturbava. Mesmo que eu não conhecesse pessoalmente todos os cantos de São Paulo, boa parte deles era mostrada na televisão em matérias de bons ou maus conteúdos, e eu certamente já os vira antes, mesmo que de relance. Ainda assim, por que eu sentia como se fosse apresentado à cidade pela primeira vez? Por que agia como um turista quando, na verdade, eu nunca estivera em outro lugar, senão aquele? Por que tudo parecia tão novo para mim?

Não novo, interveio a consciência. *Renovado*.

– Renovado – sussurrei, experimentando a sonoridade da palavra. – Renovado.

Eu sabia que caminho precisava fazer até a estação de metrô mais próxima, mas não o fazia agora. Andando na direção contrária, seguia o som de uma música que me soava conhecida, mas que ao mesmo tempo me parecia tão nova. *Renovada*. Seguir naquela direção me permitia ouvi-la com mais clareza, enriquecendo seus detalhes a cada novo passo. A banda que a tocava tomava conta de um trecho da calçada, um grupo formado por ao menos oito músicos, homens e mulheres, todos tão bem vestidos em suas roupas alternativas, embalados por pura energia, cada um tocando um tipo diferente de instrumento. Eu não entendia as palavras que diziam – nunca entendi o inglês muito bem –, mas conhecia a música. Permiti-me cantarolar alguns versos, unindo-me à pequena multidão que os cercava.

– Essa foi “*Livin’ On a Prayer*”, do *Bon Jovi*, galera! – anunciou uma das vocalistas ao terminar. – E se vocês gostaram dessa música e querem ouvir mais, podem nos procurar no *Spotify*, onde encontrarão outras das nossas *covers*, além de músicas originais! É só procurar pelo nome da banda, *Os Pranchetas*. Ou podem comprar o nosso CD conosco por dez reais!

Apalpei o bolso de trás do meu *jeans* e dele retirei uma nota de cinco. Voltei o olhar para o CD na mão da cantora e fui tomado por uma ligeira sensação de incapacidade.

– É o que tem? – ouvi alguém sussurrar. Era o baixista da banda quem falava comigo, um homem grande de todas as maneiras possíveis. Estava tão próximo que me espantava eu não ter notado a sua aproximação. – Não vou deixar que volte para casa sem o nosso CD só porque não tem dez contos.

Ele balançou o CD na minha direção. Sem pensar duas vezes, fiz a troca da minha nota pelo álbum oferecido.

– Muito obrigado, meu jovem!

– E quem aqui gosta de Gloria Gaynor, hein?! – a vocalista quis saber.

Eu não sabia quem era Gloria Gaynor, mas não precisava. Já tinha aquilo de que precisava. Era hora de voltar para casa.

A música que *Os Pranchetas* tocavam enquanto eu fazia meu caminho até a estação de metrô era conhecida, mas não figurava entre as minhas favoritas. Mas se aquela era uma das versões que eu encontraria no CD, acho que eu poderia fazer um esforço para escutá-la.

Subi as escadas rolantes de uma estação de metrô e me joguei em uma pequena fila que se formava em frente à bilheteria. Aproveitei o tempo de espera para analisar o encarte em minhas mãos. É claro que a banda não era conhecida e provavelmente ainda trabalhava por conta própria, mas nem por isso seu encarte era amador. Sem acesso a profissionais que conheciam de *Photoshop* e que fizessem o trabalho a um preço bacana, os artistas de rua ficavam reféns do que um grupo de artistas de rua tem à mão: arte feita com *spray*. O nome da banda estava bem claro em letras garrafais, brancas, no centro da capa, mas o que acontecia ao seu redor era para livre interpretação, em uma mistura de cores e formas que podiam ou não ter significados conhecidos. Era hipnotizante.

Em frente à atendente, apalpei o bolso traseiro da calça em busca do meu dinheiro. Nem o CD na minha mão me fez perceber com rapidez que, àquela altura, eu já não tinha dinheiro nenhum e que, por conta disso, não tinha como comprar a minha passagem para casa.

– Pode passar na minha frente – eu disse ao grupo de garotas às minhas costas. Depois delas, outros também foram atendidos antes de eu enfim aceitar que não encontraria dinheiro nenhum em parte alguma das minhas roupas.

Mas eu ainda precisava voltar para casa.

Fui para o final da fila de acesso às catracas, como qualquer um ao entrar na estação do metrô. O CD continuava na minha mão, afinal, eu ainda não tinha onde guardá-lo. Quando a pessoa à minha frente dava um passo, eu dava outro. Segui com a procissão como qualquer cidadão comum de bem, mas quando chegou a minha vez de passar pela catraca, apoiei as mãos nos equipamentos e saltei o mecanismo de catraca em uma manobra rápida e pouco típica de um cidadão comum de bem. A minha sorte era que a estação estava bem movimentada e por isso nenhum dos funcionários do metrô me notou. Nem mesmo os seguranças de braços cruzados e caras fechadas.

Subi duas levas de escadas rolantes e tive que correr para apanhar o metrô que, parado na plataforma, acabara de anunciar sua partida. Cruzei suas portas duplas rápido o suficiente para evitar o constrangimento de ficar preso entre elas. Não havia lugar livre no vagão, mas, quando a estação seguinte se aproximou, o senhor sentado à minha frente se levantou. Duas estações à

frente, o homem com quem agora eu dividia o assento também se levantou, me permitindo ficar na janela.

Encostei minha cabeça no vidro e foquei minha atenção no exterior. Casas, prédios e ruas passavam diante de mim, um substituindo o outro em um grande espetáculo sem previsão de fim. Tantas histórias aconteciam naqueles lugares e tanto havia naquela cidade a ser explorado...

Noções que agora eu tinha porque me sentia livre.

Não havia tantas estações entre a da minha casa e a que ficava mais próxima do parque, mas continuei no vagão mesmo quando o metrô parou naquela em que eu deveria descer. Não me movi nem mesmo quando percebi que, a cada instante, o metrô me afastava mais e mais do meu destino final. Algo me prendia àquele banco e eu não conseguia resistir a ele. Era o que eu queria fazer: continuar com aquela viagem até me enjoar, se fosse preciso.

Eu me sentia tão *feliz*.

Sorria enquanto observava a paisagem com os olhos semicerrados. Ainda devia estar sorrindo quando, enfim, adormeci.

7.

A cor era meio *lilás*.

Abri os olhos e me mexi no lugar, experimentando aquele que fora meu leito de descanso. Imaginava estar em casa, acordando de um cochilo, portanto não reconheci o cenário de imediato. Reconhecê-lo não me deixou mais contente, no entanto.

Ainda estava no metrô. Não havia paisagem a ser observada do lado de fora, porque a estação se encontrava abaixo do solo. Mesmo assim, o lugar estava muito bem iluminado, portanto ainda estava em funcionamento. Que horas eram?

O celular no meu bolso poderia responder essa pergunta, mas havia também uma televisão no vagão, dessas pequenas, que transmitem as notícias do dia, e nela era também exibido o horário. Eu não fazia a mínima ideia de quando tinha entrado naquele metrô, mas, se aquele relógio estivesse certo, agora eram quase seis da tarde. Eu já devia estar em casa havia *muito* tempo.

Levantei-me num salto e percebi que não estava na estação correta. Nesse meio tempo, algo escorregou do meu colo e bateu no chão: o CD da banda de rua *Os Pranchetas*. Apanhei-o. Pouco a pouco, a razão vinha a mim – por enquanto, era tudo *lilás*. Notei em seguida que o vagão estava vazio e parado, ainda que as portas estivessem abertas. Aliás, não inteiramente vazio: havia duas outras pessoas no trem, sentadas bem distantes de mim, talvez porque não achassem prudente ficar perto de alguém que dormia em um vagão de metrô.

As portas se fecharam com um toque e uma gravação nos disse qual estação nos esperava a seguir. Instantes depois, o metrô entrou em movimento. Eu ainda estava longe de casa, então me sentei para aguentar mais aquela viagem. E me mantive alerta.

Estava em pé antes de as portas se abrirem quando cheguei à minha estação. Fechei o zíper do meu casaco e me pus para fora do vagão, já fadigado com aquele ambiente.

O movimento de uma noite de domingo era diferente do de uma noite de sábado, muito menos animado e com clima quase que de despedida. As pessoas caminhavam pela estação com as mãos nos bolsos, olhando para o chão, preocupadas com as rotinas que teriam início quando acordassem no dia seguinte. Eu mesmo começava a me preocupar com a minha.

Seria um dia diferente. Como poderia ser o mesmo, se agora eu não tinha mais uma namorada esperando por mim na escola? Minha convivência seria outra. Meus hábitos seriam

outros. Teria mais tempo para mim e para os amigos com os quais eu pouco conversara enquanto estivera namorando. Torcia para que eles entendessem que certos sacrifícios são necessários quando tentamos fazer um relacionamento dar certo – mesmo que algumas vezes ele não nos traga bons resultados.

Meu celular tocou quando eu estava um passo fora da estação.

– Onde é que você está? – perguntou a voz de Marcela.

– Desde quando você age como se fosse a mãe?

– Eu estava preocupada com você. Estou tentando te ligar há *duas horas*!

– Não sei o que pensa que eu estava fazendo, mas acho que ficaria surpresa em descobrir que eu não estava consumindo drogas nem praticando assalto a bancos.

– Algo de ruim poderia ter acontecido.

– Por quê?

– Muitos não reagem bem a uma separação.

Parei no lugar e levei a mão à boca. Senti os olhos se encherem de água, tudo tão rápido que parecia improvável. Eu estava emocionado, e o melhor: tanta emoção não tinha outra fonte, senão a súbita percepção da minha própria felicidade.

– Eu estou livre – eu disse para a minha irmã.

Marcela não me respondeu de imediato.

– Ao que parece, você está reagindo melhor do que a maioria.

– Marcela, eu estou livre! *Eu estou livre*!

– Vejo que está feliz – disse ela com a voz também animada. – Espero que esteja vindo para casa. Quero poder te dar um abraço apertado quando chegar!

Despedi-me de Marcela e desliguei o celular. Eu estava a cinco quadras de casa. Aquela conversa poderia esperar.

Eu queria pular. Mais do que isso, queria saltitar todo meu caminho até em casa. Havia energia em demasia no meu corpo, toda ela pronta para ser gasta com qualquer coisa. Cada vez que eu me lembrava do ódio no olhar de Júlia e do desprezo em sua voz quando me disse que nunca mais queria me ver, esse estoque de energia só parecia aumentar. Tudo tinha dado certo, e Júlia tivera grande parte nisso.

Facilitara a minha decisão. Mostrando um lado de si que era tão detestável e desprezível e tornando tão difícil uma conversa que não precisava ser, Júlia, sem querer, me ajudara a fazer o meu trabalho. Cada uma de suas atitudes mostrou ser um bom motivo para querer estar tão longe dela quanto ela queria estar de mim. Saber que ela agora me odiava também colaborava

com aquele meu humor tão indescritível, porque me garantia que ela não voltaria a me procurar. Não tinha por que fazer isso e *não queria* fazer isso.

Que ficasse com quem quisesse!

Enquanto isso, eu teria todo o tempo do mundo para fazer o que eu bem entendesse e estar com quem *eu* gostaria de estar.

Voltei a levar as mãos à boca, e isso porque eu tinha vontade de gritar, mas não podia. Tudo bem que um final de domingo geralmente mantém as pessoas em casa, mas ainda havia transeuntes nas ruas e eu não queria chamar a atenção de ninguém, por mais feliz que estivesse – até porque já chamara atenção demais para um único dia.

Eu não me lembrava de já ter andado pelo meu bairro àquela hora da noite de um domingo, portanto me surpreendia que houvesse tantos vendedores de rua tentando ganhar clientes. Todo o espaço em frente à escola em que eu estudava estava preenchido com tendas de comércio ambulante, a maioria vendendo produtos eletrônicos, mas também havendo aquelas que vendiam alimentos ou que serviam bebidas, como em um bar. Uma dupla de garotas acabava de comprar suas doses de tequila e brindava com um grito, entornando a bebida. Quando voltaram a bater os copos, aplicaram tanta força que estouraram um deles. O dono da tenda em questão esbravejou algo sobre garotas bêbadas e irresponsáveis, e eu ri, não em segredo.

Pelo canto do olho, eu já tinha notado que algo ou alguém me perseguia, e não escondi meu sorriso quando descobri se tratar de um cachorro de rua. Não havia motivo aparente para ele estar me acompanhando, a menos que confundisse o CD que eu carregava em uma das mãos com algum alimento de que gostasse muito.

– Sinto muito, mas não tenho petisco nenhum, amigão.

O cachorro olhou na minha direção ao me ouvir falar e algo no seu sorriso – ou na maneira como ele abria a boca e punha a língua para fora – me deu a entender que ele não só havia me entendido como também não se importava com o fato de eu não ter nenhum petisco. Vai ver só queria a minha companhia.

À entrada de casa, toquei a campainha para que alguém viesse abrir o portão. O cachorro continuava por ali, balançando sua língua como se tivesse corrido muitas milhas para chegar àquele ponto da cidade. Foi Marcela quem veio ao meu encontro, e, para a sorte do cão, carregava consigo um pacote de biscoitos doces.

– Dê um para ele – pedi.

– Você sabe o que dizem sobre dar comida a cachorros de rua...

– Que eles vão voltar se você alimentá-los uma vez?

– Isso é que biscoitos doces podem deixá-los com cáries.

– Se você não der um desses biscoitos para ele, tenho certeza de que ele vai encontrar um de melhor qualidade no lixo do vizinho.

– Que assim seja, então.

– Não vai me oferecer um? – perguntei enquanto caminhávamos para o interior da casa.

– Achei que você não gostasse desses – disse Marcela, oferecendo-me o pacote.

– E não gosto – respondi de prontidão, já com dois biscoitos na mão. – Mas tenho certeza de que aquele carinha ali gosta.

Lancei-os e, se pudesse, o cãozinho teria pegado mais de um no ar, mas limitou-se a escolher um, saltando com maestria em sua pegada. Mastigou com avidez e, quando terminou o primeiro, dedicou-se ao outro.

– Você está criando um monstro – disse-me Marcela, sacudindo a cabeça em negativa. – Venha, vamos para dentro, aqui fora está frio.

Eu entrei, embora não imediatamente. Havia algo no ar daquela noite que era bom e contagiante, algo que me deixava feliz e que me fazia ver a vida sob uma nova perspectiva, uma mais positiva. Eu me sentia bem e queria que todos ao meu redor se sentissem assim também. Queria que Marcela se sentisse assim. Queria que meus pais se sentissem assim. Queria que todo mundo se sentisse assim, mesmo que por um instante.

Mas o único que eu podia ajudar por enquanto era o cachorro de rua, e isso porque a sua necessidade, diferentemente das humanas, não era tão complicada assim. Ele só queria um biscoito.

8.

Talvez uma pessoa menos ansiosa do que eu lidasse melhor com a expectativa do dia seguinte. Talvez essa mesma pessoa não ficasse acordando tantas vezes durante a madrugada – indo ao banheiro em algumas delas – e tampouco pularia a primeira refeição do dia só para chegar mais rápido à escola. Dedicar-se-ia melhor às suas responsabilidades – e, para mim, elas nem eram tantas; bastava checar a grade de aulas daquele dia e arrumar a mochila com os livros e cadernos necessários. Nada do que fiz naquela manhã eu consegui fazer, no mínimo, bem. Estava difícil esconder o quanto eu estava afetado pela separação.

Ainda me lembrava do meu instante de euforia em meu retorno para casa e da caminhada animada que fiz na companhia de um cachorro de rua. Minha irmã cumpriu sua promessa e me abraçou mais forte do que pôde, embora longe do olhar dos nossos pais, que não entenderiam em absoluto o que acontecia e nos bombardeariam com perguntas que pelo menos eu não estava a fim de responder. Notaram que eu estava diferente, no entanto, o que era compreensível, considerando que, no dia anterior, eu chegara em casa com a cara fechada e, naquele, eu exibira um semblante bem mais animado.

Cheguei à escola em horário atípico, com o portão principal ainda fechado. Aguardei sua abertura na companhia de alguns outros alunos e, quando ele se abriu, me pus para dentro. Fui direto para a minha sala e deixei minhas coisas na mesa que eu estava acostumado a usar, ao lado da de Júlia. Será que ela tomaria aquela mesa naquele dia também?

Aguardei a chegada dos meus amigos à porta. Eu não tinha outra coisa para fazer, de qualquer forma, e por isso começava a me arrepender de ter cedido aos impulsos de sair de casa com tanta pressa. Controle próprio era algo que eu não tinha em tão grande quantidade.

Quando o primeiro deles surgiu, eu já tinha gasto todas as vidas disponíveis em um *puzzle* instalado no meu celular. Bruno me encontrou curvado sobre a sua tela em um banco no pátio, enquanto pensava no que fazer em seguida.

– O que faz na escola tão cedo? – perguntou. – Achei que levasse a sério sua filosofia de dormir o máximo que pudesse entre o domingo e a segunda para tornar o dia menos detestável do que já costuma ser.

Bruno ainda tinha sua mochila nas costas, portanto não passara pela sala de aula. Mirava-me com curiosidade legítima, os olhos ampliados pelos óculos de lentes grossas me analisando

enquanto aguardava uma resposta.

– Essa escola é tão minha quanto é sua, então eu posso chegar no horário que quiser.

– Tem razão. – Ajeitou os óculos no nariz antes de dizer: – É que já estou acostumado com o isolamento que há em vir para a escola nesse horário... Isso quer dizer que você vai começar a vir mais cedo também?

– Não, Bruno. Definitivamente não.

Acompanhei-o até a sala, onde largou sua mochila na carteira em que costumava se sentar, próxima à de Márcio. Estávamos prestes a sair de lá quando sugeri que ele colocasse suas coisas na mesa ao lado da minha.

– Mas e quanto à Júl...?

– Não vai ser um problema – garanti, sem muita certeza.

Não foi Márcio o próximo a surgir, mas Liliane, ou Lilian, como proferíamos chamá-la. Lilian era uma garota pequena que sempre parecia andar com mais bagagem do que realmente precisava – ou essa era a impressão que se tinha por ela ser tão pequena. Caminhava encurvada de tão grande que era sua mochila naquele dia. Os fones de ouvido que cobriam suas orelhas tinham o tamanho da sua cabeça.

– O que faz aqui? – ela quis saber quando me viu. – Por que veio tão cedo? E por que está sozinho?

– São muitas perguntas antes de um desejo de bom dia – respondi-lhe.

– Muito cedo para isso. Muito cedo.

Era impossível convencer Lilian de fazer algo de que ela não estivesse a fim, então não foi daquela vez que suas coisas foram colocadas em uma mesa próxima à minha. Mais do que Bruno, que se superava no quesito *nerd*, Lilian levava as aulas muito a sério, em especial as de matemática. Pensava em ser engenheira elétrica um dia. Loucura para isso ela já tinha.

– E o Márcio, hein? – perguntei aos dois. Caminhávamos pelo pátio, matando tempo enquanto o primeiro sinal não tocava. – Achei que ele chegasse mais cedo.

– Uau, o seu afastamento foi pior do que eu imaginava – observou Lilian.

– O que quer dizer com isso?

– Eu tenho uma suspeita – disse Bruno. – Bem, desde que você começou a namorar, não podemos dizer que você tem sido um amigo muito *presente*, não é mesmo? Então não é de se admirar que não tenha percebido que o Márcio já não chega cedo à escola há muito tempo.

– E por quê?

– Ele mudou de casa – foi Lilian quem respondeu. – Saiu do bairro de riquinho em que

morava e agora mora na periferia.

Suspirei, surpreso. Que meu afastamento durara mais tempo do que eu considerava saudável era um fato, mas eu também não imaginava que fora suficiente para tanta coisa acontecer.

– A família do Márcio está passando por *necessidades*? – perguntei em voz baixa. Márcio era um garoto orgulhoso, apesar de espalhafatoso. Odiaria saber que pessoas não muito próximas também sabiam das suas atuais condições.

– Pelo contrário – disse Lilian. – A família do Márcio é ambiciosa de um jeito quase doentio. Se mudaram de uma pequena casa em um bairro caro para uma casa enorme em um bairro barato.

– É um bom investimento, se você parar para pensar – Bruno apontou.

– Ouvi falar que ele tem piscina no quintal de trás.

– E eu não só ouvi falar, mas também *a vi*.

– De quem estão falando?

Márcio acabara de surgir na nossa frente, ele e todo seu corpanzil. Eu não fazia ideia de até quando um homem poderia crescer, mas vê-lo de perto sempre me fazia pensar que Márcio era grande demais para alguém da sua idade. Era maior do que nós três. Claro, qualquer um seria maior do que Lilian, mas eu tinha uma altura considerável e Bruno era um exemplo típico de garoto franzino. Márcio era de assustar.

– O que quer dizer com isso? – Lilian quis saber.

– O Bruno estava falando algo agora sobre ter visto *alguém*.

– Não *alguém* – Bruno justificou. – Eu estava falando de já ter visto a sua piscina.

– Ah, claro, eu devia ter imaginado. É que por um momento achei que estivessem falando da Júlia.

O nome proferido por Márcio me acertou com força maior do que eu esperava.

– Por que acha que estaríamos falando dela? – perguntei, atropelando palavras.

– Porque...

Eu vi a cotovelada que Lilian desferiu em Márcio, mas minha mente estava avoada demais para ver algum significado nisso. O gesto surtiu o seu efeito e Márcio, que não era e nem nunca fora um bom exemplo de discrição, mentiu como pôde.

– Porque ela não está aqui, obviamente. Eu não a vejo. Vocês a veem?

Duas cabeças sacudiram em negativa, mas nenhuma delas era a minha.

Por mais incrédulo que eu estivesse, acabei aceitando a explicação tão fraca. Querendo ou

não, era melhor acreditar nela do que em uma pior.

– Hum, mas já que tocamos nesse assunto, eu gostaria de fazer uma pergunta – Márcio voltou a falar. Pelo canto do olho, pude ver Lilian sacudindo enfaticamente a cabeça em negativa. – *Por que* ela não está aqui, Leandro?

Era melhor que eles soubessem por mim. Não só porque eu era a fonte da informação, mas porque éramos grandes amigos, alguns deles de longa data. Era o mínimo que eu lhes devia, o mínimo de confiança que eu poderia lhes demonstrar.

Guiei-os pelos ombros até um dos cantos mais escondidos do pátio, atrás de uma árvore que crescera enfiada no meio do concreto. Olhei algumas vezes ao redor, verificando a quantidade de ouvidos próximos, que era próxima de nenhuma, e revelei o que eles queriam saber.

– E-Eu... Eu terminei com a Júlia.

E eles não soaram tão chocados quanto eu esperava.

– Se eu tivesse feito uma aposta, teria ganho uma boa grana – disse Márcio.

– O Leandro acabou de falar sobre o término do namoro dele e essa é a única coisa que você considerou boa o bastante para dizer? – julgou Lilian.

– Quer dizer que eu sou o único que acha isso óbvio? – Márcio prosseguiu. – Por que outro motivo o Leandro estaria tão próximo de nós se ainda estivesse namorando? E mais: por que ele estaria *sozinho*?

– Eu costumava me perguntar se pessoas que namoram há tanto tempo podem acabar ficando grudadas uma na outra, como vocês dois ficam – disse Bruno. – Digo, *ficavam*.

Eu ouvia o que eles diziam e não conseguia pensar em nada para dizer de volta. Ou talvez eu só não quisesse dizer nada. Podia ver que eles não queriam me ofender, ainda que Lilian se esforçasse para que os garotos ficassem de boca calada, como se eu de fato me mostrasse ofendido. Mas eu não estava. A menos que eu fosse do tipo que se ofende com a verdade.

– Vocês têm razão – assumi e dei de ombros. – Eu não era mais eu mesmo enquanto namorava. Não acho nem que era alguém que eu gostaria de ser. Acho que eu era alguém que a Júlia queria que eu fosse, nada além disso.

E mesmo assim isso não foi o bastante, não é mesmo?, disse-me minha mente.

– E como você está se sentindo agora? – Bruno perguntou, quebrando o silêncio.

– Uma merda – respondi de prontidão. – Não, mas não pelo motivo que parece – apressei-me em dizer. – Terminar com a Júlia era o que eu queria fazer, não tenham dúvidas quanto a isso.

– E por que está se sentindo mal, então? – perguntou Lilian.

Dei de ombros antes de dizer:

– Dormi mal. Bebi água demais antes de dormir e acordei várias vezes à noite para mijar.

Aquela não era e estava muito pouco próxima de ser a verdade, mas pelo menos fez com que meus amigos rissem. Vê-los rir me deixava com vontade de rir também, e, em poucos instantes, lá estava eu, às gargalhadas. Podia até ser que eles rissem por conta de uma mentira convenientemente inventada, mas se aquele momento de descontração tão bom fora motivado por ela, acho que se podia dizer que os fins justificavam os meios.

Júlia não apareceu na escola naquele dia.

Assisti à primeira aula na companhia de Bruno e Márcio – mais na de Bruno do que na de Márcio, já que Márcio tinha muito acontecendo em seu celular para conseguir me destinar qualquer atenção. Não que eu tivesse algo para dizer. Enquanto isso, Lilian fez o que sempre fazia, acompanhada ou não: sentada em uma das carteiras da frente, anotava qualquer ponto ou vírgula que o professor mencionava. Para todos eles, tanto Bruno quanto Márcio e Lilian, aquele era só mais um dia normal. Para mim, não havia absolutamente nada de normal nele.

Era angustiante esperar pela chegada de Júlia, e eu a esperei pelo menos até o intervalo, imaginando que, a qualquer momento, ela entraria por aquela porta e pediria desculpas pelo atraso. Mesmo quando a inspetora de classes pediu licença ao interromper a aula para falar algo sobre o banheiro feminino eu imaginei que o tivesse feito para anunciar a chegada de Júlia. Mesmo *depois* de falar do banheiro, achei que ela fosse falar sobre Júlia. Mas o intervalo chegou e Júlia não apareceu, nem mesmo no pátio, e não havia como ela não estar no pátio no intervalo, pois aquele era o único e provável destino de qualquer aluno durante esse tempo.

Era angustiante esperar por Júlia porque, a cada momento em que ela não aparecia, meus pensamentos sobre como agir em sua presença mudavam. Quando cheguei à escola, pensava em tratá-la com naturalidade, desejando-lhe um bom dia e até lhe entregando um sorriso. Depois, achei que seria um tanto frio da minha parte não perguntar como ela estava, e considerei a hipótese. Durante a aula de História, concluí que perguntar sobre como ela estava seria o pior dos meus erros, afinal, eu *sabia* como ela estava. Acabei decidindo que me afastar seria o melhor para evitar um atrito. Todos nós precisávamos de tempo para assimilar o acontecido e pensar no que faríamos em seguida, e qualquer conversa que tivéssemos um com o outro naquele momento poderia dificultar as coisas.

Foi esse último pensamento que me guiou ao que eu acabei tendo durante o intervalo: Júlia não fora à escola porque estava me evitando. É claro que era isso. Mulheres são sempre mais

espertas do que homens, logo, não era de se admirar que ela tivesse chegado àquela mesma conclusão, de que se afastar era o mais correto, em menos tempo. Se eu tivesse passado pela mesma reflexão no dia anterior, talvez tampouco estivesse na escola agora. Qualquer outro que parasse para pensar nas consequências de uma escolha tão importante quanto uma separação evitaria a qualquer custo um novo contato com a outra parte do dilema, pelo menos por um tempo. Era como Marcela havia dito: muitos não sabiam lidar bem com a separação. Eu era um ponto fora da curva.

– Meu aniversário está chegando – disse Márcio – e achei que seria uma boa fazer uma festa em casa, com direito a centenas de quitutes e muita bebida. Sem álcool – acrescentou, focando olhar em mim.

– E que tipo de pessoa você espera que vá à sua festa? – Lilian perguntou enquanto Bruno repetia a palavra “quitute” em uma sucessão de sussurros. – Quitutes e nenhuma bebida com álcool?

– Achei que vocês ainda se lembrassem de que somos menores de idade e que meus pais estarão em casa. Infelizmente, não somos nenhum grupo de adolescentes americanos cujos pais sempre viajam em datas convenientes.

Lilian tinha que concordar.

– Enfim, estou pensando em algo para um sábado à noite – Márcio retomou. – O que acham?

Acabávamos de nos sentar em círculo em um canto do pátio. Lilian devorava seu lanche natural, tão sem cor, enquanto Márcio era obrigado a compartilhar seu pacote de bolacha recheada com Bruno, que parecia bastante faminto. Todos tinham me oferecido os seus lanches e eu os neguei. Nem a falta de café da manhã me deixava com apetite àquela altura.

Mas uma coisa era certa: eu estava exatamente onde gostaria de estar. Essa frase me fazia pensar no que Júlia me dissera em nossa última ida ao shopping, mas resumia bem o meu sentimento. Vê-los ali, meus amigos, conversando, rindo, confabulando e fazendo planos, aquilo tudo me enchia de calor. Deixava-me animado. Fazia-me feliz ao mesmo tempo em que me trazia um pouco de nostalgia, pois me fazia recordar bons costumes que eu outrora tivera, de tanto tempo que eu já nem conseguia mais me lembrar de quanto. E não era fascinante como, mesmo depois de todo esse tempo, Lilian, Bruno e Márcio continuavam os mesmos, fazendo as mesmas coisas, tão confortáveis com a presença um do outro? Tão confortáveis *comigo*? Era como se o meu afastamento não tivesse mudado nada.

– Eu gostaria de agradecer – declarei, e a súbita percepção do silêncio em meus ouvidos me

fez crer que eu tinha interrompido algo.

– Pelo quê? – um dos três perguntou, enquanto eu mirava o chão.

– Por me aceitarem de volta, mesmo que eu tenha sido ridículo todo esse tempo. Vocês me receberam sem me questionar. Até agem como se eu nunca tivesse ido embora.

– E você foi? – foi Lilian quem perguntou.

– E-Eu...

– Bem, é para isso que os amigos servem, não é? – disse Bruno. – Para estar a postos quando o outro precisar. Tenho certeza de que você faria o mesmo por nós.

Enquanto estava com Júlia, eu não tinha tanta certeza.

– Além do mais, uma amizade que muda com o afastamento, por mais distante que seja, não é uma amizade de verdade – disse Lilian.

– Eu li uma frase parecida com essa no rodapé de uma das páginas da minha agenda – disse Márcio, sem se importar que houvesse bolacha ainda não mastigada na sua boca. – E tinha uma que era ainda melhor: você sabe que uma pessoa é sua amiga quando o seu silêncio não o incomoda.

– Faz sentido.

– Acho que o mês de Junho inteiro da minha agenda é dedicado a frases sobre amizade.

– Você precisa me mostrar essa agenda. Já estou com o mesmo *status* do *WhatsApp* há dois meses, e acho que uma citação sobre amizade é um bom substituto para uma *quote* do *Arcade Fire*.

E ali estavam eles novamente, fazendo o que faziam melhor, me mantendo à vontade, fazendo com que eu me sentisse acolhido, e tudo sem se esforçar, apenas estando na presença um do outro. Era o melhor grupo de amigos que alguém poderia ter, e eu devia toda a minha gratidão a eles.

– Essa conversa está muito interessante, mas eu gostaria de retomar um assunto que, pelo menos para mim, ainda não teve conclusão – disse Bruno, tomando a frente. – Afinal, quem você pensa em convidar para a sua festa, Márcio? Só a gente?

– Sim – o garoto respondeu. – Eu deveria convidar mais alguém?

– Talvez fosse uma boa ideia chamar o pessoal da sala – Lilian sugeriu. – Estamos no último ano do colégio, e seria uma maneira legal de integrar a galera.

– Não queria que minha festa tivesse clima de despedida. Não estamos nem no meio do ano ainda!

Não havia nada de engraçado no que Márcio dizia, mas eu ri. Era a maneira como ele

falava, tão intrigado, como se discutir sua festa de aniversário fosse um assunto de extrema seriedade, que requeria um planejamento estratégico à prova de falhas. Era como ele lidava com todas as coisas de sua vida, e por isso eu ria, porque eu já quase tinha me esquecido de que ele era e sempre fora assim.

– Por acaso, mais alguém ouviu a piada que ele ouviu? – Márcio quis saber, apontando para mim.

– Não acho que tenha havido piada nenhuma – disse Lilian, olhando-me com uma esperteza que Márcio não tinha. Percebera sozinha o que estava acontecendo e se divertia com isso.

Como é que eu pude trocar aquela união tão agradável por um relacionamento que, no futuro, só me levaria à decepção?

9.

– Alguém quer carona até o mercadinho? – perguntou Márcio quando já estávamos fora da escola.

– Eu aceito – disse Bruno. – Facilita o meu lado.

– Mais alguém?

– Você vai na direção contrária, não serve pra mim – respondi.

– E você? – disse Márcio, dirigindo-se a Lilian.

– Não, obrigada. Fica pra próxima.

Márcio não pareceu satisfeito com aquela resposta, mas a buzina que sua mãe apertava a cada segundo já começava a irritá-lo também. Achou melhor seguir em frente, com Bruno em seu encalço. Despedimo-nos com acenos de mão.

– Você não mora perto do Bruno? – perguntei à Lilian.

– A uns dez minutos.

– Poderia ter aproveitado a carona.

– É, eu poderia.

Andávamos devagar, vencendo os limites do quarteirão em que ficava a escola com certa demora. Eu não tinha pressa de chegar em casa, onde um prato de almoço frio me aguardava, e por isso meus passos eram lentos. Lilian me acompanhava sob o sol escaldante do meio dia, toda a bagagem às suas costas, uma pequena pessoa em meio a tantos acessórios. Não questionei sua companhia e não via por que fazê-lo. No fundo, via a sua presença com bons olhos. Acho até que a desejava.

– A Júlia não veio para a escola hoje porque vocês terminaram, não foi? – ela perguntou de repente. Segurava as alças da mochila e fitava o chão. – Deve ter sido uma conversa e tanto.

Se alguém tivesse me perguntado mais cedo sobre o quanto eu gostaria de falar sobre Júlia, minha resposta seria negativa e seca. E, provavelmente, a mais sincera. Com Lilian, no entanto, eu me sentia à vontade, então mesmo um assunto ruim não parecia tão péssimo assim. Era quase como se o fato de ouvir uma amiga tão próxima mencioná-lo diminuísse a sua importância, a ponto de torná-lo uma simples memória ruim do cotidiano.

– Foi uma conversa terrível – eu lhe disse.

– E vocês algum dia tiveram alguma conversa que foi agradável e tranquila? – disse Lilian,

aos risos.

Por um momento, eu a encarei com estranheza, desejoso de descobrir o que ela quisesa dizer com aquilo. Não precisei de mais do que um segundo olhando na sua direção para obter a resposta que procurava.

Longe de Júlia, era fácil perceber como as coisas eram e são na verdade, e Lilian tinha razão ao sugerir que nossas conversas não eram das mais agradáveis, em especial as que tivéramos nos últimos dias. Era como se soubéssemos que já não servíamos mais um para o outro, mas ainda assim nos obrigássemos a viver aquela realidade. Discutíamos pelo menor dos problemas, como a escolha de um filme. A duração do filme, por sua vez, era o único momento em que desfrutávamos de minutos de calma, sem conversas atravessadas. Era a esses instantes que Marcela se referia ao dizer que nos via como um casal modelo.

– Se não quiser falar sobre isso... – disse Lilian.

– Às vezes, é preciso se afastar de algo para vê-lo com mais clareza.

– É por isso que a minha mãe afasta o jornal da cara quando acha que a notícia é importante. Ou vai ver ela precisa de óculos melhores.

Àquela altura da avenida, já não havia tantos alunos fazendo o mesmo percurso; tínhamos todos nos dispersado, cada um seguindo para um lado, se infiltrando nas ruas adjacentes, buscando as próprias casas. Mas ali estávamos nós dois, Lilian e eu, caminhando aparentemente sem rumo enquanto falávamos sobre a minha vida. Já não conseguia me lembrar da última vez em que estivéramos em situação parecida pela última vez.

– Você passou a manhã toda esperando por ela – Lilian voltou a falar, expondo com certeza um pensamento que qualquer outra pessoa exporia com dúvida. – Olhava para a porta da sala de segundo em segundo. No intervalo, quase não tinha olhos para a gente. Achei que depois do intervalo você daria um tempo, mas não deu.

– Achei que tivesse parado de fazer isso depois do intervalo.

– Vai ver, você só parou de prestar atenção em si mesmo.

Mais uma vez, Lilian tinha razão.

– O que você achava dela? – eu quis saber.

– Da Júlia? O que todo mundo acha, eu acho. Legal, bonita, essas coisas.

– Tem a minha permissão para ser sincera.

Lilian apertou os lábios antes de dizer:

– Ela era meio megera. E centralizadora. Isso podia ser observado no jeito como ela levava a relação que vocês tinham, é claro, mas qualquer um que tivesse o mínimo de contato com ela

chegaria à mesma conclusão em segundos. Ela mal tinha amigos. Qualquer um que fazia trabalho em grupo com ela concluía a atividade querendo nunca mais ter que vê-la. É o tipo de resposta que se tem quando se acha que o universo gira em torno do próprio umbigo.

– Ela era tão linda...

– Isso ela era mesmo. – Lilian hesitou por um instante, mas acabou dizendo o que tinha em mente: – *Gostosa*, para ser mais precisa.

E eu ri. Se estivesse com o humor melhor, talvez tivesse gargalhado. Lilian era uma das poucas pessoas que conseguiam quebrar o casulo em que eu me enfiava quando precisava falar das minhas emoções, e isso com ou sem o meu consentimento. O fato de ter conseguido me fazer rir quando essa era a última das minhas vontades era apenas mais uma prova disso.

– Posso te fazer uma pergunta? – perguntei.

– Claro.

– Você ficaria com a Júlia, se tivesse a oportunidade?

Minha pergunta tinha um propósito muito simples: saber se mais alguém a desejava, se Júlia era, de fato, tão desejável quanto era na minha mente. A julgar pela descrição pouco amorosa – porém, verdadeira – de Júlia, eu esperava uma resposta negativa da parte de Lilian, e não ficaria surpreso, de forma alguma, ao descobrir que toda a beleza que eu via na minha ex-namorada era apenas a paixão que eu sentira por ela fazendo o seu trabalho. Mas me surpreendi duas vezes quando Lilian se pôs a falar:

– Ficaria.

Primeiro porque aquele assunto era um terreno em que eu e ela pouco caminhávamos em nossas conversas, mesmo naquelas que tínhamos longe dos garotos. Lilian tinha suas preferências, mas as guardava muito bem para si. Eu às vezes me perguntava se ela seria capaz de amar alguém, tendo em vista sua pouca experiência amorosa – pelo menos a de que eu tinha conhecimento. Em casos mais específicos, eu me perguntava até se Lilian seria capaz de sentir *desejo* por alguém. Naquele instante, sua resposta, tão sincera aos meus ouvidos, sanava pelo menos uma dessas minhas dúvidas.

– Ela é bonita – prosseguiu. – E atraente. Acho que todos os garotos olham para ela com segundas intenções, mesmo quando você está – digo, *estava* – acompanhado dela.

A minha segunda surpresa estava justamente atrelada ao fato de que Lilian estava falando abertamente sobre o que sentia, e não de maneira superficial. Falava até mais do que eu esperava.

Claro que eu não devia ter duvidado disso, considerando a força da amizade que tínhamos.

É disso que amigos são feitos: confidências. Confiança. Eu compartilhara a minha dor com ela, confiando a Lilian um lado meu que era vulnerável e que eu dificilmente mostrava aos outros, e agora ela me retribuía essa confiança falando um pouco mais sobre si mesma. Nada mais natural.

– Mas, para ser sincera, acho que eu não seria capaz de amá-la – continuou a dizer. – A Júlia é linda, seu corpo é bonito, seu rosto é bonito, mas o seu interior... São necessárias qualidades muito maiores para fazer de conta que ela não é tão detestável assim.

– Acha que gastei meu tempo ficando tanto tempo ao lado dela?

Lilian deu de ombros.

– De toda experiência, pode-se tirar um aprendizado, e eu tenho certeza de que o que você viveu com ela vai mostrar o seu valor. Evoluímos mesmo e principalmente com as experiências ruins.

Sorri, mas escondi o sorriso de Lilian, olhando para o outro lado. Dei-lhe um encontrão de ombros.

– Vai me derrubar se fizer isso com mais força – disse ela, agarrando-se às alças da mochila.

– Vamos tentar?

Dei-lhe um novo empurrão e Lilian, de fato, quase tombou para o lado. Teria ido de encontro ao asfalto, se eu não estivesse lá, pronto para ampará-la.

– Seu *idiota*!

– Mas você me ama, não ama?

– Jamais vai ouvir isso da minha boca!

Chegamos ao portão da minha casa com rapidez maior do que a habitual, ainda que nossa caminhada tivesse sido lenta; o tempo transcorre de maneira diferente quando estamos na companhia de alguém querido.

– Quer entrar? Eu posso dividir o meu almoço com você – ofereci.

– Não, obrigada.

– Achei que tivesse vindo por causa disso...

– Ah! Você achou *mesmo* que eu fiz esse caminho todo porque estava te acompanhando? – disse Lilian e jogou sua bagagem no chão. Abria zíperes e bolsos enquanto falava. – Sei que deve ser uma dor *terrível* a da separação, mas também não é como se esse fosse um caso de vida ou morte! Eu só fiz esse caminho porque... – Retirou um controle remoto de dentro da mochila. – Isso aqui precisa de conserto, e tem uma assistência técnica logo ali. A única que

me apresentou um orçamento com preço decente.

– É *claro* que é isso.

– Não que a companhia tenha sido ruim. Teria feito um caminho maior para te evitar, se assim quisesse.

Abraçamo-nos aos risos e enfim nos despedimos.

– Mas antes de você entrar... – Lilian voltou a falar, retomando seu tom de voz hesitante, de alguém que está prestes a fazer uma confissão. – Gostaria de falar uma última coisa sobre o assunto de que estávamos falando *antes*... – Fazia uns gestos de rebobinar enquanto pensava. – Sobre a Júlia.

– Tudo bem, pode falar.

– Você me perguntou se eu ficaria com ela, mas... – Pigarreou antes de continuar: – Independentemente da minha vontade, ela jamais ficaria com alguém como eu. Não é que eu tenha problemas de autoestima ou nada do tipo – acrescentou quando abri minha boca para falar sobre como ela era a garota mais incrível que eu conhecia –, mas porque a Júlia claramente *não gosta* da coisa, sabe? – Diante do meu olhar de confusão, Lilian explicou: – A Júlia gosta de garotos e *apenas* de garotos. Nunca olhou para garota nenhuma com segundas intenções, vai por mim.

– Nunca parei para pensar nisso.

– É o tipo de coisa em que eu penso quase que o tempo todo. – Acenou com a cabeça em despedida e seguiu o seu caminho. – Até mais, Leandro!

E eu acenei de volta, mas fiquei mais algum tempo por ali, no portão, observando-a se afastar.

10.

Júlia não apareceu no dia seguinte. Só foi aparecer no dia seguinte a esse.

Eu já não me importava mais; a companhia dos meus amigos me bastava. Já sem pensar no assunto da separação, eu me considerava totalmente recuperado, inabalável. Ou pelo menos assim eu pensava antes de ver Júlia entrar na sala, derrubando de uma única vez todas as barreiras que eu construía ao meu redor.

Não era de hoje que eu percebia que beleza é uma questão de ponto de vista, que o que é bonito para um pode não ser para outro. Júlia, por sua vez, tinha um grupo consideravelmente grande de admiradores, todos tão cegos por sua beleza que jamais a deixariam se esquecer do quão bonita e desejada ela era. Tenho certeza de que naquele dia nada disso havia mudado e que os garotos beijariam os seus pés, se tivessem a oportunidade. Para mim, no entanto, as coisas já não funcionavam mais assim.

A paixão faz com que a gente veja beleza onde ela às vezes não existe. Por exemplo, havia um charme sem igual na maneira como Júlia se portava, em como se vestia e nos seus trejeitos como um todo. Eu gostava particularmente de quando ela amarrava os cabelos em um coque no topo da cabeça e deixava uma quantidade de fios pequenos e abandonados em sua nuca, tão desorganizados, mas ao mesmo tempo tão belos. Lembrava-me de que Júlia não era uma garota *polida*, que ela tinha, sim, a sua soma de falhas, mas não era incrível como mesmo essas falhas contribuíam para a beleza que ela exibía diariamente e que tanto me fascinava?

Um dia fora, mas não hoje. Mesmo esses cabelos desgrehados não chamavam a minha atenção, e ali estavam eles, do jeito que eu me lembrava. Júlia vestia uma blusa de moletom grande demais para o seu corpo e segurava as mangas nas mãos fechadas, em uma postura de vulnerabilidade que em qualquer outra época eu acharia atraente, mas não hoje. Até seus olhos caídos – seus olhos *sempre* estavam caídos pela manhã, porque Júlia tinha dificuldades para dormir, algo relacionado ao fluxo de ônibus que ela podia ouvir do seu quarto –, tão sensuais se observados com cuidado, não causavam nada em mim. Tudo havia mudado. Sua beleza já não me era um mistério e tampouco era capaz de disfarçar a aparência interior que hoje eu conhecia, mas que ela evitava a todo custo mostrar quando tinha intenções de conquistar alguém.

Mesmo assim, foi difícil manter a concentração durante a aula. Ainda que convicto de que o

meu atual interesse por ela era nulo, Júlia ainda chamava a minha atenção.

Talvez por cautela, ela tomou uma carteira bem distante da minha, em um dos cantos da sala, e na posição em que se postou ao se sentar, encostada na parede, de braços cruzados, ficou até o final do primeiro período. Os olhos se mantiveram focados no professor como se Júlia fosse do tipo que se atentava às aulas, como uma boa aluna, mas só alguém que convivera com aquele olhar e o conhecia tão bem saberia que, na verdade, ele estava distante, e não focado em alguém. O professor era apenas um obstáculo em seu caminho.

Não se entrosou com nenhum dos garotos ou garotas que a cercavam. Nem mesmo quando eles mencionavam o seu nome, aos cochichos ou não, ela lhes destinou atenção. Parecia bastante contrariada, como se só estivesse na escola por vontade de alguém – certamente, por imposição dos pais –, então se fechava daquela maneira apenas para conseguir sobreviver ao momento e poder ir embora quando fosse oportuno.

E não olhou na minha direção em momento algum.

– Mas o que você queria que ela fizesse? – Márcio perguntou, devorando mini cachorros-quentes que comprara em quantidade suficiente para o grupo. – Que ela olhasse para você o tempo todo, que nem uma *stalker*? Posso estar enganado, mas me parece que esse papel pertence à *outra* pessoa da relação.

– Não sou nenhum perseguidor...

– Isso é normal, é curiosidade – disse Lilian, brandindo uma mini cenoura que trouxera de casa e que comia em oposição aos mini cachorros-quentes comprados por Márcio. – O Leandro e ela não conversaram mais depois do que aconteceu, então é normal que queiram saber como o outro está.

– Ela não parece querer saber como ele está... – foi o palpite de Bruno.

– Ah, ela quer, pode ter certeza disso. Só que disfarça bem – disse Lilian, lançando um olhar rápido na minha direção.

– Eu perceberia se ela tivesse olhado para mim – acabei dizendo. – Quer dizer, acho que eu a chequei de hora em hora...

– De *minuto em minuto* – Bruno corrigiu.

Eu não duvidava de que as coisas tivessem acontecido como ele sugeria, mas não poderia dar o braço a torcer, ainda mais agora, que estava com o orgulho ferido.

– E quem diz isso é o observador número um de toda a escola!

– Não é o tipo de coisa que é preciso *ver* para saber. É como assistir a um filme com alguém que de repente começa a dormir. Você não precisa olhá-lo para saber que ele está dormindo,

você simplesmente *sente*. E, bem, apesar de só ter olhado na sua cara algumas vezes, sinto que você dedicou boa parte da sua atenção à Júlia nessa manhã.

– Discordo com toda essa baboseira – disse Márcio, sacudindo um dedo na direção do garoto. – Concordo, sim, que não é preciso olhar para a pessoa ao seu lado para saber que ela está dormindo, mas isso *só porque* ela vai acabar tombando para um dos lados ao cochilar e, na pior das hipóteses, pode até acabar deitada no seu ombro. Dons místicos nada têm a ver com isso!

– E se fosse a Carol dormindo no seu ombro? – Lilian quis saber.

E Márcio, cuja pele não era tão clara assim e não favorecia a mudança de cores, enrubesceu.

– Esse é o problema de vocês, sabia? – Lilian prosseguiu. – Falam de como as garotas são como se fossem *super* entendedores do assunto. Mas com que outra mulher vocês conviveram, além de mim e da mãe de vocês?

– Eu tenho irmãs – disse Bruno.

– Grande coisa! O que vocês conhecem de uma mulher é só o que ela permitiu que vocês conhecessem! É preciso muito mais do que estar no mesmo lugar que uma mulher por algumas horas para saber como elas são de verdade!

– Tudo bem, tudo bem, mas sobre a Carol... – Márcio começou a falar, mas Lilian o interrompeu:

– Deve ser por isso que vocês nunca namoraram ninguém. – Sua observação fez com que a conversa entrasse em um silêncio constrangedor. – Com exceção do Leandro, vocês todos estão tão convictos de que conhecem as mulheres e que sabem como elas são que não se dão ao trabalho de, de fato, *conhecerem* alguma.

– Acho que o problema é muito maior do que esse – disse Bruno, com surpreendente calma.

– Eu sou, sim, capaz de conhecer garotas – disse Márcio, por sua vez.

– Por enquanto, essa me parece só uma grande promessa. Como o retorno do Messias!

Lilian e Márcio se encaravam como se os olhos compartilhassem de alguma ligação elétrica, que os impedia de mover a cabeça ou de olhar em direções diferentes. Enquanto isso, Bruno sugava o que restava de uma caixa de suco, tão alheio à discussão sem palavras que nem parecia parte dela. E eu mantinha os olhos arregalados, sendo obrigado a lidar com toda aquela tensão no ar enquanto pensava em maneiras de acabar com ela e levar a conversa para um assunto mais tranquilo.

Eu ainda não tinha chegado à solução nenhuma quando Lilian e Márcio começaram a

gargalhar.

– Eles fazem isso o tempo todo – Bruno explicou enquanto Márcio e Lilian apontavam um para o outro, mencionando os destaques do breve debate. – Acho que sentem prazer pela discussão.

Loucos como eram, eu não duvidaria disso.

– Mas já que você mencionou a Carol, preciso revelar algo – disse Márcio, ainda limpando lágrimas de riso. – É sobre a minha festa. – Respirou fundo antes dizer: – Estou pensando em convidá-la.

– Mas vocês nem nunca se falaram antes! – disse Bruno, confirmando que mais aquele aspecto da vida de Márcio não sofrera mudança nenhuma durante o meu afastamento.

– Você não devia encarar isso como um problema. Pelo contrário, deveria chamá-la *mesmo*! – Lilian encorajou.

– Mas qual é a diferença de ele chamar a Carol ou chamar outros dos alunos da sala? – perguntei. – Quer dizer, não combinamos que todos eles seriam convidados? Chamar a Carol em particular não tornaria a coisa mais especial.

– A menos que ele escolhesse palavras diferentes para lhe fazer o convite – disse Bruno.

– O problema não é o convite em si, mas o que vou fazer quando ela chegar à minha festa.

– E o que você vai fazer? – perguntamos eu e Lilian em uníssono, mas foi para ela que Márcio olhou ao responder:

– Eu vou dizer o que sinto. Vou me declarar.

– Isso parece legal – disse Bruno e retomou sua busca por mais suco em uma caixa visivelmente vazia.

– Isso parece *brega* – disse Lilian. – Acho que garotos já não se declaram mais para garotas há décadas! Vamos precisar trabalhar essa abordagem até lá.

Márcio era um garoto orgulhoso, mas, naquele momento, pôs todo o seu orgulho de lado quando disse:

– Você faria isso por mim, Lilian?

E Lilian apanhou a mão do amigo ao dizer:

– Com todo prazer.

Animava-me ver que Márcio estava decidido a dar esse grande passo em sua vida. Carol era seu interesse romântico havia mais tempo do que eu conseguiria me lembrar, mas, como Bruno ressaltara, era provável que ela nem soubesse quem ele era. Se um dia aconteceu de eles se encontrarem, foi por mera coincidência, não por vontade mútua. Se um dia trocaram algumas

palavras, tenho certeza de que foi porque um esbarrou no outro em algum corredor e acabaram trocando desculpas.

Era fabuloso que Márcio estivesse inspirado para falar o que tinha para falar – ainda que sua ideia de se declarar fosse um tanto brega. Coragem para revelar os próprios sentimentos era algo que poucos tinham, e os que tinham, em sua maioria, não o faziam com sinceridade. Lilian se comprometera a ajudá-lo com sua abordagem e eu tenho certeza de que seu auxílio seria imprescindível. Mesmo assim, não me fugia da cabeça a possibilidade de nada acontecer conforme o planejado.

Passei algum tempo da próxima aula pensando nesse assunto, e ainda fitava Júlia. Em todos os ensaios de conversa que eu imaginava entre o meu amigo e a Carol, eu acabava substituindo os papéis por mim e por Júlia. Não era intencional, só que a memória da conversa que eu tivera com ela ao pedir a separação ainda estava fresca na minha cabeça e acabava se misturando com facilidade aos frutos da minha imaginação. Tudo porque ela de repente dera as caras na escola.

Era como se ainda tivéssemos um problema não resolvido. Ou melhor: era como se *eu* tivesse um problema não resolvido. Não que eu acreditasse na possibilidade de Júlia ter superado a separação tão rapidamente a ponto de já não se deixar mais influenciar pela lembrança do que um dia tivemos ou com as possibilidades do que um dia poderíamos ter, afinal, se o ódio demonstrado por ela no final da nossa conversa fosse tão verdadeiro quando dera a entender que era, eu não podia deixar de imaginar que Júlia ainda se importava comigo. Querendo ou não, o ódio, assim como o amor, é só mais uma maneira de mostrar que se importa com alguém, mesmo que negativamente.

Precisávamos conversar mais uma vez. Talvez essa não fosse a vontade de Júlia, mas eu não conseguia deixar de crer que esse seria um caminho inevitável em direção ao nosso completo entendimento. Nossa conversa não terminara do jeito que eu preferia que tivesse terminado; eu não queria que nos odiássemos. Em um mundo ideal, talvez não terminássemos como amigos, mas conseguiríamos olhar para a cara um do outro, e Júlia estava com problemas sérios para olhar para a minha agora. Era como se fingisse que eu não existia.

Decidi que a abordaria no final da aula e, ao pensar nisso, todo o cansaço matutino deixou o meu corpo em um único fluxo, perdendo seu espaço para a adrenalina. Era como eu me sentia dois dias atrás, quando a possibilidade de reencontrá-la ainda me assombrava. Estava ansioso. Mais do que isso, estava nervoso.

Quando o último sinal tocou e o professor fechou suas pastas e cadernos pondo fim à aula,

todos os alunos se levantaram ao mesmo tempo, vestindo as alças de suas mochilas e formando seus grupos em direção à saída da sala. Lilian, Márcio e Bruno se juntaram ao meu redor, mas eu não poderia tê-los comigo enquanto falasse com Júlia, e não porque eu não queria que eles fizessem parte dessa parte da minha vida, mas porque eu queria ter liberdade de falar o que precisava sem ser julgado por ninguém. E queria que a Júlia se sentisse assim também.

Além do mais, ela e os meus amigos não eram muito próximos. Talvez nem se gostassem.

– Podem ir na frente, eu alcanço vocês – pedi. Quando nenhum deles se moveu, gesticulei em direção à porta. – Por favor!

Bruno e Márcio iriam mesmo que eu não tivesse insistido, mas Lilian permanecia hesitante. Para a minha sorte, Márcio estava empolgado demais com o planejamento de sua conversa com a Carol e acabou puxando a amiga consigo.

– Júlia! – chamei quando eles já não estavam mais por perto. – Júlia!

Júlia estava prestes a deixar a sala quando cutuquei o seu ombro. Agarrei o seu braço quando percebi que nem o cutucão chamou a sua atenção.

– Então é assim que vai fazer? – ela questionou, virando-se na minha direção.

– Achei que não estivesse me ouvindo...

– Eu estava, mas não quis parar. Pelo visto, você não sabe lidar com uma negação.

Respirei fundo e engoli em seco. A sala estava próxima de ficar vazia, então alguns alunos ainda passavam por nós. Eu me perguntava se eles prestavam atenção à nossa conversa.

– Eu só queria conversar – sussurrei.

– A conversa de domingo não foi suficiente? – ela respondeu, a voz soando muito mais alta do que a minha. – Há algo mais que você queira falar, mesmo que eu não queira ouvir? Vai me forçar a prestar atenção como fez da última vez, segurando os meus pulsos e me machucando?

Não havia marca nenhuma nos pulsos de Júlia, mas não questionei seu julgamento. Talvez não houvesse marcas físicas em seu corpo, mas eu não podia negar que minha atitude de agarrá-la fora um tanto agressiva.

– Peço perdão por isso.

Júlia torceu o nariz.

– Há algo mais que queira dizer? – perguntou em seguida.

– Eu queria saber como você está.

O corpo de Júlia estava voltado na direção da porta, pronto para partir, e nem quando propus que o tópico da conversa fosse o seu bem estar ela pareceu mais à vontade; sua postura em nada mudou. Ainda queria ir embora.

– Por que a pergunta? – foi o que disse.

– Achei que quisesse conversar, depois do que acertamos no domingo passado. Colocar os pingos nos is. Esclarecer o que ficou mal entendido. – Júlia ainda me encarava com descrença, silenciosa como se tivesse perdido o conhecimento das palavras. – Talvez desabafar.

Só então ela se aproximou, e muito mais do que eu esperava.

– Desabafar sobre *o quê*, Leandro?

– Você não pareceu bem quando foi embora no domingo, e acredito que tenho grande parte de culpa nisso...

– Como você é *prepotente*!

– P-Por que acha isso?

– Acha que as coisas são assim, Leandro? Que o mundo gira em torno desse seu umbiguinho imundo? Talvez soe como uma surpresa descobrir que nem tudo no mundo é só sobre você! Nem nunca será!

Eu começava a me sentir grato pelo fato de a sala estar vazia agora.

Abri a boca para pedir desculpas mais uma vez e, talvez, propor uma conversa mais tranquila, visando o entendimento que eu buscava, mas Júlia me atropelou ao dizer:

– Aliás, nunca foi só sobre você.

Achei que ela fosse me empurrar quando ergueu uma mão na minha direção, e essa era provavelmente a sua intenção ao erguê-la, mas acabou desistindo da ideia a meio caminho. Ao invés disso, ajeitou a mochila nas costas e saiu, tão certa de sua posição naquela conversa que nem olhou para trás. Nada mais natural.

Só Júlia sabia o que fizera e por que o fizera. Eu, por outro lado, só sabia que ela tinha me traído uma vez enquanto namorávamos e nada mais. Ou pelo menos era isso o que eu imaginava.

Afinal, depois do que eu acabara de ouvir, ficava difícil acreditar que a traição só acontecera uma vez mesmo.

11.

No fim de semana, Márcio queria que eu fosse com ele ao supermercado.

– Por favor, cara! – foi como ele tentou me convencer. – É só disso que eu preciso, que você vá comigo!

Ele poderia ter dito que era para comprar as coisas da sua festa, e teria me convencido sem precisar implorar, mas se havia algo que eu já tinha deixado de tentar entender nesse mundo era como funcionava a cabeça do Márcio. Hoje, eu apenas o aceitava como era e dançava conforme a música. Era mais fácil.

Encontramo-nos depois do almoço em um supermercado da escolha dele, um que eu não costumava frequentar por conta de um preconceito ensinado pelos meus pais. Segundo eles, e até então eu não pudera confirmar, aquela vertente de supermercado era especializada em vender especiarias para famílias que tinham dinheiro de sobra para gastar em potes que continham poucas gramas de qualquer alimento. Um estabelecimento para gente rica como Márcio, não como eu.

Não precisei nem de dois minutos no interior do lugar para perceber que meus pais estavam certos.

Um supermercado comum colocaria caixas de leite ou pacotes de milho para pipoca em oferta empilhados logo na entrada, mas aquele só nos oferecia potes com ameixas secas e amêndoas. Ao lado, vidros de vinagre custando mais do que uma peça de carne. Como a proposta do passeio não era minha, eu faria qualquer que fosse o caminho que Márcio quisesse fazer. Mas isso não me impedia de querer tirar algumas dúvidas:

– Por que estamos aqui?

Márcio não respondeu de imediato. Tamborilava os dedos no ar e avançava pelo mercado como se buscasse algo específico. Se eu não o conhecesse bem, poderia achar que era um viciado procurando por drogas no lugar errado.

– Márcio? – insisti. – Eu posso ajudar?

– Eu estou preocupado, cara.

– Com o quê?

– Eu chamei a nossa sala para a minha festa, como você viu.

– Sim, e daí? Eles disseram que vão, qual é o problema?

Márcio apanhou um pacote cujo conteúdo não estava muito claro e, quando percebeu se tratar de azeitonas sem semente, o devolveu à sua gôndola.

– Eu quero que essa festa seja *perfeita*!

Eu devia ter imaginado que a razão de Márcio querer ir a um supermercado tão requintado só podia estar relacionada à sua mania de querer agradar a tudo e a todos, mas eu estava tão preocupado com os meus próprios problemas que já não conseguia prestar atenção no óbvio. Ao saber da verdade, tive vontade de rir, e teria gargalhado ali mesmo, se Márcio já não parecesse afetado o bastante.

– E o que você quer comprar? – perguntei.

– O que se serve em festas como essas?

– Você *não sabe*?

– Bem, até hoje, nunca preparei festas para grupos maiores do que dez pessoas. – Pensou um pouco e se corrigiu: – Na verdade, acho que minhas festas não costumam ter mais do que cinco pessoas. É mais fácil. Coxinhas e bolinhas de queijo enchem a barriga de um grupo pequeno e, enquanto tiver refrigerante na geladeira, tenho certeza de que ninguém vai passar vontade nenhuma. Mas a nossa sala tem *trinta pessoas*!

– E nem todos vão.

– Mas ainda assim *muitos* vão! E o que jovens que nem eles comem?

– Diga você. Você também não é um jovem como eles?

– Você entendeu o que eu quis dizer.

– Não, não entendi. – Eu levava aquela conversa como quem joga papo fora, mas a verdade era que eu procurava ganhar tempo. Márcio estava desesperado e precisava da minha ajuda com a escolha das comidas para a sua festa e, enquanto ele lamentava não saber o que levar, eu corria os olhos pelas gôndolas na esperança de que algo me pedisse para ser comprado.

– Eles não são *esquisitos* como a gente, sabe? Nós somos diferentes. Somos os únicos que ainda não beberam nada, nem cerveja, antes dos dezoito. Somos os únicos que ainda não praticaram orgias com estranhos na casa dos pais, quando eles não estão por perto. Somos os únicos que ainda não quebraram nenhuma lei que colocaria um adulto na cadeia, se fosse descoberto.

Eu já havia bebido antes dos dezoito, inclusive mais vezes do que qualquer adulto consideraria saudável, mas entendia o ponto de Márcio, ainda que identificasse certo exagero em seus exemplos. Estava estampado em seu rosto que ele acreditava no que dizia, que jovens que não eram como ele cometiam o tipo de crime que ele pensava e praticavam orgias sempre

que podiam. Talvez até fizessem esse tipo de coisa, mas eu não via como isso os tornava diferentes dele. Seu problema era com o fato de não se sentir incluído no meio deles, porém isso nada tinha a ver com os costumes que eles pudessem ou não ter.

– Bem, seja lá o que eles façam nas horas vagas, eles gostam do mesmo tipo de comida que você, Márcio – eu disse, agarrando-o pelos ombros. – Coxinhas e bolinhas de queijo, é disso que você gosta? Tenho certeza de que eles vão gostar também.

– É muito básico.

– É por isso que escolheu esse supermercado tão chique? Porque acha que o básico não servirá a jovens estudantes que, se puderem, pulam as refeições, porque só comem por obrigação?

– Não é assim que as coisas funcionam.

– E como é que você sabe disso?

Mais uma vez, aquele silêncio. Essa atitude era um mecanismo de defesa de Márcio, que fazia de conta que não me ouvia porque tinha a resposta para a minha pergunta na ponta da língua, mas não se sentia confortável para dizê-la.

– Márcio...? – eu o cobreí. Já fazia um tempo desde que ele apanhara aquela mesma embalagem de torrone e a observava como se lesse e relesse a sua composição. – Você está *mesmo* preocupado com o que a sala gosta ou com o que alguém em especial pode ou não gostar?

Silêncio. Eu estava no caminho certo.

– Você está preocupado com a Carol!

– *Shhhhh!* – Márcio pediu, batendo o indicador na própria boca. O olhar insano ressaltava a impressão de que ele era um drogado atrás da sua droga. – Alguém pode escutar isso!

– E qual é o problema?

– Ela pode não gostar de saber disso!

– Primeiro, eu duvido de que ela esteja aqui. Esse supermercado só serve a dondocas e às compras que elas fazem quando estão prestes a receber uma visita indesejada – eu disse, desviando o olhar de um pacote de uvas passas. – Márcio, se a Carol for à sua festa, ela vai ficar feliz em comer o que você servir! Exceto se for comida japonesa, então é melhor procurar saber se ela gosta de comida japonesa antes de comprar ingredientes para um *sushi*.

– Você está brincando com a minha cara, Leandro.

– Não estou. Sirva os salgados que você gosta em bandejas de papel, se quiser. Encha a geladeira de refrigerante, se for o caso. Só não deixe que isso esquente a sua cabeça a ponto de

ela explodir. Sei que seria legal passar uma boa impressão à Carol, mas isso só vai acontecer se você servir algo que ela conheça e goste.

– Mas não estou vendo salgados por aqui...

– Não vamos encontrá-los nesse mercado.

– E onde mais poderíamos encontrar comida boa e de qualidade nessa cidade?

Márcio tinha muito o que aprender sobre o próprio bairro.

Convenci-o a sair daquele lugar e fomos até uma padaria com a qual eu estava mais familiarizado – aos fins de semana, era eu quem saía de casa para comprar os pães do café da manhã. Ao entrarmos no lugar, Márcio esboçou tão grande surpresa que parecia ter entrado em um paraíso ainda não explorado.

– Esse lugar tem um cheiro bom! – disse.

– E um preço melhor ainda. – Segui em direção ao fundo da padaria, onde ficava o balcão de pães e onde os fregueses faziam seus pedidos e encomendas. – Leia aquela placa. O que você pensa em comprar do que está escrito nela?

Coxinhas e bolinhas de queijo eram apenas duas entre as centenas de opções oferecidas pela padaria. Quanto à qualidade do seu produto, eu podia confirmar que não havia melhor! Minhas festas de aniversário sempre foram regadas aos salgados preparados por aquele lugar, segundo o que minha mãe afirmava, e até então nunca ouvimos más coisas sobre elas. Ousaria até afirmar que os pais de Márcio também frequentavam aquela padaria quando precisavam prover o alimento de suas festas, e não era de se surpreender que Márcio não soubesse disso, tão poupado de responsabilidades que era. Não me admirava nem que não soubesse andar na rua sem correr o risco de ser atropelado.

– Posso pedir cinquenta unidades de cada...? – ele perguntou.

– Acho melhor não ser tão ambicioso. Escolha cinco opções e peça cinquenta unidades delas. Depois, encha a geladeira de refrigerante e garanta que todo mundo tenha copos em mãos.

– Vou fazer a encomenda, então. Obrigado por me mostrar a esse lugar, Leandro.

– Não há de quê! – eu disse e, com dois tapas nas costas de Márcio, me despedi.

– Aonde pensa que está indo?

– Achei que já tivesse cumprido com o meu dever.

– Há mais uma coisa que eu gostaria de te pedir, e eu já não sei a quem mais recorrer.

Aquela era só mais uma das ocasiões em que Márcio agia com certa urgência sobre assuntos que não exigiam urgência alguma.

– Peça.

– Fiquei sabendo que a Carol gosta de chope de vinho. Em lata.

Um gosto um tanto peculiar, para uma garota de dezesseis ou dezessete anos. Talvez convivesse demais com as próprias tias.

– Acha que conseguiríamos comprar algumas dúzias de latas de chope de vinho e enfiá-las no meio dos refrigerantes, sem que ninguém perceba? – Márcio quis saber.

Conseguiríamos. Enfiá-las no meio dos refrigerantes as esconderia bem e, ainda assim, os convidados da festa se esforçariam para encontrá-las. Com chope de vinho entre as opções de bebida da festa, sobraria tanta Coca Cola no final dela que Márcio e sua família teriam da bebida no almoço até o fim do ano.

– Acho, mas não acho que vamos encontrar latas de chope de vinho aqui – falei. – E somos menores. Não sei nem se vamos conseguir comprá-las.

– Então me mostre o lugar quando sairmos daqui, pode ser? – Márcio pediu. – Eu dou o meu jeito, nem que tenha que subornar alguém.

Eu não duvidava de que ele fosse capaz de fazer isso, ainda mais quando a sua motivação em quebrar aquela regra era uma garota. Márcio era tão parecido com seus colegas de classe quanto acreditava não ser.

Fez o seu pedido e exigiu que tudo estivesse pronto no sábado da semana que vem, às cinco da tarde. Seu tom fora autoritário e o desespero na sua voz era ululante, mas o atendente não se deixou intimidar. Talvez até entendesse o que acontecia ao jovem adolescente com os nervos à flor da pele. Estivera em seu lugar um dia.

– Eu devia ter deixado alguma quantidade de dinheiro com o atendente – Márcio observou em voz alta quando saímos. Comprara uma barra de chocolate ao sair e, entre mordidas, me oferecia um pedaço. – E se ele achar que eu estava brincando quando pedi todos aqueles salgados? E se quando eu voltar aqui no fim de semana que vem ele me falar que não preparou nada, porque não achava que eu estava falando sério?

– Não vou mentir, você devia ter deixado algum dinheiro com ele. Isso se chama dar um sinal.

– Vou voltar aqui mais tarde, então.

– Faça isso.

Nosso novo trajeto foi permeado por altos e baixos. Márcio tinha dificuldade em lidar com a própria ansiedade, então eu constantemente precisava acalmá-lo, repetindo que uma festa como a que ele planejava era normal e que não havia por que a dele dar errado; estava fazendo

tudo certo. Mas minha preocupação com ele não terminava aí; como eu já havia percebido antes, Márcio tinha tão pouca experiência em caminhadas na rua que não olhava para os dois lados antes de atravessá-la. Esbravejava suas frustrações enquanto andava e não se dava o trabalho de se preocupar com a própria vida. Talvez acreditasse que os outros é que tinham obrigação de tomar cuidado para mantê-lo vivo. E se essa era, de fato, uma de suas certezas, Márcio estava prestes a viver uma experiência que o encorajaria ainda mais a acatá-la como verdade.

– Estamos muito longe? – perguntou em dado momento.

– Não tanto, mas estamos prestes a encarar uma subida. Acha que aguenta?

– Não tenho mais nada para fazer agora de tarde, então vamos.

Subimos em um ritmo constante, com o qual eu já estava acostumado, mas não Márcio. Ele se esforçava para me acompanhar, e eu percebia esse esforço. Em nenhum momento diminuí o passo, querendo motivá-lo a continuar dando o melhor de si. Com tanta energia focada nas próprias pernas, Márcio não tinha como abrir a boca para outra coisa, senão para inspirar uma maior quantidade de ar, o que mergulhou nossa jornada em um silêncio prolongado. Quando o caminho, enfim, voltou a ficar plano, Márcio precisou de algum tempo para conseguir recuperar o fôlego. Quando o recuperou, a primeira coisa que disse foi:

– Uma subida como essa faz a gente dar valor à vida!

Era demais para que eu conseguisse evitar o riso, então ri, como já estava a fim de fazer havia muito tempo, desde quando descobria as intenções por trás da ida ao supermercado chique, passando pela reflexão apurada sobre prioridades e chegando àquele momento de epifania, onde Márcio começava a ver sentido na vida após cinco minutos da subida mais íngreme que já enfrentara na vida.

– Você acha? – perguntei.

– Com toda a certeza! Se tivesse me perguntado se eu estava a fim de enfrentar todo esse caminho, eu diria que não, sem pestanejar, mas você não me perguntou e aqui estamos! Essa é uma vitória e tanto!

Bati algumas vezes nas suas costas antes de dizer:

– Fico feliz que pense assim.

O empório de que eu falara era uma construção bonita e imponente, de ângulos modernos e aspecto intimidador, do tipo que não acolheria jovens curiosos e sem dinheiro em seu interior. Homens de certa idade e senhoras bem vestidas eram vistos circulando lá dentro, visão que só era permitida porque boa parte de suas paredes era feita de vidro. Entre nós e ele, a rua, suas

ciclofaixas e as largas calçadas. A calçada em frente ao empório servia de estacionamento para meia dúzia de carros do ano.

– Não consigo me imaginar dentro de um lugar como esse – disse Márcio, engolindo em seco. – Achei que fosse me levar a um boteco!

– Podemos ir atrás de um, se quiser, mas não garanto que vamos encontrar chope de vinho de qualidade.

– Não acho que vamos conseguir entrar nesse lugar vestidos desse jeito. – Márcio me olhou da cabeça aos pés. Demorou-se um pouco nos meus chinelos. Ele não queria falar, mas eu podia ver que seu problema era comigo.

– Mas podemos olhar de fora, o que acha?

Assim que concordou com a sugestão, Márcio se dirigiu à rua, o que me fez esbravejar com frustração. Sua imprudência beirava o instinto de um suicida. Agarrei-o pela mão e lhe disse algumas palavras sobre a importância de olhar para ambos os lados de uma rua antes de atravessá-la. Com os olhos vidrados à frente, Márcio concordou com a cabeça, mas eu devia ter percebido, já nesse instante, que nada do que eu dissera entrara em seus ouvidos realmente.

Paramos em frente à parede de vidro, observando os arranjos que o empório nos oferecia em suas vitrines. Cervejas, vinhos e outros destilados eram apenas detalhes em meio a cestas de presentes e engradados para lá de bem enfeitados. Nenhuma das marcas ali era vista em comerciais de televisão ou em mercados populares. Tampouco o requintado supermercado escolhido por Márcio as teria.

– É tudo tão bonito – disse ele. – Nem dá vontade de consumir.

– Tem gente que compra bebidas desse tipo para expor em estantes, mesmo.

– Mas não vejo o chope de vinho. – Ergueu o olhar. O que viu foi uma organização não muito diferente das que se vê em mercados comuns, com gôndolas não muito maiores do que os fregueses e boas ofertas à altura das mãos. As pessoas no lado de dentro, com cestos nos braços ou carrinhos parcialmente cheios, caminhavam tranquilas, como se escolher bebida alcoólica fosse uma atividade que exigia cuidado. – E não consigo enxergar nada, para falar a verdade.

Aproximei o rosto do vidro e, com as mãos, fiz sombra em torno dos olhos. Assim, a claridade da tarde não refletia nele, o que me permitia uma visão mais clara do interior do empório.

– Acho que estou vendo alguma coisa – eu disse.

Márcio me copiou e se pôs a vistoriar o interior da loja.

Daquela distância, tudo parecia cerveja para mim, mesmo as garrafas ou as latas. Tantos e coloridos rótulos só confundiam a mente, não deixando claro sobre o que se tratavam. Olhos comuns estavam acostumados com embalagens amarelas, vermelhas ou brancas para cervejas e garrafas longas e esverdeadas para vinho, mas ali qualquer coisa poderia ser vinho, da mesma forma que qualquer coisa poderia ser cerveja. Talvez observar a loja daquela maneira não facilitasse as coisas, afinal.

– Vamos ter que entrar, Leandro.

– Por mim, tudo bem.

– Mas não agora. Não vamos conseguir comprar nada, nem com todo o suborno do mundo.

– Precisamos de um adulto para fazer isso. Poderia falar com os seus pais.

– Eles me matariam e cancelariam a festa num piscar de olhos. Você poderia pedir à sua irmã.

– Por quê?

– Você mesmo diz que ela vive se entupindo de vinho barato. Que diferença faz sair de casa para comprar um pouco mais para *outra* pessoa?

– Ela quase não sai de casa e duvido que apoiaria hábitos de bebedeira precoce. Se pudesse, ela tomaria o lugar da minha mãe na minha educação sem pensar duas vezes. – Pensei um pouco. – Você poderia falar com aquele seu primo.

– O Régis?

– É. Ele também não vive comprando bebida em quantidade suficiente para uma festa de dez pessoas, mesmo que acabe bebendo tudo sozinho?

– Mas se eu pedisse para ele comprar bebida para mim, teria que convidá-lo para a festa, e eu *não o quero* na festa!

– Não vejo por que você teria que convidá-lo.

– Você não conhece a minha família.

– Talvez não, mas tenho uma família grande também e sei como são as coisas. Se você pedir a ele para não aparecer na festa e oferecer uma boa razão para isso, tenho certeza de que ele vai respeitar a sua decisão. – Aguardei que ele dissesse que aquela era uma ideia tola e que tinha grandes chances de dar errado, mas ele nada disse. – Poderíamos pensar em algo – incluí mesmo assim. Márcio manteve o silêncio. – Não concorda?

Olhei para o lado. Márcio não estava onde eu imaginava que estivesse, apoiado no vidro e verificando o interior da loja. Precisei girar o corpo totalmente para vê-lo caminhando em direção à rua com um ar desolado e derrotista, como se aquele dilema *tão simples* tivesse sido

responsável por fazê-lo desistir da vida.

Mas é claro que ele só estava sendo imprudente mais uma vez.

– Márcio, seu filho da p...!

Poderia ter sido pior. Quando paro para pensar no que aconteceu, chego à conclusão de que poderia, *sim*, ter sido pior.

Primeiro porque aconteceu na ciclofaixa, e, até onde eu sei, nada além de bicicletas circulam na ciclofaixa. Se tivesse acontecido na rua, talvez fosse um carro. Se fosse uma moto, o estrago seria ainda pior.

O ciclista corria em velocidade suficiente para vencer uma maratona e estava vestido para isso, com direito a capacete, cotoveleiras, joelheiras e um óculos escuro bonito que nem todo o dinheiro que eu tinha guardado poderia comprar. Estava atento em seu caminho, mas Márcio não estava, então é claro que se ele tivesse se acidentado a culpa seria do pedestre, não do ciclista. Mas Márcio saiu ileso da colisão. Fui eu quem recebeu o impacto.

O ciclista começara a frear havia algum tempo, então o guidão não me acertou no peito com todo o seu potencial; na região, eu só ganharia uma mancha roxa que sumiria em alguns dias. O problema foi o que aconteceu depois da pancada.

Eu colidi com Márcio, mas seria preciso uma força de impacto ainda maior para conseguir derrubá-lo, tão grande que era. Sendo assim, a colisão com ele foi apenas um desvio na minha queda. Achei que, ao apoiar a mão no chão, pudesse aliviar a força da batida, e estava certo quanto a isso. Só não esperava que, como resultado dessa escolha, sacrificaria o meu dedinho em uma fratura que não doeu no início e nem nos minutos que se seguiram.

A bicicleta caiu no chão, mas o ciclista, habilidoso como era, não caiu com ela. Antes de se preocupar com o próprio equipamento, em uma atitude bastante altruísta da sua parte, ele correu até mim.

– Está tudo bem? – ele perguntou com urgência. Desviava o olhar do meu rosto para a minha mão, e eu em breve entenderia o porquê.

– Está, eu vou ficar bem...

– Eu moro aqui perto, estava chegando em casa já, então se puder esperar até que eu volte com o meu carro...

– Por que eu esperaria você voltar com o carro?

– *Putá que o pariu!* – ouvi Márcio gritar.

Era hora de checar o que tanto chamava a atenção do ciclista na minha mão.

Não olhei por muito tempo – e jamais conseguiria. Dessa breve olhada, lembro-me apenas

de ter visto um dedinho fora do lugar e talvez – apenas *talvez* – um borrão esbranquiçado em meio à minha pele que poderia ou não ser um osso, e eu não estava curioso o suficiente para descobrir, de qualquer forma.

– Eu vou com você ao hospital, pode ficar tranquilo, eu *me sinto* na obrigação de ajudá-lo! – o ciclista dizia. – Se quiser chamar algum dos seus pais para nos acompanhar...

Eu não concordei nem discordei com nada, mas ainda assim tudo aconteceu independentemente da minha vontade. O ciclista se levantou e eu o ouvi pedalar em direção à sua casa. Márcio se agachou ao meu lado e, a julgar por algumas das palavras que o ouvi falar, ele ligava para a minha casa, para falar com os meus pais. Não, ele ligava para *a própria* casa, para pedir aos pais que ligassem para os meus pais. E assim eles fizeram.

Encerrada a ligação, Márcio me ajudou a me arrastar até a beira da calçada, onde me sentei.

– Me desculpa por isso, cara! – ele repetia. – Me desculpa!

E chorava. Mas eu não entendia por quê.

– Vai ficar tudo bem – deparei-me dizendo, e de fato acreditava nisso.

Bem, isso até o dedinho começar a doer, pois, quando a dor veio, ficou difícil acreditar que tudo ficaria bem.

12.

Tudo aconteceu muito rápido, e eu tinha uma provável explicação para isso.

Eu estava delirando. A dor era tanta que eu não conseguia prestar atenção em mais nada, se não nela e nas cores em que ela me fazia pensar, o vermelho, o laranja. O lilás. Segurava o braço em cuja mão se encontrava a fratura porque tinha dificuldade de erguê-lo e para garantir que nada o acertasse. Ainda não tivera coragem de verificar o dedinho. No banco de trás do carro do estranho que me atropelara, perdurei a viagem de olhos fechados, gemendo e resmungando coisas desconexas enquanto Márcio, no banco do carona, repetia o nome de Deus em uma oração que não parecia ter fim. O ciclista tentava conversar comigo, e eu o respondia. Não sei se dizia coisa com coisa, mas o estranho pareceu satisfeito com as minhas respostas. Talvez só quisesse me manter acordado.

O procedimento inicial no hospital também foi rápido, desde o preenchimento das fichas até o encaminhamento para a sala de consulta. Em algum momento da espera por esse atendimento os meus pais apareceram, checando o meu estado aos gritos, fazendo perguntas e não esperando pelas respostas. Só então se dirigiram ao ciclista. Com ele, tiveram uma conversa tranquila, apesar dos pesares. Mesmo delirando, tenho certeza de que saberia se tivesse sido diferente.

O consultório foi apenas o início de uma grande jornada dentro do hospital que envolveria uma bateria de exames, entre eles um de Raio-X, e um retorno com toda a papelada coletada. Eu me perguntava se eles viam tanta urgência no tratamento do meu ferimento quanto eu e se todo aquele passeio de andar em andar só não pioraria as coisas. A julgar pela expressão confiante e tranquilizadora do médico, para ele, tudo parecia certo. Mas por que eu não sentia isso?

O resultado de todo o processo foi um encaminhamento para uma mesa de cirurgia. Se eu não tivesse sido anestesiado totalmente, desmaiaria, pois duvido de que aguentaria uma nova rodada de dor intensa a olhos abertos, depois da que já sofrera em minha viagem até o hospital. Antes de adormecer, lembro-me apenas de a anestesista me pedir para virar para o lado. Quando acordei, estava em um quarto completamente diferente e com um peso a mais no braço.

Os médicos o haviam engessado da mão até quase o ombro.

Não me apeguei muito a esse detalhe, por enquanto. Sonolento como estava, me preocupava mais em identificar que lugar era aquele. Mesmo de olhos abertos, eu me sentia como se estivesse em um sonho que incluía não só aquele momento, mas também todos os anteriores, desde o atropelamento pela bicicleta. Minha insanidade compunha questões cujas respostas pareciam óbvias. Por exemplo, como é que eu poderia ter sido atropelado por um ciclista se ele não estava ali? No sonho, ele tinha me oferecido carona até o hospital, não tinha? E por que não estava por perto, então? Porque nada daquilo tinha acontecido. O gesso no braço era apenas um detalhe.

Um *infeliz* detalhe.

Quando o cenário foi inteiramente reconhecido, o que aconteceu com certa lentidão, decidi que não estava onde deveria estar. Aquele quarto não me pertencia, nem todos aqueles equipamentos. Eu deveria estar em casa tirando, no mínimo, um cochilo. Eu estava exausto.

Na primeira e, acredito eu, até mesmo na segunda vistoria que fiz daquele recinto, percebi que Marcela também estava nele. Essa pode ter sido a razão de eu não ter me levantado com desespero e corrido para longe, indo em busca da minha casa, porque, querendo ou não, havia ali algo que me era familiar, e esse algo era a Marcela, a irmã de quem eu de repente tinha me aproximado.

– Tudo bem com você? – ouvi minha voz perguntar. Marcela digitava algo no celular e seus polegares eram *velozes*.

– Eu estou ótima – ela respondeu com a voz muito mais animada do que a minha. Guardou o celular no bolso e se voltou para mim. – Que bom que acordou.

– Desde quando você fica me observando dormir que nem uma louca perseguidora?

– Desde que desaprendeu a atravessar ruas. Achei que eles ensinavam esse tipo de coisa no ensino fundamental, ou será que você cabulou essa aula também?

A verdade me acometeu como uma visita indesejada: eu tinha quebrado o dedinho e parte da mão. O gesso no meu braço não era só um detalhe, era a realidade, e ele faria parte da minha rotina de agora em diante, teríamos que nos adaptar um ao outro. Tamanha constatação me encheu com uma tristeza fraca, sentimento que acompanha o momento em que percebemos que devemos aceitar as coisas como elas são, por piores que sejam, ou os dias que virão serão ainda piores. Eu não tinha vontade de chorar. No lugar, queria dormir por todos os próximos dias, até que aquela situação se resolvesse. Tornaria mais fácil ter que lidar com ela.

Mas é claro que nem tudo é como esperamos que seja.

– O que você aprontou dessa vez, hein? – Marcela quis saber.

Eu fitava o gesso, analisando-o como se nunca tivesse visto nada do tipo antes. Pensei em erguer o braço, mas o leve movimento de mover o ombro fez com que uma pontada de dor acordasse no meu dedinho. Não era uma dor tão sofrível quanto a de horas atrás, estava mais próxima de um desconforto. Mesmo assim, eu não queria senti-lo de novo.

– Pensei que o ciclista que me atropelou tivesse vindo comigo – respondi. – Ele não contou o que aconteceu?

– Contou. – Marcela refletiu por um instante, como se repensasse a veracidade da própria resposta, e acabou repetindo: – Contou, sim.

– Bem, tenho certeza de que o que quer que ele tenha dito foi a mais pura verdade. Sei que, em casos como esses, ninguém quer ser culpado pelo que aconteceu, mas posso lhe garantir que o ciclista não foi o culpado de nada.

– Na verdade, ele se sente bastante culpado.

– Bem, a bicicleta era dele. Ele vai ser perturbado pela possibilidade de ter podido evitar o acidente pelo resto da vida.

– Para alguém que acabou de acordar de um cochilo, até que você está bastante racional.

– Tive tempo para pensar nessas coisas, em meu estado de inconsciência.

Marcela riu, cruzando as mãos sobre o colo. Mirou o meu braço com certa admiração, do tipo que se vê nos olhos de um combatente que vê beleza na própria cicatriz de guerra.

– Justo o direito – ela disse. – Vai ficar um tempo sem escrever.

– Você teve dezessete anos para me conhecer e até hoje não percebeu que sou canhoto.

– Então até que a escolha do braço a ser danificado foi conveniente.

– Conveniente seria não ter nenhum dos braços engessado.

Marcela deu de ombros.

– Por que você se jogou na frente do ciclista, Leandro?

Eu ainda não tinha uma resposta pronta para essa pergunta. Ao contrário do que afirmara, eu não tivera tempo para pensar no acontecido, tampouco nas possíveis motivações dos meus atos. Marcela estava certa: eu me jogara na frente do ciclista, mas por quê?

– Acho que fiz o que fiz por impulso – foi o que disse. Era uma resposta fácil e cabível à questão.

– Impulso de quê?

Mas é óbvio que Marcela não se daria por vencida.

– Você tem certeza de que esse é um bom momento para me bombardear com perguntas?

– Foi uma cirurgia simples e o médico disse que faz umas três dessa por semana. Você só

não voltou para casa ainda porque, tecnicamente, ainda não acordou. Assim que souberem que você acordou, vão aparecer para repassar uns direcionamentos que já passaram para mim e para os nossos pais e então vão te mandar embora com um tapa na bunda e uma data para retorno. Pessoas quebram ossos todos os dias, infelizmente. Você não é um caso especial.

– Tudo isso por que você quer uma resposta?

Marcela inclinou a cabeça.

– Sinto saudade dos tempos em que nos odiávamos, quando você era só uma irmã distante – acabei dizendo.

– Não vai conseguir fugir de mim assim tão fácil. – Marcela bagunçou os meus cabelos ao se levantar. – Vou procurar pelos nossos pais e avisar ao médico que você acordou. Tenho certeza de que está louco para ir para casa.

– Mais do que você pode imaginar.

– Descanse, se quiser. Eu já volto.

A porta bateu assim que Marcela saiu e eu voltei o olhar para a única janela no lugar. Não foi muito tempo depois que essa mesma porta voltou a se abrir.

– Pelo visto, não teve que procurar muito para encontrá-los... – Interrompi minha fala ao perceber que era Márcio quem passava para dentro do quarto. O teto do lugar não estava tão distante do topo da sua cabeça, e talvez fosse por esse motivo que ele caminhava tão encurvado.

– Os enfermeiros só deixam que um visitante entre por vez – ele disse e se sentou na cadeira em que antes Marcela estivera sentada. – Como os seus pais e a sua irmã não estão por perto, achei que fosse um bom momento para entrar.

Eu o encarava com perplexidade. Não sentia raiva pelo que acontecera, mas ainda sentia que um de nós precisava tirar uma lição daquele acidente, e essa pessoa era o próprio Márcio. De repente, me deparei desejando que ele olhasse bem para o meu braço e contemplasse as consequências de uma atitude tão imprudente. Sei que muitos são aqueles que só aprendem com as próprias experiências, mas quem sabe o Márcio fosse diferente e, para ele, bastassem as experiências alheias para lhe ensinar algo?

Eu queria lhe falar sobre a importância de olhar para os dois lados da rua antes de atravessá-la, mesmo que a via a ser atravessada fosse uma ciclofaixa, mas não consegui. Márcio se jogou para frente e me abraçou, passando os braços por trás do meu pescoço e acomodando-os como era possível, considerando a quantidade de travesseiros às minhas costas e a limitação de movimentação do meu braço. Seu rosto contra o meu estava quente. Senti a lágrima que

derramou em meu ombro, mesmo sem poder vê-la.

– Eu preciso do seu perdão, Leandro.

Um pedido inesperado em um dia cheio de agradáveis e desagradáveis surpresas.

– Márcio, e-eu...

– Eu preciso disso, Leandro, e digo a verdade. – Afastou-se do abraço; os olhos estavam vermelhos. – Não queria que as coisas tivessem acontecido como aconteceram. Você se sacrificou por mim, mas por quê?

– Somos amigos.

– A sua vida não vale mais do que a minha. Você correu o risco de sofrer algo *pior*, então não consigo deixar de me perguntar o porquê de você ter feito isso!

Não era óbvio? O olhar de Márcio dizia que não, mas a resposta que eu tinha para aquela pergunta era muito simples.

Amigos servem para atividades banais como ir ao supermercado em busca de quitutes ou de bebidas caras, mas servem também para muito mais. Servem para se ajudar e se apoiar. Servem para proteger um ao outro. Tantas e tantas vezes eu e Márcio passamos por conversas profundas em que expressávamos nossa amizade e a gratidão que sentíamos por ela, então por que ele agia como se o meu ato não se justificasse? Será que se esquecera do real significado de amizade?

– Por que você quer o meu perdão, Márcio?

– P-Porque a culpa disso tudo é minha!...

– Fui eu que me joguei na frente do ciclista, não foi? Então por que fala como se tivesse sido você a pessoa a me jogar na frente dele?

Márcio me encarou em silêncio, boquiaberto, confuso com o que ouvia.

– Além do mais, o que eu tenho é simples. – Experimentei erguer o braço. O desconforto no dedo fez com que eu fechasse um dos olhos em sofrimento, mas o disfarcei, exibindo uma expressão positiva. – Foi uma cirurgia simples, e o médico disse que faz umas dez dessa por semana. Eu só não estou em casa ainda porque essa cama é muito mais confortável do que aquela velharia que eu tenho no meu quarto, então vou aproveitá-la. Tenho certeza de que, assim que os médicos souberem que acordei, vão enfiar um chute na minha bunda e me mandar para longe como se não houvesse nada de especial no meu caso. E realmente não há.

O espanto no rosto de Márcio perdurou algum tempo, mas logo se desfez, sendo substituído por uma expressão de riso. Ria achando graça do que eu dissera e chorava as lágrimas que ainda havia para chorar. Ergui minha mão saudável e agarrei uma das dele.

– Não precisa se sentir culpado. O que aconteceu já aconteceu e apontar culpados não vai melhorar nada.

– Você é o *melhor* amigo que alguém como eu poderia ter, L-Leandro!...

– E você é muito mais do que acredita ser. – Soltei sua mão. – Agora, se quiser me ajudar com algo enquanto fico aqui de molho, será que pode sair desse quarto e avisar aos médicos que já estou pronto para ir embora?

– Achei que estivesse gostando da cama.

– Mas já aceitei que não vou poder ficar com ela para sempre.

Márcio consentiu.

– É o mínimo que posso fazer – disse e se levantou, limpando as lágrimas.

Com a mão na maçaneta, Márcio se virou uma vez mais para dizer:

– Eu me sinto muito grato por tudo o que aconteceu hoje e não faço ideia de como poderia expressar isso. Ou retribuí-lo. Mas vou dar um jeito. Obrigado, Leandro.

Assenti lentamente e, quando a porta se fechou, passei a torcer para que Márcio fosse mais rápido do que a Marcela em sua busca pelos médicos. Já era hora de deixar aquele lugar e, àquela altura, parecia fazer anos desde que eu saíra de casa. Sentia saudade dela.

13.

Já era tarde da noite quando chegamos em casa.

– Tem certeza de que não quer ficar para o jantar? – minha mãe perguntava ao ciclista, que nos acompanhara até em casa. Conversavam no portão, o ciclista do lado de fora e a minha mãe oferecendo todo o espaço de que ele precisaria para passar para dentro.

– Agradeço, senhora Maira, mas realmente preciso ir para casa. A menos que ainda precisem de alguma ajuda.

– É muita gentileza da sua parte, mas acho que conseguimos dar conta a partir daqui.

– Bem, de qualquer forma, agora vocês têm o meu número. Se precisarem, é só ligar.

O ciclista foi embora em seu carro e minha mãe trancou o portão.

– Está com fome, querido? – perguntou-me.

– É claro que ele está! Está sem comer há eras! – disse Marcela.

E ela tinha razão. Minha última refeição tinha sido o meu almoço, que parecia ter acontecido havia *tanto tempo...*

– Não preparei nada para o jantar. Não deu tempo.

– Vamos pedir uma pizza – sugeriu meu pai, e ninguém contestou.

O tempo de espera da entrega da pizza seria suficiente para o preparo de um jantar comum e pouco elaborado, afinal, havia feijão pronto na geladeira e o preparo do arroz não era demorado. Havia também uma caixa de *nuggets* no congelador, mas pizza era sempre bem vinda, e não seria eu o infeliz a recusá-la.

Sentamo-nos à mesa. Meu pai organizou pratos e copos em sua superfície enquanto minha mãe cortava a pizza em oito fatias iguais. A televisão da sala estava ligada, então eu podia ouvir trechos do programa de humor que a TV aberta agora transmitia. Meu pai tomou iniciativa e apanhou um pedaço da pizza portuguesa para si. Marcela, logo em seguida, dobrou-se sobre a mesa e, com a espátula usada pelo meu pai, apanhou outro belo pedaço, largando-o no meu prato. E me ofereceu uma colher.

– O que é isso? – perguntei.

– Vai precisar cortar a pizza de algum jeito, não vai? E um garfo é inútil, se você não puder usar uma faca. A colher é a melhor escolha.

Encarei-a por alguns instantes, me perguntando se ela acreditava mesmo no que dizia. Ela

acreditava. Curvei-me sobre a mesa, tomando o cuidado de não mexer demais o braço, e apanhei o rolo de papel toalha. Arranquei duas folhas e apanhei a pizza com a mão saudável.

– Achou mesmo que eu comeria pizza com talheres? – eu lhe disse.

Depois disso, Marcela se serviu da metade de um dos pedaços e só então minha mãe apanhou um para si.

O jantar foi acompanhado de guaraná, e eu intercalava a mão saudável entre os momentos de segurar a pizza e o de levar o copo à boca. Não era tão trabalhoso fazer as coisas com uma mão só; logo, logo eu me acostumaria. Claro que pensar na possibilidade de retirar aquele gesso algum dia adicionava um pouco de otimismo àquele pequeno infortúnio, e tenho certeza de que a sensação seria completamente diferente se o meu problema não fosse reversível.

– Precisamos falar sobre o que aconteceu – foi o meu pai quem disse.

Sim, precisávamos falar sobre o que acontecera. Se fosse outro momento, eu teria fugido para o meu quarto e passado a chave na porta vezes o suficiente para desencorajar qualquer um a continuar a me procurar, mas agora eu estava a caminho de ficar bem alimentado e dentro da minha própria casa, a minha zona de conforto, depois de não sei quanto tempo afastado dela, então não havia momento melhor para falar sobre o que acontecera senão aquele. Era como unir o útil ao agradável.

– Não gostaria de apontar culpados por nada, filho, mas... Segundo o que o ciclista nos disse, você surgiu na frente dele no último instante. Não era para ter sido você a pessoa a ser atropelada.

Dei de ombros. Contra fatos, não havia argumentos.

– Por que você fez isso?

Era a terceira vez naquele mesmo dia que eu ouvia aquela pergunta, e já era hora de pensar em uma resposta definitiva para ela, uma que sumisse com a pergunta de uma vez por todas. A verdade, no entanto, assustaria os meus pais, enquanto que a mentira preguiçosa que eu contara à Marcela tinha grandes chances de não funcionar. Era hora de dizer algo mais óbvio, que não abrisse espaço para discussões.

– Não ocorreu a vocês que eu poderia estar acompanhando o Márcio e que, na verdade, sou apenas péssimo com o meu *timing*? – foi o que eu disse.

E meu pai apertou os olhos na minha direção. Minha mãe pareceu tão chocada com aquela resposta que era como se eu tivesse dito algo ofensivo ou blasfemo à mesa.

– E não olhou para os lados antes de atravessar? – meu pai insistiu.

– O Márcio estava se sentindo péssimo e eu estava preocupado com ele. Era *para ele* que eu

estava olhando quando começamos a atravessar a rua, portanto.

Não era a verdade, mas era uma história convincente, até mesmo para mim. Pessoas se distraem quando estão preocupadas com algo, e eu era tão suscetível a erros cometidos por imprudências quanto qualquer um, ainda que essa não fosse a verdade para *aquele* acidente em particular.

– O ciclista estava muito nervoso – disse minha mãe, tomando as rédeas da conversa. – Ele tremia. Tinha medo de que o tivesse aleijado. Ainda agora, no portão, me falava sobre como estava preocupado com a sua recuperação.

– Não sou a primeira pessoa do mundo a quebrar o dedinho – falei-lhe. – Mas confesso que estou surpreso com essa quantidade de gesso no meu braço. É sério que é necessário tudo isso para consertar *um dedinho e parte da mão*?

– Eles precisaram imobilizar o seu braço por inteiro para que o seu dedinho não se movesse de jeito nenhum – disse Marcela. Acabara de apanhar a outra metade do pedaço de pizza que inicialmente desprezara.

– Não tiro o mérito da preocupação dele – disse meu pai. – O acidente aconteceu, paciência. Para a sorte dele, não somos nenhuma família de ogros, do tipo que esbraveja insultos e não tenta compreender a situação.

Minha mãe concordou com a cabeça. Marcela deu de ombros. Eu abocanhei mais um pedaço da minha fatia de pizza. Meu pai largou os próprios talheres sobre o prato.

– Não vou mentir: eu cheguei àquele hospital com vontade de *esmurrar* a cara do responsável pelo dedo quebrado do meu filho – disse minha mãe, de repente. – Mas quando vi você lá, segurando o braço com o dedinho pendurado, percebi que tinha prioridades. Gastar a minha energia insultando alguém não ajudaria em nada.

– Um murro na cara não é um insulto, mãe, é uma *agressão* – apontei.

– E do jeito como o ciclista se sentia culpado pelo acidente, acho que ele se ofereceria de bom grado para receber essa punição, se isso a fizesse se sentir melhor – disse Marcela, apontando o garfo sujo na direção da mãe.

– Fico feliz de não ter batido em ninguém. Teria me arrependido.

– E onde está a Júlia uma hora dessas, filho? – meu pai quis saber. – Já contou para ela do acidente?

Senti Marcela expirar todo o ar em um sopro contínuo que por muito pouco não se tornou um assobio.

Antes de quebrar o dedinho, responder àquelas perguntas, feitas pelo meu pai ou pela minha

mãe, era para mim o pior dos pesadelos, mas agora eu não podia deixar de notar que elas vinham em momento oportuno. Dizer a eles que eu e Júlia já não namorávamos mais seria chocante o suficiente para fazê-los desistir de continuar aquela conversa sobre culpados pelo acidente e sobre as razões de eu ter me jogado na frente da bicicleta.

Se fossem um pouquinho mais atenciosos do que geralmente eram, perceberiam uma falta de tato terrível na minha voz quando eu disse:

– Terminamos. Infelizmente.

Até a tranquilidade com que eu lidava com o tema era impertinente. Muitos demorariam meses para superar uma separação, mas ali estava eu, falando sobre o ocorrido como se ele nada significasse. Nem parecia ter me afetado.

– E está tudo bem? – minha mãe perguntou mesmo assim.

– Sim. Conversamos o que tínhamos que conversar e aceitamos que o melhor para nós dois era a separação.

Eram tantas as mentiras contadas naquela mesa que, se convertidas em dinheiro, poderiam comprar mais umas três daquela mesma pizza.

– Quer falar sobre isso, querido?

De novo? Não, eu não queria. Mas dizer isso aos meus pais não soaria bem. Não sem uma boa justificativa.

– Não me sinto muito confortável para falar sobre a Júlia ainda. – Mirei os olhos da minha mãe, procurando passar certeza no que falava. – Acho que preciso de mais um tempo para assimilar tudo.

Mas ela aceitou a desculpa. Ela e o meu pai. É como dizem: os fins justificam os meios, e a calma que tomou conta da mesa, para mim, justificou, sim, todas as meias verdades ditas.

Ao fim do jantar, meu pai se jogou no sofá e minha mãe se pôs a lavar a louça. Marcela a ajudava, secando a louça recém-lavada e guardando-a no lugar correto. Eu continuei ali, na cozinha, sentado na mesma cadeira em que me sentara desde que chegara em casa, dedilhando o celular e respondendo as mensagens daqueles que falavam comigo.

Márcio me dissera que chegara em casa bem, mencionando que os pais estavam muito preocupados comigo, que gostariam de saber como eu estava. Falei que não havia mudado muito desde que ele me viu pela última vez, o que o fez rir – ou não, porque é um pouco difícil de saber quando alguém ri com sinceridade em qualquer tipo de *messenger*. Bruno também se manifestara, dizendo ter ficado sabendo do acidente. Ofereceu-se para me ajudar com o que fosse preciso, e eu agradei a ajuda, dizendo que, por ora, não precisava de nenhum auxílio – e

apenas por ora. Em sala de aula, Bruno seria de grande valia enquanto meu braço estivesse imobilizado, mas eu só o deixaria saber disso depois.

Lilian me enviara um áudio de quase dois minutos, que começara com um tom de voz trêmulo e preocupado que foi logo evoluindo para uma sincera revolta. Julgava-me pelo acontecido, como se acreditasse que a culpa do acidente fosse minha. Descreveu estatísticas e mencionou outros acidentes conhecidos por ela que tinham acabado de forma pior. Agradei a preocupação, garanti que ficaria bem e lhe desejei boa noite. Segundos depois, Lilian me enviou outro áudio, dessa vez pedindo desculpas pela maneira como havia me abordado e negando que a culpa do acidente fosse minha. Lilian era assim.

Quando finalizou a louça, minha mãe se juntou ao meu pai no sofá. Deitou-se em seu ombro para assistir ao programa humorístico de qualidade duvidosa e adormeceu por ali mesmo, respirando alto o suficiente para que eu e Marcela pudéssemos ouvir da cozinha. Marcela estava na outra ponta da mesa e digitava no celular com a mesma urgência de sempre, como se os assuntos importantes jamais acabassem em sua vida pacata. Quando terminou, largou o aparelho sobre a mesa e se voltou para mim.

– Eu sei por que você se jogou na frente do ciclista – disse, quase que num sussurro, como se temesse que nossos pais pudessem ouvi-la. Fiquei feliz que não tivessem ouvido.

– Sabe? Então me diga, para que eu possa saber também.

– Não se faça de desentendido.

Foi exatamente o que fiz.

– Não sei se você se lembra, mas eu fui a São Thomé das Letras, em Minas Gerais, uma vez – disse Marcela. – Com algumas amigas. Quando terminamos o ensino médio.

– Não me lembro disso, mas o que essa viagem tem a ver com o que você *acabou* de me dizer?

– Bem, um lugar como aquele está rodeado de gente peculiar, gente que acredita em misticismo, entidades, em dons que podem se manifestar em pessoas específicas. Lá, aprendi um pouco mais sobre esses dons em uma conversa com uma vendedora de rua, uma que encontrei no caminho de uma das cachoeiras que conhecemos. Jamais me esqueço do seu rosto.

– Por acaso, ela se parecia com uma moradora de rua, mas com o cabelo cheio de miçangas e envolvida em xales com desenhos indecifráveis?

– Para ser sincera, ela se parecia com uma mulher comum. Cabelo crespo, claro, prensado em um chapéu de couro. Usava óculos escuros muito masculinos, e as roupas também o eram.

Acho que eram as roupas do marido dela. Falava como uma boa vendedora e sempre mencionava esse homem, que não estava lá.

– E o que ela vendia?

– Pedras.

Comecei a rir, imaginando que essa fosse a piada que Marcela queria me contar. Seu rosto, contudo, estava impassível, sem nenhum sinal de riso. Em pouco tempo, essa seriedade perdeu espaço para um novo olhar de julgamento.

– Marcela, você está falando sério? Uma vendedora de *pedras*?

– Não pedras comuns. Estou falando de quartzos, ametistas, ônix, essas coisas. Todas de cores e formatos diferentes, cada uma extraída de um lugar diferente. A vendedora as separava em cestos muito semelhantes aos que a gente vê em feiras, nas tendas que vendem grãos. Juntas, as pedras ficavam ainda mais bonitas, todas tão brilhosas... E mesmo aquelas que eram foscas eram impecáveis!

– E por que alguém compraria uma pedra? Qual é o propósito de comprar uma pedra que não é lapidada, que não faz parte de uma joia? Que eu saiba, pedras, coloridas ou não, só servem para isso: anéis e colares. – Marcela não concordou comigo. – Estou errado?

– Não julgo seu pouco conhecimento do assunto. Eu mesma era tão ignorante quanto você antes de conversar com essa mulher.

Incitei-a a continuar.

– As pedras têm efeitos, Leandro. – Diante do meu silêncio, Marcela se viu na obrigação de prosseguir: – Elas são capazes de provocar nas pessoas dons que elas nem sabem que têm. São capazes de alterar destinos ou de fornecer vias para que essas mudanças aconteçam. Basta ter as pedras corretas por perto.

Enquanto Marcela falava sobre o efeito das pedras, eu discretamente olhava ao redor, em busca de qualquer pedra de aspecto suspeito, que servisse de enfeite ao ambiente. Não me surpreenderia se eu nunca as tivesse notado antes, afinal, eu não era e nem me considerava um garoto atento aos detalhes. No entanto, mesmo essa rápida vistoria não me ofereceu vislumbre de pedra nenhuma. Talvez Marcela não as tivesse comprado, afinal.

– Mas você não acredita nisso, acredita? – perguntei. Marcela abaixou o olhar. – Você acreditou?

Marcela se levantou, claramente ofendida. Achei que ela sairia da cozinha e se enfiaria em seu quarto, reclusa, e não seria a primeira vez em que seu drama a levaria a esse final. Marcela, entretanto, se dirigiu ao armário da cozinha, afastou alguns potes de grãos, mergulhou a mão

no meio deles e trouxe à tona uma pedra do tamanho de uma bola de gude, azul como o céu de uma noite de verão, tão bonita que nem parecia real, o tipo de enfeite que daria gosto de se ter por perto. Eu estava tão chocado com aquela revelação, no entanto, que sua beleza ficou em segundo plano para mim.

– Você *comprou!* – exclamei.

E aquela não era a única.

Havia outra atrás da cafeteira, com cor de guaraná, um pouco mais escura. Marcela afastou um dos vasos de planta da minha mãe, o maior, e retirou de trás dele uma pedra branca como um dente bem conservado. Marcela me mostrava as pedras e as colocavas de novo em seus lugares, escondidas como se fossem algo que ofendesse a vista. E era exatamente assim que eu as via.

– Há outras espalhadas pela casa – disse Marcela, enfim.

– Por que você fez isso? – perguntei, impaciente. – Não consigo conceber a ideia de que você realmente acredita nessa história de pedras que concedem dons!

– *Falem mais baixo!* – exigiu meu pai, da sala. – *Sua mãe está dormindo!*

Troquei olhares com Marcela.

– Elas concedem – disse-me ela, balançando a cabeça em afirmação. – Você pode não acreditar, mas elas concedem. – Aproximou-se, como que para poder falar mais baixo e ainda assim ser ouvida. – E elas *funcionam*, Leandro. Posso confirmar isso.

Boquiaberto, eu a encarava espantado, tentando assimilar tudo o que ouvia. Que Marcela fosse do tipo que acreditava em signos, astrologia e qualquer outro tipo de cultura que tendesse a atribuir padrões comportamentais às pessoas era sabido, mas pedras que concediam dons? Era o tipo de coisa que eu imaginava que a nossa avó faria, não ela, não Marcela, que tinha acesso à internet e que poderia concluir, por si só, que toda essa conversa de dons concedidos por pedras era pura balela.

– Você disse que a mulher era uma boa vendedora – eu lhe disse.

– Sim, excelente.

– Quanto você pagou por essas pedras, Marcela?

– Isso não vem ao caso! – disse ela e seu rosto foi tomado por rubor. – O que importa é que elas estão aqui e que os seus efeitos são reais!

– Que efeitos, Marcela?

– Sensitividade. Sabedoria. O *toque*. Vislumbres do futuro. – Marcela encontrou o espanto no meu olhar e reforçou: – Sim, estou falando de presságios, Leandro.

– E você já teve algum?

– O quê?

– Presságio!

– Leandro, a nossa família tem um histórico em relação a *esse tipo* de habilidade e você sabe disso. A vó mesmo vivia falando sobre como previu vários dos desastres que aconteceram em sua cidade natal! Não nos é algo estranho, está no nosso sangue! Até a mãe às vezes diz ter maus e bons pressentimentos!

– Mas e você, Marcela?

Com muita resistência, Marcela sacudiu a cabeça em negativa.

– Não. Eu não.

Ergui o braço saudável em posição de cobrança, exigindo que minha irmã dissesse o que eu esperava que ela dissesse, que as pedras, afinal, não cumpriam a função que ela esperava.

– Os presságios só não se manifestaram *ainda*! – ela disse em sua defesa. – Mas isso não quer dizer que as pedras não têm efeito!

– Na verdade, é exatamente isso o que a sua falta de presságios quer dizer.

– Mas eu consigo *saber* das coisas, Leandro, melhor do que eu sabia antes! Entende o que eu quero dizer? Eu *percebo* as coisas! Eu vejo *através* das pessoas e descubro o que elas não querem dizer! Não acontece com muita frequência, mas acontece, posso confirmar que sim. – Marcela engoliu em seco antes de dizer: – É por isso que sei que você se jogou na frente do ciclista e que só fez isso porque queria proteger o Márcio.

Minhas narinas arderam e meus olhos se esbugalharam.

– Por que você acha que eu faria isso? – foi a pergunta que saltou da minha boca.

– Isso é o mais estranho: eu *não sei*! – Olhou por cima do meu ombro, verificando os nossos pais na sala, antes de continuar. – Quer dizer, vejo que você e o Márcio são bons amigos, mas não vejo na relação que vocês têm algo que se vê em amizades de longa data. Esse garoto é estranho. Vocês... Vocês não se amam.

– M-Mas...?

– E é por isso que me pergunto: se você não o ama como um amigo de verdade, por que se sacrificaria para salvá-lo? – Aguardou a resposta, mas eu não tinha nenhuma. – Por um excesso de empatia? Porque imagina que a vida dos outros vale mais do que a sua? – Marcela sacudiu a cabeça em negativa ao dizer: – Se você fez isso por alguém que nem ele, um amigo que você nem considera tanto assim, o que não faria por alguém que ama de verdade?

Marcela me encarou por um minuto inteiro, esperançosa de obter uma resposta, mas

permaneci em silêncio. Cansada de esperar, apanhou o celular sobre a mesa e se retirou da cozinha, murmurando um desejo de boa noite. Deixou-me ali, no barulho que vinha da sala de estar, dos roncos do meu pai e da minha mãe misturados ao som da TV. Mergulhado em meus próprios pensamentos. Espantado com a possibilidade de Marcela ter olhado através de mim e percebido sozinha algo que eu não tinha coragem de revelar.

E como alguém fora de mim poderia saber mais sobre mim do que eu mesmo? Seria injusto. Afrontoso. Era improvável. Talvez Marcela só tivesse feito um palpite, mas a sua proximidade com a realidade era o que me deixava tão incomodado. De todas as apostas que poderia fazer, quais eram as chances de a minha irmã ter feito uma com tão grandes chances de ser a correta?

Sacudi a cabeça e afastei tais pensamentos. Era noite e eu estava cansado. Além do mais, toda aquela conversa sobre São Thomé das Letras e pedras que concediam dons drenou grande parte da minha energia, transformando meu cansaço em exaustão. Já era mais do que hora de ir me deitar.

Com a minha irmã e a causa dos meus atos eu me preocuparia depois, quando estivesse com a cabeça no lugar.

14.

Jovens da minha idade odeiam escrever. Não em seus celulares modernos ou computadores obsoletos, que só usam quando precisam escrever algo maior do que um *tweet* em um blog sobre seus sentimentos, mas na escola, quando algum professor de métodos de ensino arcaico decide lembrar a todos que a sala de aula dispõe de um quadro negro e que é seu direito usá-lo quando bem entender. Muitos dos professores já haviam aderido ao uso de cópias físicas dos textos com os quais gostariam de trabalhar, o que muitos de nós aprovávamos, apesar de nos custar alguns centavos, mas ainda havia aqueles que insistiam na escrita desenfreada em cadernos. Reproduziam o que queriam no quadro negro e exigiam que copiássemos. Se não copiássemos, nos puniriam da pior maneira que um aluno pode ser punido: no boletim de notas.

Eu me perguntava se era o esforço de escrever à mão que nos desanimava tanto na hora de copiar um texto. Era comum ver alunos reclamando de dores no punho depois de uma maratona de meia hora de escrita – em alguns casos, essa maratona durava quase uma hora –, e nem todas essas reclamações desencorajavam os professores mais persistentes. Dia a dia, lá estavam eles, escrevendo no quadro negro com seu giz branco e demandando sua cópia imediata em nossos cadernos.

Claro que uma parte de mim sabia que esse desinteresse pela escrita só existia porque o assunto da maioria das aulas não era interessante, mas, enquanto pudesse, eu recusaria esse fato sem titubear. Se isso garantisse que os textos escritos na lousa iriam acabar, eu seria ainda mais veemente ao desmentir esse fato.

Portanto, uma coisa é certa: forneça uma boa motivação a um jovem adolescente e ele vai, sim, tirar sua caneta do estojo para escrever o que você quiser. Basta *motivá-lo*.

A maior prova disso foi que, quando cheguei à escola no dia seguinte, ostentando um gesso novo e branco como uma folha de sulfite, não havia aluno na minha sala que não tivesse tirado uma caneta do estojo ao se aproximar de mim.

– Posso fazer um desenho? – pediu um garoto cujo nome eu não sabia. Entre meus amigos, o chamávamos de personagem de anime, por conta do cabelo cuidadosamente pontudo e dos gostos japoneses que ele não fazia questão de esconder. – Prometo que não vou levar muito tempo.

- Se não for algo ofensivo...
- Não vai envolver nudez, eu prometo.

Não era bem o que eu queria evitar.

Garotas com as quais eu nunca falara também haviam se aproximado, algumas delas brandindo canetas nunca antes usadas. Uma delas até trouxera consigo um daqueles estojos com uma vastidão de canetas coloridas e brilhosas, que pareciam implorar para serem postas a trabalho. Ao se sentar na carteira ao meu lado, essa garota esparramou as canetas sobre a minha mesa, passeando os dedos por elas e confabulando sobre qual delas escolher.

– Pensei em fazer um desenho, mas não sei que tipo de arte você gosta – ela falava. Apesar de parecer que falava comigo, a garota mal olhava nos meus olhos. – Acho que só vou escrever algum desejo de melhoras e assinar embaixo.

Cada uma das letras do seu desejo de melhoras tinha uma cor diferente, então sua mensagem levou certo tempo para ser concluída. Quando terminou, virou-se para mim com os olhos apertados e perguntou:

- Qual é o seu nome mesmo?

Eu respondi. Quando concluiu sua mensagem, a garota se retirou e, pela assinatura na mensagem, descobri que seu nome era Vanessa.

Mais de um garoto desenhou um pênis no meu gesso. No meio da semana, eu podia contar uns cinco, todos desenhados sem muito esmero, apenas dois círculos e uma forma oval partindo de entre eles. O último a oferecer sua colaboração com esse tipo de arte tampou sua caneta e, sem conter o riso sarcástico, perguntou:

- Então quer dizer que você prefere um pinto ao que a sua amiguinha aí tem para oferecer?
- Gargalhava sozinho, pois não precisava que mais ninguém achasse graça da sua piada.
- Alguém finalmente descobriu por que eu pedi a todos esses babacas para desenharem pênis no meu gesso! – eu lhe respondi, mas duvido que tenha me ouvido.

Quando Carol apareceu, pelo canto do olho percebi Márcio se afastar, quase tropeçando no pé de uma mesa. Teria caído sentado no colo de Bruno, se não tivesse encontrado um apoio a tempo.

Carol era uma garota alta em comparação com as outras, de cabelos louros e médios, de organização básica, sem muito floreio. Carregava consigo uma aura serena e até sua voz soava um pouco sonolenta quando falava.

- Fiquei sabendo do que aconteceu e fiquei chocada – ela disse, agachando-se na altura do meu braço. – É por isso que eu concordo com os meus pais quando eles dizem que essas

ciclovias só servem para atrapalhar o trânsito e causar acidentes. Tenho certeza de que, se não houvesse aquela ciclofaixa, nada disso teria acontecido.

Carol estava errada de tantas maneiras que eu precisaria de um tempo para esclarecer cada uma delas. Para evitar uma discussão, fui sucinto:

– Não tenho tanta certeza disso.

Ela não escreveu mais do que o próprio nome antes de partir. Tinha a caligrafia apertada de uma garota que não gosta muito de escrever, mas que abria uma exceção quando necessário. Naquela manhã, Carol foi a última a oferecer sua colaboração em um gesso que, em alguns dias, já coletara uma boa quantidade de assinaturas.

Como já era costume, pouco tempo após o toque do sinal, a primeira professora do dia entrou na sala. Ainda seguindo um costume atual, Júlia entrou na sala pouco depois, pedindo licença ao passar pela porta e tomando o seu lugar no canto extremo da sala. Sua passada fora breve, mas eu não podia deixar de notar que havia algo de diferente nela.

A aula começou e lá estava eu, distraído. A professora fazia um ditado, o que não era tão maçante quanto copiar um texto da lousa, mas que nem por isso era menos trabalhoso. Mais de uma vez, perdi alguma palavra. Deixava espaços em branco no texto, que depois eu preencheria com a ajuda de Bruno, que dificilmente deixava algo passar. Com o braço engessado, eu segurava o caderno, como se ele fosse um peso de papel. Com a mão esquerda, eu escrevia o texto com a mesma praticidade de sempre – pelo menos as palavras em que eu prestara atenção. No restante do tempo, eu pensava em Júlia. Ou a observava.

De fato, havia algo de diferente nela naquele dia, algo em sua aparência. A começar pela arrumação. Ao contrário do que andara fazendo ultimamente, Júlia organizara os cabelos em uma trança construída para ficar de um dos lados do pescoço. Ao mesmo tempo, alguns fios de cabelo caíam para os lados do rosto, longe de ser o tipo de detalhe que ela deixaria passar, mas algo que fazia parte do visual. Júlia *queria* que aqueles fios estivessem desconexos. Deixavam-na bonita.

E era impressão minha ou ela pintara os lábios? Estavam mais brilhosos do que nos últimos dias, embora não estivessem coloridos. Era como se tivesse usado algum batom com cor de boca, uma maquiagem para deixá-los mais notáveis, embora não totalmente chamativos. Estava vaidosa. Lembrava-me dos tempos em que ainda estávamos nos conhecendo, quando cada aparição sua em nossos encontros lhe era um evento em que nada podia estar fora do lugar; precisava se sentir perfeita. Eu nunca deixei de me surpreender com isso em nosso tempo de namoro, mas agora que estávamos separados eu achava suspeito.

Isso porque eu observava um padrão acontecer.

– Já decidiu o que vai escrever no braço do Leandro? – Bruno perguntou a Lilian no início do intervalo.

Lilian refletiu por um instante.

– Pelo visto, vai esperar que ele tire o gesso antes de escrever alguma coisa – disse Márcio.

– Eu queria que fosse algo especial – ela disse, contemplando o pouco de espaço livre que ainda restava.

– Por quê? – perguntei. – Acha que vou guardar isso quando tirá-lo? Vai para o lixo como qualquer outra coisa da qual não gostamos de nos lembrar.

– Não vai guardar nada disso?

– Não vejo sentido.

– Poderia tirar uma foto pelo menos.

Inclinei a cabeça para o lado. Lilian estava certa, tirar algumas fotos do gesso era algo que eu poderia fazer.

– Você tem razão.

– Mas se você só escrever o seu nome e nada mais, vai ter o mesmo efeito que aquela droga de origami que o personagem de anime desenhou – disse Márcio. – Não precisa caprichar!

– Não quero parecer preguiçosa e não vou conseguir pensar em nada se vocês continuarem forçando a barra – disse Lilian, colocando um fim naquele assunto.

– A Júlia está bonita hoje.

A frase pulou da minha boca.

Lilian me encarou com espanto. Márcio piscou algumas vezes, como alguém que é forçado a acordar de um devaneio. E Bruno não pareceu exatamente surpreso; olhava-me com a curiosidade de alguém que espera a continuação de um assunto. E eu continuei:

– Vocês também não acharam?

Lilian continuou a me olhar com espanto e Márcio apertou os olhos. Bruno ainda me analisava, como se tentasse prever a conclusão daquela conversa.

– Por que estão me olhando assim? – Ao fazer a pergunta, eu, de fato, esperava por uma resposta, mas, no único segundo que ofereci para o seu surgimento, nenhum deles abriu a boca. E eu tinha uma suspeita do porquê. – Vocês, por acaso, acham que eu não posso elogiar a minha ex só porque ela é a minha ex?

– N-Não é bem isso – Lilian começou a dizer –, é só que...

– Na verdade, é exatamente isso – disse Márcio, tomando a frente.

– Vocês têm a mente poluída – retruquei. – Que mal há em elogiar uma garota bonita? Não é como se eu estivesse dando em cima dela. Já passamos por isso e não quero passar de novo. É só um elogio inocente, uma observação.

– A Tatiane veio para a sala hoje com uma tiara feita de flores *de verdade* e você não falou nada a respeito, Leandro – disse Lilian. – Acho que nem sequer reparou nela. E mesmo usando um cabelo absolutamente comum, preso em uma trança, a Júlia chamou a sua atenção. Não vou mentir, é um pouco suspeito.

Era, e eu não tinha como negar isso.

– Convivi com a Júlia por mais de um ano, então, para mim, é fácil reparar nela. Eu me acostumei com a sua imagem. – Dei de ombros antes de dizer: – Só comentei com vocês porque achei que, depois da separação, ela parecia bastante abatida. Tão mal arrumada que parecia doente. – Pensei em mencionar a conversa que eu tivera com ela, quando perguntei se estava tudo bem, mas desisti; fazer isso envolveria revelar como Júlia fora desagradável. Segui em frente: – Mas hoje... Hoje ela está diferente.

– Porque fez uma trança no cabelo? – Márcio quis saber.

– A Júlia nunca arrumava o cabelo desse jeito. Vê-la assim é estranho e fascinante ao mesmo tempo.

– Alguém de fora que ouvisse essa conversa poderia achar que você está apaixonado por ela. Ainda – disse Lilian. – Para dizer a verdade, eu mesma começo a achar isso.

Se Lilian soubesse o quanto distante eu estava de me apaixonar pela Júlia de novo...

Aproximei-me um pouco e quase sussurrei quando falei:

– Acho que ela pode estar interessada em alguém.

De novo aquelas mesmas expressões, inclusive a indiferença no olhar de Bruno, que não era e nem nunca fora de se surpreender com facilidade.

– Por causa de uma trança? – disse Lilian.

– É mais do que isso. Ela também se maquiou. Está inspirada. Júlia fazia isso no começo do nosso namoro. Continuou a fazer um tempo depois, mas eu notei que ela não se esforçava mais como antes. Achei que fosse porque estava acostumada com a nossa relação e não via mais por que tentar me surpreender.

E a julgar pelo que ela me falara da última vez, talvez eu já tivesse deixado de ser a pessoa que ela queria agradar havia muito tempo.

– Acham que ela pode estar saindo *a sério* com o...?

– Ele mudou de escola – disse Lilian de prontidão. – Achei que tivesse sabido.

Apertei os olhos na direção de Lilian.

– Por acaso, está falando do Maurício? – perguntei.

– Sim – disse Márcio. – Encontraram bebida alcoólica na mochila dele.

Foi a vez de Márcio de receber um olhar apertado.

– Não me parece motivo para expulsão.

– Ele dividia essa bebida com os amigos.

As lembranças vinham à minha mente sem que eu as chamasse.

– Ainda assim, me parece um tanto radical que ele...

– Não foi a primeira vez, Leandro – disse Lilian, por fim.

Minhas narinas ardiam. Maurício não era um bom exemplo de companhia, um fato que saltava aos olhos, mesmo àqueles que não convivessem diretamente com ele, que era o nosso caso. Maurício era de outro período, do vespertino, mas sua fama atravessava barreiras, a ponto de serem poucos aqueles que não conheciam o seu nome. Era quase uma lenda urbana. Fizera parte de mais brigas do que aquelas em que eu e meu grupo nos metêramos – e Márcio tinha sozinho um número alto de brigas em seu currículo. Pouco se importava com a escola, segundo o que se ouvia falar. Era um aluno problema, com o qual nenhum professor gostava de lidar.

Ainda assim, houve nele algo que chamou a atenção de Júlia.

– Eu nem sabia que a escola podia mesmo expulsar alunos – eu disse. – Achei que essa fosse só uma história para assustar valentões.

– Se essa é a intenção, não funciona mesmo, funciona?

Não vou mentir, eu me senti um pouco aliviado com aquela notícia. Maurício era como um fantasma: nunca visível, mas de presença notável mesmo à distância. Ter um mau elemento longe da nossa escola talvez colocasse os alunos nos eixos, já que o principal influenciador de malvadezas não reinava mais por aqueles lados.

Ou pelo menos era disso que eu tentava me convencer.

Antes do final da aula, deixei um bilhete na mesa de Bruno, perguntando se ele não gostaria de ir para a minha casa depois da aula. Eu precisava do caderno dele para preencher as lacunas do texto daquela manhã, mas mais do que isso precisava de ajuda com as matérias nas quais eu não conseguira prestar muita atenção. Com um aceno de cabeça, Bruno respondeu que sim.

Deixamos Lilian e Márcio seguirem seu caminho, ela rumando a pé e ele se pondo para dentro do carro da mãe. Bruno e eu acompanhamos uma pequena multidão de alunos barulhentos, antes de decidirmos atravessar a avenida em busca de um trajeto mais tranquilo.

Durante a caminhada, pouco nos falamos, com exceção de uma conversa breve sobre a nova série de terror que estava para sair na Netflix, uma com a qual ele parecia bastante empolgado. Quando chegamos em casa, anunciei aos presentes que eu havia chegado, passei na cozinha, apanhei um pacote de bolacha e chamei Bruno para o meu quarto. Encostei a porta depois de ele entrar.

- Preciso do seu caderno – falei, indo direto ao ponto.
- Poderia ter pedido emprestado – ele disse.
- Achei que poderia me explicar um pouco da matéria enquanto eu a copio.

Bruno assentiu. Sentei-me na cama e ele puxou a cadeira da escrivaninha para si. Folheou o enorme caderno de vinte matérias até a matéria de que eu precisava e se pôs a ditar as palavras que eu não tinha copiado. Fazia a sua parte com uma paciência de se admirar, como se nenhum favor no mundo, por mais enfadonho que fosse, pudesse abalar sua tranquilidade. Era quase como se nem aquele pequeno compromisso fosse capaz de atrapalhar a sua rotina – isso se ele tivesse alguma rotina a seguir, que não fosse diante do videogame.

– São muitas palavras não copiadas – ele observou depois de um tempo. – Posso estar errado, mas chuto que você copiou menos de vinte por cento do texto.

– Cinquenta. Há algumas linhas escritas até o fim, como você pode ver...

– E muitas que não têm nada escrito. – Ele ergueu o olhar na minha direção. – Estava pensando na Júlia, não é?

Mais uma vez, Bruno e suas habilidades de observação tomavam conta da conversa, apontando detalhes que muitos outros poderiam não ter notado, apesar de, para ele, eles parecem óbvios. E não tinha medo de me chatear, ao contrário de Lilian, que às vezes evitava falar o que realmente pensava, e Márcio, que falava o que falava sem medir consequências. Eu devia ter previsto que o silêncio de Bruno durante a conversa no intervalo escondia algo. E ali estava ele.

– Durante a aula – ele voltou a falar, como se supusesse que meu silêncio fosse uma falta de entendimento. – Distraiu-se com os próprios pensamentos? Ou será que gastou todo o tempo do ditado olhando para ela?

Eu batia minha caneta nos dedos, sustentando o olhar calmo de Bruno, frio como o de um assassino que diz impropérios como alguém que recita um poema de amor. Sua franqueza era admirável, ainda mais para um garoto tão tímido. Eu, no seu lugar, talvez fizesse o possível para conseguir agradar a tudo e a todos e ter amigos que perdurassem todo o fim do ensino médio e, quem sabe?, depois dele, mas Bruno não era assim. Talvez fosse essa sua falta de

vontade em agradar que o tornava tão único e, conseqüentemente, tão cativante.

– Você é um grande amigo, Bruno.

– Obrigado.

– E isso porque você, diferentemente de falsos colegas, não tem medo de dizer o que eu tenho medo de ouvir.

Bruno deu de ombros.

– Vai ver, eu só não sei reconhecer discursos desse tipo.

Não. Esse era o Márcio.

– Sabe, Bruno, quando eu lhes disse que tinha terminado o meu namoro, nenhum de vocês perguntou o porquê. Agora vejo que é porque já sabiam.

A serenidade no rosto de Bruno em nada mudou.

– Eu não falei nada sobre o Maurício e a Júlia, mas vocês sabiam.

– O Márcio sabia – disse Bruno. – Ele descobriu sozinho. Quase deu com a língua nos dentes quando você nos falou sobre a separação.

– Achei mesmo que ele estivesse escondendo algo.

– Ele viu o que você viu, Leandro, mas não teve coragem de te abordar e falar a respeito. Ele veio até mim e Lilian e perguntou o que deveria fazer.

– E o que vocês aconselharam?

– Lilian disse que era melhor não falar nada, que você poderia ficar com raiva dele se ele abrisse a boca, como geralmente acontece quando alguém dá uma notícia ruim e ficamos com raiva do mensageiro, e não da notícia. Você parecia amar demais a Júlia e talvez não ficasse bem quando soubesse da traição. – Fez uma pausa. – Corrigindo o que acabei de dizer, ousou dizer que você ainda a ama.

– Eu a amo.

– Certo.

– E o que você disse?

Bruno franziu o nariz antes de dizer:

– Pedi que ele dissesse a verdade.

Era de se esperar.

– Mas ele não disse – observei.

– A Lilian tem bastante influência sobre o Márcio.

– E por que você não contou?

– Porque eu não sabia se era verdade. – Revirou os olhos como se me julgasse tolo por não

saber dessa resposta. – Eu não sei se a traição aconteceu mesmo, não vi com os meus próprios olhos. A informação era do Márcio, não minha, e foi por isso que eu o incitei a contar.

– Você não sabe o que aconteceu, então.

– Não. O Márcio só disse que viu a Júlia beijando o Maurício, nada mais.

– E ele disse a verdade.

Bruno assentiu, cruzando as mãos sobre o colo.

– Eu não ia me encontrar com a Júlia nesse dia, porque ela disse que ia ficar na escola para ajudar na arrumação das salas para as reuniões de pais e mestres, a pedido de algum professor – continuei. – Eu fui para casa no final das aulas, mas a Júlia ficou na escola, portanto. Disse que ficaria até metade do período da tarde na companhia de algumas amigas, pois então começariam com as arrumações. Achei que seria uma boa surpresa ir buscá-la e, quando cheguei à escola no horário em que ela disse que a arrumação terminaria, encontrei os portões abertos, mas não a vi sair. Entrei na escola e, de longe, a vi no pátio com o Maurício. Eles estavam mesmo se beijando.

Bruno pigarreou antes de dizer:

– O Márcio também fez parte dessa organização. Me admira que ela não o tenha visto.

– A Júlia era um pouco arrogante no que dizia respeito a vocês. Ela não sabia os seus nomes e tenho certeza de que não os reconheceria na rua se os visse. Para ela, o Márcio talvez fosse apenas mais um adolescente grande demais para a própria idade, nada além disso.

– Talvez por isso ela fez o que fez. Não achava que seria vista por alguém relevante. Não devia imaginar que um amigo tão próximo seu estaria por perto. Pior que isso, não imaginava nem que você apareceria para vê-la beijar outro cara.

Balancei a cabeça em concordância mais por impulso do que por sinceridade. Quando, enfim, assimilei o que Bruno dissera, balancei avidamente a cabeça em negativa.

– Não foi isso o que aconteceu.

– E o que aconteceu, então?

– Eles estavam bêbados. – A construção da frase não estava certa, então olhei bem nos olhos de Bruno ao corrigi-la: – *Ele* a embebedou.

Pela primeira vez em eras, Bruno arregalou os olhos, expressando algum sentimento pelo que ouvira.

– Por que você acha isso?

– Percebi que eles estavam alegres demais. Júlia não ria daquele jeito na minha companhia, nunca rira, exceto quando bebia cerveja nas festas de família. Eles bebiam algo,

compartilhavam uma garrafa de água, mas não bebiam muito do seu conteúdo. Na época, não achei que esse detalhe tivesse alguma importância, mas depois do que vocês me falaram... O Maurício dividia bebida com os seus amigos e por isso foi expulso. Era exatamente isso o que ele estava fazendo com a Júlia naquele dia.

– Isso é muito sério.

– Agora eu tenho certeza. Ele a embebedou e a conquistou.

– E o que você vai fazer agora que sabe disso?

– Vou conversar com ela, é claro!

– Você sabe que há uma grande chance de você estar errado e a Júlia ter bebido por vontade própria o que quer que aquela garrafa de água continha, certo?

Sabia, mas como eu poderia viver com essa dúvida dentro de mim?

– A Júlia me odeia pelo que eu fiz e não sabe que eu quis a separação por causa do que vi. Conversar com ela sobre o que o Maurício fez poderia esclarecer as coisas e aliviar o clima ruim entre a gente.

– E então vocês poderiam voltar?

Talvez eu não fosse tão inteligente quanto Bruno, mas aquilo eu podia perceber: ele fazia aquela pergunta em tom de acusação porque queria ouvir uma resposta negativa. Não se importava se ela fosse verdadeira ou não, mas queria garantir que eu dissesse aquilo que ele esperava ouvir.

E foi o que eu disse. Acreditasse ele ou não, eu não queria voltar com a Júlia e essa *era* a verdade.

– Você precisa superar a Júlia, Leandro.

– Eu já a superei! – eu disse de volta.

– Tem certeza?

– E por que não teria? Não me arrependo de ter me separado dela. Hoje, o que eu e a Júlia tínhamos é passado e não me influencia mais. Minha vida seguiu e a dela também.

– Que bom que pensa assim.

Bruno me fitava com um olhar sério, sem sequer piscar. Engoli em seco antes de perguntar:

– Por que diz isso, Bruno?

Era a pergunta que ele queria ouvir.

– Não quero soar como um fofoqueiro, entenda bem isso. Eu me importo com você, Leandro. Você agora há pouco me disse que sou um grande amigo seu, então acho que vai ficar feliz em saber que penso o mesmo a seu respeito.

– Fico lisonjeado, mas...?

Bruno suspirou com pesar, como alguém que percebe ter chegado a um ponto da conversa do qual sabe que não conseguirá fugir.

– Você disse que a Júlia estava bonita hoje. Acha que ela só se arrumou daquele jeito porque estava interessada em alguém. Sugeriu o Maurício, mas Lilian estava certa, o Maurício já não tem mais como se aproximar da Júlia, porque foi transferido para outra escola.

– E qual é o seu ponto ao me dizer tudo isso?

– Você estava certo com as suas suposições, mas errou quando disse que o Maurício seria o atual interesse da Júlia. Não é ele. O nome do garoto é Thiago.

– *Como é que é?*

– Thiago.

– Eu entendi da primeira vez!

– Achei que não tivesse.

Mirei o chão, boquiaberto. *Thiago? Quem é Thiago?*

– Acho que essa é uma boa hora para eu ir embora – disse Bruno, ajeitando as próprias coisas. – Você tem o meu caderno. Pode copiar o que falta do texto. As explicações... As explicações eu posso oferecer depois, tanto as que são sobre a matéria quanto as que não são. Acho que você já tem o suficiente com que trabalhar.

Bruno se levantou e partiu; sabia o caminho até a saída. Seu caderno permaneceu sobre a cadeira em que ele estivera sentado, e por ali ficaria até eu o apanhar no dia seguinte. Já não tinha mais vontade de copiar texto nenhum.

Não que algum dia eu tivesse tido.

15.

Mesmo se não nos lembrássemos da festa de Márcio, ele jamais nos deixaria esquecê-la.

Foi na semana do acontecimento da festa. Márcio não era de distribuir cumprimentos aos que cruzavam seu caminho, mesmo aos amigos mais próximos, no que talvez fosse um esforço seu para não ser notado, mas, nos primeiros dias daquela semana, lá estava ele pegando todos pela mão, garotos ou garotas, e os lembrando da festa que aconteceria no próximo sábado, às oito da noite. Abordou alunos com os quais nunca tinha falado antes, tudo no intuito de garantir que até aqueles de quem ele não gostava estariam por lá.

Esse seu esforço, por si só, traria o efeito buscado, e isso era algo de que nós, seus poucos amigos, estávamos bastante convictos. Mas ele não estava. Márcio até deu uma trégua no meio da semana, quando pareceu se convencer de que tudo daria certo e que ficar nervoso por uma festa que ainda nem acontecera não era saudável, mas, no final dela, lá estava sua paranoia de novo. Voltaria a intimar seus convidados, se não tivéssemos tomado a iniciativa de segurá-lo no lugar, de bico fechado. Com isso, asseguramos que ele não assustasse os alunos com abordagens espalhafatosas e exigências que eles não esperavam ouvir, mas nem por isso evitamos que ele tratasse sua festa como o único e possível assunto em qualquer tipo de conversa.

– Sabe do que isso me lembra? – ele disse depois de Lilian discorrer uma explicação detalhada sobre o porquê de achar que o “cheiro de chuva” não devia ser encarado como um bom cheiro, como muitos faziam. – Que meus pais vão estender um toldo sobre parte do jardim. Assim, se chover, ainda teremos onde ficar.

Tínhamos ouvido sua explicação alta e clara, tão próximos dele que estávamos, mas não éramos os ouvintes que ele queria atingir. Como se fôssemos um grupo de jovens com problemas de audição, que demandava que um conceito fosse exposto em um tom de voz mais alto para que fosse entendido, Márcio repetiu sua fala com mais energia e acrescentou:

– Sim, estou falando da minha festa de aniversário que acontecerá na minha casa, nesse sábado, às oito da noite! – Não pretendia deixar claro que se dirigia a qualquer outro, com exceção de nós, enquanto gritava daquele jeito, mas suas habilidades de disfarce eram péssimas. Se queria que aquela conversa soasse casual, não devia ter olhado em volta tantas vezes, gesto que, por si só, demonstrava que sua preocupação não era conosco.

Portanto, no sábado à noite, assim como muitos outros dos nossos colegas de classe, lá estava eu me arrumando para a festa.

E eu não tinha a mínima ideia do que fazer.

Meu guarda-roupa era um tanto limitado. Além dos uniformes escolares, eu tinha roupas em quantidade suficiente para vestir em casa e ficar à vontade sem ser julgado por ninguém. Além dessas, por motivos que muitos poderiam causar estranhamento, meu guarda-roupa exibia uma exagerada variedade de casacos, em diversas cores e formas, com ou sem capuz, no que inicialmente fora um reflexo da minha personalidade reclusa de anos atrás, quando eu me sentia mais à vontade escondido em muitas camadas de roupa, mas que hoje representava a ideia mais original de presente em que Júlia conseguira pensar em todo o nosso tempo de namoro. Segundo o que ela supunha, eu gostava de usar blusões como aqueles porque apreciava o modelo da roupa. Sempre me perguntei como ela nunca percebeu por si só quais eram as reais intenções por trás da minha preferência pelos casacos, que estava em seu ápice quando nos conhecemos. Talvez toda a beleza que ela dizia ver em mim de fato ofuscasse as minhas más qualidades.

Eu já devia estar há tempo demais no banheiro, tentando fazer meu cabelo ficar bem com o *jeans* e a camiseta branca que eu escolhera para aquela noite, quando alguém começou a bater na porta.

– Já vou sair! – respondi. – Só mais um minuto e vocês vão poder fazer o estrago que quiserem com essa droga banheiro!

– *Tenha mais respeito com a sua irmã, seu grosso!*

Nem toda a água do mundo ajeitava o meu cabelo como eu queria – e, com apenas uma mão livre, eu jamais conseguiria ajeitá-lo como gostaria. Eu me sentia feio. Era em momentos como esses que eu sentia falta de ter uma namorada; namorar faz bem para a autoestima. Namorar tem a capacidade de nos lembrar de que, não importa o quão feio sejamos, aquela pessoa ainda vai querer estar do nosso lado. Além disso, uma companhia é o melhor acessório que alguém pode usar em uma festa, diante de amigos ou colegas, e isso para ambos os lados do namoro. Namorar nos torna atraentes, especialmente em uma festa cheia de solteiros.

– *Abra essa porta, Leandro!*

– Você só pode estar brincando!

– *Deixa eu te ajudar com isso!*

O que as pessoas diriam se soubessem que a minha irmã mais velha me ajudava a me arrumar para as festas que eu frequentava?

Nada, se eu não contasse para ninguém.

Abri a porta do banheiro e Marcela se jogou para dentro.

– Se cabelos molhados fossem moda hoje em dia, você estaria um gato! – ela começou dizendo. – O que estava querendo fazer?

– Pentear meu cabelo como sempre o penteei para ocasiões como essas, mas... – Balancei o braço engessado. – Os tempos já não são mais os mesmos.

– Você precisa da minha ajuda mais do que nunca. Só um instantinho!

Marcela correu para o próprio quarto e voltou com um secador. Quando aproximou o seu bocal da minha cabeça, foi com o gesso que eu o empurrei, chamando-a de louca por achar que eu deixaria que ela fizesse isso com o meu cabelo. Marcela insistiu e, dentre vários de seus argumentos falhos, principalmente aqueles que falavam sobre os benefícios do secador, citando dados científicos que não consegui entender, houve um que conseguiu me convencer:

– Depois que eu usar essa belezinha no seu cabelo, você vai poder fazer o que quiser com ele. Mesmo com *uma* mão.

Que a mágica acontecesse!

Marcela não levou muito tempo para secar o meu cabelo e levou menos ainda o organizando de um jeito novo, que eu nunca tinha tentado. O cabelo levemente erguido para um dos lados, em um penteado alto, cabia para a minha cabeça com perfeição espantosa. E uma coisa era certa:

– Eu jamais conseguiria fazer um penteado desse se não fosse por você, Marcela.

– Eu sei – ela disse, assoprando o bocal do secador como um pistoleiro assopraria o cano da sua pistola após um assassinato.

Dar o braço a torcer era algo difícil de fazer, ainda mais quando alguém se encontra nas condições em que eu me encontrava, mas essa era uma confissão que eu precisava fazer: Marcela era uma ótima irmã e eu não conseguia pensar em um mundo em que ela não existisse. Depois de fazer o meu cabelo, ela ainda me emprestou uma camisa preta, alegando que minha camiseta branca era muito básica.

– Você está solteiro agora, então não pode mais sair como um homem casado – foi o que me disse.

A tal da camisa preta, dessas que são fechadas com botões, pertencia a algum amigo dela que um dia dormiu na nossa casa depois de uma balada, esqueceu-a no quarto dela e nunca mais a pediu de volta. Eu me perguntava quão próximos esse amigo e Marcela eram, no momento em que ele teve que tirar essa camisa.

Vesti-a por cima da camisa branca, o que, por si só, mudou completamente o meu visual. Mesmo o *jeans* pareceu bem colocado quando observei o conjunto da obra. Marcela ergueu um polegar na minha direção e piscou um olho, satisfeita.

– Obrigado – eu lhe disse.

– Me agradeça depois que conseguir o número de alguém novo – ela disse ao sair.

Era bom ter uma irmã tão próxima, e isso era algo que eu percebia a cada novo dia que passava. Não me orgulhava de ter a minha separação com a Júlia como razão para a nossa aproximação, mas, se as coisas tiveram que acontecer assim, que assim fossem. Marcela era louca como só alguém que fica na internet o dia inteiro poderia ser, mas ainda assim era uma boa companhia com ótimas conversas, quando tinha a oportunidade.

E quando não tinha, outra coisa que gostava de fazer era esconder pedras aleatoriamente pela casa, na esperança de que elas nos concedessem dons.

Em nenhum momento me ocorreu perguntar a ela se havia alguma no meu quarto; talvez eu tivesse medo da resposta. Ver que Marcela fora bastante criteriosa ao esconder as pedras na cozinha me fez perceber que eu tinha uma irmã esperta o suficiente para implantar bombas em casa, sem que ninguém jamais soubesse que elas estavam por lá. Se Marcela me confirmasse que colocara pedras no meu quarto, eu seria obrigado a conviver com a realidade de ela ter explorado cada canto dele em busca do melhor ponto para escondê-las, descobrindo coisas que eu *não queria* que ela descobrisse.

Verifiquei as horas no celular. Eram oito horas agora. Ninguém costuma ser pontual em festas, e por que haveria eu de ser? Eu ainda tinha algum tempo antes de entrar no carro do meu pai e pegar carona até a casa do Márcio, logo, tinha tempo suficiente para caçar as pedras que Marcela poderia ter escondido no meu quarto e enfiá-las juntinhas na lixeira mais próxima.

Mirei no lugar mais remoto em que ela poderia ter chegado no meu quarto: a minha pilha de livros didáticos, que encobria um encontro de paredes que eu andara usando como esconderijo havia algum tempo. Ali, eu guardava aquilo que eu jamais gostaria que alguém visse. Não revistas pornôns nem nada do gênero (essas eu acessava em uma aba anônima do navegador do celular), mas algo que falaria muito mais sobre a minha natureza do que qualquer revistinha de mulher pelada falaria: um envelope recheado de folhas de caderno nas quais eu escrevera centenas de poesias que um dia eu esperava transformar em música.

Antes de procurar pela pedra, eu o apanhei. Abri-o e, com aquela primeira verificada, tentei encontrar qualquer sinal de manuseio, algum detalhe que me dissesse que mais alguém, além de mim, mexera naquele envelope. A possibilidade de Marcela ter encontrado aquelas folhas e

as lido fazia o meu peito saltar de expectativa, mas não percebi nada que denunciasse sua invasão. Talvez Marcela não tivesse encontrado aquelas folhas. Enfie a mão no encontro de paredes escondido pelos livros e não encontrei pedra nenhuma por lá, o que serviu como confirmação de que, daquela vez, Marcela não vira e continuaria pelo resto da vida sem ver as minhas composições amadoras.

Mas nem por isso desisti de procurar a pedra.

Não estava entre a minha coleção de bonecos do Dragon Ball, nem dentro do meu guarda-roupa, tampouco debaixo da cama. Levantei o pufe, explorei cada canto da minha escrivaninha e passei a mão por entre os cobertores guardados, mas nada encontrei. Havia mais opções de busca no quarto, umas que eram mais óbvias, mas algo me dizia que eu nada encontraria por lá, além do que já esperava encontrar. Talvez Marcela não fosse tão maluca quanto eu imaginava.

Voltei a verificar as horas e já haviam se passado vinte minutos depois das oito, horário suficiente para um amigo próximo chegar a uma festa sem parecer que estava ansioso demais por ela.

Corri até a minha sapateira e verifiquei as opções de calçado. Fora os tênis de marca que eu usava diariamente para ir à escola – ou seja, tênis que todos estavam acostumados a ver –, havia apenas um par de tênis esportivos pretos, que meu pai havia me comprado depois de eu tê-lo convencido de que começaria a fazer caminhada na avenida, como forma de me manter mais ativo, e um par de sapatos sociais, que minha mãe comprara para quando eu precisasse fazer entrevista de emprego em alguma empresa grande. Era engraçado que ela tivesse comprado aqueles sapatos, mas não as roupas que combinariam com eles. Talvez os tivesse encontrado em alguma liquidação.

Apanhei os tênis esportivos, que, de todos, eram aqueles de aspecto mais novo, justamente pela falta de uso, e decidi que iria calçá-los. Quando calcei o pé esquerdo, percebi que ele estava tão apertado quanto só um tênis novo, que não tivera oportunidade de ser laceado, poderia estar. Quando calcei o direito, percebi algo no seu interior que não deveria estar lá: uma pedra.

Grande como uma bolinha de gude, não restavam dúvidas de que ela fazia parte da compra da Marcela. Era de um laranja vivo, bonito de se ver, mas também tinha traços esbranquiçados que me faziam pensar em um planeta. Meu primeiro impulso foi o de segurar aquela pedra com uma mão e jogá-la pela janela com toda a minha força, demonstrando minha superioridade perante as crenças da minha irmã.

Mas ela era tão bonita...

Fechei-a no meu punho e observei o meu redor. Ao lado dos meus bonecos do Dragon Ball, ela pareceria uma grande esfera do dragão, uma sem estrela nenhuma e de coloração ligeiramente diferente. Não havia como negar, ela ficaria muito bem por ali. Deixei-a próxima ao Goku, como se fosse ele o detentor daquele imenso poder. Sorri satisfeito para a minha coleção e retomei a tarefa de calçar o pé direito do tênis.

16.

– Você vai ficar bem? – perguntou meu pai, no banco do motorista.

A nova casa de Márcio, hoje localizada em uma periferia, era um mistério por trás de seus enormes muros e portões. Se não fosse pelo barulho meio abafado de música de festa que vinha da sua direção, se passaria por um lugar vazio e abandonado, ainda que bem conservado. Ou uma casa em que seus donos iam dormir muito cedo.

Eu entendia a preocupação do meu pai. Vivendo vidas muito próximas, era de se imaginar que as minhas experiências e aquilo que me acontecia também o afetassem. Quando comecei a namorar, ao me ver feliz ele também ficou feliz. Ao saber da minha separação, ficou triste como supunha que eu também tivesse ficado. Soube por Marcela que minha mãe e ele passaram dias e dias conversando até tarde da noite sobre como eu lidaria com a solteirice. Preocupavam-se com a possibilidade de eu ficar deprimido. A pergunta que meu pai agora fazia, no entanto, indicava outro tipo de preocupação, uma que estava mais associada a como eu seguiria com a minha vida, agora que a realidade de não ter uma namorada já não tinha mais como ser evitada. Será que eu me sairia bem? Será que seria sociável? Será que afogaria as mágoas em bebida?

– Pai, eu vou ficar bem – respondi, no banco do carona. – Como eu disse, o que eu e a Júlia tivemos já não significa nada para mim. Eu...

– Eu fico feliz de saber disso, Leandro, mas eu estava me referindo ao seu braço. – Apontou-o como que para garantir que eu sabia do que ele estava falando. – Sei que o gesso o deixa bem imobilizado, mas, mesmo assim, tenha cuidado. Vai ter muita gente lá dentro, então...

Não lembro de ter me despedido dele de maneira apropriada. Fato era que o meu pai ainda estava falando da possibilidade de eu voltar a quebrar o meu dedinho caso esbarrasse em alguém quando atravessasse a rua e toquei a campainha da casa de Márcio.

– Pensei que não viria! – disse ele ao surgir.

– Porque atrasei uma hora...?

– Achei que fosse melhor do que isso! – Puxou-me para dentro e fechou o portão.

A festa acontecia no jardim de trás da casa de Márcio. Toldo nenhum fora erguido sobre ele, pois não havia previsão de chuva para aquela noite. Sobre o gramado, uma mesa comprida

fora preparada com quitutes que iam desde as coxinhas de que Márcio gostava até as porções de amêndoas que, pelo visto, ele ainda achou prudente comprar; havia comida para todos os gostos. As bebidas eram servidas na cozinha, um lugar que tinha gente demais para uma festa cujo foco estava nos arredores de uma piscina.

– Quanto chope de vinho você comprou? – perguntei a Márcio.

– Pouco.

– E o que é que tem chamado a atenção do pessoal na cozinha?

– Não é o refrigerante, é só isso o que posso dizer.

Márcio pediu licença e se retirou para atender outro chamado da campainha. Aproveitei sua ausência para me familiarizar com o local.

Sobre a piscina, foram espalhadas lanternas em invólucros de vidro, que jorravam claridades em cores diferentes, azuis, roxas e verdes, na água. O enfeite era bonito porque deixava o jardim de trás, um local fechado por muros altos como a casa em si, com um pouco mais de vida, mas também era um aviso de que, naquela noite, ninguém entraria na água. Pelo menos os mais prudentes.

Encontrei Bruno em um canto, olhando o interior de um copo plástico. Magro como era, as roupas sempre lhe pareciam maiores do que o normal, e lá estava ele em um camisa branca com uma calça de sarja. Não estava feio; na verdade, estava muito bem vestido para um *nerd* introspectivo. Mesmo com os óculos que aumentavam seus olhos drasticamente, se passaria por um garoto popular e interessante, se o seu olhar não estivesse fixado no interior de um copo descartável.

– O que você está fazendo? – perguntei ao me aproximar.

– Ah, Leandro. Boa noite.

– Acha que o refrigerante tem *mais* do que refrigerante? Sentiu algum gosto diferente?

– Não bebi refrigerante nenhum, mas não duvidaria de haver mais do que refrigerante nos copos que você encontra por aí. – Olhou de relance para a cozinha; aquele seria o próximo lugar que eu visitaria. – É só que... Olha como esse vagalume caiu dentro desse copo d'água. Ele ainda *brilha*.

Olhei para o interior do copo que ele segurava, mas tomei o cuidado de não parecer muito interessado. Longe de mim querer que as garotas me confundissem com alguém como o Bruno naquela noite.

– É só um vagalume prestes a morrer – observei.

– Eu sei, mas não é incrível como ele se parece com a iluminação que o Márcio espalhou

pela piscina? – Olhou-a com admiração, os olhos brilhando com os pontinhos luminosos neles refletidos. – Será que foi *disso aqui* que o Márcio tirou inspiração para essa decoração?

Bruno não bebia álcool em ocasião alguma, mas em eventos como aquele era normal que ele falasse como alguém que já bebera mais do que deveria. Deixei a sua companhia e me dirigi à cozinha.

Por aquela ser a casa de Márcio, era esperado que eu me sentisse à vontade, mas não foi bem isso o que aconteceu. Ao passar para dentro da cozinha, tão linda em tons pastéis, me senti invadindo um ambiente que não me pertencia, um em que eu não era bem-vindo. Havia alguns garotos e garotas por ali, perto de dez, todos conhecidos de vista, reunidos sobre o balcão como se trabalhassem em algum projeto de Ciências que exigia extrema atenção. Uma olhada rápida aceitaria essa como uma boa explicação para aquela reunião, mas, ao me aproximar, notei que o único experimento que acontecia ali era o de misturar soda com o conteúdo de uma garrafa de vidro que parecia ser água, mas que definitivamente não o era. Era vodca.

– Vocês não deviam fazer isso – falei num sussurro forçado, tentando vencer a música.

– Tem alguma ideia de receita melhor? – perguntou-me René, uma garota grande e forte. Sua pergunta não tinha tom nenhum de julgamento, mas sua postura dizia uma história diferente.

– E-Eu...

– Não estamos quebrando regra nenhuma – disse um dos moleques, Hugo, um cuja voz eu ouvia pela primeira vez em todo o tempo de ensino médio. – O Márcio sabe do que estamos fazendo.

– E-Ele sabe...?

– “*E-Ele sabe...?*” – repetiu Vanessa, a garota das canetas coloridas, usando um tom de voz jocoso para imitar a minha voz. – É claro que sabe. Fale com ele depois.

Ah, eu falaria, sim.

– Vem *pra cá!* – disse alguém ao me puxar pelo braço bom, retirando-me da cozinha à força. – Você não vai querer estar por perto quando aquela bomba explodir.

A voz me era conhecida, mas ela não combinava com a garota de quem ela vinha. Baixinha, com os cabelos escorridos, usando um vestido não muito provocante, mas mostrando mais pele do que eu esperava ver, aquela garota me parecia familiar, embora eu não soubesse dizer por quê. Lilian, com toda sua esperteza, notou com rapidez a minha confusão e se apressou em evitar que ela se prolongasse.

– Sou *eu*! – disse. – Só porque estou sem óculos você não foi capaz de me reconhecer?

– Por isso e pelas escolhas de roupa. – Perguntei-me qual fora a última vez em que eu vira a cor dos pés de Lilian em todo o nosso tempo de amizade. Em nossa viagem para a praia? Já não me lembrava. Acontecera havia tanto tempo que aqueles pés calçados em salto alto pareciam completamente novos para mim. – Achei que não gostasse de festas desse tipo.

– É o seu jeito de me dizer que estou bonita?

– Estou chocado demais para conseguir dizer algo do tipo.

– Não é só porque não gosto de festas com gente *popular* que vou aparecer vestida com o que tenho de pior.

– Mas não foi por isso que escolheu essas roupas, foi?

Lilian ficou sem palavras.

Olhei ao redor, observando todos e cada um em suas próprias escolhas de arrumação para aquela noite. Poucos eram os que faziam feio, e Lilian estava tão bem quanto eles, como se fosse parte do que eles eram. Nem parecia a amiga esquisita com a qual eu gastava o meu tempo todos os dias na escola e depois dela.

– Suas roupas pretas foram jogadas no lixo? – perguntei.

– Tenho todas elas guardadas em um lugar especial no meu guarda-roupa. Por quê?

– Então está querendo se enturmar.

Lilian não concordou. Tampouco discordou.

– Espera aí... – Apertei os olhos na sua direção. – Você... Você está a fim *de alguém*?

Lilian estava prestes a dizer que não, mas seu olhar me atravessou, indo em direção à cozinha, antes de dizer isso. Fui rápido o suficiente para perceber onde miravam antes de ela, enfim, desviá-los e dizer:

– Não.

– Você...? A *René*?

– *É claro que não!* – disse ela, me puxando para o jardim, onde a música era mais alta e onde qualquer tipo de conversa podia acontecer aos gritos, sem que ninguém, além dos envolvidos, pudesse ouvi-la. – Não podia ter sido menos óbvio da sua parte pensar isso!

– Então é a Vanessa.

A pele pálida de Lilian ficou vermelha, o que contrastou com o azul do seu vestido. Em seguida, ficou vermelho tingido de verde. Depois, vermelho tingido de azul e, por último, vermelho tingido de roxo; Márcio providenciara iluminação de balada – uma *bem* mais barata – para a festa.

– É engraçado você escolhê-la como seu interesse nessa noite, porque ainda há pouco ela estava debochando de mim por eu achar que eles não deveriam misturar vodka com a soda.

– Você é mesmo muito tapado para achar que é de hoje que eu tenho ficado de olho nela.

– Eu ainda estou surpreso. – Sacudi a cabeça para esclarecer as ideias. – E você acha que ela também curte garotas?

– Não só acho, como tenho certeza. Até poderia te explicar como, mas não vale o esforço. – Deu de ombros e assumiu uma expressão desolada, desistente. – Ela nunca vai me notar.

– Ela vai, principalmente por causa desse vestido azul celeste. Se a sua intenção era chamar atenção nessa noite, você fez a escolha certa.

Lilian me encarou com seriedade por alguns instantes, o que me fez pensar que eu a tinha ofendido de alguma forma, mas ela logo acabou sorrindo, afastando os cabelos para trás das orelhas.

– Obrigada.

– De nada. – Olhei ao redor e vi Marcos se agarrando à parede e respirando rápido, como se estivesse sem fôlego. – Antes de eu ir até lá para ajudá-lo com o seu ataque de pânico, me responda uma coisa: sem óculos, você consegue enxergar alguma coisa?

– É como se a vida tivesse se tornado uma grande pintura abstrata. Agora vai lá!

Distribuí alguns cumprimentos a garotos com quem eu nunca tinha falado antes em meu caminho até Márcio. Quando o alcancei, segurei-lhe os ombros e indaguei:

– Mas que droga está acontecendo com você?!

– Ela chegou, Leandro.

– *Quem* chegou?!

Seu dedo apontou uma direção, e foi para ela que olhei.

Carol estava estonteante. Vestida com uma calça preta, que começava acima da cintura, e uma blusinha curta, que quase não cobria nada, Carol estava vestida para matar. Os cabelos continuavam em sua arrumação pouco inspirada, mas, com sua escolha de roupas, eles *serviam*. Mesmo Lilian em sua fantasia de garota comum ficava ofuscada com a sua presença. Carol era do tipo de garota que ficava bonita sem se esforçar muito.

Portanto, era natural que Márcio agisse como se o fim do mundo tivesse chegado.

– Jamais vou conseguir conversar com ela – ele repetia já havia algum tempo.

– Você vai – eu disse, mas Márcio não pareceu me ouvir. Acertei-lhe um tapa fraco no rosto. – Você *vai*! Ela se vestiu desse jeito porque quer ser notada, então você vai, sim, até ela e vai agradecê-la por ter vindo. Em seguida, vai dizer como ela está bonita.

Afinal, ela estava *mesmo*.

– Mas antes eu preciso voltar...

– Voltar para onde?

– Para fechar o portão, porque...

– Você abriu o portão para ela e *fugiu*?

– Você faria o mesmo se estivesse no meu lugar!

Márcio era mesmo um garoto *bem* peculiar.

Retornei à cozinha quando o movimento por lá havia diminuído, acontecimento que poderia ou não estar atrelado à troca de música da festa, que deixara de ser um pop das rádios e migrara para um funk carioca mais conhecido, que colocou todo mundo para dançar. Abri a geladeira e procurei qualquer garrafa de refrigerante que parecesse intocada. Em qualquer outra noite, eu teria me juntado aos garotos e garotas bebedores com grande prazer, com direito a receitas muito mais elaboradas do que a clássica mistura de soda com vodca, mas havia muito acontecendo e eu me sentia na obrigação de manter a sanidade. Bruno precisaria de companhia em breve e Lilian precisaria da minha ajuda com a sua conquista. Márcio estava enlouquecendo e precisava de alguém que constantemente colocasse os seus pés no chão. Beber e ficar alegre só me tornaria um inútil nesse cenário.

Além do mais, meu dedinho estava ruim e, bem, eu tinha que concordar com o meu pai: não seria uma boa ideia piorar as coisas para ele em uma queda de bêbado.

Apoiado no balcão, eu já bebera metade do meu copo enquanto balançava a cabeça no ritmo da música; beber refrigerante não era tão empolgante quanto beber vodca, porque não fazia efeito nenhum. No final, era como se eu estivesse molhando a garganta sem nenhum propósito. Ainda assim, servia como distração, e tão distraído eu estava que dei um salto espantado quando percebi Lilian, Márcio e Bruno adentrarem a cozinha com passos apressados.

– Oh, aí está você! – disse Lilian com falsa surpresa.

– O que está acontecendo? – perguntei de imediato.

– Uma grande festa, você não vê?

Márcio suava em bicas. O silêncio de Bruno era suspeito.

– Algo está acontecendo...

– A Carol está linda! – disse Márcio depois do que me pareceu uma cotovelada desferida por Lilian em seu quadril. – Linda como jamais estive! Por que não ficamos por aqui e combinamos o que eu deveria falar para ela...?

– Me deem licença.

Forcei passagem por entre Lilian e Márcio, visando a saída para o jardim de trás. Pouco antes de chegar ao meu destino, ouvi Bruno dizer:

– Talvez você veja o que não quer ver!

E Bruno estava parcialmente correto quanto a isso.

Parada no centro da pista de dança, estava Júlia, recebendo olhares como se fosse algum tipo de personalidade que muitos conheciam, mas da qual poucos haviam estado tão próximos. Seu corpo reluzia. Em um vestido curto e cintilante, negro como a noite, Júlia mantinha as mãos unidas em frente ao ventre como se tentasse ocupar o mínimo de espaço possível; era uma garota esguia e, se essa era a sua vontade, não estava tão distante de realizá-la. Os cabelos, por sua vez, pareciam querer tocar o céu de tão altos, arranjados em um modelo tradicional demais para alguém da sua idade e mais conhecido por cantoras inglesas com seus gostos peculiares. Mas por mais destoante que estivesse entre todas as garotas, Júlia estava linda.

Júlia estava linda como se eu nunca a tivesse visto antes.

Eu estava de queixo caído. Literalmente. A música que tocava, um funk carioca que falava sobre beleza feminina, servia como trilha sonora perfeita para a ocasião. Júlia não dançava, mas, mesmo parada, ilustrava a música como se a composição fosse baseada no seu ser. Espaço fora aberto ao seu redor, enquanto todos a admiravam em silêncio, embasbacados com tamanha beleza. Nunca antes uma garota fora capaz de provocar tamanha reação, não sem muito esforço ou sem cobrá-la, mas aquela era a Júlia, em toda a sua imponência que, um dia, me fisgara e me fizera amá-la como até hoje eu ainda amava.

Engoli em seco antes de dizer:

– Era isso o que vocês não queriam que eu visse?

Em algum momento da minha contemplação, Lilian, Bruno e Márcio surgiram ao meu redor. Bruno e Lilian estavam apoiados em mim. Márcio tinha a respiração desregulada em algum lugar ao meu lado. A pergunta permaneceu a nos envolver por algum tempo, antes que o primeiro deles, Bruno, tivesse coragem de respondê-la:

– Na verdade, não.

Mirei-o com estranheza. Se não era Júlia o problema, então o que era?

Como se respondesse também a essa pergunta, Bruno apontou um dedo à frente.

A beleza de Carol podia ser ofuscante, mas não como a de Júlia. Tanto tempo eu passara a observando que não prestara atenção no que havia ao seu redor – para ser mais preciso, no que estava *ao seu lado*.

O garoto surgiu como que vindo das sombras, oferecendo a mão para Júlia e recebendo a dela como resposta. Era alto, mas não parecia tão especial. Não em aparência. Estava vestido como qualquer outro garoto – até como a mim –, então jamais se destacaria pelo que era. Naquela noite, ele se destacava por conta da sua companhia, e parecia bastante consciente disso.

De mãos dadas, no centro da pista de dança, era como se fossem um casal modelo. Será que Marcela discordaria de mim se os vissem agora, dizendo que ainda preferia Júlia ao meu lado do que ao lado daquele estranho? Será que algum dia ela ou qualquer outra pessoa poderia imaginar que Júlia formaria um casal tão perfeito com outro garoto, que não eu? Claro que agora que os viam acontecer diriam que não conheciam casal mais belo, mas e antes de esse garoto aparecer com uma versão tão melhorada da Júlia, será que a escola nos olhava juntos e imaginava que um dia eu estaria ali, à distância, contemplando-a embasbacado enquanto outro garoto detinha o seu coração? Será?

– Quem é aquele garoto? – perguntei quando o casal nos deu as costas.

– Thiago – veio a resposta que eu já conhecia, mas não da boca que eu esperava. Lilian a concedera.

Prova de que, na minha vida, eu continuava sendo o último a saber das coisas. Afinal, todos sabiam quem era o tal do Thiago.

Menos eu.

17.

Enfiei vodca em um copo de soda e voltei à pista de dança.

O funk carioca agora me irritava. Como poderiam gostar de um gênero musical como aquele? Era como se todas as músicas fossem construídas nos mesmos moldes, com as mesmas exigências, como se compor um funk diferente do outro não fosse uma opção, como se o seu sucesso dependesse dessas semelhanças. Como que em resposta aos meus julgamentos, logo trocaram o funk por uma dessas músicas eletrônicas, cuja duração parece uma repetição constante de um conjunto de três notas musicais. Quando uma música terminava e a outra começava, nem parecia haver uma transição, de tão semelhantes que eram. Será que não havia mais música boa no mundo?

Eu bebia do meu copo com cautela, saboreando-o. Não era o tipo de coisa que eu estava acostumado a fazer, mas algo necessário para a ocasião. A vodca era barata e deixava um gosto forte na boca, e nem toda a soda misturada a ela conseguia aliviar a sua essência. Cada gole era uma careta diferente. Enquanto me forçava a finalizar o copo, eu me perguntava como alguém poderia gostar daquela bebida. *Ninguém gosta*, disse a minha mente em resposta. *As pessoas só bebem pelo efeito que ela proporciona.*

Que fosse por isso, então. A festa mal tinha começado e eu não via a hora de ela acabar. Se a vodca me ajudasse com isso, acho que eu poderia acatá-la como companhia por enquanto.

– Acha que o Márcio vai liberar a piscina para a gente nadar? – perguntou-me Bruno, surgido do nada. – Bem, eu meio que vim contando com isso, trouxe roupa de banho e tudo, mas não sei se deveria pular na água com aquelas lanternas por lá. Tenho medo de quebrar alguma coisa.

Olhei de relance para a piscina. Cruzei os braços. Como Bruno podia considerar a ideia de pular na água em uma noite como aquela? A temperatura nem estava favorável, o vento fazia parecer que estava muito mais frio do que realmente estava. Eu não parava de sentir arrepios nos braços, mesmo no que estava enfaixado e muito bem escondido. Entrar na piscina era a última coisa que eu gostaria de fazer naquela festa.

Não que eu tivesse escolha.

– Veja com ele – foi o que respondi. – Quem sabe ele não joga aqueles enfeites no lixo para que você possa se deleitar com um bom banho de piscina?

Não foi o que eu disse, mas *a maneira* como eu disse que fez com que Bruno fitasse o chão e desistisse de continuar com aquela conversa. Ouvi-o murmurar um “OK” antes de girar nos calcanhares e caminhar na outra direção. Vi-o apanhar uma porção de amêndoas e se sentar em uma das muitas cadeiras disponíveis no jardim.

Inspirei fundo e soltei todo o ar em algo muito semelhante a um bocejo. A bebida do meu copo, em seu final, estava com um gosto miserável que me fazia querer jogá-la fora. Uma parte muito insana do meu cérebro, no entanto, me obrigava a continuá-la até que não restasse gota nenhuma a ser bebida, como que para valorizar o esforço e o dinheiro gastos por Márcio naquela festa. Outra parte também me dizia que nada daquilo era problema meu e que eu, como convidado, poderia fazer o que bem entendesse.

Joguei o copo no lixo e me dirigi à mesa de comida.

As esfirras estavam com a massa dura como a de uma bolacha recheada. O quibe não parecia ter gosto nenhum. Os amendoins eram salgados demais para o meu gosto e os pêssegos em caldas tinham gosto de comida estragada. Nada ali me apetecia, mas eu precisava tirar aquele gosto amargo da minha boca, então a bolinha de queijo teria que servir. Receitas que vão queijo são sempre certeza de darem certo, e me apeguei a essa esperança, mas aquela bolinha de queijo estava fria. Enquanto mastigava, sentia como se estivesse saboreando uma grande bolota de massa. Apanhei um guardanapo e pus tudo para fora. Se não havia modo de derrotar aquela sensação, eu teria que me aliar a ela.

Que viesse mais vodca!

Como em uma repetição de um passado não muito distante, à porta da cozinha, alguém me puxou pelo braço saudável.

– O que é dessa vez? – perguntei a Lilian, convicto de que era ela quem me importunava.

– Achei que você fosse me ajudar com o lance da Vanessa.

Olhei-a com desgosto, e engolir em seco só fez com que o esgar no meu rosto se acentuasse.

– É sério que você quer que eu te ajude a brincar de romance *hoje*? – perguntei.

– É o que amigos fazem.

– Tenho coisas mais importantes com as quais gastar a minha noite, Lilian.

– Isso soou um tanto rude da sua parte.

Lilian não precisava me dizer isso, porque eu já sabia. Ao mesmo tempo, a sensação de se impor e de não se deixar influenciar pela vontade alheia era *tão boa*...

– Então terá que lidar com isso. – Sacudi o meu braço e me retirei daquela conversa,

deixando Lilian ali, à porta da cozinha. Não que ela tivesse ficado por perto por muito tempo.

Abri a geladeira em busca da vodca e não me surpreendi por não ter encontrado nenhuma. Só me restou rir da minha própria má sorte. Eu já devia ter imaginado que a bebida não duraria muito tempo, havendo tantos beberrões em uma festa tão pequena. Além disso, se eu queria beber tanto quanto eles, devia ter começado quando eles começaram. Bastava olhar para o jardim para perceber que muitos já estavam alegres o bastante para conseguir curtir aquela festa sem muito esforço. Sorte a deles.

Desviei o olhar da Júlia toda vez em que ela surgiu em meu campo de visão. Parei o olhar na Carol, com atenção redobrada, quando a vi levar uma lata de chope de vinho aos lábios.

Onde é que eu tinha visto a caixa de bebida? Se estivesse correto sobre as minhas recordações, pouco antes de ser atropelado, Márcio tinha me perguntado algo sobre disfarçar as latas de chope de vinho, escondendo-as no meio dos refrigerantes. Em uma caixa de bebidas. Mas será que eu tinha visto alguma?

Embaixo da mesa. Puxei-a para perto e vasculhei o gelo em meio às garrafas de refrigerante. Sorri quando encontrei o chope de vinho.

Puxei o lacre e levei a lata à altura do nariz. Aquela seria a primeira vez que eu tomaria chope de vinho na minha vida, e qualquer erro cometido durante a sua degustação poderia fazer com que eu o odiasse. Fechei os olhos e levei a lata à boca.

– Onde você conseguiu uma dessas?

Abri os olhos. Thiago estava ali, do outro lado da mesa, olhando-me com expectativa. De perto, parecia ainda menos majestoso do que parecera inicialmente. Será que era porque estava longe da Júlia?

Thiago não era mais do que um garoto alto e magricela, branquelo como alguém que nunca vira sol na vida, desses garotos que têm muitas pintas na cara. Os cabelos eram lisos e estavam organizados em um penteado simples, em que boa parte deles estava jogada para um lado e a outra, organizada do outro lado da cabeça. Parecia um grande mauricinho, desses que entregam boletins com notas azuis nas mãos dos pais, esperando receber um cafuné como recompensa. Até o seu olhar questionador carregava a inocência típica de um garoto que só crescera em tamanho.

– Por que a pergunta? – perguntei.

– Cansei de beber Coca Cola.

Encarei-o em silêncio, como se, da minha parte, aquela conversa já tivesse terminado, oferecendo-lhe a oportunidade de sair.

– E então? – ele tornou a perguntar.

Chutei a caixa de bebidas e me afastei.

Bebi o primeiro gole do chope de vinho. Não é de se admirar que eu não tenha gostado do sabor. Minha garganta já estava bem amarga e aquela bebida não ajudava com isso.

– Obrigado – disse o garoto, empurrando a caixa para debaixo da mesa. Abriu o lacre da lata e se encaminhou para a saída. – Você fez a minha noite.

Sorri com desgosto.

– Achei que fosse para a Júlia – ouvi minha voz dizer.

Thiago parou no lugar e se voltou para mim.

– Você a conhece, então.

– Eu e todo mundo dessa festa.

– Mas de onde *você* a conhece?

– De onde mais seria? Somos da mesma sala.

Thiago assentiu, abrindo a boca como se dissesse “Ah...”.

– Eu devia ter imaginado.

– E você, de onde a conhece?

Thiago colocou uma mão no bolso, encostou-se na mesa, bebeu um gole do chope de vinho e disse:

– Da escola, também.

– Nunca te vi antes.

– Sou novo. Comecei a estudar lá há algumas semanas.

– E como vocês se conheceram?

– Me desculpa, qual é o seu nome, mesmo?

Já não era sem tempo.

– Leandro.

– Sou o Thiago – disse ele e ofereceu a mão. Por educação, eu a apertei. – Prazer.

– Claro.

– Hum... – Ele parecia um pouco desconcertado. Por mais que tivesse se apoiado na mesa, como se estivesse à vontade, dava para ver que não estava. Mas eu não me importava. – Bem, a Júlia é uma garota linda.

– Sim, ela é.

– E hoje, especificamente, ela está *sensacional!*

Concordei com a cabeça.

– Que garoto não perderia a cabeça por ela? – ele quis saber.

E eu dei de ombros, como se não conseguisse pensar em uma resposta óbvia para aquela questão.

– Talvez um garoto que não curta garotas, não é mesmo? – ele disse em tom de piada, e se pôs a gargalhar, o que me fez sentir na obrigação de, no mínimo, rir também. – Quando uma garota dessas aparece na sua frente, tão disposta a ter algo com você, você que não vai ser o louco de negá-la, não é mesmo?

– Foi na escola, então.

– É claro que foi. A sala dela... a *sua* sala... fica à distância de cinco salas da minha.

– Mas nem toda a distância evitou que vocês um dia se conhecessem.

– Quando algo é para acontecer, ele simplesmente acontece.

– Como o amor.

– É, como o amor.

Aproveitamos a pausa na conversa para beber um gole de nossas bebidas.

– Eu nunca tinha bebido chope de vinho antes – disse ele após um suspiro.

– Nem eu. – Ergui o braço engessado, de modo que o garoto o notasse. – E ganhei esse presentinho por causa dele.

– Você está brincando?

– O dono da festa pode confirmar.

– Eu adoraria saber mais sobre essa história. – E, a julgar pelo brilho de emoção que encheu seu olhar ao pensar na possibilidade de ouvir a fascinante história por trás do meu dedinho quebrado, eu não duvidava de que, de fato, ele adoraria escutá-la.

– Muitas pessoas torceriam o nariz para um relato como esse.

– Eu acredito que é preciso um pouco de frieza para que consigamos viver essa vida, senão qualquer coisa nos abala. Já é bastante difícil viver, e viver com medos, traumas ou qualquer outra coisa que sirva de barreira só torna tudo ainda pior.

– Você tem razão.

– Eu sei que tenho.

– Mas não quero falar sobre isso agora. – E nem poderia. Eu estava enjoado. O chope de vinho começava a levar a minha cabeça às alturas e falar frases compridas, principalmente as que comporiam uma grande e chocante história, me parecia algo que requereria muito esforço. Thiago teria que continuar curioso. – Essa é a festa de aniversário do meu melhor amigo, e eu não quero que um dos seus convidados saia daqui chocado com uma história medíocre sobre

um dedinho quebrado.

– Foi o dedinho, então?

– Foi. – De novo, aquele olhar malicioso. Já era hora de concluir aquela conversa. – Pode me fazer um favor? Não volte a pegar mais chope de vinho. Meu amigo, o aniversariante, o comprou para alguém especial, então...

– Não precisa dizer mais nada! – deu-me um tapinha amigável nas costas e se retirou. – Foi um prazer conversar com você, Leandro.

Eu já não podia dizer o mesmo.

Eu não queria dançar. Não queria chope de vinho. Não queria fazer parte do plano de Bruno, de entrar na piscina assim que possível. Eu basicamente não queria nada do que aquela festinha tinha para oferecer, mas ainda assim precisava estar por perto, porque era importante para o Márcio.

E mais de uma vez ele me procurou para me perguntar o que eu estava achando da festa.

– Está ótima – eu respondia. – Você fez um ótimo trabalho.

Podia ter sido dito da boca para fora, mas Márcio não se importava, desde que ouvisse o que queria ouvir. Não que a sua festa estivesse ruim; pelo nível de diversão que eu observava nos convidados, percebia-se que a festa *estava* boa. Se fingiam o divertimento, eram muito bons com isso. Se eu estava sentado na sala de estar da casa de Márcio agora, engolido pela escuridão e pela solidão, não era culpa da qualidade da festa, portanto, mas por minha causa.

Eu queria isolamento, e a sala de estar não era o tipo de lugar que chamava a atenção dos jovens adolescentes com sede de diversão – não *ainda*. Os que queriam chamar um pouco de atenção para si estavam todos lá no jardim, dançando na pista de dança improvisada, divertindo-se com as músicas escolhidas por Márcio. Mesmo Lilian estava por lá, ela e o seu corpo desengonçado, que nunca aprendera a dançar. Dava o seu melhor para se sentir integrada. Era quase como se tivéssemos invertido os papéis.

Um sofá de três lugares ocupado por uma única pessoa pode ser uma opção mais confortável para alguém que não quer fazer mais do que sobreviver, mas é claro que as coisas poderiam melhorar. Convenientemente, o canto em que eu agora me instalara era aquele em que o sinal de Wi-Fi da casa estava mais intenso, o que abria para mim um grande leque de oportunidades para aquela noite. Comecei pela mais óbvia: o *Facebook*.

Foi quando percebi alguém entrar na sala. Precisei apertar os olhos para perceber que não era só alguém, mas *dois* alguém.

– Ei, ei, ei! – eu disse. A garota estava enroscada no garoto de um jeito que, na escuridão, era pouco compreensível, mas eu não precisava ver mais para entender o que acontecia. – Vão se pegar em outro lugar! Essa é uma casa de família!

Fossem quem fossem aquelas duas pessoas – para a minha sorte, nenhum amigo próximo –, elas olharam torto para mim e se puseram para fora da sala de estar. Não me fora uma surpresa vê-los ali, buscando um canto mais reservado, onde pudessem ter um pouco mais de privacidade. O que me surpreendia era que ninguém tivesse surgido antes.

Enjoado do *Facebook*, abri um joguinho de celular, desses que envolvem batalhas *online*, perigosos demais para mentes vazias como a minha, tão suscetível a vícios bobos. Encontrei um oponente e comecei a batalha. Apesar de já passar da meia noite, horário em que, em um dia comum, eu já estaria me preparando para ir dormir, meu desempenho estava muito bom. Eu tinha tudo do que precisava para vencer aquela batalha e ganhar experiência suficiente para subir para o próximo *level*.

Até que outro alguém entrou na sala.

Era uma garota em um vestido. Mais do que o sinal de Wi-Fi, seria conveniente que aquela garota fosse a Júlia. Eu já devia ter previsto que esse clímax, em breve, chegaria; estávamos na mesma festa, limitados a poucos acessos, logo, era de se esperar que em breve nos depararíamos frente a frente. E não havia como ela fingir que não me vira; se virasse as costas e saísse andando como se tivesse ido parar no lugar errado, deixaria claro que a minha presença a incomodava, e Júlia era orgulhosa demais para se permitir transmitir uma mensagem assim, sem que ela mesma a tivesse dito.

Quando começou a caminhar na minha direção, tão cheia de si que nem parecia intimidada pela minha presença, eu me ajeitei no sofá, como que para mostrar que eu estava numa boa, apesar da escolha de esconderijo. Quando ela se jogou ao meu lado no sofá, foi que percebi que a garota era a Lilian, e não a Júlia.

– Você parece *péssimo* – ela começou dizendo, o rosto contorcido em uma careta de nojo. Sacudiu a cabeça e se recompôs. – Quer dizer, bem, acho que esse não é um bom jeito de começar uma conversa. Sinto muito.

Os sons do meu jogo avisavam que era a minha vez de jogar, e o seu contador indicava que eu estava bem próximo de perdê-la.

– Acho que bebi mais do que devia – Lilian prosseguiu. – E nunca bebi antes. Sempre fui contra essas coisas, mas, não vou mentir, até que ajuda. Fiquei corajosa. – Levou os dedos aos lábios e riu antes de dizer: – E fiz o que queria fazer.

Eu sabia do que ela estava falando, mas não estava interessado em fazer parte daquela conversa; pensava no meu jogo. Mas Lilian exibia uma alegria tão sincera e contagiante que eu não conseguia parar de olhá-la. Observando-a, eu esperava poder ser contaminado por aquela sensação também. Já estávamos ali havia um minuto e pouco, no entanto, e nada tinha acontecido.

– Ela... – Lilian continuou. – Ela disse algo sobre eu beijar bem, mas... E-Eu nunca tinha beijado antes, você acha que isso é possível? Digo, eu beijar bem, mesmo sem nunca ter beijado?

Dei de ombros. Se fosse para expressar a minha opinião, eu a lembraria de que a Vanessa estava tão bêbada quanto ela e que, portanto, veria beleza em um beijo mesmo que ele fosse terrível. Mas mantive os lábios selados.

– Eu estive pensando em uma coisa. – Lilian jogou os cabelos para trás da orelha. Como eu nunca tinha reparado que as suas orelhas eram tão grandes? – Eu me pergunto se ela sabe quem sou eu. – Meu olhar transmitiu confusão, e Lilian continuou: – É claro que ela sabe quem é a Liliane, afinal, ela precisaria ser muito tapada para não ter me notado antes, já que dividimos a mesma sala de aula há bons três anos. Estou falando sobre ela saber quem eu sou *agora*. – Apontou para o próprio corpo. – Você, sóbrio como estava quando chegou aqui, não sabia quem eu era. Será que ela também não sabe? – Apontou na direção da porta, como se apontasse o caminho para o jardim de trás. – Na pista de dança, há muito mais gente do que o Márcio convidou. Ela pode achar que sou uma das penetras. – Fitou o chão ao dizer: – Fico me perguntando se ela teria me beijado se soubesse quem sou eu.

Provavelmente não, era a resposta que eu tinha guardada. E não porque Lilian era alguém próximo dela, o que poderia lhe significar uma ameaça ao segredo que ela aparentava guardar, mas porque eram poucos aqueles que a achavam atraente. Lilian era uma garota mirrada, que a todo momento parecia prestes a cavar um buraco no chão para se esconder do mundo. Além do mais, toda aquela bagagem com a qual ela caminhava na escola... Lilian era esquisita. Vanessa, no alto de sua autoestima, talvez preferisse uma garota mais segura de si, alguém diferente do que via Lilian ser.

– Caso a resposta para essa pergunta seja não – disse Lilian –, acho que estou disposta a ser o que ela prefere que eu seja.

– Como assim?

– Bem, ela gostou do que viu aqui. Gostou desse visual, gostou da minha aproximação e da personalidade que eu mostrei a ela. Isso que ela viu não é o que sou diariamente. E se eu

passasse a *ser* essa pessoa? – Diante do meu olhar de julgamento, apressou-se a dizer: – Não o tempo todo, é claro que não. Acho que eu não conseguiria. Digo, *fora* da escola. Trocamos números de celular. Ela não perguntou o meu nome, então eu posso inventar um. E quando voltarmos a nos encontrar, ela terá o que quer, e não aquela garota estranha que divide sala com ela todos os dias.

– Quantos copos de bebida você bebeu mesmo?

– Dois.

Lilian não bebera o suficiente para fazer considerações como aquelas e levá-las a sério como se não houvesse nada de errado, mas falava como se fosse essa a situação. Estava praticamente sóbria enquanto fazia seus planos absurdos.

– E-Eu vou me retirar – disse ela, batendo de leve na minha perna. – Não devo estar com a cabeça no lugar e essa conversa deve estar te chateando.

– Não.

– Não estou te chateando?

– Não, você *não está* com a cabeça em outro lugar, você está sóbria! E espero que seja capaz de perceber sozinha, agora ou em breve, que tudo o que acabou de me dizer é a mais pura besteira!

Lilian me voltou aquele olhar surpreso, de alguém que não ouvira o que esperava ouvir. Afastou a mão da minha perna, se levantou e se retirou em silêncio.

Algo em mim naquela noite fazia com que as pessoas se retirassem assim depois de uma conversa comigo. Ou estavam todos muito sensíveis às verdades, ou eu que não estava sendo o que eles esperavam que eu fosse.

Retomei o jogo que, na prática, já tinha o seu resultado definido. Conseguia imaginar o outro jogador já comemorando a sua vitória, ainda que obtida por uma desistência parcial da minha parte. Mas vitória é vitória, não importa a procedência. Quando aquela partida terminasse, ele ganharia a maior parte da experiência e do dinheiro, e eu ganharia um prêmio de consolação mínimo.

Como se qualquer consolação pudesse resolver o meu problema.

E meus amigos até tentaram me fazer sentir bem, cada um à sua maneira, fosse fazendo de conta que o problema não existia ou forçando uma conversa sobre ele. Nenhum deles fora bem sucedido, o que era irônico, porque se nenhuma das suas tentativas levara ao sucesso, o que levaria?

Já havia algum tempo desde que eu tomara o chope de vinho, e, a julgar pela quantidade de

água que eu bebera até então, o álcool já não devia ter mais influência sobre mim. Vendo as coisas com mais clareza, eu percebia que não houvera momento durante aquela festa em que eu não fora um grande babaca com aqueles que se importavam comigo. Lilian precisara da minha ajuda e eu não a concedera. Bruno só queria conversar com alguém próximo, o que o ajudaria a perdurar um evento social que tanto o deixava desconfortável, enquanto Márcio só queria um pouco de atenção em uma comemoração que lhe era tão importante. E eu não pudera fazer nenhuma das coisas.

Já não podia jogar a culpa no namoro, mas também não podia dizer que Júlia não tinha culpa nisso. Pensar nela me desanimava a ponto de eu só querer me afundar naquele sofá e nunca mais sair dele. Se tivesse pensado na possibilidade de ela aparecer naquela festa, talvez eu nem tivesse aparecido, nem por todos os pedidos do mundo. Mas o pensamento nunca me ocorreu. E como eu poderia prever que Júlia apareceria, depois de tudo o que tivemos?

Começa a se esquecer de como ela é?, minha consciência rebateu. *A Júlia não sabe que o Márcio é o seu melhor amigo, nunca soube. Além do mais, ela nunca foi de negar convites para festas, você sabe disso.*

Fazia sentido.

E tem mais: se ela está tão feliz com aquele garoto, o Thiago, quanto parece estar, era de se esperar que ela quisesse aparecer com ele em uma festa tão movimentada quanto essa para, enfim, mostrar que está de namorado novo. Tem certeza de que não considerava esse final um tanto previsível?

Não, porque eu nunca imaginei que o tal do Thiago fosse o novo *namorado* dela, mas apenas um *contato*. É claro que a minha inocência não me permitira pensar com lógica. Esse era eu.

Quando Lilian retornou, eu já sabia o que fazer.

– Eu sinto muito! – falei, colocando-me de pé. – De verdade!

Em um segundo, eu estranhava o fato de a Lilian ter parado à porta, como se não soubesse quem eu era e, de fato, tivesse se assustado com a constatação de que havia mais alguém naquela sala. No outro, percebi que a Lilian era, na verdade, a Júlia.

– Pelo que exatamente? – ela me perguntou. Na escuridão, sua expressão me era um mistério.

Não se intimidou com a minha presença e prosseguiu com o seu avanço para dentro da sala de estar. Jogou-se no outro sofá disponível, curvando-se sobre a tela de um celular, dedilhando-a com uma força que me permitia ouvir o barulho que suas unhas faziam ao atingi-

la. Quando terminou de escrever, ergueu o celular na frente do rosto, como que para ler melhor o que escrevera. Ergueu-o ainda mais, acima da cabeça, e então percebi que a sua vontade era outra.

– Não consigo pegar sinal de celular nesse fim de mundo – ela disse mais para si do que para mim. – Sabe qual é a senha do Wi-Fi? – perguntou, falando mais alto dessa vez.

– “cabidevelho”. Tudo junto e em letra minúscula.

Júlia não agradeceu a informação, mas usou-a. Na escuridão da sala, pude ouvir seu celular vibrar furiosamente quando as mensagens começaram a chegar. Júlia selecionou a conversa que lhe interessava e segurou o botão para lhe enviar um áudio.

– Está tudo bem por aqui, não precisa se preocupar – falava quase que num sussurro. – Está melhor do que eu imaginava. Vou de carona para casa. – Talvez falasse com a mãe. – E quanto ao Thiago... – Fez uma pausa demorada demais para um áudio comum. Excluiu-o e começou de novo, limitando-se a mencionar que iria embora de carona.

Jogou o celular para o lado, espreguiçou-se no lugar, esticando bem os braços, e expirou demoradamente. Quando procurou o celular, não o encontrou.

– Vai ficar aí parado sem fazer nada? – disse-me.

Ativei a função lanterna do meu celular. Com a luz, Júlia encontrou o celular sem nenhuma dificuldade – e o encontraria da mesma forma, se tivesse se dedicado um pouco mais na busca. Enfiou-o no decote, levantou-se e fez um aceno de despedida que eu encarei como um agradecimento.

– Vi que você seguiu em frente – falei, sem conseguir me conter.

Júlia girou nos calcanhares.

– O que quer dizer com isso?

– Com a vida. Seguiu em frente com a vida, foi isso o que eu quis dizer.

– Está falando do...?

– Do Thiago, o seu namorado, é.

Júlia ficou satisfeita ao ouvir o nome do namorado sendo proferido pela boca do ex e não conseguiu conter o sorriso. Apoiou as mãos na cintura e, quando conseguiu pensar no que dizer, voltou a me fitar.

– Está surpreso que eu tenha te superado tão rápido?

Eu estava, mas não seria idiota de confirmar isso.

– Não foi o que eu quis dizer.

– Foi o que pareceu.

A beleza de Júlia perdia o seu brilho, conforme o tempo passava e ela continuava ali, na minha frente. A princípio, pensei que fosse porque eu estava me acostumando com ela, que tudo o que senti quando a vi pela primeira vez naquela festa fosse apenas fruto de uma grande surpresa e que, com o passar do tempo, era natural que essa primeira impressão fosse perdendo força, mas então percebi que esse não era o motivo. O cabelo, a maquiagem e o vestido continuavam como antes, mas a atitude de Júlia... Essa atitude não lhe servia.

Desde quando ela ficara tão arrogante quanto aquela garota que eu via na minha frente? A Júlia que eu conhecia era carinhosa e atenciosa quando lhe convinha e, quando não, era apenas indiferente. Tivéramos nossas discussões enquanto namorávamos, mas em nenhuma delas a Júlia colocara as mãos na cintura e me encarara daquele jeito, como se apenas esperasse a próxima boa razão para me acertar um tapa na cara. Agia como se eu fosse um monstro – e, não vou mentir, eu realmente fora um monstro naquela noite, mas não com ela. Com ela eu fora cortês.

– Bem, só para esclarecer um pouco das coisas aqui, o Thiago não é o meu namorado – ela voltou a dizer, já girando o corpo para se pôr fora da sala de estar. – Estamos nos conhecendo. É só isso – finalizou, dando de ombros.

– Vocês parecem bem integrados.

– E estamos. Se continuarmos assim, quem sabe no final a gente não termine entrando em...

– Sua pausa me fez pensar em centenas de más continuações para aquela frase. –... um relacionamento mais sério? – Torceu os lábios antes de dizer: – Quem poderia prever esse tipo de coisa, não é mesmo?

– Tenho certeza de que eu não poderia.

– Eu também não. – Deu um passo em direção à saída, mas fez uma última pausa para me dizer: – Desligue a lanterna do celular. Vai precisar da bateria, se os seus planos para essa noite consistirem em ficar nessa sala escura jogando RPGzinho de celular enquanto o seu amigo não dá a festa por encerrada.

– O Márcio pode me emprestar um carregador, se eu precisar.

– Isso não torna a coisa menos deprimente.

Júlia se retirou. Já devia estar na pista de dança havia um bom tempo quando verifiquei as horas e vi que era quase uma da manhã. Mesmo longe, para mim era como se ela ainda estivesse ali, julgando-me por eu ser quem eu era, tão expansiva que era a sua presença.

Azar o meu que não houvesse mais bebida na geladeira.

18.

Quando permiti que Marcela me ajudasse com a minha arrumação para a festa do Márcio, eu não imaginava que estaria me arrumando para acabar dormindo no sofá dele. Sim, pois, quando o aniversariante enfim me encontrou, era isso o que eu estava fazendo.

– Finalmente te encontrei! – ele gritou à porta da sala, o que me deu oportunidade e tempo de fazer de conta que eu não estava cochilando, de maneira nenhuma. – Você não estava dormindo, estava?

– Claro que não – respondi, e tentei usar um tom de voz normal, apesar da rouquidão sonolenta.

– Ótimo! – ele concluiu e, em instantes, ocupava o assento ao meu lado. – B-Bem, e-eu preciso da sua ajuda com a Carol e, cara, não pode ser em outro momento, tem que ser agora.

– Você teve *a noite inteira* para conquistá-la e ainda não cuidou disso?

– Noite inteira? Como assim? Não são nem duas da manhã ainda!

O tempo passa diferente quando cochilamos. Na minha mente, faltava pouco para amanhecer. Além disso, no estado em que eu me encontrava, era um pouco difícil assimilar que a festa ainda estivesse acontecendo.

– O problema é o seguinte – ele voltou a dizer –, os meus pais me procuraram e disseram que seria *aceitável* que a festa durasse apenas mais uma hora. Não, não por causa dos vizinhos, mas por causa do meu pai, que não tem saco para essas coisas. Isso significa que tenho menos de uma hora para conquistá-la. Isso tem que acontecer antes de eu cortar o bolo!

– A mim, parece que você já tem a faca e o queijo na mão, então por que ainda não o cortou?

– Eu preciso da sua *ajuda*!

– Com que parte do plano? Quer que eu a conquiste para você?

– Não seja idiota! – O tapa que recebi na cabeça foi inesperado e em nada melhorou o meu humor. – Se pudesse, de repente, ir até ela e dizer que, bem, eu quero conversar com ela...

– Não seria mais fácil *você* ir até ela e dizer isso?

Márcio sorriu, uma expressão que ele usava raramente e com a qual tinha pouco costume, portanto. Na escuridão, seu sorriso parecia o de um assassino que demonstra satisfação ao ver a sua vítima gritar por ajuda. Faltava algo nele, algo que o tornasse natural e caloroso, como os

sorrisos costumam ser.

– Você não me deu nenhum presente de aniversário, Leandro – foi o que ele disse. – Pessoas que nunca me viram antes me deram presentes e acertaram *na mosca*! Será que você não poderia me fazer esse *pequeno* favor como forma de mostrar que ainda se importa comigo?

– Se vamos discutir quem deve algo a quem, vou precisar lembrá-lo de que o gesso no meu braço estaria agora *em outro* corpo, e não necessariamente em outro braço, se eu não estivesse lá para te proteger da batida?

– Vai mesmo querer discutir prioridades a essa hora da noite com o aniversariante em sua própria festa?

A careta de Márcio só piorava conforme a conversa desenrolava, e muito embora eu quisesse, sim, discutir prioridades naquela noite, se não o fiz foi só para me afastar daquele olhar insano por pelo menos alguns minutos.

– Que seja! – falei. – Onde ela está?

Ele não sabia, o que não podia ser mais conveniente.

Sáímos da sala e, mais uma vez, voltei ao quintal de trás, onde a pista de dança estava montada e onde ficava a piscina em que um único jovem nadava: Bruno. As lanternas não haviam sido retiradas, mas isso não parecia ser um problema para ele.

– Tem certeza de que ela não foi embora? – perguntei a Márcio.

– Tenho. Ela teria que me pedir para abrir o portão.

– Nenhuma chance de ela tê-lo pulado?

De novo o terror em sua pior forma se fez presente no rosto de Márcio.

– *Procure-a*.

Ela não estaria no andar superior da casa de Márcio, pois estava implícito que aquela não deveria ser considerada uma parte social da casa durante a festa. Só se ela fosse louca. E ela não estava dançando, pois a Carol era alta e fácil de encontrar, principalmente com tanta arrumação. Não estava cercando a mesa de comida e não estava enfurnada na cozinha – nem embaixo da mesa. Não estava na piscina com Bruno, e duvido de que fosse estar em algum momento. Não estava no corredor lateral da casa de Márcio, aquele que levava os convidados da parte de trás à parte da frente, sem ter necessidade de passar por dentro da casa. Tampouco estava na frente da casa, e de fato não poderia ter ido embora, pois o portão estava muito bem trancado, além de ser alto demais mesmo para uma garota alta pular.

Talvez ela *estivesse* no andar superior da casa.

Eu não conhecia muito bem a Carol, e quem poderia? A garota era misteriosa, entrava e saía da sala de aula como se não esperasse fazer diferença na vida de ninguém. Admirava-me que Márcio tivesse se interessado tanto por ela, uma vez que Carol sequer abria a boca para cumprimentar seus colegas de classe, raramente para opinar sobre algo durante a aula. Essa minha admiração diminuía quando eu me lembrava de que Carol era uma garota bonita e que, para um garoto da idade de Márcio, ela não precisava oferecer mais do que isso para se tornar atraente.

Que pessoas terríveis somos nós, os adolescentes!

Esgueirei-me para dentro da casa de novo, dessa vez fazendo o caminho pela entrada, longe dos olhares do aniversariante e dos seus convidados. Se a Carol tivesse mesmo ido para o andar superior da casa, não haveria alternativa de trajeto, senão aquela. Em seu caminho, ela inclusive passaria pela sala de estar, onde eu estivera nos últimos momentos. E eu a teria visto. Se estivesse acordado.

Subi as escadas, aplicando pouco peso em cada pisada. Ser silencioso quando havia uma festa acontecendo a alguns metros não era uma tarefa muito difícil, mas eu conhecia o pai do Márcio e sabia do que ele seria capaz se descobrisse alguém invadindo o seu território dentro da própria casa. Eu me perguntava se Carol tivera a mesma preocupação. Como poderia ter sido tão cautelosa, se nem sabia o que a aguardava? A cada passo meu, me parecia mais improvável que ela estivesse por ali.

Mas uma das três portas que havia no corredor estava aberta, e não havia por que ela estar. Uma das portas fechadas era certamente a do quarto dos pais de Márcio, um terreno que alguém de mente sã jamais ousaria invadir, e a outra, uma sanfonada, só podia ser a de um banheiro, o que significava que a porta aberta era a do quarto de Márcio.

Talvez ele mesmo a tivesse deixado aberta, mas duvido que a sua mãe não a teria fechado antes de se enfiar em seu próprio quarto. A porta fora aberta recentemente. Doía-me no pensamento a possibilidade de a Carol ter se enfundado naquele quarto com algum outro garoto para umas brincadeiras menos inocentes do que as que se via na pista de dança. Dizer a Márcio que ela não se interessava por ele seria difícil, mas dizer que a falta de interesse nele só existia porque ela se interessava por outro tornaria o trabalho ainda mais difícil.

Mas precisava ser feito, e foi por isso que segui em frente.

O quarto estava vazio, quanto a isso não havia dúvidas. Por que motivo Carol entraria ali e ficaria com as luzes apagadas, em silêncio? A menos que tivesse fetiches estranhos e não quisesse ser vista enquanto os praticava, não havia por que ficar naquela escuridão. Claro que

uma pessoa que estivesse em busca de um bom lugar para um cochilo poderia querer se deitar na enorme cama de casal de Márcio e se valer da escuridão para tornar tudo ainda mais aconchegante, mas as curvas que havia em cima dela não pertenciam a uma pessoa, mas a um conjunto exagerado de travesseiros, algo que podia ser visto por conta da claridade de algum poste de luz que, pela porta da varanda, jorrava sua claridade para dentro do quarto, iluminando um bom trecho dele.

A varanda!

Eu jamais imaginaria que o quarto de Márcio em sua nova casa teria uma varanda, portanto, sem saber da sua existência, jamais a consideraria como uma opção em minha busca, o que comprovava a teoria de que o que procuramos sempre está no último lugar que escolhemos para procurar. E Carol estava lá, apoiada na cerca da varanda, observando o que conseguia da rua. E concluindo um baseado.

Segurava-o entre o indicador e o polegar, apertando-o como que para impedir que o cigarro se desfizesse. Levou-o à boca uma vez mais e a quantidade de fumaça que expeliu após tragá-lo me pareceu impossível de ser oriunda de um cigarro tão pequeno.

– C-Carol?

Ela se voltou na minha direção, destinando-me um olhar de reconhecimento, nada além disso.

– Ah, o garoto do braço quebrado. Vai ter que me perdoar, mas acho que me esqueci do seu nome... Talvez comece com L...

– Está no caminho certo.

– Leonardo?

– Não, o outro cantor.

Carol intercalou seu riso com um acesso de tosse carregado, que me fez querer engolir em seco. Aproveitei a deixa para fechar a porta da varanda, no que considerei uma medida cautelosa para evitar que o quarto de Márcio ficasse impregnado com aquele cheiro de maconha.

– Você também não acha engraçado como muitas vezes deixamos de conhecer gente legal porque simplesmente queremos evitar a fadiga? – Concedeu-me oportunidade de respondê-la e o aproveitou para dar outro trago. – Você é um cara legal, mas nunca despertou a minha curiosidade. Conseguiu me fazer rir com meia dúzia de palavras!

– Considerou a possibilidade de eu não ter sido tão engraçado assim e de você só ter rido porque está fumando um baseado?

– Pelo visto, era cedo demais para fazer um elogio.

Eu não sabia que passo dar a seguir, mas Carol sabia.

– Aproxime-se, não tenha medo – ela pediu.

Eu me apoiei na cerca da varanda, mas mantive um pouco de distância. Para a minha sorte, o vento estava a meu favor, então a fumaça do baseado não vinha na minha direção.

– Não sou nenhuma drogada – ela disse, os olhos ainda mais caídos do que costumavam estar diariamente. – Isso é coisa da sua cabeça.

– Em nenhum momento eu disse que você é uma drogada.

– Mas deu a entender que eu não ria de uma boa piada, se não estivesse com um desses na mão.

– Acha que ele não tem influência nenhuma no seu modo de pensar, então?

– Não. – Tragou novamente. – Na verdade, eu não sei.

– E por que continua fumando, então?

– Porque me faz sentir bem. – Encarou-me por um instante quando, enfim, percebeu que eu não diria nada em resposta àquilo. – Não estou mentindo. Você e o seu time de *nerds* devem saber que a maconha costuma ser usada no tratamento de ansiedade e depressão. *Como remédio!* – ela enfatizou. – Não te ocorre que talvez eu seja uma garota depressiva que só precisa de um pouco disso aqui para conseguir lidar melhor com a realidade que a cerca?

– Não duvido disso.

– Então por que me julga?

– Há outras maneiras de lidar com a depressão, se for esse o caso.

– Amei que você não disse “melhores maneiras”. Mesmo sendo um cara de mente fechada, parece que você tem o mínimo de razão aí dentro para evitar falar com certeza daquilo que não sabe.

– E você se considera uma garota depressiva, então?

– Jamais vou saber. Eu teria que frequentar algum tipo de médico para obter esse diagnóstico, não é? – Dei de ombros, mas Carol prosseguiu: – É, sim. Sei como funcionam as coisas. E, no final, eles não me indicariam *isso aqui* como tratamento. Não nesse país.

– E talvez não para o problema que você acha que tem.

– De novo os julgamentos.

– Eu não vim até aqui para isso – eu disse, dando um passo atrás. – Não, eu não vim!

– Já vai embora? Achei tivesse vindo aqui para me falar do seu amigo.

– Que amigo?

– O *stalkerzinho* que não tirou os olhos de mim a noite toda.

Engoli em seco mais uma vez.

– Estou brincando! – ela disse, revirando os olhos. – Como pode um garoto vestido em roupas tão descoladas ser alguém *tão sério*?

– Ele gosta de você.

– Nunca conversamos um com o outro. Acho que nem tinha reparado no rosto dele antes de ele me convidar para essa festa.

– Mas ele gosta de você. Algo faz com que ele imagine que você é a garota certa.

– Ele só quer me beijar.

– Duvido de que ainda vá querer, depois de saber o que você tem colocado na boca.

– Então você vai contar para ele?

– Por que não? Você não parece se importar com ele, de qualquer forma.

– O meu problema não é *ele*, mas a pessoa *para quem* ele vai contar.

– Seus pais não sabem disso, então.

– Para o inferno com os meus pais! Estou falando da coordenadora da escola!

– Para uma garota que não parece se importar com nada, até que você se importa bastante.

– Essa foi a única escola em que eu consegui me adequar, ficar numa boa, então, sim, eu tenho medo de ser expulsa!

– Esse é algum tipo de paranoia provocada pelo baseado ou...?

– Não se faça de desentendido! Não ficou sabendo do Maurício?

A noite já estava bem ruim, mas é claro que havia maneiras de piorá-la. Com o surgimento de Thiago, Maurício era um nome que já não significava nada para mim, ou pelo menos era isso o que eu imaginava antes de ouvi-lo ser dito pela boca da Carol. A impressão que eu tinha era a de que a festa do Márcio não só tinha o propósito de celebrar o seu aniversário, como também o de jogar na minha cara tudo aquilo que eu me esforçava para esquecer, desde Júlia e o que tivemos até aqueles que estiveram direta ou indiretamente relacionados à escolha que eu acabara por fazer.

– Foi pego com bebida na mochila – Carol se pôs a explicar. – Cerveja. Duas *latinhas* de cerveja, nem dá pra ficar bêbado com duas latinhas! – Sacudiu a cabeça em negativa. – Foi expulso da escola.

– Sim, eu fiquei sabendo.

– E o que não fariam comigo se descobrissem que sempre carrego uma quantidade de maconha na mochila quando vou à escola?

Olhei para trás, para ter certeza de que ninguém mais podia ouvi-la. Tenho certeza de que, se algum dos pais de Márcio ouvisse aquela conversa, a festa acabaria muito antes do prazo imposto no início, e com direito à presença da polícia.

– Talvez eu nunca mais conseguisse terminar o ensino médio – Carol prosseguiu. – Nenhuma escola me quereria entre os seus alunos, mesmo aquelas de má fama, que nem aquela que fica na rua de trás à da nossa escola. Eu só preciso do diploma. Quero fazer vestibular e essas coisas todas, só isso! E estou *tão perto* de terminar...

O baseado chegou ao seu fim. Carol enfiou o dedo no cós da calça e dele retirou um saquinho plástico com mais da erva que trouxera consigo.

– Por favor, não – pedi, usando a minha própria mão para esconder a maconha.

– Você já vai contar para todo mundo mesmo, que diferença faz?

– Eu prometo que não conto nada a ninguém se você guardar isso e não voltar a fumar aqui na casa do Márcio. Os pais dele não são tão compreensivos.

– É como eu me divirto, Leandro.

– Há boa música tocando lá embaixo e uma caixa cheia de chope de vinho que o Márcio comprou exclusivamente pra você. Não jogue o esforço dele no lixo.

Carol me analisou, fazendo um beicinho do qual Márcio muitas vezes falara em seus delírios apaixonados.

– Ele comprou o chope de vinho só pra mim?

– Ninguém, além de mim, você e ele, sabe da existência dele. – Preferi omitir o Thiago, que não somaria em nada na conversa.

– Acho que nunca ninguém fez um sacrifício desse tipo por mim. – Riu com um pouco mais de sobriedade antes de dizer: – Isso vale um beijo.

– Espero que não o faça por pena.

– Se fosse por pena, eu teria feito antes. – Apoiou uma mão no meu ombro e disse: – Obrigada pelo voto de confiança.

O que for melhor para o meu amigo, era a frase que eu tinha na ponta da língua.

Foi o Márcio quem começou a convocação dos convidados para cantar o Parabéns. O fazia com pouca simpatia e com visível apreensão, mas conseguiu chamar a atenção que queria e, em pouco tempo, estávamos todos lá, em frente à mesa do bolo, prontos para assisti-lo em seu momento de júbilo. E para Márcio, era esse o ponto alto de uma festa de aniversário: ter todas as atenções para si, mesmo que por obrigação.

– Eu gostaria de fazer um discurso! – disse ele. Seu bolo era alto, mas não tanto quanto ele, então todos conseguiam vê-lo. – Gostaria de falar um pouco sobre a importância dessa festa para mim e sobre como vê-los aqui afetará, e muito, a minha vida daqui pra frente!

Cruzei os braços. Márcio falava sobre a importância de conhecer gente nova, de jovens se apoiarem no crescimento, para que conseguissem passar por aquela fase atribulada que era a adolescência. Mencionou que muitos não conseguiam chegar à vida adulta por conta dos motivos mais *diversos*. Seu discurso poderia ser compartilhado por qualquer palestrante, em especial os que apareciam na escola durante o ensino médio, e a julgar pela quantidade de estatísticas que citou, principalmente os índices de suicídio ou de ingresso à faculdade antes dos vinte, ficava difícil não imaginar que ele no mínimo o embasara em algum artigo científico.

– Eu tentei impedi-lo de dizer tudo isso, mas não consegui – disse Lilian, que estivera ali do meu lado desde que o grupo se reunira em torno da mesa. – Achou algum texto na internet que falava sobre a adolescência e sobre como devemos lidar com ela e praticamente o decorou.

– Ele não parece estar lendo nada, mesmo.

– E não está. Ele se dedicou bastante.

Lilian desviou o olhar de mim para algo ao meu lado, para o Bruno. Envolto em uma toalha emprestada, Bruno tremia, os olhos comprimidos como que para enxergar melhor, agora que estava distante dos seus óculos. Não vestia mais do que uma bermuda, além da toalha sobre os ombros.

– A água estava boa? – perguntei.

– P-Péssima – ele respondeu, batendo queixo. – Mas eu não p-podia deixar a oportunidade p-passar.

– Tenho certeza de que o Márcio te receberia aqui todos os dias para um mergulho na piscina, se assim você quisesse – disse Lilian.

– P-Por acaso vocês não estão ouvindo o que ele está dizendo? – Bruno perguntou, apontando o bolo. Ou o Márcio. – Nossa vida passa num p-piscar de olhos. Não p-podemos nos contentar com o que *p-poderíamos* fazer no futuro, mas sim com o que podemos fazer agora!

– Não se deixe influenciar por um discurso baseado em um edital sobre o alto índice de doenças sexualmente transmissíveis em jovens com menos de dezoito anos, Bruno – disse Lilian.

– O que significa que a coisa é ainda *p-pior* do que imaginamos...

Márcio agora falava sobre como a percepção da vida sofre mudanças com o passar da idade e do amadurecimento da mente, mas eu ria como se ele contasse uma piada. Não ria dele, é claro, mas de Lilian e Bruno, que protagonizavam mais uma de suas conversas muito interessantes sobre assuntos tão aleatórios.

Quando pareceu concluir sua palestra, Márcio invocou uma salva de palmas que foi entregue com entusiasmo muito menor do que o que esperava. Deu-se por satisfeito, no entanto. Essas mesmas palmas foram as que deram início ao canto do Parabéns, que foi percebido por Márcio com certo estranhamento, como se ele não estivesse a par do que acontecia. Suas velas nem estavam acesas ainda, mas já era tarde. Ninguém queria mais ouvir aquele discurso infundável. Sorte a nossa que alguém fora esperto o bastante para forçar esse fim, então.

A música já estava em seu final e Márcio não conseguira acender todas as velas. Quando a última frase foi cantada, Márcio soprou as oito velas acesas de um montante de dezessete. Parecia frustrado, mesmo em meio aos aplausos e vivas. Filas começaram a se formar para pegar uma fatia de bolo, e não tardou até que a organização se perdesse e todos se amontoassem em torno da mesa em busca do seu pedaço.

– Ainda bem que o bolo é grande – Bruno observou. – O Márcio não sabe cortar direito e está entregando uns *pedaços*.

– Melhor pra gente, vamos! – incitou Lilian.

Lilian, Bruno e eu nos sentamos na amurada de um pequeno jardim que havia ali no quintal enquanto nos deliciávamos com o bolo de coco. Uma porção tão bem servida quanto aquela certamente nos manteria longe da mesa do bolo por um bom tempo.

– Ao que parece, vocês todos conseguiram o que queriam nessa noite – observei, quebrando o silêncio.

– Do que está falando? – perguntou Bruno.

– Você conseguiu entrar na piscina. A Lilian beijou a garota que queria beijar. Foi uma festa cheia de realizações, não?

– Não para o Márcio, que não beijou a Carol.

– E nem pra você, não é mesmo? – disse Lilian, mirando-me.

– E o que mais eu poderia querer nessa noite, senão a felicidade dos meus amigos? – eu disse em resposta.

– Não duvido que tenha ficado feliz por nós, Leandro, mas é perceptível que você não está feliz consigo mesmo. É por causa do Thiago, não é?

– Por que eu ficaria triste por causa do Thiago? Ele não deve nada a mim.

– E a Júlia deve? – perguntou Bruno.

– É bem mais complicado do que isso.

– Não é, não, Leandro – disse Lilian. – Você está frustrado, e consigo ver por quê. Você e a Júlia terminaram há pouco tempo, mas aí está ela, com outro garoto, enquanto tudo o que você conseguiu nesse tempo foi quebrar um dedinho. Você sente que a Júlia deve uma explicação a você, não sente?

Sacudi a cabeça em negativa, porque não era capaz de dizer a verdade.

– Se é o que diz... – disse Lilian. – Mas uma coisa é certa: você não está bem. Não está *normal*. Quando o Márcio concordou em fazer uma festa desse tamanho, com direito a bebida e tudo, você foi o que ficou mais empolgado, pois você, mais do que qualquer um de nós, gosta desse tipo de bagunça. Mas depois que a Júlia chegou...

– Você *mudou* – Bruno completou. – Se tornou um monstro. Você... Você me repeliu de um jeito que eu pensei que nunca mais fosse me aproximar de você de novo.

– E por que se aproximou? – eu quis saber.

– Porque é isso o que amigos fazem.

Bruno ainda tremia, o que fazia migalhas se soltarem do garfo que ele constantemente levava à boca.

– Sabe o que mais que amigos fazem? – eu lhe perguntei. Sem esperar pela resposta, passei o braço por sobre o seu ombro e o puxei para perto em um abraço forte, para lhe transmitir calor. – Ajudam uns aos outros.

Ouvi Lilian rir.

Bruno ergueu um olhar desconfiado na minha direção.

– Eu aprecio a sua intenção, mas se já não consigo comer o meu bolo normalmente, não é com alguém pressionando o corpo contra o meu que isso vai mudar.

Afastei o braço e acompanhei Lilian com a minha própria risada.

Depois de o bolo cortado e com todas aquelas panças cheias, era esperado que os convidados fossem embora. Começou com algumas despedidas pontuais que, quando percebidas, originaram algumas maiores, com grupos grandes de amigos indo embora de uma só vez. Em menos de meia hora, já não havia mais estranho naquela casa, além de mim, Lilian e Bruno.

– Por que ainda estão aqui? – Márcio quis saber ao retornar ao quintal.

– Vamos ajudá-lo com a bagunça – Lilian prometeu.

– Em troca de um lugar para dormir até amanhecer – Bruno propôs.
– Vou ajudar com o que posso – eu disse a Márcio, quando o seu olhar parou em mim.
– Então todos já foram embora? – disse uma outra voz, uma que não pertencia a nenhum de nós.

Carol reentrou no jardim e olhou ao redor, como se procurasse algo. Ou *alguém*. Encontrou Márcio e correu na sua direção.

– Eu estava no banheiro, sinto muito – disse-lhe. – A propósito...

Carol levantou-se um pouco na ponta dos pés para conseguir alcançar a boca de Márcio com a sua e, quando achei que o beijo não duraria mais do que aquele breve estalo, percebi que ele estava apenas em seu começo. Carol envolveu o corpo de Márcio com os braços e lhe beijou com uma dedicação que eu não esperava – o que o chope de vinho não era capaz de fazer com as pessoas, não é mesmo? Quando terminou, foram as pernas de Márcio que fraquejaram, o que Carol percebeu e se apressou em lhe oferecer apoio, mesmo que só com uma mão apoiada no ombro.

– O m-meu nome é M-M-Márcio.

– Eu sei – disse Carol em resposta. – Eu não estaria aqui se não soubesse quem você é. Pode abrir o portão para mim?

Márcio concordou e apanhou a mão de Carol para guiá-la até a saída.

E antes de sumir no corredor que os levaria até lá, Carol me lançou uma piscadela acompanhada de um sorriso.

– Ela piscou *para mim*? – Bruno quis saber, a voz soando mais aguda do que o normal.

– Tenho certeza que não – disse Lilian, dando-me uma cotovelada.

19.

O final do primeiro semestre na escola era precedido por uma série de três eventos que sempre se repetiam, ano a ano.

O primeiro deles era a festa de aniversário de Márcio, que, naquele ano, fora muito diferente daquela que eu, Bruno e Lilian estávamos acostumados a frequentar. O que um dia fora uma pequena reunião de família e amigos mais próximos – Lilian, Bruno e eu – de repente se tornara um senhor evento, com direito a bebida de adulto e comidas requintadas. Tamanha fora sua notoriedade que, nos primeiros dias após a festa, era normal ver outros alunos parando de prestar atenção nas aulas para comentar o que fizeram, o que viram fazerem e o que gostariam de ter feito na celebração, o que, de um momento para o outro, colocara o nome de Márcio na boca de todos por outro motivo, que não a sua altura.

O segundo dos eventos era tão aguardado pelos estudantes quanto uma festa de Natal: a festa junina. Nas proximidades de Junho, a escola divulgava a data reservada para ela, o que concedia aval para que todo tipo de preparação relacionada à comemoração fosse iniciada. A organização da festa, desde a escolha das músicas até a decoração, era de responsabilidade de um comitê formado por alunos interessados, e cada sala fornecia um grupo de pelo menos cinco alunos, o que gerava uma representação geral. Além disso, como forma de ajudar instituições de caridade, a escola também promovia recolhimento de prendas, com promessa de prêmio para a classe que mais recolhesse mantimentos.

Naquele ano, o primeiro cartaz com as informações iniciais sobre a festa junina da escola surgiu no último dia de Maio.

– Vinte e cinco de Junho... – leu Bruno. – É após as semanas de provas.

– Então eles finalmente escolheram uma data decente para a festa – disse Lilian. – Eu já não aguentava mais ter que conciliar a organização da festa junina com as provas.

– E mesmo assim você sempre se deu bem – observei.

– Não sem muito trabalho.

O sinal do intervalo tocara havia dez minutos, o que ainda nos concedia outros dez antes do início da próxima aula. Alguns dos alunos já começavam a voltar às suas salas, mas não a gente, que tinha lanche inacabado e uma porção de assuntos para comentar.

– Vocês também não sentem essa sensação de nostalgia quando eles começam a falar sobre

a festa junina? – Lilian comentou. – É como se ela viesse para nos lembrar de que o primeiro semestre está próximo do fim e que não há nada que possamos fazer para impedir disso.

– Você tem razão – comentou Bruno. – Isso e a festa de aniversário do Márcio trazem essa sensação de nostalgia.

– Hum, Leandro, você costumava dizer que são três os eventos que precedem o fim do primeiro semestre – disse Márcio, a boca suja da mostarda de um cachorro-quente. – A minha festa de aniversário, a festa junina, e qual era o terceiro, mesmo...?

– O chororô – respondi. – Todo mundo começa a se abraçar e a sair da escola como se nunca mais fosse se ver, sendo que muitos moram um do lado do outro. Não sei por que são tão dramáticos.

– Muita gente viaja – Lilian lembrou.

– Não nessa recessão. – Bebi um gole do meu refrigerante. – Se quiser, esse pessoal pode organizar mil coisas para fazer em cada dia de suas míseras férias e, assim, nunca vão deixar de se ver. Além do mais – apontei o canudo na direção de Lilian –, estamos falando de pouco menos de um mês de afastamento. Até consigo entender o chororô no final do ano, mas o de agora?

– Quem sabe, no dia em que você tiver um coração, você entenda?

– Para a sua sorte, vocês são as únicas pessoas com quem eu me importo e, convenhamos, a gente se vê muitas vezes durante as férias. Nem dá tempo de sentir saudade.

– Costumava ser assim – Bruno comentou.

Um jeito sutil de dizer que, por minha causa, aquela parte da nossa amizade tinha mudado.

– E voltará a ser – prometi.

– Já que entramos nesse assunto – disse Lilian, tomando a frente –, Leandro, eu preciso te fazer uma pergunta. Você por acaso já ouviu falar em relacionamentos abusivos?

– Como aqueles que envolvem sadomasoquismo?

– Na verdade, é bem mais simples que isso.

– Ou não – disse Bruno.

– Não, nunca ouvi falar – respondi.

Lilian ajeitou os óculos sobre o nariz antes de dizer:

– Talvez você não tenha passado por um, então.

– Se você me explicar o que é, talvez eu possa confirmar.

– A Lilian está falando de relacionamentos em que uma das partes vive em favor da outra – disse Márcio, cruzando os braços sobre a mesa. – Não romanticamente, mas de maneira, hum,

triste. Em relacionamentos desse tipo, uma das partes não aceita a outra completamente, então a julga por gostar do que gosta, sugere mudanças constantes, faz proibições. Em alguns casos, essas sugestões dificilmente são seguidas por quem as propõe.

– Por acaso isso vem do...?

– Sim, daquele artigo que você me passou – Márcio respondeu a Lilian. – Eu li tudo o que você me mandou. Ainda nem tinha chegado nessa parte do meu discurso quando começaram a cantar Parabéns.

– Você acha que eu e a Júlia tínhamos um relacionamento abusivo? – perguntei a Lilian.

– Não tenho como dizer. Vocês não conviviam muito comigo.

– E por que a pergunta, então?

– Porque... Por que você se afastou da gente quando começou a namorar, Leandro?

Cocei a cabeça, desconcertado. Era de se imaginar que nem todos os dias que passei junto com eles após a separação os fariam se esquecer dos erros que cometi no passado.

A resposta para aquela pergunta era simples: a Júlia não gostava deles. Achava a Lilian muito esquisita e tinha medo do Bruno porque, segundo ela, ele tinha um olhar louco. Às vezes, falava o mesmo do Márcio, sem deixar de mencionar que o fato de ele ser tão alto tornava tudo ainda pior. Não sabia os seus nomes e sempre se referia a eles como “A garota de óculos”, “O garoto de óculos” e “O gigante”. Dizia que não eram boa influência para mim. Eu sempre rebatia seus argumentos dizendo que eles eram meus amigos de infância e que, por crescermos juntos, era natural que fôssemos tão próximos. Ela achava essa proximidade nociva, pois via pouca maturidade neles e temia que eu ficasse preso ao passado da mesma forma. Com tantos julgamentos, eu não via alternativa para aquele relacionamento, senão mantê-lo longe dos meus amigos.

E não como forma de acatar a opinião de Júlia, mas sim de proteger Lilian, Bruno e Márcio da sua hostilidade. Os três – e eu também, quando era mais próximo deles – sempre viveram uma vida de serem julgados pelo que gostavam, pelo modo como se vestiam e, em alguns casos, por simplesmente existirem, então forçá-los a ficar na companhia de Júlia não ajudaria em nada. Mantendo-a longe, eu poderia esconder o que ela pensava de verdade, contando uma história diferente caso perguntassem o que ela achava deles. *Se* tivessem a oportunidade de perguntar.

Agora que parava para pensar no assunto, percebia que os protegi por tanto tempo do que a Júlia era e do que ela tinha a dizer que perdera a conta de quanto. Mas será que um garoto apaixonado – ou, no meu caso, um garoto que *amava* – pode ser tachado pelas escolhas tolas

que faz? Júlia foi a minha primeira namorada séria, aquela que me aceitou ao seu lado por mais tempo, que se dispôs a seguir com aquele relacionamento. Quando estávamos juntos, eu chegava a pensar que Júlia seria aquela com quem eu me casaria e com quem teria filhos, se assim ela quisesse. E fazia sentido que ela pensasse o mesmo, afinal, por que manteríamos um namoro, se não queríamos que ele fosse duradouro?

Por comodidade. Por aparência. As possíveis respostas para essa pergunta eram tantas.

Mas por que eu pensaria nisso agora? Meu relacionamento com a Júlia estava resolvido. Júlia era agora um problema de Thiago, não meu. Mas a pergunta de Lilian ainda carecia de uma resposta, e precisei pensar rápido em uma:

– Porque é isso o que namorados fazem. – Comecei com uma frase lugar-comum para ganhar tempo. – Além do mais, nosso relacionamento era novo. Eu queria conhecê-la e precisava de tempo para fazer isso. Pensem em como eu conheço vocês hoje em dia, isso levou *anos*! E para que eu chegasse ao mesmo nível de intimidade com ela, eu precisava de dedicação. E tempo.

– E funcionou? – Márcio perguntou.

– Sim – era a resposta que eu tinha na ponta da língua. – Não – corriji, quando pensei melhor. – Acho que não é possível conhecer alguém totalmente. Mas a gente tenta.

– E você estava tentando – Lilian sugeriu. – Quando dizia que estava ocupado e que não podia sair com a gente, você estava tentando.

– Vão me julgar por isso agora?

– Não foi a minha intenção – disse Lilian, muito embora Márcio tivesse balançado a cabeça em afirmação. – Sinto muito.

– Não tivemos um relacionamento abusivo – concluí. – Se fiz o que fiz foi porque eu quis, não porque ela impôs. Em nenhum momento me senti frustrado por fazer o que fazia ou senti falta de dedicação da parte dela. Estávamos indo bem. – Minha caixa de suco estava vazia, e eu a esmaguei na minha mão. – Vai ver, foi justamente por estarmos tão bem que ela ficou entediada e procurou diversão com um cara tão *errado* quanto o Maurício.

– A Júlia sempre gostou desses – disse Bruno.

– Não para um relacionamento sério – disse Lilian. – Para isso, ela preferiu um garoto mais correto e centrado.

Entregou-me o elogio com uma piscadela, e eu recebi ambos com um sorriso bobo.

Na sala de aula, o professor atual mal tinha começado sua explicação quando alguém bateu na porta. Achei engraçada a maneira como a Júlia de repente se mostrou interessada, ajeitando-

se na cadeira como que para mostrar atenção a alguém especial.

Um grupo de três alunas, acompanhado da coordenadora, entrou na sala.

– Bom dia, classe! – a do meio cumprimentou, e todos respondemos com monotonia. – Nós, do Grêmio Estudantil, viemos até aqui para falar um pouco sobre os preparativos da festa junina.

Olhos arregalados se voltaram na direção das garotas.

A parte da formação do comitê de festa junina era a mesma de todos os anos, e as mesmas pessoas de sempre cutucaram o amigo ao lado para mencionar que se inscreveriam para a função. Inclusive a Lilian. Nesse momento, a coordenadora da escola mencionou que haveria espaço para algumas apresentações artísticas e que quem tivesse interesse em se apresentar precisaria conversar com os representantes do comitê da própria sala.

– Isso mesmo! Muito obrigada, coordenadora Noêmia! – voltou a dizer a garota do meio, exibindo um sorriso tão largo que quase parecia um rasgo em seu rosto. – Agora, algumas palavrinhas sobre a arrecadação de prendas.

Mais uma vez, o mesmo discurso do ano passado. Uma tabela foi apresentada com os alimentos aceitos e quantos pontos eles valeriam à classe. Todos ouviam com atenção, fazendo cálculos mentais sobre o que seriam capazes de levar para ajudar. Acostumados com prêmios como vale-compras de trinta reais em livrarias ou ingressos para peças de teatro desconhecidas, a comoção foi geral e palpável quando a garota do Grêmio Estudantil anunciou que o prêmio para aquele ano seria uma ida ao Hopi Hari, com tudo pago.

– *Mas esse parque não está fechado?* – Márcio me perguntou em um sussurro.

– *Se está, acho que a classe vencedora vai abri-lo à força.*

– *E como colocariam os brinquedos para funcionar?* – Bruno quis saber, e nós o ignoramos.

– Os avisos são esses – disse a coordenadora, satisfeita com o desempenho de seu Grêmio Estudantil. – Uma boa aula a todos.

Seria, se o professor conseguisse se fazer ouvir em meio à algazarra de trinta alunos afoitos e empolgados com tudo o que tinham acabado de ouvir.

Festas juninas eram para mim o sinônimo de uma coisa: comida. Paçoca, bolos, caldos; o comitê de organização de eventos fazia um ótimo trabalho com a nossa festa, o que fazia dela um evento que eu jamais gostaria de perder. Mas meu interesse por ela terminava aí.

Eu e Júlia éramos um pouco parecidos nesse aspecto. Só tivemos oportunidade de

frequentar a festa junina da escola como namorados uma vez, e essa fora uma ocasião tão mágica que eu me recordava dela com certa nostalgia, com saudade de quando o que tínhamos parecia inquebrável. Usávamos nossas economias para comprar as iguarias oferecidas nas tendas e as dividíamos um com o outro. Eu adorava as paçocas e Júlia adorava os gibis. Comíamos e explorávamos a festa enquanto ríamos do que víamos, em especial da falta de interesse pela barraca do beijo ou do pessoal que ficava preso em uma espécie de jaula feita de papelão, onde ficariam até que alguém dispensasse alguns centavos para libertá-los.

Júlia sempre se perguntava qual era o critério da “polícia” do evento na escolha dos seus presos. Eu acreditava que não havia critério nenhum, que era só questão de oportunidade. Júlia achava que, da mesma forma como era preciso pagar para libertar alguém, era preciso pagar para prendê-lo. Sua sugestão era improvável, mas ri com a possibilidade. Sentíamos-nos sortudos por nunca termos sido presos, mas guardávamos alguns centavos no bolso para o caso de essa maré mudar em algum momento.

Fato era que a festa junina era uma comemoração aguardadíssima por nós, do tipo que nos fazia cancelar compromissos – não que tivéssemos *tantos* assim. Se nos perguntassem o porquê disso, mencionaríamos a importância de estar com os amigos e de celebrar uma festa tão típica. Se quisessem nossa resposta verdadeira, ouviriam apenas uma palavra: comida.

Ou pelo menos era isso o que eu imaginava até Lilian retornar do encontro do comitê de eventos com uma novidade.

– A Júlia se inscreveu para fazer parte dele.

Nas aulas de Artes, Bruno, Márcio e eu costumávamos juntar as nossas mesas e compartilhar ideias em cima do tema proposto. Naquele dia, o professor propusera que fizéssemos arte com losangos, e enquanto Bruno criava a sua própria bandeira e eu pintava losangos sem nenhum critério, Márcio desenhara um losango em sua folha de sulfite e o encarava como se a figura o intrigasse. Sendo assim, quando Lilian retornou à sala e disse o que disse, eu estava tão imerso em outro assunto que não consegui evitar a pergunta quando ela surgiu:

– Do que está falando?

– Do comitê de eventos. A Júlia apareceu por lá. – Verificou nossos trabalhos, entendeu a proposta e se apressou em começar o próprio.

– Mas... – Talvez Bruno e Márcio não vissem problema com aquela revelação, mas eu via. Júlia e eu fôramos próximos por muito tempo, e essa era uma evolução difícil de ser ignorada.

– A Júlia nunca faria isso.

– Ela estava lá. Fez anotações e tudo. Fez propostas.
– Que tipo de proposta?
– Um grupo de dança.
– Quadrilha? – Márcio quis saber.
– É claro que não! Em que ano você vive?
– Gosto de números de dança – Bruno comentou.
– Ela está pensando em *se apresentar*? – perguntei.
– Oh, agora que você falou, talvez tenha sido essa a proposta... – Lilian apontou um lápis, verificou a ponta e começou seu desenho. – Quer dizer, na hora, eu supus que ela conhecesse algum grupo de dança interessado em se apresentar em uma festa de escola, mas talvez seja *ela* o grupo de dança em questão.

– Ela precisaria de mais três outras garotas para que de fato houvesse um *grupo* de dança – Bruno apontou.

– Você entendeu o que eu quis dizer.
– Faria sentido – comentei. – Bem, a Júlia sempre dançou muito bem, mas nunca fez isso para o público. Quer dizer, ela gostava de assistir tutoriais de dança no *YouTube*, mas dançava para si mesma no quarto. – Ou para mim, mas essa informação não vinha ao caso. – Sempre imaginei que ela gostasse da arte, mas que era tímida demais para apresentá-la.

– Talvez ainda seja – disse Lilian. – Ela não falou nada sobre fazer parte do grupo de dança. De qualquer forma, todos ficaram bem empolgados, até porque essa foi a primeira e, por enquanto, única sugestão de atração para a festa.

Júlia evoluíra. Que fosse uma garota extrovertida e de presença notável, não havia como negar, mas nunca soubera lidar com atenção em demasia. Se percebesse que havia mais de dez pessoas prestando atenção em uma história que contava, era normal que começasse a gaguejar e desistisse de continuar. Mesmo quando estava entre amigos ou parentes próximos. Seu problema com atenção exagerada era tanto que, na festa do Márcio, quando todos a perceberam de namorado novo, Júlia parecera tão retraída que, com o estímulo certo, teria corrido para longe num piscar de olhos. Sim, ela teria.

Se não o fez, foi porque tinha alguém para apoiá-la.

Todo aquele tempo, eu pensara na Júlia como uma pedra no meu sapato, alguém que se aproveitara de mim só para ter um namorado fixo, uma garota que não tinha e nunca tivera nada a acrescentar. Querendo ou não, namorar é isso, é evoluir junto, é aprender um com o outro, e Júlia pouco teve de bom para me ensinar. Agora, eu começava a me perguntar se a

pedra no sapato não era eu, na verdade. Se hoje Júlia tinha coragem de propor uma apresentação de dança em que ela seria uma das pessoas a dançar, algo que ela jamais faria, acontecera algo desde a nossa separação que lhe provocara essa mudança de ideia. Será que ela finalmente encontrara o apoio de que precisava? Será que o *Thiago* oferecera esse apoio?

Confesso que nunca fui um namorado que incentivasse esse tipo de coisa. Eu gostava do que fosse mais confortável, que exigisse pouco de mim e, se possível, que exigisse pouco dela também. Mas Júlia nunca tivera essa conversa comigo, sobre gostar tanto de dançar que se apresentaria a um público grande, se tivesse a oportunidade. É difícil prever o que eu diria se esse assunto tivesse surgido, mas, hoje, não me imagino como alguém que não a apoiaria. Tenho convicção de que uma apresentação desse tipo é algo do qual eu jamais faria parte, mas se ela quisesse fazer...

– Ainda há espaço para integrantes no comitê? – perguntei sem muita vontade, a voz soando aguda no final da frase.

– V-Você está querendo entrar para o comitê? – Lilian rebateu, os olhos arregalados de surpresa.

– Não sei bem o que quero. Só estou pensando em uma maneira de ocupar o meu tempo.

– É uma boa ideia – disse Bruno em seguida. – Eles aceitam garotos por lá?

– E por que não aceitariam? – perguntou Lilian com visível revolta.

– Nunca vi garoto nenhum no comitê.

– Porque vocês são todos preguiçosos demais para um trabalho pesado como esse. – Lilian percorria Bruno e eu com descrença no olhar. – Estão falando sério sobre entrarem para o comitê? Nossa sala tem quatro representantes até agora. Seria legal ter mais três.

– Não contem comigo – disse Márcio, negando com a cabeça. – Em nenhum momento eu falei que queria fazer parte disso, e pode ter certeza de que não quero.

– Que sejam dois garotos, então. – Voltou a nos olhar. – Querem entrar, então?

– Eu quero – Bruno respondeu.

– Eu vou – respondi.

E Lilian nos presenteou com um sorriso de alegria legítima, como se estivesse diante da realização de um sonho. Estava tão cega com suas expectativas sobre a nossa participação no comitê que não percebera que, se eu quisesa fazer parte disso, eu não tinha outra motivação, senão estar onde Júlia também estivesse.

Quanto às motivações de Bruno, eu não fazia a menor ideia de quais eram.

20.

Ser canhoto tem poucas vantagens. Dizem até que os canhotos morrem mais cedo porque a maioria dos objetos é desenvolvida para os destros, o que torna o nosso manuseio das coisas mais desajeitado. Mas quando se tem um braço engessado e ele é o direito, as poucas vantagens que há em ser canhoto se tornam visíveis, o que nos faz sentir gratos por termos aprendido a usar a mão esquerda melhor do que a direita em nosso desenvolvimento como ser humano. Ainda assim, existem atividades em que ser um canhoto com o braço direito engessado não ajuda em nada, e a principal delas é aquela que todo garoto deseja ardilosamente praticar quando chega em casa depois de um longo dia na escola: jogar videogame.

E eu tentei. Tarde da noite, enquanto minha mãe preparava o jantar e meu pai gastava neurônios em uma revista de caça-palavras, eu me sentei no sofá da sala, liguei a televisão e o videogame, apanhei um *joystick* e tentei jogar qualquer coisa. Não tive sucesso. Segundo os médicos, eu não deveria esforçar o braço direito de maneira nenhuma, pois, como a maioria dos ossos é interligada, mesmo que meu dedinho e a parte da mão danificada estivessem imobilizados, mover os outros dedos poderia acabar movendo *alguma coisa* por tabela, o que comprometeria a minha recuperação. A mesma justificativa fora aplicada quando questionei o gesso que cobria o braço todo. Sendo assim, por mais simples que fosse o jogo, eu não conseguia jogá-lo porque não tinha maneira de mapear o *joystick* inteiro só com a mão esquerda. Escolher direções era fácil; o problema eram os botões de ação.

Frustrado com os jogos mais elaborados, coloquei um jogo 2D genérico, desses que seguem a fórmula popularizada por Mário Bros. Eu nunca soube que havia um jogo como aquele em casa, tão infantil, cheio de cores e musiquinhas irritantes, uma vez que já não havia crianças naquela casa havia algum tempo, mas naquele momento me senti grato por tê-lo. Jogar um jogo tão bobo ajudaria a passar o tempo.

– Você não está pensando em fazer o que eu acho que está pensando em fazer, está?

Reconheci a voz de Marcela de imediato.

– Pode repetir a pergunta? – pedi. – Você falou de um jeito que eu não consegui entender.

– Você não pode usar a mão engessada.

– E não vou. Para um jogo bobo como esse, preciso de, no máximo, dois dedos ativos, e a

minha mão esquerda tem cinco deles.

Havia indignação no olhar de Marcela, como se ela não pudesse acreditar no que ouvia. Ergui a mão esquerda em uma altura aceitável para lhe mostrar que o que eu dizia era verdade.

– Quer parar de brincadeira? – ela retrucou, acertando um tapa doloroso na mão erguida.

– Se usar *um pouquinho* mais de força no seu próximo tapa, talvez tenha um irmão com as duas mãos engessadas até o final da noite.

Marcela sacudiu a cabeça em negativa e se sentou no outro sofá. Carregava consigo uma tigela de salada de frutas com flocos do que parecia ser aveia. Pôs-se a comê-la sem muito entusiasmo, mastigando devagar, como se não apreciasse a refeição.

– Não vai jantar? – perguntei.

– Esse é o meu jantar. Entrei em uma aposta com algumas amigas e preciso emagrecer dez quilos até o casamento de uma delas. Isso me dá... – Fez alguns cálculos mentais e desistiu deles. Encontrou seu celular e, com o auxílio da calculadora, chegou ao resultado que queria. – Tenho cinco meses para perdê-los.

– Se ficar uma semana sem comer, vai conseguir até mais do que isso.

– E então você ficaria com toda a herança da família? Não vou deixar que sinta esse gostinho.

– Por que temos esse jogo aqui em casa?

– *Rayman*?

– Esse é o nome?

– Se tivesse lido a capa do jogo, teria percebido.

– Posso estar enganado, mas não me lembro de tê-lo comprado. Jamais compraria um jogo assim, é jogo de bebê.

– E não comprou, fui eu que comprei. Quando a nossa tia, a Marinalva, trouxe o Enzo para ficar alguns dias por aqui, eu achei que seria uma boa ter um joguinho desses para jogar com ele. Foi a melhor coisa que fiz. Acho até que me diverti mais do que ele.

– Tão *típico* de garotas gostarem de jogos pouco desafiadores...

– O Enzo foi melhor do que eu em todas as partidas.

– Ele só tem seis anos.

– O Enzo *foi* melhor do que eu em todas as partidas.

Iniciei o jogo e não foi bem um riso o que Marcela me entregou quando percebeu a minha dificuldade em jogar, mas uma gargalhada que pôde ser ouvida pelo bairro todo.

– Vai mesmo rir de um garoto que só tem uma mão disponível para jogar videogame? – eu

perguntei, o rosto ardendo de fúria.

– O braço engessado é um mero detalhe. Estou rindo de um garoto orgulhoso demais para assumir que não consegue jogar um *simples* joguinho de bebê.

Desisti da jogatina e coloquei algum programa aleatório na TV.

– Aproveitando que estamos só nós dois aqui... – Marcela começou a dizer, não sem antes olhar ao redor para ter certeza de que nenhum dos nossos pais estava por perto. Minha mãe estava muito focada na cozinha e o meu pai, perdido nas palavras que não conseguia encontrar.

– Você encontrou a pedra que eu deixei no seu quarto, não foi?

– Como é que você sabe disso? – perguntei, o cenho tão franzido que sentia minhas sobrancelhas unidas no centro da testa.

– Quando a mãe pede, eu passo um pouco de roupa para ajudá-la no serviço. Talvez você não saiba disso, já que acredita que basta jogar a roupa suja num balde para que, em dias, ela reapareça limpa nas gavetas.

– Mas você deve ter feito mais do que só guardar a roupa limpa na gaveta para ter percebido que eu encontrei a sua pedra.

– Eu a procurei onde a tinha deixado. Não tenho o costume de fazer isso, mas depois do que conversamos...

– Você a colocou no meu *tênis de corrida*!

– Que, de tão inutilizado, tem cheiro de novo. – Marcela terminou de mastigar um morango inteiro e eu ainda não tinha pensado no que dizer. – Mas você não jogou a pedra fora. Ela ainda está lá, no meio dos seus brinquedos.

– Não são brinquedos.

– Mas você não nega que ela ainda está lá. Não, não nega. – Eu mal conseguia abrir a boca para dizer algo, e por isso Marcela continuou: – Você me pareceu tão irritado naquele dia, quando conversamos sobre eu ter comprado as pedrinhas em São Thomé das Letras. Perdeu a cor e tudo. Fiquei tão incomodada com o jeito com que você me olhava, como se fosse roubar a pedra da minha mão e me acertar com ela, que eu achei melhor não continuar com a conversa. Por isso pensei que fosse jogar a sua pedra fora, caso a encontrasse. Por que não a jogou?

– Não achou que ela combina com a minha coleção?

– Ficou parecendo uma grande e nova esfera do dragão, uma que o Goku e a sua turma recentemente descobriram e cujo poder nem o Vegeta conseguiria mensurar.

– Não é motivo suficiente?

– Você sabe o que a pedra significa, então por que a manteria por perto?

Marcela era tão vidrada em temas de espiritualidade e simbologias que não conseguia pensar em respostas óbvias para as próprias perguntas.

– Porque a pedra *é bonita* – respondi.

Marcela se curvou na minha direção com tanta rapidez que dei um salto para trás e, quando sua mão agarrou o meu pulso saudável, suspirei no que foi a verdadeira demonstração do meu espanto.

– Você *viu* algo, Leandro? – ela perguntou, a voz soando sinistra em meio aos sons estranhos que vinham da TV.

– O que eu poderia ter visto?

– Presságios. Conhecimento. Súbita percepção das coisas, *epifanias*!

Eu estava assustado demais para conseguir pensar com clareza, mas ainda assim havia algo que eu podia fazer.

– Sim, eu vi – respondi.

– O quê? Me diga o que viu, Leandro!

– Tive a súbita percepção de como você é a irmã mais louca que um garoto comum e mentalmente são poderia ter!

– Aguardo com ansiedade o dia em que poderemos ter uma conversa séria de verdade, sem que você torne tudo uma piada! – disse Marcela, levantando-se em um salto.

– E eu torço para que você nunca deixe de ser o que é! – eu gritei de volta, tentando alcançá-la em seu caminho até a cozinha. – Quem mais nessa casa me faria rir desse jeito a essa hora da noite?

Marcela me ergueu o dedo do meio.

Longe dela, voltei a ligar o videogame. Se o *Rayman* achava que era mais esperto do que eu, eu estava prestes a prová-lo o contrário.

21.

Nem sempre somos a pessoa que esperamos ser, ainda mais no que diz respeito a escolhas impulsivas.

Lilian tinha se surpreendido positivamente quando me ouviu falar sobre o meu interesse em fazer parte do comitê de eventos da escola, o que no momento me incentivou a confirmar que aquela era, sim, uma ótima ideia, mas que já não valia mais de nada quando o dia da minha primeira reunião com o comitê chegou. Nas horas que a precederam, tive vontade de desistir, de ir embora e dizer que a ideia de fazer parte de um comitê era absurda, e se Lilian me conhecesse bem ela entenderia com rapidez que uma desistência como essa era até esperada da minha parte. Fazia parte do meu ser.

Foi por pensar em Júlia que compareci à reunião.

Não, eu não estava apaixonado por ela, como muitos poderiam dizer – e Bruno não pensaria duas vezes antes de apontar essa possibilidade. Qualquer um que passasse pelo que eu passara entenderia que não havia razão para eu me apaixonar por ela novamente. Eu poderia perdoá-la pela traição, mas jamais a esqueceria. Em vista disso, querer voltar com ela seria a mais pura loucura, digna de alguém que sofresse de alguma Síndrome de Estocolmo. Querer estar próximo de Júlia na reunião, no entanto, era apenas a minha curiosidade agindo por si só. O que eu queria era ver um pouco mais do que via em sala de aula, saber como ela estava, vê-la ativa, defendendo suas vontades, e tudo por curiosidade, apenas por isso. Mas meus amigos jamais aceitariam essa explicação.

Estar na escola depois do horário de aulas não era algo que eu estivesse acostumado a fazer e, se pudesse, evitaria. Caminhar por aqueles corredores vazios, porque o portão principal só abriria em meia hora para o início das aulas da tarde, era de causar incômodo, como se o corpo protestasse defendendo que não deveria estar ali. Lilian, no entanto, parecia tão à vontade enquanto guiava Bruno e eu até a sala de informática que eu não conseguia evitar o pensamento de que aquela sensação só fosse coisa da minha mente, uma falta de costume. Quem sabe depois da primeira reunião eu também já não ficasse habituado àquele tempo a mais na escola?

Uma vez na sala de informática, deparamo-nos com uma boa porção de alunos aguardando o início da reunião. A grande maioria me era desconhecida, mas não Júlia, que estava em um

dos cantos, voltada para o celular como costumava estar. Antes de se dirigir a ela, Lilian olhou na minha direção, como se pedisse permissão. Dei de ombros, como quem diz que não entende onde está o problema.

– Boa tarde – disse Lilian a Júlia, que ergueu o olhar do celular com a surpresa típica de alguém que não esperava ser incomodado tão cedo. – E aí, como está?

Júlia não respondeu à saudação de Lilian; parou o olhar em mim e em mim ficou por uma boa parcela de tempo. Estava chocada como eu esperava que estivesse, e não expressou nada além disso, nem ódio, nem admiração. Quando concluiu sua análise, se voltou para Júlia e ofereceu o cumprimento que a garota esperava:

– Boa tarde.

– Onde estão a Paula e a Vanessa?

– A Paula disse que tem consulta no médico, não pôde ficar. A Vanessa não veio, mas não explicou o porquê.

Lilian olhou de relance para mim, mas não tardou a se voltar para Júlia.

– Bem, enquanto a reunião não começa, eu gostaria de discutir algumas das ideias que tivemos no último encontro.

– Claro – disse Júlia, ajeitando-se no lugar. E, a julgar pela nova postura, podia-se dizer que ela, enfim, estava interessada na conversa.

– Eu trouxe algumas cotações de aluguel de mesas e cadeiras para a festa, mas confesso que estou mais interessada na proposta que uma tia minha me fez. Ela trabalha com isso e me prometeu que faria um bom preço para esse aluguel.

– Você passou para ela a quantidade de mesas e cadeiras de que precisamos?

– Passei. Com a antecedência com que estamos tratando do assunto, ela disse que consegue reservar todas elas sem problema nenhum.

– E ela também fornece a decoração para as mesas?

– Não, esse tipo de coisa é a gente que providencia.

De novo, Lilian olhou de relance para mim.

Júlia estava aprofundada demais em seu planejamento para perceber a distração da garota com quem falava.

– Pensei em usar decoração de duas cores – voltou a falar. – Mesas com forros vermelhos e verdes, talvez em tecido xadrez.

– Gosto dessas cores, mas vamos precisar de uma terceira. Talvez o amarelo. Vermelho e verde são muito escuros sozinhos.

– Lanternas de papel amarelas sobre a mesa!

– Sim!

Lilian e Júlia agarraram as mãos uma da outra e deram pulinhos no lugar, animadas com as próprias ideias. Tão fascinado que estava com aquela cena, me mantive imóvel durante todo o tempo, temendo que um leve tremular de braço pudesse pôr fim a ela.

– A Vanessa gostaria dessa sugestão – disse Júlia. – Principalmente por causa das lanternas. Ela ficou fascinada por lanternas, depois daquela festa de aniversário.

Meu olhar se dividia entre as garotas, sempre voltado àquela que falava, portanto era em Lilian que eu estava focado quando Júlia terminou sua fala e aguardou uma resposta. Mas apesar de estar com a boca aberta, Lilian não dizia nada. Imóvel, sua pele, de aspecto pálido, agora exibia uma tonalidade tão rósea que era como se tivesse tomado mais sol do que deveria. Ou como se estivesse constrangida.

– Lilian? – Júlia chamou.

– Sim, as lanternas amarelas são uma ótima ideia.

– Imaginei que achasse, já que foi você quem as sugeriu.

– Sim, é verdade.

O tom róseo ganhou força até Lilian ficar vermelha como a decoração para mesa que Júlia tinha em mente.

– Está tudo bem? – Bruno se fez notar.

Júlia e Lilian responderam à pergunta, mas foi na resposta de Lilian que ele prestou atenção.

– Tem certeza? – tornou a perguntar ao ouvir o “É claro!” da amiga. – Essa vermelhidão... Isso não parece certo.

– E o que você sabe sobre certo e errado? – Lilian rebateu.

– Por que eles estão aqui? – Júlia perguntou, enfim.

– O Leandro?

– *Os dois.*

– Eles estão aqui para fazer parte do comitê.

– Não achei que garotos se interessassem por isso.

Júlia estava certa, e não havia melhor maneira de provar isso do que uma rápida vistoria no recinto: eu e Bruno éramos uma minoria no meio de tantas garotas.

– Só vim até aqui porque estou com tempo livre – disse Bruno em sua defesa.

– Espero que esteja apto a pôr a mão na massa também – disse Júlia em seguida.

Bruno não encontrou resposta para isso.

– E você, Leandro? Quando foi que decidiu que faria da sua existência algo útil, mesmo que só oferecendo sua ajuda à simples organização de uma festa junina?

– E-Eu... – Eu devia ter pensado antes em uma resposta para aquela pergunta, e agora sofria as consequências de não tê-lo feito. Dizer a verdade não era uma opção, contudo. – Eu sempre gostei das festas juninas.

– Eu sei, não me esqueci disso. Ainda me lembro de quando costumava dizer que admirava a organização da festa, porque tinha certeza de que jamais faria parte de um trabalho como esse.

O rubor me queimou pescoço acima, mas, para a minha sorte, não chegou a tingir o meu rosto.

– As pessoas mudam – foi a única coisa que consegui dizer.

Júlia me analisou por algum tempo, a boca semiaberta, como que pronta para dizer algo. Eu já estava pronto para lidar com o pior tipo de insulto, afinal, nos últimos tempos, Júlia andava bastante arisca, pronta para atacar antes mesmo de ser atacada. Pouca coisa boa saía de seus lábios quando eu estava na sua presença.

– É, elas mudam – ela disse, no entanto. – Para melhor ou para pior.

E eu assenti com a cabeça, desconcertado e desejando, com todas as forças, estar bem longe daquele lugar.

Júlia desviou o seu olhar e o apontou para a porta que acabava de ser aberta. Era Thiago quem entrava.

– Mas o quê...? – comecei a dizer.

Agora o quebra-cabeça se completava.

Como eu era ingênuo! É claro que Júlia integrara o comitê de eventos porque Thiago era parte dele, e isso era tão óbvio que me fazia sentir um completo idiota por não ter percebido antes. Júlia era assim, fazia o que lhe convinha. Sim, as pessoas podem mudar, mas Júlia jamais desenvolveria tamanho altruísmo da noite para o dia, como que na realização de um milagre, uma surpresa que deixaria até os seus pais de queixo caído. Ou a mim, que ainda estava cego demais pelo amor que sentia por ela para enxergar as evidências, mesmo quando elas estavam a um palmo do meu rosto.

Júlia não se importava com ninguém além de si mesma. Se tivesse um pacote de bolacha na mão e restasse apenas uma, jamais a ofereceria a alguém; a comeria antes que a percebessem. Não se importava com como as pessoas se sentiam e dificilmente lhes oferecia apoio emocional, porque estava tão acostumada com sua percepção de que o universo girava em

torno do seu umbigo que não concebia a hipótese de ter que lidar com outros problemas, que não os próprios. Por que então ofereceria ajuda na organização de uma festa junina de escola, um evento tão pequeno em vista de todos os outros que nos cercavam em uma cidade tão grande quanto São Paulo? Por que gastaria seu precioso tempo com uma causa tão *boba*, senão porque, assim, ficaria mais tempo com o novo namorado?

Thiago se aproximou do grupo, mas dedicou todos os primeiros instantes da sua chegada à Júlia, beijando-a demoradamente, como se fosse devorá-la. Suas carícias eram tão barulhentas que constrangiam não só a nós, mas a outros que estavam próximos. Quando concluiu o beijo de cinema, voltou-se na nossa direção como se só então nos tivesse notado.

– Vocês são...?

– Lilian, do comitê de eventos, e esses são o Bruno e o Leandro, amigos da Lilian – Júlia se prontificou a responder.

– Temos interesse em fazer parte do comitê também – disse Bruno.

– Que bacana.

– E você? Por que está aqui? – perguntei a Thiago.

Ele deu de ombros antes de dizer:

– Primeiramente, porque a minha namorada faz parte disso, e acho justo estar por perto quando há tantos caras ao redor. Tendo uma garota tão linda como namorada, não se pode dar sopa para o azar, não é mesmo? – disse ele e riu. E eu ri junto, sem vontade. – Em segundo lugar porque, hum, não tenho nada melhor para fazer.

– Mas você faz parte do comitê? – Lilian quis saber.

– Vim até aqui para me inscrever.

– E você se importa com a festa? – insisti.

– Não. Você se importa?

Sim, mas não do jeito como Lilian se importava, por exemplo. Mas dizer isso a Thiago o faria perceber que tínhamos opiniões semelhantes sobre estarmos onde não gostaríamos de estar, o que talvez o fizesse perceber que éramos mais parecidos do que ele imaginava. Disso talvez surgisse um senso de coleguismo que ele poderia enxergar como uma chance de aproximação, e não era bem isso o que eu desejava no momento, ainda mais considerando que aquele era o namorado da minha ex-namorada.

– Claro, por que mais eu estaria aqui? – respondi e ri, como Thiago gostava de fazer ao finalizar suas frases. Diferentemente de mim, no entanto, ele não se sentiu na obrigação de rir também.

– Não é por causa dessa bela garota que vemos aqui? – ele perguntou, fazendo uma mesura na direção de Lilian.

– Não.

– Um dia você vai namorar alguém e vai perceber que certos sacrifícios são mais do que necessários para que a relação dê certo, Leandro. E, quando esse dia chegar, você vai se lembrar de mim e do que estou dizendo.

Eu esperava que não.

Para a minha sorte, a professora responsável pelo comitê entrou na sala nesse instante, captando todas as atenções para si, exigindo silêncio.

– Você não vai se juntar aos alunos da sua sala? – Júlia perguntou a Thiago, ao que ele respondeu com um simples “Não”.

O encontro era tão monótono quanto eu supusera. A professora descreveu as limitações da festa, principalmente as de horários e de lotação, o que vetava a possibilidade de trazermos muitos convidados externos, por exemplo. Falou de maneira breve sobre a realização de eventos passados, mencionando o sucesso de todos eles e nos lembrando de que os seus registros, feitos em sua maioria em fotos, se encontravam na biblioteca para consulta. Com aquele encontro, gostaria de garantir a realização de uma festa tão boa quanto as do passado.

– Senão melhor! – acrescentou. – É por isso que estamos incentivando outros tipos de atração, como um show de talentos. Seria o primeiro em toda a existência da nossa escola e, através dele, muitos dos alunos mais talentosos que temos por aqui poderiam mostrar um pouco daquilo em que são bons. Mas antes de falarmos sobre isso, precisamos tratar de outro assunto, um que infelizmente é um pouco mais chato do que a organização de um show de talentos, mas tão importante quanto. Quem ficou responsável pelo aluguel das mesas e cadeiras?

Lilian e Júlia ergueram suas mãos e a professora as convocou para se aproximar.

– Tudo isso é uma grande chatice, você não acha? – Thiago me sussurrou enquanto sua namorada e a minha amiga se dirigiam até a professora. – Tratam essa festa junina como se fosse um grande evento, como o Oscar! Gente como eles – disse, fazendo um gesto abrangente – se contenta com qualquer coisa. Essa festa junina poderia ser combinada como aquelas festas que organizamos com os nossos familiares, sabe? Trazer um prato de doce ou salgado e uma bebida, só. E tenho certeza de que qualquer aluno tem consigo um *pen drive* cheio de músicas no mínimo boas para animar uma pista de dança.

Eu ouvia a tudo, mas não tinha coragem de responder. Thiago forçava sua aproximação e,

muito embora eu me sentisse na obrigação de ser simpático, como se ele fosse um garoto qualquer naquela escola, e não o atual namorado da minha ex, eu não conseguia. Como poderia fazer de conta que não me importava com isso?

Lilian e Júlia terminaram seu assunto com a professora, mas preferiram ficar por lá mesmo, intrometendo-se em outra conversa, uma sobre a montagem de uma fogueira, que era combinada com alunas de outra classe. Havia certa satisfação no olhar da professora, que talvez visse beleza naquele tipo de aproximação. Com sua aura tão acolhedora, aquela e quaisquer outras conversas poderiam durar *horas* sem que conclusão nenhuma fosse alcançada.

– Quando é que vamos fazer a nossa inscrição? – Bruno me perguntou. – Eu queria dar algumas opiniões sobre a construção da fogueira, mas não sei se já tenho permissão para isso. Elas falam sobre tamanhos, tipos e *aparência* da madeira, mas se esquecem do principal: a madeira precisa ser seca para que o fogo seja vivo. E se querem fazer uma fogueira tão grande, vão precisar isolar uma boa área, para que ninguém corra o risco de se machucar...

– O que é que você está fazendo aqui? – Thiago se intrometeu.

– Está falando comigo? – disse Bruno.

– Estou olhando para você, então sim.

– Acredito que o mesmo que você.

– Mas será que não seria melhor ficar em casa jogando videogame, ao invés de se arriscar em atividades que você claramente não nasceu para executar?

Apertei os olhos na direção de Thiago, como que para ter certeza de que via o que via. Estaria ele sugerindo que meu amigo não era bem-vindo?

– E-Eu...

– Achei que essa fosse uma reunião para organizar uma festa junina, não para sugerir passatempos – ouvi-me dizer.

– Vocês têm alguma opinião que gostariam compartilhar conosco? – perguntou a professora, falando alto o suficiente para nos alcançar.

– Não no momento – Thiago respondeu com um sorriso tranquilo.

– Que pena. Eu adoraria ouvir sugestões e achei que a conversa de vocês geraria algumas, já que pareciam tão *enérgicos* enquanto falavam. – Pouco se via de sua aura acolhedora enquanto nos repreendia. – Levantem a mão se quiserem falar. Não queremos que isso vire uma feira de peixe.

– É claro.

E quando achei que a nossa breve conversa tinha chegado ao fim, Thiago me fez perceber

que eu não podia estar mais enganado.

– *Professores decadentes* – ele sussurrou. – Não têm mais o que fazer com suas vidas miseráveis e se divertem gastando o nosso tempo com toda essa baboseira de comitê de eventos. – Girou o indicador em torno da têmpora, como se sugerisse que a professora de que falava era louca.

– Imagino que alguém como você tenha sugestões de ocupação do tempo mais proveitosas, então – eu disse em mesmo tom.

– Ontem eu estava fazendo aula de tiro com o meu pai – ele respondeu, os olhos arregalados de empolgação. – Ele é policial. Militar. Estava me mostrando algumas coisas em um campo de treinamento. Ele tem uma .38, mas me deixou usar um rifle. Estou com dores no ombro até agora de tão forte que é o recuo da arma durante o disparo. – Umedeceu os lábios antes de dizer: – Não sei o que meu pai faria se soubesse onde estou agora. – Riu como se compartilhasse uma fofoca engraçada. – Acho que ele me tiraria dessa escola num piscar de olhos e acabaria com essa festa junina antes que ela tivesse chance de acontecer... *Não!*

Não fui o único a saltar de espanto ao ouvi-lo gritar daquela forma, mas talvez tenha sido o único a desferir uma cotovelada involuntária no colega ao lado em reação a ele.

– *O que foi isso?!* – Bruno questionou ao mesmo tempo em que a professora cobrava uma explicação sobre o que acabara de acontecer.

– Eu ouvi o que vocês disseram sobre a apresentação de dança e a minha resposta é *não* – Thiago explicou. – Só isso.

– Não acha que a apresentação de dança é uma boa ideia? – a professora quis saber.

– Pelo contrário, acho que uma boa apresentação de dança é um ótimo entretenimento para garotas, mas não concordo com a sugestão da Júlia de fazer parte disso.

– O quê? – disseram Júlia e Lilian em uníssono.

– Qual parte não ficou clara?

– Ninguém está pedindo permissão para nada aqui! – Júlia retrucou.

– Não achei que estivesse mesmo.

– Então o que pensa que está fazendo?

– Estou dando a minha opinião. Não é para isso que estamos aqui?

– Não seja idiot...

– OK, não estamos aqui para começar briga nenhuma! – interveio a professora. – Se quiserem discutir esse assunto, que o façam fora dessa sala e em outro momento, não durante a reunião!

- Não temos mais o que discutir – disse Júlia, por fim.
- Exatamente – concordou Thiago.
- E prossigo com a minha sugestão: eu e o meu grupo vamos apresentar um número de dança na festa junina.

Thiago chutou a cadeira atrás de si e se pôs em movimento em direção à saída da sala; não houve ninguém que ousasse ficar em seu caminho. Ao sair, bateu a porta com tamanha força que senti a reverberação da batida no chão em que eu pisava.

Feito isso, a pergunta que mais se ouvia na pequena multidão questionava o que fora aquela situação. Poucas eram as explicações fornecidas e muitos eram os olhares de espanto. Quando Júlia se despediu da professora e se pôs para fora da sala também, os questionamentos foram ainda mais barulhentos e desprovidos de discrição, uma vez que ambas as partes do acontecido já não se encontravam mais no lugar. A festa junina já não tinha mais importância naquele encontro e não voltaria a ter tão cedo.

- O que acabou de acontecer, Leandro? – Bruno me perguntou.
- Acho que acabamos de presenciar uma típica briga de casal – respondi. – E posso estar errado, mas não acho que essa foi a primeira do Thiago e da Júlia.

22.

– Bem – começou Lilian, com visível desconforto. – A minha ideia é a seguinte...

Não houve foco para prosseguir com a reunião depois da cena envolvendo Júlia e Thiago. A professora até tentou colocar um pouco de ordem no falatório, cobrando a atenção de todos e nos lembrando da importância que tinha o nosso trabalho, mas, quando conseguiu fazer com que mais da metade dos alunos pelo menos olhasse na sua direção, as aulas vespertinas já estavam para começar e a professora de informática precisaria da sala. Saímos da escola com muito pouco combinado para a festa junina, o que era um problema, já que a próxima reunião só aconteceria na semana seguinte e, tecnicamente, boa parte dos assuntos já deveria estar resolvida.

Foi por isso que Lilian sugeriu de prolongarmos o encontro, ainda que só entre eu, ela e Bruno. Propus que fizéssemos isso em casa, o que ela considerou uma boa ideia e eu, uma excelente. No sofá da minha sala de estar, acompanhado de um saco de salgadinho, eu poderia falar de qualquer assunto chato de que ela quisesse falar, o que acabou se tornando um benefício tanto para mim quanto para ela, já que agora Lilian tinha a minha atenção integral.

– A sugestão da Júlia de colocar toalhas xadrezes nas mesas é ótima e consigo imaginar a escola ficando linda com esse tipo de decoração, mas precisamos ser francos sobre algo: não vamos conseguir toalhas desse tipo. Toalhas assim não são baratas porque são feitas de tecido, e o dinheiro que temos é para, no máximo, comprar forros de TNT, que podemos encontrar na papelaria.

– Dá para comprar *muito* forro de TNT com o dinheiro que temos – disse Bruno. Eu teria dito o mesmo, se não estivesse com a boca cheia de salgadinho.

– Sim, concordo. Conseguiríamos cobrir mais de trinta mesas com facilidade. Mas eu nunca vi forro de TNT que fosse xadrez.

– Acho que não existe.

– Isso é uma pena. Nesse caso, teríamos que...

– Vocês não estão pensando em fazer toalhas xadrezes com forros de TNT, estão? – disse Marcela ao entrar na sala.

– O que está fazendo aqui? – perguntei.

– Fui preparar uma xícara de chá de hortelã e não pude deixar de ouvir a conversa – ela

respondeu, ocupando o lugar ao meu lado no sofá e tomando cuidado para não derrubar o conteúdo da sua xícara ao fazê-lo.

– Eu adoraria um pouco de chá – disse Bruno.

– Tem água quente na chaleira e você pode pegar um sachê no armário se quiser, querido. Tem outros além do de hortelã. – Enquanto Bruno se dirigia à cozinha, Marcela prosseguiu: – Eu aprecio a ideia das toalhas de mesa xadrezes e consigo imaginar o visual *lindo* que elas deixariam na festa, mas também não posso ignorar que prepará-las com forros de TNT seria um trabalho pesado demais para uma festa que não exige tanto.

– Queríamos que a festa desse ano fosse melhor... – Lilian começou a dizer, mas Marcela a interrompeu:

– Não duvido disso, mas convenhamos que toalhas de mesa são uma decoração bem básica, que não estão lá para encher os olhos de ninguém, mas para adicionar um pouco de cor à festa e, querendo ou não, manter as mesas limpas. O forro de TNT é perfeito, mas como vocês pretendiam transformá-lo em toalhas de mesa xadrezes?

– Cortando-o em quadrados e costurando-os uns aos outros...?

– Foi o que imaginei. Já tive esse tipo de entusiasmo como você um dia, garota, mas preciso avisá-la de que ele não leva a nada. Não na organização de uma festa junina. Canalize-o para algo mais importante, se assim preferir, mas voe um pouco mais baixo quando for tratar de um simples evento de escola.

– Fala como se soubesse do que está falando.

– Ah, eu já trabalhei na festa junina da escola uma vez, então sei como funciona. Não sou tão mais velha do que você, então sei que a diretora se descabelaria toda se chegasse o dia da festa e as toalhas não estivessem prontas. Na pior das hipóteses, ela descabelaria *você*.

Cobrei o olhar de Lilian em silêncio e girei o indicador na minha orelha, dizendo-lhe, sem emitir som nenhum, que Marcela era louca.

– Na verdade, a sua irmã tem razão – Lilian me disse, contudo.

– Eu *sabia* que ele estava me chamando de louca sem eu perceber...

– Você não sabe o tipo de dragão cujo ego está alimentando nesse momento, Lilian – eu lhe respondi.

– A diretora parece uma pessoa legal, toda sorrisos quando precisa passar seus avisos ou fazer qualquer outro tipo de aparição, mas na verdade é uma mulher muito ansiosa, que não sabe lidar com imprevistos. Se não conseguíssemos terminar as toalhas a tempo, talvez ela destruísse a escola toda com TNT *de verdade*.

– Eu jamais pensaria isso de alguém como ela – falei, roubando a xícara de chá de Marcela e sorvendo um gole. Bruno retornou à sala nesse instante dizendo:

– Mas se não vamos fazer toalhas xadrezes de forro de TNT, o que vamos fazer?

– Suas mentes são tão limitadas que não conseguem pensar no óbvio? – disse Marcela em resposta. – Compre forros de cores vermelha e verde e façam da escola um grande ambiente xadrez.

– Eu *podia* ter pensado nisso... – Lilian sussurrou para si.

– Vocês precisam ter em mente que festas como essas não são feitas para que as pessoas fiquem sentadas admirando a toalha da mesa, mas para que fiquem dançando ou, no mínimo, transitando pelo lugar.

– Ah, sobre isso, nesse ano teremos alguns shows de talento. A professora responsável pelo comitê acha que esse tipo de coisa pode dar uma *refrescada* em um formato de festa que já se repete há tantos anos.

– Pode ser legal. Ou um pouco brega também.

– Já que chegamos a esse assunto – intervim, cruzando as pernas. – Mais alguém achou aquela saída dramática do Thiago e da Júlia tão *estranha* quanto eu?

Forçar a mudança de assunto não era algo que eu estivesse pensando em fazer, mas a interrupção da reunião do comitê era algo sobre o qual eu gostaria de falar havia muito tempo, apesar de, até então, não ter encontrado chance de fazer isso. A discussão que assistimos na sala de informática me incomodara de tal maneira que eu não conseguia pensar em outra coisa, senão no bem estar de Júlia. O que fora aquele estresse, afinal de contas? Para mim, não restavam dúvidas de que eles eram um casal que curtia uma boa briga, afinal, pelo jeito como agiram, tão à vontade no meio de estranhos, como se repetissem um ritual já conhecido, não havia como negar que aquela não fora e jamais seria a primeira discussão deles. Mesmo assim, eu não via como não me preocupar com o que vira. Eu ainda amava Júlia e me importava com ela.

– Ufa! Eu precisava mesmo falar sobre isso! – disse Lilian, jogando o caderno em que fazia suas anotações para o lado. – Uma discussão como aquela é sempre boa para acordar jovens que não conseguem se focar no que importa!

– O Thiago é um cara ciumento – comentei. – Só alguém muito ciumento faria o que ele fez.

– Do que estamos falando mesmo? – Marcela quis saber, tomando de volta a xícara de chá da minha mão.

Contamos a ela sobre a discussão, cada um oferecendo um ponto de vista diferente da história. Lilian, por exemplo, falara sobre como teve vontade de gritar junto com a Júlia enquanto ela rebatia as afrontas do namorado e Bruno, que dissera estar avoado demais enquanto a professora conversava com as garotas sobre o show de talentos, dissera que não percebera o que estava acontecendo até eu acertá-lo com o cotovelo.

– Eu estou chocada! – disse Marcela, ainda mexendo o chá, embora já não houvesse mais necessidade de fazer isso. – Escrevam essa ideia e a enviem para algum dramaturgo, porque ela renderia uma cena clássica de novela!

– Será que o Thiago é tão ciumento assim, ou ele só não gosta de ver a namorada dançando na frente de tanta gente? – Lilian quis saber.

– E não é a mesma coisa? – disse Marcela. – Por que ele se incomodaria com o hobby da namorada?

– Talvez porque ele não saiba dançar – disse Bruno.

– Isso não faz o menor sentido – comentei.

– Faz, sim. Você se lembra de quando perguntou para ele o porquê de ele estar naquela reunião e ele respondeu que, primeiramente, estava lá porque a namorada dele também estava?

– Ergueu as sobrancelhas, incentivando-me a pensar. – Talvez ele conviva com esse senso de obrigação de que deve estar onde quer que a namorada esteja e, se ele não for um bom dançarino, deve ser frustrante saber que a namorada vai apresentar um número de dança para toda a escola quando ele não pode fazer parte dele.

– Ainda assim me parece uma atitude muito ciumenta – Marcela reforçou. – Quer dizer, mesmo que ele não saiba dançar, ele deveria ficar orgulhoso da Júlia por *ela* saber e estar disposta a mostrar isso para toda uma escola. É o que você faria, não é?

– É claro – respondi por impulso, quando o olhar de Marcela se demorou em mim. – Eu a apoiaria totalmente, podem ter certeza disso. Mas se puderem me fazer um favor e, de repente, me *eliminar* das comparações...?

– Você ainda não superou a separação – disse Bruno, o que me deixou um pouco irritado.

– Às vezes, me parece que *vocês* não querem que eu a supere.

– Isso é sério – disse Marcela, que não parecia ter ouvido aquela parte da conversa. – Esse garoto, o Thiago, parece levar a sério esse papo de que a namorada tem que respeitar as escolhas do namorado, e isso não é saudável. Quer dizer, pela descrição que vocês fizeram, parece que ele estava *bem* irritado com a possibilidade de ela se apresentar no show de talentos.

– Ele estava pronto para a briga – Lilian ressaltou.

– O que torna tudo ainda mais preocupante. – Marcela refletiu por um instante e, quando chegou a uma conclusão, falou: – Talvez a Júlia esteja em um relacionamento abusivo.

Lilian suspirou e levou a mão ao peito. Bruno abriu a boca em um O de espanto. Eu observei tudo isso e falei:

– Pelo visto, esse é um assunto de que vocês gostam *muito*.

– O que quer dizer com isso? – Lilian quis saber.

– Já é a segunda vez, em um curto espaço de tempo, que vocês sugerem que a Júlia faz ou fazia parte de um relacionamento abusivo. Na escola, vocês estavam falando isso do *nosso* namoro. Por que alguém como o Thiago não pode só ser um babaca, ao invés de vocês qualificarem o que acontece com eles como um relacionamento abusivo?

– Não tiro o mérito do seu pensamento, o Thiago pode mesmo ser um babaca – disse Marcela –, mas um relacionamento abusivo pode ser uma consequência disso.

– Talvez nem seja culpa da Júlia – disse Bruno.

– Não mesmo – disse Lilian. – Bem, vocês viram como ela se impôs diante do que ele falou. A Júlia não é uma garota que abaixa a cabeça para garoto nenhum.

Eu que o diga.

– Ela precisa de ajuda – disse Marcela.

– Na verdade, pelo que pude ver até hoje, posso dizer que ela é uma garota que sabe se defender – eu lhe disse.

– Não, Leandro, não brinque com isso! A Júlia precisa de apoio e de ajuda. Se o Thiago é tão louco quanto parece ser, ela precisa de alguém que esteja por perto para ampará-la ou ajudá-la caso o pior aconteça.

– Vocês estão levando esse assunto *a outro* patamar...

– Concordo com a Marcela – disse Lilian. – Garotos são naturalmente uns babacas, mas se ele for do tipo de babaca que pode afetar a segurança dela...

–... Ela vai precisar de alguém confiável por perto – Marcela completou.

– Vocês não estão sugerindo que eu seja essa pessoa, estão?

– E quem mais seria? Você mesmo disse que a Júlia não é de muitos amigos. Quem sabe você não é o que ela tem de mais próximo disso?

Se elas soubessem das conversas que tivemos, talvez não estivessem tão certas quanto ao fato de eu ser o que ela tinha mais próximo de um amigo. Mas não era hora para esse tipo de confissão.

– Se ela precisar de ajuda, tem o meu número e pode me ligar – sentencieei.

– Isso se ela ainda tiver o seu número – disse Marcela. – Garotas podem apagar o número do ex da lista de contatos em um ataque de fúria, especialmente as de temperamento difícil.

– De qualquer forma, ela sabe onde me procurar.

Se o orgulho dela permitir, completei em pensamento.

– Hum, podemos retomar a organização da festa junina? – propus, quando já não me sentia mais à vontade com aquele assunto. – Temos muito trabalho a fazer e pouco tempo disponível.

Bruno ajeitou os óculos sobre o nariz, analisando-me com sua frieza típica.

– Você tem razão – disse Lilian. – Onde paramos mesmo?

– Usem toalhas de cores diferentes nas mesas e terão o efeito que procuram! – foi o conselho que Marcela deu ao se levantar e se pôr para fora da sala. – Tenho certeza de que os alunos daquela espelunca vão adorar!

E foi em cima dessa premissa que retomamos o nosso trabalho.

Dormir é algo que eu sempre soube fazer bem, independentemente das circunstâncias. Talvez o fato de eu não ter um colega de quarto facilitasse as coisas, mas a julgar pela maneira como meu sono se comportava em viagens em família, quando sou obrigado a dividir quarto com meus pais e a minha irmã, é provável que nem eles sejam capazes de perturbá-lo, por mais alto que ronquem. E Marcela roncava, segundo o que eu viera a descobrir. E os meus pais também.

Mas sempre há pontos fora da curva para tudo. Na escuridão do meu quarto, envolto em um edredom, pronto para dormir, meus olhos nunca estiveram tão arregalados. Era como se eu não tivesse me cansado o suficiente para justificar ter ido me deitar naquele horário, embora já fosse quase meia noite, ou como se, de repente, meu corpo tivesse inventado outra maneira de recuperar sua energia sem a necessidade de algumas horas de sono.

Ou como se a minha preocupação com Júlia martelasse a minha cabeça e não me deixasse sossegar.

E nada melhorara depois da conversa com Marcela, Lilian e, de certa forma, Bruno, muito embora fosse alívio o que eu buscava ao propor que falássemos sobre a discussão na sala de informática. Ao invés de aliviar a minha ansiedade, conversar com eles funcionou como jogar mais lenha em uma fogueira que já estava acesa o suficiente, e isso porque eles, diferentemente de mim, tinham uma visão mais ampla da situação, uma que eu não tinha e jamais teria por ainda me sentir tão próximo da Júlia. Marcela e Lilian achavam que ela precisava de ajuda e

que devia ser eu a pessoa a ajudá-la. Será que não viam a ironia disso?

Eu entendia a importância do que elas sugeriam, de que talvez Júlia estivesse em um relacionamento pouco saudável, mas ao mesmo tempo não conseguia deixar de imaginar que isso era só coisa da cabeça delas. Posso dizer que conhecia Júlia muito melhor do que elas jamais conheceriam, por mais que Lilian compartilhasse com ela momentos de grande empolgação, como aquele em que ficaram pulando de mãos dadas, comemorando uma ideia, logo, para mim soava pouco provável que Júlia se permitisse manter em um namoro tão nocivo. Ela era melhor do que isso.

Ou será que esse era eu *querendo* acreditar nisso?

De uma forma ou de outra, Júlia sabia onde eu morava e poderia me procurar se quisesse. Não sei se ela seria capaz de ignorar seu orgulho para fazer isso, mas eu gostava de acreditar que sim. Se seu relacionamento atingisse proporções que nem ela e toda sua força feminina fossem capazes de aturar, não havia como ser possível que ela aguentasse toda essa carga sozinha. Júlia podia ser o que fosse, mas ainda era um ser humano, e seres humanos precisam uns dos outros, ainda mais quando a vida anda difícil. Mesmo que não viesse até em casa, ela poderia me ligar. Se não me ligar, uma mensagem de *WhatsApp* resolveria.

Mas e se ela não tivesse mais o meu número?

Nunca me considere um garoto orgulhoso, e a maior prova disso era a proximidade que eu ainda forçava com a minha ex-namorada, que não parecia se importar comigo em escala nenhuma. Dessa forma, abordar Júlia mais aquela vez, mesmo que através de uma mensagem de celular, não me pareceu um grande sacrifício. Marcela podia estar certa quanto à possibilidade de ela ter excluído o meu número – pelo menos do *Facebook* ela me excluía –, e, se isso de fato acontecera, qualquer mensagem que eu enviasse a ela colocaria o meu número a seu dispor num passe de mágica, para que ela o usasse como bem entendesse.

Procurá-la era o mais sensato a fazer, agora eu tinha certeza. E eu estava sem sono, mesmo.

Apanhei o celular, desbloqueei sua tela e abaixei o seu brilho até que ele não me incomodasse na escuridão. O número de Júlia continuava onde eu o deixara da última vez, intacto, pois, ao contrário dela, eu não sentira ódio o bastante para apagá-la da minha vida. Nossa última conversa, que consistira no acerto dos detalhes do encontro que tivemos no shopping pela última vez, parecia tão longínqua que eu já nem me lembrava mais dela. Percorri sua extensão por algum tempo, tomado por um sentimento de nostalgia, antes de tomar coragem de enviar algo novo.

Leandro: Boa noite

Era uma mensagem genérica, do tipo que iniciava qualquer tipo de conversa com amigos próximos ou completos desconhecidos. Minha intenção era dar a entender que eu escolhera o contato errado ao enviá-la, afinal, àquela altura, eu e Júlia pouco tínhamos o que conversar, mesmo que fizéssemos parte do comitê de eventos da escola como representantes da nossa sala.

Sua resposta veio rápido.

Júlia: leandro?

Leandro: júlia? ah dsclp mandei p pessoa errada, foi mal

Júlia: não tem problema, foi nada

Leandro: blz, boa noite aí

Júlia: boa noite

Eu não esperava que aquela conversa continuasse, afinal, meu objetivo já fora alcançado, mas a nova mensagem de Júlia veio pouco tempo depois de eu colocar meu celular de lado.

Júlia: como terminou a reunião lá hj?

Leandro: não tivemos mto tempo p continuar, a prof de informática apareceu logo em seguida e pediu a sala

Júlia: dps que eu saí?

Leandro: isso

Júlia: então deve ter mta coisa pra combinar ainda

Leandro: a lilian veio com o bruno aqui pra casa e a gente falou um pouco mais sobre a decoração das mesas. minha irmã sugeriu de a gente usar toalhas de tnt de cores diferentes, ao invés de preparar toalhas xadrezes. ela disse que daria mto trabalho

Júlia: pensei nisso depois, ela tem razão

Leandro: então td bem pra vc não ter toalhas xadrezes?

Júlia: que seja

Mais uma vez, achei que a conversa tinha acabado, mas, antes que tivesse chance de bloquear a tela do celular, Júlia voltou a falar.

Júlia: eu tava mesmo querendo falar com vc

E eu engoli em seco antes de escrever:

Leandro: sobre o q

Júlia: sobre o meu número de dança

Leandro: em que eu poderia ajudar?

Júlia: poderia ser o meu par

Apertei os olhos com toda a força que meu corpo descansado tinha, arrependido por ter prolongado aquela conversa. Mesmo a ideia de tê-la iniciado agora me parecia idiota, tão tola quanto a de cutucar um vespeiro com um graveto.

Leandro: eu não sei dançar

Júlia: e eu sei fazer isso mto bem, posso te ensinar

Leandro: eu to com um braço imobilizado

Júlia: vou precisar das suas pernas não do braço

Leandro: não sei se é uma boa ideia

Júlia: acha a minha sugestão de apresentar um número de dança idiota?

Leandro: não é isso, é só que sei lá. tem ctz de que não seria uma boa chamar o seu namorado para isso?

Júlia: já te falei que não somos namorados

Leandro: seja lá o que ele for

Júlia: achei que tivesse visto na sala o showzinho que ele fez pq não queria que eu me apresentasse

Leandro: pode crer

Júlia: então vai por mim ele não vai querer fazer parte disso de jeito nenhum

Leandro: ele pode ficar com ciúme

Pela primeira vez desde o início da conversa, tivemos uma pausa que durou algo próximo de um minuto.

Júlia: ele que vá pro inferno

Leandro: kkkkkkkkk

Tão intensa quanto a risada digitada foi a que eu dei sozinho em meu quarto ao ler aquilo.

Leandro: ainda assim, não acho uma boa ideia

Júlia: tanto qto o thiago?

Leandro: não da mesma forma

Júlia: pq o q vc tá falando tá me parecendo o q ele disse na sala, só q com palavras mais bonitinhas

Leandro: vc não acha estranho a gente se juntar num número de dança dps de termos terminado?

Júlia: to pedindo pra vc dançar cmg, não pra beijar a minha boca, cacete

Na escuridão do quarto, senti as maçãs do rosto arderem.

Leandro: não foi o q eu pensei

Júlia: vai fazer parte ou não?

Meu amor por Júlia era incontestável, assim como a importância que eu dava a ela, mas sempre havia aqueles momentos em que ela me fazia querer estar longe, a uma distância segura, para que não me atingisse daquela forma, fosse com suas exigências ou com seus julgamentos. Ao terminar com Júlia, tudo o que eu queria era que ela fosse feliz, mesmo que longe de mim, mas era depois de conversas como aquela que eu percebia que o que eu queria na verdade era que ela fosse feliz *longe* de mim.

Ainda assim, ela precisava da minha ajuda e claramente não tinha a quem mais recorrer. Júlia não era louca o suficiente para me escolher como sua primeira opção para uma apresentação de dança, e isso por uma série de motivos que iam desde o fato de ela saber que eu não sabia dançar até sua consciência de que já não convivíamos mais tão bem. Estava desesperada.

E Marcela estava certa quando sugerira que eu deveria ajudá-la, mas não pelo motivo que imaginava, dizendo que eu era o que Júlia tinha mais próximo de um amigo, e sim porque eu era a única pessoa confiável que ela poderia ter ao seu lado. Júlia não tinha muitos amigos ou

colegas e os poucos que tinha eram tão confiáveis quanto uma serpente. Júlia tinha sorte de me conhecer, mas tinha uma sorte ainda maior de eu ser tolo o suficiente para acabar aceitando o seu pedido, mesmo depois de vê-la quebrar *a minha* confiança.

Leandro: espero n estragar td

Júlia: vamos ensaiar vezes suficientes p que isso não aconteça

Leandro: não vejo a hora de começar

Júlia: logo mais voltamos a nos falar para combinar os ensaios

Júlia ficou *offline* diante do meu olhar, o que me fez bloquear a tela do celular e colocá-lo de lado mais uma vez. Até que ele voltou a vibrar.

Júlia: obg por isso leandro

Leandro: de nada, boa noite

Poucos instantes depois de bloquear a tela do meu celular e perceber que a ansiedade que antes me acometia não mais existia, adormeci como se todo o cansaço acumulado no dia tivesse, enfim, se apossado de mim.

23.

Já era hora de eu ajudar Lilian com o seu caso amoroso, e tanto ela sabia disso que logo veio me cobrar o favor.

– Afinal, imagino que *hoje* não haja nada nem ninguém em seu caminho que seja capaz de estressá-lo. Ou que já o tenha estressado. Acabamos de chegar ao meio dia e é muito cedo para esquentar a cabeça com qualquer *coisinha*!

Isso era o que ela dizia, mas o que não percebia era que sua cabeça estava tão quente quanto ela esperava que a minha não estivesse.

Ao final da última aula, Lilian se despediu de Bruno e Márcio e me agarrou pela mão, puxando-me para fora da sala. Márcio tentou nos seguir, crendo que estávamos escondendo algo dele, e não tardou até que pensasse que o que escondíamos era *sobre* ele. Chegou a sugerir que estávamos lhe preparando alguma surpresa, o que nos obrigou a lembrá-lo de que seu aniversário já tinha passado e que estava cedo demais para combinarmos o próximo. Quando nem assim ele se afastou, Lilian exigiu que eu ficasse parado no lugar enquanto ela empurrava o garoto escola afora.

Feito isso, se enfiou no banheiro.

Não disse o que faria. Minha limitada imaginação suspeitava que Lilian faria por lá o que qualquer outra garota faria: xixi. Estava tão convicto disso que olhei para a saída do banheiro no momento em que julguei que a minha amiga sairia por ela. Mas Lilian não saiu. Nem na minha segunda olhadela. Nem na terceira. Aguardei um minuto inteiro antes de arriscar uma quarta. Foi na quinta que o óbvio veio a mim: Lilian não estava mijando.

– Espero que tenha verificado se tem papel higiênico! – gritei para dentro do banheiro. Não era a minha intenção causar constrangimento, portanto, assegurei que a escola estava vazia antes de acrescentar: – Essa espelunca mal tem água na torneira, *imagina* papel higiênico! Mas se precisar de algum, posso ver no banheiro dos garotos, é só me avisar!

Lilian não disse nada, apesar de eu jurar ter ouvido um “*Não seja idiota!*” distante. Talvez fosse coisa da minha cabeça.

Quando Lilian surgiu, eu já não conseguia mais ficar em pé, e por isso estava jogado em um desses bancos que ficam grudados nas paredes. Já não havia mais o que observar naquela vastidão de espaço vazio, abandonado como o lugar pouco convidativo que era. Em meio a

paredes brancas e chão acinzentado, qualquer detalhe de cor diferente se faria notar com facilidade, e Lilian estava particularmente chamativa em um conjunto de calça vermelha e blusa azul, exibindo os ombros de um jeito que nela era inovador. Estava mais uma vez sem os óculos e os cabelos, que costumavam ser organizados em um coque mais prático do que bonito, estavam arrumados em um penteado encantador, que consistia em uma presilha vermelha que os reunia em uma amarração atrás da cabeça. Lilian, no entanto, insistira em jogá-los por sobre os ombros. Estava também maquiada, com direito a batom vermelho e tudo.

– Você está *sensacional*! – eu disse assim que consegui falar.

– Seja mais discreto, não quero chamar atenção.

– Deveria ter feito outra coisa, então. Você está um espetáculo! Por que não se arruma assim mais vezes?

– Isso leva tempo.

Ponderei por um instante.

– É, leva mesmo. Achei que estava cagando.

– Eu não estava fazendo isso! Não só isso.

– E que parte eu tenho nesse encontro? – perguntei. – Quer dizer, acho que você já fez o principal. Com exceção de... – Apanhei os cabelos que ela jogara por sobre os ombros e os afastei para trás, permitindo que o rabo de cavalo feito com a presilha se completasse. – Deixe seu pescoço à mostra. Ele é bonito assim.

– Que elogio *curioso*. – Apontou o portão da escola e pediu: – Vamos indo, estou quase atrasada.

– Mas me diga uma coisa: o que eu devo fazer? – perguntei quando já estávamos na rua. – Você não quer que eu faça parte desse encontro, quer?

– *É claro que não!* – ela falou com ênfase. – Quer dizer, não diretamente.

– E como eu poderia estar no seu encontro *indiretamente*?

– Olhando de longe. Não sei como vai ser e gostaria de ter alguém por perto, paro o caso de tudo dar errado. Se é que me entende.

– Só se a Vanessa for louca.

– Ou se ela não gostar do que eu tenho para falar.

– Talvez fosse uma boa ideia medir as suas palavras num primeiro encontro...

– Não é disso que estou falando. – Olhou para os dois lados da rua como se analisasse a possibilidade de atravessá-la, mas, considerando o que disse em seguida, era mais certo afirmar que buscava por ouvidos suspeitos. – Vou revelar quem eu sou.

– Então era séria aquela história de você dizer que ela não sabia quem você era na festa do Márcio? – Lilian estava estonteante, de fazer com que o queixo de qualquer garoto ou garota caísse, mas, se levava aquela mentira por tanto tempo, eu não via como toda aquela arrumação aliviaria a revolta de Vanessa quando descobrisse que sua paixão atual era uma garota que ela estava acostumada a ignorar todo dia. – Lilian, isso é grave!

– Eu sei, e é por isso que quero consertar as coisas!

O caminho que fazíamos passava perto da casa de Júlia, e o que tornava tudo ainda mais estranho era que Lilian escolhia um caminho muito parecido com o que eu fazia quando ia me encontrar com ela.

– Para onde estamos indo? – perguntei.

– Para o Habib’s.

– Mas o único Habib’s que temos por aqui é o...

...que fica perto da casa da Júlia.

– Sim, o que fica perto do terminal de ônibus – Lilian completou. – Não achou que eu te faria caminhar até o da estação de metrô, achou?

– Não, é claro que não.

Talvez Lilian não soubesse que a casa de Júlia ficava naquela direção, o que não era de causar espanto, já que eu não tivera oportunidade de falar sobre isso enquanto namorava. Em tempos como aqueles, eu jamais seria capaz de imaginar que elas fossem ficar tão próximas por conta de um comitê de eventos.

Chegamos às proximidades do terminal de ônibus e, para chegar ao Habib’s, só precisávamos atravessar a avenida. Lilian parecia apreensiva, inspirando fundo e expirando todo o ar pela boca. Forçara uma caminhada apressada para chegarmos até ali em pouco tempo, mas nem todo o esforço afastara a sua beleza. Continuava tão impecável como quando saía do banheiro feminino da escola.

– Eu vou atravessar a rua e entrar no lugar – ela começou a falar, intercalando as palavras com novas tomadas de fôlego. – Vou me sentar na janela para que você possa me ver.

– Eu não vou entrar com você?

– *Não!* Quero que você fique aqui e que nos observe de longe.

Olhei na direção do Habib’s. As poucas pessoas que agora o frequentavam me pareciam minúsculas à distância, mas nem por isso seria difícil reconhecer Lilian em meio a elas, considerando sua arrumação. Lilian chamaria atenção mesmo que estivesse em uma multidão.

– Mas por que não posso entrar com você? Eu poderia tomar uma mesa distante ou...

– Você me desconcentraria – Lilian interrompeu. – E não quero gaguejar. Tenho muito para falar e não quero parecer vacilante. Faz isso por mim?

Que escolha eu tinha? Depois de ter agido como um monstro quando, na festa do Márcio, ela se aproximara de mim tão empolgada com o fato de ter beijado a garota por quem estava apaixonada, ficar do lado de fora de um restaurante *fast-food* durante o seu encontro regado a boa comida e, na melhor das hipóteses, boa conversa era o mínimo que eu podia fazer.

Olhei ao redor. Havia um ponto de ônibus com cobertura naquele lado da avenida, portanto assento eu teria enquanto segurava vela à distância.

– É claro que faço – prometi, enfim. – Agora vai lá e *arrebenta!*

Pela primeira vez naquela tarde, senti como se a atmosfera tivesse mudado um pouco, ficando ligeiramente rósea, ou lilás, enquanto assistia Lilian atravessar a rua e entrar no Habib's. Tive o ímpeto de gritar para ela que tudo daria certo, tão convicto disso que estava, mas Lilian estava agora longe demais para que eu pudesse alcançá-la mesmo com um grito forte. Melhor assim.

Sentei-me no ponto de ônibus, ocupando o assento ao lado de uma senhora que discutia, irada, com alguém ao celular. Ao que parecia, algum gato deixara de ser alimentado naquela manhã e ela não aceitava qualquer que fosse a desculpa que lhe ofereciam. Nem parecia ouvi-las, mas as rebatia com gritos revoltados, proferindo insultos elaborados, sem repetir palavra. Seria difícil acompanhar o encontro de Júlia enquanto aquela discussão perdurasse – não que eu esperasse ouvir algo do que elas fossem conversar lá dentro.

Afinal, nem precisaria.

A atmosfera continuava com aquela tonalidade lilás, que não combinava com o dia ensolarado que eu esperava encontrar ao sair da escola. Era como enxergar o mundo através de lentes coloridas. A sensação era um tanto confortável, e confesso que enxergar o mundo sob aquela ótica deixava tudo bem mais claro, mas era pelo fato de não estar acostumado com ela que eu me sentia um tanto preocupado. Não o suficiente para desistir da ajuda que oferecera a Lilian e correr para casa, aliás nem o suficiente para esquentar a minha cabeça. Era algo que eu observava, do qual eu tinha consciência, mas que não exigia atitude nenhuma da minha parte.

Vanessa surgiria algum tempo depois, atrasada. Sua arrumação não seria uma surpresa, pois Vanessa já era conhecida pela aparência impecável, ainda que um tanto infantil. Cumprimentaria Lilian com um beijo no rosto, pois tinha vergonha do que os outros pensariam se as vissem se beijar na boca, mas estava feliz de estar na sua presença. Sussurraria algo sobre querer poder beijá-la como tinham feito na festa de Márcio. Lilian estaria preocupada demais

com o que tinha a dizer para conseguir retribuir a mensagem sugestiva com algo criativo.

Pediriam esfirras para acompanhar suas bebidas: Lilian escolheria um suco de limão e Vanessa, um de morango. Quatro esfirras seriam colocadas no prato, duas para cada uma. Alguém como eu comeria um prato como aquele sozinho e ainda precisaria de mais.

Apanhariam a mão uma da outra. Lilian estaria tensa, e sua postura deixaria isso bem claro, mas Vanessa estaria tão fascinada com a imagem de suas mãos unidas que não prestaria atenção em outra coisa; era uma garota avoada. Lilian tomaria fôlego o tempo todo, como se estivesse prestes a fazer algo que exigia muito esforço. Vanessa associaria esse cacoete a algum tipo de tensão por paixão, algo que ela também sentia, mas sobre o qual tinha total controle.

Vanessa queria lembrar o encontro, o que a Lilian soaria um tanto estranho, uma vez que pretendia falar sobre o que fariam a partir dali. Essa era também a vontade de Vanessa, mas seu jeito de começar uma conversa era esse: falava sobre o passado na esperança de que o futuro viesse por si só. Mas se Lilian exibisse algum tipo de carranca quando a ouvisse dizer que gostaria que aquela noite não terminasse nunca e que seria uma boa ideia repeti-la qualquer dia, não seria porque não gostara do que ouvira, mas porque *ainda* estava presa na própria mente. Mas Vanessa não perceberia isso e, provida de um tipo de inteligência emocional tão superficial, associaria sua indiferença a, talvez, um término iminente.

Mas ainda nem começamos, ela diria.

O que quer dizer com isso?

Você... Você está pensando em terminar comigo?

T-Terminar? É claro que não!

Então por que está tão séria? Achei que fosse ficar feliz em me ver.

E estou. Mas é que tenho algo para dizer.

Vanessa ouvira aquela frase muitas outras vezes e toda essa experiência lhe ensinara que, depois dela, não se podia esperar nada de bom. Seria a sua vez de expressar descontentamento. Lilian já esperava algo do tipo, mas, mesmo quando suas suspeitas se confirmassem, não se sentiria mais tranquila. Perderia a vontade de falar.

Mas Vanessa exigiria que ela continuasse; sua curiosidade era ainda maior do que seu medo de se decepcionar.

Não sou quem você pensa que sou.

Você me pareceu bem convincente enquanto beijava a minha boca na festa. Então quer dizer que aquilo tudo era mentira, que você não gosta de meninas?

Nada daquilo foi mentira, mas acho que jamais seria verdade se você soubesse quem realmente sou.

E se você não é a Letícia por quem fiquei a fim na festa do Márcio, quem você seria?

Eu sou a Lilian.

Vanessa estranharia aquela revelação, mas não pelo motivo que Lilian imaginaria. Lilian pensaria que, ao conhecer a verdadeira pessoa por trás da Letícia, Vanessa fosse querer se afastar e ir embora daquele encontro, arrependida de ter entregado seu corpo e o seu ser a uma garota que jamais tinha desejado. Vanessa, no entanto, não entenderia sozinha o propósito do que Lilian lhe falara.

Se quiser ir embora, pode ir. Eu vou ficar bem, Lilian diria, as lágrimas prestes a serem vertidas.

E por que eu iria embora?

Por descobrir que não sou quem você pensa que sou.

Você é quem eu sempre soube que é. Por acaso imaginava que eu não a tinha reconhecido?

Lilian diria que sim.

Vanessa riria por alguns instantes, a mão ainda apertada à de Lilian. Quando conseguisse uma pausa no ataque de riso, diria que estranhara o nome Letícia quando ela se apresentara, mas julgara que Lilian tivesse nome composto, de repente Liliane Letícia ou algo do gênero. Sabia quem Lilian era no momento em que a vira pela primeira vez. Inclusive, estivera embasbacada com a sua beleza, se perguntando onde ela estivera escondida por todo aquele tempo.

Então você sabe quem eu sou.

Sempre soube.

E mesmo assim não se importa.

Na verdade, se importava o suficiente para querer estar com ela naquele momento e em vários outros.

Lilian engoliria suas lágrimas, decidida a mostrar um lado mais forte de si. Apertaria a mão que segurava a sua e ofereceria um meio sorriso à garota que a observava.

Ainda se beijariam naquele encontro, mas não consegui ver essa parte, porque alguém estava me sacudindo e fui obrigado a voltar à realidade.

– Se continuar dormindo no meu ombro, vou chamar a polícia! – disse a senhora ao celular. Eu, de fato, estava deitado em seu ombro.

– Me desculpa! – pedi, ajeitando-me no lugar. – Eu não queria...

– Vai ser drogado em outros cantos, não em cima de mim!

Olhei na direção do Habib's e encontrei a janela em que Lilian e Vanessa estavam sentadas. Suas bebidas tinham acabado chegar, mas mesmo a chegada e a saída do garçom me causaram uma estranha sensação de *déjà vu*. Levou um tempo para que Vanessa agarrasse a mão de Lilian, mas eu já estava esperando por isso.

Tudo daria certo. Lilian diria o que tinha para dizer e Vanessa não se surpreenderia. Elas ainda se beijariam naquele encontro, mas não agora e tampouco tão em breve, eu sabia disso.

Lilian não sentiria a minha falta se eu fosse embora. Precisaria de mim se tudo desse errado, mas não se tudo desse certo.

Levantei-me do meu assento, pedi desculpa uma última vez à senhora ao celular e comecei meu caminho de volta. Enviaria uma mensagem a Lilian antes de chegar em casa, dizendo-lhe que eu fora embora, mas lhe parabenizando pelo ótimo encontro. E ela só a leria quando chegasse em casa.

Muitas horas depois.

24.

Em um fim de semana ensolarado, propício a qualquer tipo de atividade ao ar livre, como piqueniques, geralmente feitos por jovens casais em parques arborizados, ou corridas, para aqueles que planejam ter um verão *fitness*, ou uma ida ao shopping, para aqueles que só precisam de um pouco de sol para ter coragem de sair de casa, eu segui contra a maré e fiz algo que jamais pensei que fosse voltar a fazer um dia: fui à casa de Júlia.

Júlia morava com o pai, a mãe e uma tia em um sobrado bonito, próximo a uma área mais movimentada do nosso bairro – próximo ao terminal de ônibus, para os mais chegados. Toquei a campainha e fui avisado por alguém, sem certeza de quem, de que alguém apareceria para abrir o portão. Aguardei no lugar, brincando com os dedos, ansioso.

Não tinha contado a ninguém desse meu plano, porque todas as conversas que construí na minha mente tinham finais desastrosos. Meus pais não entenderiam e fariam mais perguntas do que eu poderia responder. Marcela talvez me obrigasse a ouvir alguns de seus conselhos e direcionamentos, o que tomaria grande parte do meu tempo. Já meus amigos... Não consigo imaginar um mundo em que eles aceitariam essa reviravolta numa boa. Foram tempos conturbados aqueles em que me mantive longe deles, e eu não queria estragar tudo novamente por conta de uma pequena ajuda a uma ex-namorada.

Foi Júlia quem apareceu para abrir o portão, vestida em roupas leves e reveladoras, à vontade em sua própria casa. Carregava um semblante sério e pouco convidativo, mas mesmo assim sorri, ainda que de um jeito estranho, enquanto a observava vir na minha direção.

– Está com fome? – foi como ela me cumprimentou.

– Almocei bem.

– Ah, que bom. Almoçamos há pouco também, mas minha tia estava insistindo para que eu te perguntasse isso. Acho que seria capaz de preparar outro almoço do zero se você dissesse que está com fome.

– Eu jamais faria isso com ela.

– Que seja. Entre.

Percorremos o mesmo corredor estreito que eu percorrera tantas outras vezes em dias passados. Eu já esperava que fosse sentir nostalgia ao estar ali, e lá estava ela, se pressionando contra o meu peito. Observava cada canto como que em busca de mudanças, e foram poucas as

que encontrei; talvez não fizesse tanto tempo assim desde que nos separamos, ou então mudanças como as que eu esperava ver não eram de acontecer com tanta frequência.

Mas Júlia tinha mudado.

Em uma casa em que no passado eu costumava entrar sem esperar convite, parei à porta enquanto Júlia sumia em seu interior. Mal se deu conta da minha ausência. Foi a sua tia quem me notou, deixando de lado o rodo com que limpava a sala para vir até mim.

– Menino, há quanto tempo! – disse ela e me puxou para um abraço rápido. Rescendia a água sanitária. – Sumiu!

– Não sumi, não, eu continuo morando logo ali.

– Mas nunca mais veio até aqui! Ficou rico e se esqueceu da gente? – Não esperou a resposta e me puxou para dentro da casa. – Fique à vontade, você não é mais visita aqui há muito tempo!

– Claro, com licença.

Segui por onde Júlia seguira, passando pelo portal da cozinha. Encontrei-a fazendo o caminho de volta e por muito pouco não colidimos um com o outro.

– Por que demorou? – ela perguntou.

– Sua tia estava conversando comigo – menti.

– Enchendo o saco, provavelmente.

– Não, sua tia é legal.

Júlia não parecia me ouvir. Caminhava com pressa, os chinelos estalando a cada passo. Alcançamos o quintal de trás e subimos dois lances de escada até a laje. A partir dali, não tínhamos mais para onde ir, portanto supus que chegáramos ao nosso destino final.

A laje da casa de Júlia costumava ser usada para comemorações de família, como os famosos churrascos de domingo, e isso porque comportava uma boa quantidade de convidados sob o seu telhado. No espaço, havia uma churrasqueira grande, balcões, uma geladeira velha, uma pia e uma mesa onde geralmente eram servidos os alimentos. Sobre ela, hoje havia uma jarra de água gelada e dois copos limpos. As poucas cadeiras disponíveis estavam reunidas em um dos cantos. Júlia fizera sua lição de casa.

– Vamos ensaiar por aqui – ela anunciou. – Algum problema com isso?

– Com o lugar? Não, de jeito nenhum. Com o tempo, você vai descobrir que o problema serei eu.

– Por que diz isso? – perguntou, como se esperasse algum tipo de afronta.

– Porque eu não sei dançar – respondi, com estranheza. – Por que mais seria?

– Ah, claro que é isso. Achei que fosse falar do braço. – Júlia coçou o cocuruto e respirou fundo. – Bem, eu ensaiei a coreografia inteira com algumas meninas que consegui reunir para o número, todas da escola, bem mais novas do que a gente. A coreografia consiste em um grupo de garotas sincronizadas ao nosso redor, tomando conta da própria dança, enquanto eu e você ficamos no centro, em uma dança de casal.

Devo ter corado um pouco, porque senti minhas narinas arderem.

– C-Como é que é?

– Quer saber? Você não precisa se preocupar com o todo. Vamos só nos preocupar com o que nos compete. – Tirou um celular do bolso e, enquanto o explorava, prosseguiu: – Sei que as pessoas esperam que dancemos algum sertanejo antigo ou forró do tipo Falamansa, mas vamos focar no sertanejo universitário, uma dessas músicas românticas que não são muito melosas. O que você sabe de sertanejo, Leandro?

Em outro tempo, Júlia não diria o meu nome; me chamaria de amor. E seu tom também seria diferente, um menos urgente e prático e mais carinhoso.

– Conheço as músicas que tocam na rádio – foi a minha resposta.

– Mas conhece algum passo? – disse ela, largando o celular sobre a mesa.

– O Luan Santana não parece se preocupar com a própria dança em seus shows.

– Certo, certo... Vamos fazer o seguinte, então. – Júlia apanhou ambas as minhas mãos, envolvendo a enfaixada com certo cuidado, como se estivéssemos prestes a começar uma ciranda. – Vamos começar com um passo simples, o princípio de toda a coreografia. Acha que consegue me acompanhar?

– Espero poder.

– Pois bem. Cinco, seis, sete e oito...

O passo, de fato, era simples, do tipo que não exigia grandes habilidades. Aproximávamos um dos pés e jogávamos o outro para trás desse, e vice-versa. Júlia ditava o ritmo, inventando algum tipo de batida para embalar nossa pequena coreografia. Após algumas repetições, o movimento se tornou natural para mim, e até arrisquei alguns movimentos de quadril, copiando-os de Júlia. Soltávamos a mão da esquerda quando aproximávamos o pé da direita e assim por diante.

– Você tem ritmo – ela disse.

– Obrigado, mas ainda acho que pareço um palhaço fazendo isso com um braço engessado.

– Agora que o descobriu, vamos complicar um pouco.

Júlia apanhou minha mão esquerda e fez com que a direita, a engessada, ficasse em seu

quadril. Passou o braço livre por sobre o meu ombro, como que em um abraço incompleto. Não estávamos tão próximos, mas ainda assim eu conseguia sentir o seu cheiro tão característico, aquele que ficava grudado em mim quando eu voltava para casa no final do dia quando ainda namorávamos. Forcei-me a focar os nossos pés para evitar o seu olhar.

– Agora que tem o ritmo, quero que dê dois passos para um lado e dois para o outro, seguindo o mesmo tempo do passo anterior. Entende o que eu quero dizer?

– Entendo.

– Ótimo. Então, cinco, seis, sete e oito...

Pisei no pé de Júlia uma vez e ela não se importou. Pisei de novo e, ainda assim, ela não se importou. Não me parecia justo repetir esse desastre, então dessa vez eu realmente foquei nossos pés, calculando distâncias e tempo, me esforçando para evitar machucá-la, já que Júlia tinha os pés descalços.

Quando ganhamos confiança, o que antes eram apenas dois passos para um lado e dois para o outro se tornou um giro. Girávamos enquanto dávamos os passos, sempre guiados pela batida que Júlia cantarolava. Com o tempo, percebi que a mão que eu mantinha em seu quadril me ajudava a entender o ritmo, enquanto que a que ela mantinha unida à minha indicava qual seria o seu próximo movimento.

– Estou guiando a dança, mas, tradicionalmente, *você* deveria fazer isso – ela disse em dado momento. – Não espero que saiba como guiar uma dançarina com tão pouco tempo de prática, mas podemos fazer parecer que sabe. – Retomou sua batida quando percebeu que eu perdi o foco. Recobrei o ritmo com rapidez ao reconhecer a reprimenda. – Está achando fácil?

– Mais do que eu esperava.

– Então podemos passar para os passos mais elaborados – disse e se soltou de mim. Encaminhou-se até a mesa, servindo a si própria de um copo d’água. – Vamos ensaiar algumas das transições da minha coreografia.

– Posso? – pedi, apontando a jarra.

– Pode – disse ela, dando de ombros.

Enchi um copo e o bebi com gosto. Estava com a garganta limpa quando disse:

– Sua tia não parece saber que terminamos. – Como Júlia não disse nada, me senti na obrigação de perguntar: – Ela sabe?

– Ela precisa? É só a minha tia, e a minha vida só diz respeito a mim.

– E *talvez* aos seus pais. Creio que nem eles sabem que terminamos.

Júlia levou seu copo à boca e bebeu até quase a última gota. Solto um suspiro de satisfação

quando se deu por satisfeita.

– O Thiago sabe que eu sou o seu ex? – prossegui.

– Por que ele deveria saber? Eu já te disse uma vez, Leandro, mas repito, caso a mensagem não tenha ficado clara antes: nem tudo é sobre você. Quando estou com o Thiago, falamos sobre qualquer outra coisa, não sobre você. Chega a ser um pouco arrogante da sua parte imaginar que não te superei a ponto de ficar falando no seu nome com qualquer um.

– Não com qualquer um, mas com quem importa. Talvez não com o Thiago, apesar de ele ser o seu atual, mas com os seus pais e a sua tia? Eu frequentava essa casa quase todo dia.

Júlia foi tão evasiva com a sua réplica como só ela poderia ser:

– Ele *não é* o meu namorado, Leandro, e você parece ter um pouco de dificuldade para entender isso.

– Talvez eu tenha me esquecido.

– Vamos retomar a dança que ganhamos mais.

Deixei meu copo meio cheio sobre a mesa e fui até Júlia, que já estava na posição correta, esperando por mim. Agarrei sua mão, pousei a outra na sua cintura e retomamos a coreografia.

Se Júlia estava surpresa com a minha desenvoltura, não deixou isso muito claro; na verdade, não parecia sequer satisfeita, como se não visse no meu bom desempenho mais do que uma obrigação sendo cumprida. Eu, por outro lado, me divertia ao descobrir aquele meu lado, uma aptidão para a qual eu nunca dera atenção e que jamais descobriria, se não fosse por Júlia. Enquanto dávamos passos de um lado para o outro, cada ciclo era concluído com uma perfeição que me fazia sentir feliz comigo mesmo. Quando Júlia arriscava um giro individual, que geralmente era sinalizado com um leve aperto na minha mão, eu me concentrava com todas as minhas forças, como se errar aquele passo custasse nossas vidas. Os primeiros giros foram desastrosos e fora do ritmo, mas logo peguei o padrão e passei a puxar Júlia contra mim no momento certo, sem machucá-la ou fazer parecer que eu não sabia o que estava fazendo.

– Acho que podemos treinar com música de verdade, agora – ela disse, a voz rouca de tanto cantarolar. Antes de procurar a música no celular, tomou água em longas goladas. – Já está ficando chato.

– Eu estou me divertindo muito! – falei, animado. Poderia dançar sozinho por todo aquele espaço, se Júlia assim quisesse.

– Que bom pra você.

Um zumbido eletrônico me fez dar um salto no lugar.

– O que foi isso? – perguntei.

– A campanha nova. Vou atender o portão.

Então, sim, houvera uma mudança na casa desde o meu afastamento.

Aproveitei a ausência de Júlia para treinar o ritmo da música. De tanto ouvi-la repetir a batida, eu mesmo poderia cantarolá-la, e assim fiz. O mais difícil de dançar sertanejo era conciliar o pé movido ao quadril a ser movido, mas àquela altura eu errava menos do que errara no início. Talvez não fosse uma ideia tão ruim assim fazer parte da apresentação da Júlia, e de quebra a dança poderia me aproximar dela, para ajudá-la caso fosse necessário. Como Marcela sugerira.

Ouvi, à distância, Júlia gritar um insulto mais perceptível pelo tom da sua voz do que pela compreensão da palavra. Achei que estivesse espantando algum vendedor de porta em porta, até ouvi-la gritar um palavrão.

Caminhei até a beirada da laje, apoiando-me no muro. Dali, eu tinha vista da rua e da calçada em frente ao portão da casa, onde eu não podia ver Júlia, mas a pessoa que tocara a campanha. Não posso dizer que me surpreendi ao descobrir que era o Thiago.

Thiago estava sozinho, também vestido como se tivesse acabado de acordar e de sair de casa. Apoiado no portão aberto, parecia tranquilo como só alguém poderia estar em uma tarde de sábado, mas algo no que disse, ainda que num sussurro, fez com que Júlia gritasse ainda mais alto.

– O que eu faço ou deixo de fazer no meu tempo livre só diz respeito *a mim!* – foi o que ela disse de algum lugar abaixo dos meus pés, onde eu não podia ver.

– Poderia ter dito que estava livre...

– Já pensou na possibilidade de eu simplesmente *não querer* estar com você hoje?

Júlia não era de falsificar um tom amigável quando estava com os nervos à flor da pele, mas, com o tempo, eu passei a me acostumar com essas oscilações de humor. Nunca considerei ofendê-la à altura, algo que se podia perceber pela maneira como lidei com a nossa separação, quando ela me fez parecer um louco na frente de tantos estranhos. Thiago, por outro lado, não parecia pensar da mesma forma.

– E se não gostaria de estar comigo, com quem estaria, então?

– Não é da sua conta! Aliás, quem te disse onde eu moro?

– Júlia, se somos namorados, essa informação não deveria ser tratada como segredo.

– Você me *seguiu*? – Júlia aguardou a confirmação por um tempo considerável, mas Thiago não ofereceu nenhuma. A resposta que Júlia procurava, no entanto, estava justamente nessa falta de palavras. – Meu Deus, você me *seguiu*!

- Não deveria estar tão surpresa, se confia tanto em mim.
- Eu nunca te disse isso!
- Achei que fosse uma garota de valor!

Eu não vi, mas consegui imaginar, com riqueza de detalhes, uma Júlia fechando um punho ao lado do corpo, apertando os olhos e respirando fundo em busca de tranquilidade. Não funcionaria, porque Júlia não era do tipo que se acalmava facilmente com técnicas de meditação, e jamais se perdoaria se não fizesse nada a respeito do que acabara de ouvir.

- Saia da minha casa, Thiago – disse, procurando manter a calma.
- Não vai me chamar para entrar?
- Achei que tivesse dito em voz alta, mas, caso não o tenha feito, vou dizer agora: *saia* da minha casa, Thiago.

– Você não sabe o que quer – disse ele e forçou sua passagem para dentro, mas Júlia estava a postos para impedi-lo e assim o fez, forçando-o para fora com seus braços finos e frágeis, em comparação com o tamanho do garoto que afrontava. – Júlia, para com isso!

- Você não parece entender palavras, então estou falando uma língua que você entende!
- Quer levar isso para esse nível, então?

Não gostei da maneira como Thiago disse o que disse e engoli em seco. Júlia também deve ter percebido a mudança na atitude do garoto, porque, pela primeira vez desde que a discussão começara, pareceu ficar sem resposta. Era hora de intervir.

Sorte a minha conhecer cada corredor e porta daquela casa, porque nenhum outro garoto, além de mim, conseguiria ir da laje até a entrada da casa em tão pouco tempo. Uma vez lá, o que vi foi o Thiago tentando imobilizar Júlia, segurando-a pelos pulsos como um louco, como um garoto que perdera a razão e já não agia mais com prudência.

Será que eu fizera aquela mesma cara quando segurara os pulsos de Júlia no parque, quando a obriguei a me ouvir enquanto pedia a separação? Se sim, mereci todo tipo de julgamento que recebi ou intervenção que sofri.

Era hora de fazer o mesmo com aquele garoto.

– Solta ela! – eu esbravejava, esforçando-me para soltar seus punhos fortemente presos aos pulsos de Júlia com a única mão saudável que eu tinha disponível. Lembro-me de que, quando aquele estranho interveio na minha discussão com Júlia, soltei-a no mesmo instante, mas Thiago não afrouxou nem um pouco do seu aperto enquanto agia em sua fúria. Seus olhos exibiam aquele brilho esquisito, tão impertinente, e, com um braço engessado, eu me sentia incapaz diante daquela situação. – *Solta!*

Talvez meu grito tenha soado alto o suficiente para assustá-lo, foi o que pensei quando ele, enfim, soltou os braços de Júlia. Mas pela maneira como seu olhar parou em mim, como se subitamente tivesse reparado em mim, percebi que sua agressão só teve fim porque ele estava surpreso de me ver ali.

– O que ele está fazendo aqui? – perguntou a Júlia, ainda que o olhar estivesse vidrado em mim.

– Eu o chamei para...

– Se divertir? – ele sugeriu. – Como nos divertimos naquele dia, quando a quadra estava vazia?

Júlia corou a ponto de quase ficar roxa.

– Como você é *ridículo*! – disse ela, empurrando-o mais uma vez para fora.

– Termine com isso, Júlia – disse ele, limpando com uma mordida a saliva que deixara seus lábios tão brilhosos. – Termine *já* com isso, Júlia. – Deu um passo para trás, o olhar trocando o foco entre mim e ela. – Sorte a sua que está com o braço quebrado, garoto, porque esse final seria diferente, se não estivesse aleijado.

– Vá embora, cara... – arrisquei dizer.

– E o que te faz pensar que eu faria isso por que *você* está pedindo? – Sacudiu a cabeça em negativa. – Eu vou, mas só porque não mereço sofrer esse tipo de humilhação.

E eu achando que ele diria que iria embora porque a Júlia estava pedindo.

– Não quero voltar a vê-la nesse fim de semana, Júlia – ele voltou a falar. – Vou aproveitar esse tempo para esfriar a cabeça e voltaremos a nos conversar na segunda.

Achei que Júlia fosse dizer algo, mas, ao contrário disso, fechou o portão com uma batida, trancando-o logo em seguida. Não ficou por ali tempo o suficiente para ouvir mais despedidas; girou nos calcanhares e fez seu caminho para dentro da casa.

– Não faça nada de que possa se arrepender depois, Thiago – ousei dizer mais uma vez.

– Se você não fizer nenhuma besteira, talvez eu seja capaz de seguir o seu conselho. – Deu meia volta e partiu.

Júlia não me chamou para acompanhá-la, portanto presumi que não quisesse a minha companhia. Não havia como julgá-la quanto a isso, afinal o que eu acabara de presenciar fora bem delicado e, constrangida, era normal que quisesse ficar sozinha. Claro que partir depois de uma tempestade como aquela ia contra a minha motivação de ter ido até ali naquela tarde, a de ajudar Júlia caso ela precisasse, mas mesmo uma pessoa bem intencionada precisa reconhecer

limites, especialmente os alheios, e Júlia impusera o seu a se afastar. Talvez fosse melhor ligar mais tarde para perguntar como estavam as coisas.

Como a tia da Júlia era a única pessoa além de nós dois naquela casa, foi por ela que procurei quando precisei de alguém para abrir o portão. O andar de baixo da casa de Júlia consistia em uma sala de estar, uma cozinha, uma espécie de sala com televisão e um banheiro, e sua tia não estava em canto nenhum, nem no banheiro. Subi ao andar superior, aproveitando-me do que ela dissera sobre eu já não ser mais visita naquela casa, mas não cheguei a explorar os quartos; o barulho de uma cadeira sendo arrastada veio do teto, indicando que havia alguém na laje. Foi para lá que segui, então.

E lá Júlia estava, sentada à mesa, tomando um copo d'água com o mesmo semblante de um velho bêbado em um boteco na madrugada. Tinha a cabeça apoiada em uma mão e a outra, jogada entre as pernas. Nem o celular lhe parecia interessante. Caminhei com cautela na sua direção, pois, tal como um leão, Júlia era do tipo que afastava as pessoas no grito quando necessário, e eu não queria causar esse tipo de reação. Ao me aproximar, o meu único desejo era o de pedir que ela me abrisse o portão para que eu pudesse ir embora, mas isso antes de perceber que havia uma lágrima descendo do seu olho para o seu nariz. Júlia devia achar que estava sozinha, pois não parecia se importar com ela.

Puxei outra cadeira, uma de fácil acesso, que podia ser desprendida das outras com o uso de uma mão, e a levei até perto de Júlia.

– Quer conversar? – perguntei ao me sentar.

Júlia ergueu a cabeça e só então limpou as lágrimas; os olhos estavam vermelhos, assim como seu nariz e maçãs do rosto. Não respondeu com palavras, mas mesmo os gestos que fez foram pouco compreensíveis. Talvez estivesse em conflito consigo mesma; queria conversar, mas não sabia se era o certo a fazer.

– Por que está chorando?

Minha pergunta só jogou lenha na fogueira, e então Júlia chorava aos soluços, esforçando-se para limpar todas aquelas lágrimas antes que tivessem chance de molhar seu rosto. Passou algum tempo assim, tentando esconder as emoções ou virando o corpo para o outro lado, mas sempre acabava voltando a mim. Quando o choro perdeu intensidade e ela pareceu se acalmar, levei uma mão ao seu rosto e, com o polegar, limpei o resquício de uma última lágrima que ainda desejava seguir caminho.

– Não parece um choro de alegria – observei. – Está assim porque não estou cooperando com a coreografia e seu sonho de ter uma apresentação perfeita em frente a um público está

ameaçado?

Júlia riu, ainda que de um jeito trêmulo, que expelia soluços.

– V-Você é melhor do que imagina – assumiu, enfim.

– É, eu sei. Estava só brincando.

Júlia riu novamente.

– Eu tenho um negócio para te falar, mas não sei se devia – voltei a dizer. – Quer dizer, temos uma história, e tudo o que eu disser pode soar completamente tendencioso, como se eu quisesse me favorecer de alguma forma ao expor tais pensamentos e...

– Você n-não é esse tipo de p-pessoa, Leandro.

Mirei-a com admiração renovada, como se aquela Júlia, tão vulnerável e transparente, fosse uma garota nova, uma versão melhorada daquela que um dia eu conheci e passei a amar. Era como se eu estivesse, enfim, conhecendo a Júlia de verdade.

– Fico lisonjeado – respondi. – Mas ainda assim tenho um pouco de medo de expor o que penso. Algumas verdades doem.

– Ouvi-las não dói mais do que vivê-las.

Assenti em concordância. Então Júlia queria que eu falasse.

– Você não gosta desse garoto, o Thiago. – Enquanto Júlia virava o rosto para o lado, como que para evitar o meu olhar, eu prossegui: – Mas sofre por ele. Por que faz isso?

– Não achei que f-fosse tão direto ao ponto.

– Sinto muito.

– Não p-precisa.

Júlia soltou os cabelos, ficando ainda mais bonita do que antes, mas voltou a prendê-los em seguida, como se apenas consertasse algo que a incomodava.

– Eu sou esse tipo de garota, Leandro.

– Que tipo de garota?

– Essa que você vê. Que comete erros, tem plena consciência deles e ainda assim persiste em seguir o caminho errado. Dá murro em ponta de faca, porque tem esperança de que um dia poderá se acostumar à dor ou de repente evitá-la no murro seguinte. Uma garota teimosa, que espera mudar a natureza das coisas com o tempo.

– Você não precisa continuar com ele se não quiser.

– E eu não quero, mas sinto que preciso.

Apertei os olhos, confuso.

– Sabe, Leandro, enquanto namorávamos, principalmente depois de *muito* tempo de

namoro, percebi que nossas conversas já não eram mais como as de antes. Eram superficiais. Conversávamos sobre os filmes que assistíamos ou sobre a vida de alguém que conhecíamos, mas não falávamos mais sobre nós mesmos. Nunca fomos confidentes ou próximos o suficiente para isso. Eu gostava de estar na sua presença, e você... Bem, eu supunha que você gostasse de estar na minha também. E isso para mim era suficiente. – Bebeu mais um gole de sua água. – E foi assim que fiz com que você só tivesse acesso à minha superfície.

– Não é algo que eu possa discordar.

– Nem ouse. – Respirou fundo. – Você foi legal comigo porque sou bonita. Como os outros garotos, que gostam do que veem. Não estão interessados no que ouvem ou no que podem ouvir.

– Não sou assim, Júlia...

– Sei que não é, e foi por isso que eu te amei como nunca antes amei garoto nenhum. Como nunca amei ninguém.

Júlia cruzou as pernas e uniu as mãos sobre o joelho. Olhava para o chão, como se visualizasse nele as palavras que queria dizer.

– Foi novo para mim. Foi viciante. Eu não tinha certeza se era amor realmente, mas eu não me importava. Gostava do que tínhamos e gostava de imaginar que ele duraria para sempre. Mas então você desistiu de mim.

Engoli em seco, forçando para dentro a verdade que antes estivera na ponta da língua.

– Não posso julgá-lo. Dentre os diversos erros que cometi na minha vida, o principal deles foi traí-lo. Não só naquela vez que o Márcio viu, mas em outras.

O que eu sentira ao me sentar para conversar com Júlia fora empatia, desejo de consolá-la, de ajudá-la. Agora, todos esses sentimentos começavam a me abandonar, enquanto uma pequena fagulha de fúria ganhava espaço. De repente, eu queria ir embora.

Mas aquela conversa precisava continuar.

– Você disse que me amava – falei entredentes.

– Ainda amo. Não acho que vou deixar de te amar algum dia.

Tive vontade de rir.

– E por que me traiu, se me ama tanto?

– Não fiz o que fiz porque queria magoá-lo, embora eu não espere que você entenda isso.

– Então por que fez?

Júlia também riu um riso acompanhado de lágrimas.

– Você não me conhece *mesmo*. Ninguém conhece. Não tenho amigos próximos com quem

posso falar sobre esse tipo de coisa. Meus pais não estão tão interessados assim na minha vida, pelo menos não no que não diz respeito ao meu boletim. – Júlia focou seu olhar em mim. – Eu fiz o que fiz porque precisava de atenção.

– Atenção? Achava que eu não te dava atenção suficiente?

– Nunca pensei isso, mas, como eu disse antes, isso nunca foi sobre você. Foi sobre mim. – As lágrimas continuavam a vir, como se falar sobre aquilo a machucasse. – Eu sou assim – disse e deu de ombros. – Carente? Talvez mais do que deveria. Aprendi cedo que o único jeito de me aproximar das pessoas era através de uma cara bem pintada e de um corpo quase à mostra.

– Um jeito fácil de se aproximar de *garotos* – corriji.

– Você está certo. As garotas nunca foram muito próximas de mim, mas os garotos... Era atenção fácil. Eles se aproximavam e conversavam comigo, como um dia você fez. E quando eles se curvavam para me beijar... – Cobriu o rosto, como se tivesse vergonha de expô-lo. O amor que eu sentia por ela me fazia sentir pena do que via. – E-Eu n-não conseguia *me afastar*.

– Porque queria beijá-los também.

– *Não!* Porque eu não queria que eles se afastassem de mim!

Era pior do que eu imaginava.

– Leandro, você tem amigos. Você tem tanta gente ao seu redor que te ama pelo que você é, pela pessoa interessante que você é. Eu também te amo pelo mesmo motivo. Mas por que as pessoas me amariam? – Sacudiu a cabeça em negativa. – Não tenho nada a oferecer. Não tenho boas histórias para contar. Não sei conversar sobre qualquer coisa. Mas, quando esses garotos se aproximavam de mim, eu me sentia interessante. Eu me sentia alguém como *você*, Leandro, alguém que as pessoas gostavam de ter por perto, não um colega qualquer cuja falta não faz falta. Eles me olhavam com atenção e gostavam de estar comigo. Rapidamente confundiam as coisas, porque é isso o que garotos fazem, m-mas o que eu poderia f-fazer?

Sua dúvida era legítima e cada instante de silêncio só fazia com que se se sentisse mais desprezível, o que enchia seus olhos com lágrimas. Júlia me encarou por algum tempo, como se tivesse real esperança de que eu pudesse ajudá-la com aquele dilema, e eu queria poder, mas as palavras me fugiam.

– Será que você não faria o mesmo no meu lugar? – ela voltou a perguntar.

O que me trouxe de volta ao início do nosso namoro.

Júlia um dia se sentara ao meu lado na sala de aula, sem nenhuma razão aparente. Achei que seu lugar de costume estivesse ocupado por outro aluno, mas não estava – e, se estivesse, eu

tenho certeza de que ela o poria para fora em questão de segundos, se lá quisesse se sentar. Portanto, se Júlia se sentara ao meu lado naquele dia, ela o fizera por vontade própria.

Ficou em silêncio boa parte do período, como uma aluna dedicada que não era. Não tinha cadernos, canetas ou qualquer coisa sobre a mesa, além das mãos cruzadas. Mirava o professor como se fosse uma aluna atenciosa, e sua presença, mesmo que silenciosa, me incomodava.

E não só a mim, como também aos meus amigos. Bruno, que gostava de conversas aos sussurros, manteve a boca bem fechada. Márcio estivera tão recluso que nem parecia estar na sala. Lilian, naquele dia, estava sentada em uma das carteiras da frente. Aquele conjunto de comportamentos diversos tornava aquele um dia atípico para mim, tanto quanto devia estar sendo para Júlia.

Em dado momento, Bruno se esqueceu de que Júlia estava por perto – o que não era tão difícil de acontecer, considerando sua descrição – e se voltou na minha direção para falar algo sobre um novo livro cuja tradução estava prestes a ser lançada, um que ele tinha muito interesse em ler. Eu conhecia o título e também a quantidade de páginas que a leitura reservava, portanto, fui sucinto quanto à minha opinião sobre ele, cuja história eu preferia acompanhar no formato de série de TV. Júlia, então, se intrometeu, dizendo que também gostava muito da série e que não via a hora de a nova temporada ser lançada.

Sendo assim, nosso relacionamento começou por sua causa. Se mais tarde eu a chamei para ir ao shopping comigo, foi porque *ela* quis se aproximar de mim. E esse tipo de aproximação tão escancarada, sem a necessidade de algum tipo de conquista, era tão nova para mim...

Então é claro que fiz o que fiz por impulso, por querer prolongar aquele sentimento maravilhoso que Júlia me fazia sentir. Era algo no jeito como ela me olhava ou como parecia se interessar pelo que eu falava. Ou sobre como se esforçava para se mostrar presente, fosse propondo novas ideias de passeios – antes de nos acomodarmos e acabarmos preferindo ficar em casa na maior parte do tempo – ou enviando mensagens de texto tarde da noite. Júlia fez com que eu a amasse, e isso porque ela me fazia sentir especial. Por muito tempo, nosso namoro fora uma das coisas mais importantes da minha vida, a verdadeira razão da minha existência. Torná-la uma garota feliz era o meu objetivo, aquilo que me completava.

Descobrir sua traição, portanto, fora um golpe difícil de aguentar, pois meus dias giravam em torno dos planos que eu pretendia fazer com ela e de como gastaríamos nosso tempo juntos. Mas saber que ela beijara outra boca me fez querer subitamente desistir de tudo isso.

Júlia não esperava que eu entendesse as razões de ela fazer o que fez e, se a minha mente fosse um pouco mais fechada do que já era, talvez eu não entendesse mesmo. Mas eu entendi.

Se com esses garotos Júlia voltou a sentir o que sentíamos quando começamos a namorar, era normal que não recusasse suas aproximações. Era o único tipo de interação sincera que conhecia, a motivada pela atração. Talvez nunca tivesse provado o verdadeiro sabor de uma amizade, um que costumava ser tão doce quanto o de um amor romântico.

Júlia sempre precisara de ajuda. Era uma garota carente de atenção, desejosa de ter pessoas ao seu redor como qualquer outro ser humano. Como eu. Não se deixava confundir com as segundas intenções dos garotos que se aproximavam de si, mas sempre tinha esperança de que, com eles, pudesse suprir essa necessidade de ter pessoas por perto. Não eram amigos, mas eram garotos que se interessavam por ela, como meus amigos se interessavam por mim. Beijá-los para mantê-los por perto lhe parecia um preço muito pequeno a ser pago para obter esse remédio para a sua dor. Qualquer outra garota com a cabeça no lugar não pensaria da mesma forma, mas aquela era Júlia. Ela era *assim*.

Eu poderia perdoá-la pela traição. Eu já não me importava mais com o que fora feito, até porque já não éramos mais namorados e ela já não tinha mais obrigações para comigo. Se ainda me sentisse mal pelo que ficara sabendo ou se ainda impedisse que essa ferida cicatrizasse, era como se eu ainda visse Júlia como algo que ela já não era mais. Como se eu mesmo não tivesse superado nossa separação.

– Eu te perdoo pelo que fez – falei.

E muito embora Júlia não tivesse pedido o meu perdão, ouvi-lo de mim a fez chorar ainda mais, segurando a barriga enquanto derramava as lágrimas. Diferentemente das anteriores, aquelas tinham um quê de alívio. Seus lábios podiam até estar contorcidos naquela careta de dor que alguém que chora geralmente exhibe, mas ali, em algum lugar, eu podia ver que ela tinha vontade de sorrir. Essa percepção quase me fez dar um passo atrás e desistir de dizer o que eu ainda tinha vontade de dizer. Apenas *quase*.

– Mas isso não muda a minha decisão, Júlia.

E então seu rosto foi tomado por seriedade, as lágrimas se secando enquanto a boca se fechava, os olhos ficando duros enquanto seu corpo se ajeitava.

– Eu ainda te amo – prossegui. – Acho que você já deve saber disso, mas... Bem, eu sei o que você quer dizer com essa história de se sentir desejado. Eu senti tudo isso com você, Júlia, e esse sentimento nunca tinha fim. Por isso que eu via tanta importância em você, mas você me pôs em frangalhos ao fazer o que fez, e isso é algo que eu jamais vou esquecer. Foi uma ferida que gerou uma cicatriz pouco discreta, uma que eu nunca vou conseguir fazer de conta que não existe.

Júlia parecia pouco confortável com aquele rumo da conversa, mas eu precisava continuar:

– Eu te amo. Mas, a essa altura, com o amor que eu sinto e com as feridas que tenho, a única coisa que posso fazer por você é isso que estou fazendo agora: te ajudar. E você *precisa* de ajuda.

Júlia uniu uma mexa de cabelos em um dedo e começou a fazer um cacho dele.

– E quem foi que te disse que eu preciso de ajuda?

Pelo tom da sua voz, estava claro para mim que já não era mais a Júlia por quem eu estivera encantado durante aquela conversa a garota que agora estava na minha frente, mas aquela por quem um dia me apaixonei. Todas as coisas boas costumam ter fim, é o que dizem, e é claro que o nosso momento de calmaria e franqueza não fugiria a essa regra.

– Acho que já fizemos o que tínhamos para fazer hoje – disse ela e se levantou, apanhando as louças que utilizara. – Continuaremos em outra hora.

– A nossa apresentação é na semana que vem...

– Que seja, vou dar um jeito. Quer que eu abra o portão pra você?

Eu estava sendo expulso.

– Claro.

Júlia jogou a jarra e os copos na pia, jorrou água sobre eles e secou as mãos em um pano, em silêncio. Encontrou a chave da casa em um porta-chaves e me guiou casa fora.

– Júlia?

– O que é?

– Posso te fazer uma pergunta?

– Estou com um pouco de dor de cabeça, Leandro, então que tal se deixarmos essa conversa para outra hora?

– Foi por isso que você entrou para o comitê de eventos? Por que queria fazer amigos?

Júlia parou a chave na fechadura por um momento, como se de repente tivesse se esquecido do que fazer a seguir. Quando voltou a si, pigarreou uma única vez, girou a chave na fechadura, abriu o portão e me indicou a saída.

– Nem tudo o que eu faço tem um propósito oculto, Leandro – disse em seguida. – E se eu só entrei para o comitê porque não tinha mais com o que ocupar o meu tempo livre?

– Você não é esse tipo de pessoa, Júlia.

Quando passei por ela, ela olhava para o chão. Quando adentrei a rua e me virei na direção do portão, ela o trancava com pressa. Uma vez com o portão trancado, retirou a chave e se voltou para o corredor que a levaria para o interior da casa. Já não tinha mais o que dizer.

Eu também não.

25.

Minha primeira consulta após o acidente com a bicicleta foi marcada para a manhã de uma segunda-feira, em horário de aula. Se havia melhor e mais revigorante maneira de dar início a uma semana, senão indo dormir na noite na noite domingo anterior e acordando um pouco mais tarde no dia seguinte, eu não conseguia pensar em nenhuma.

Naquele dia, nem minha mãe, nem meu pai pôde me acompanhar na consulta, uma vez que ambos tinham trabalhos com os quais se ocupar, embora eu soubesse que fariam um sacrifício, se Marcela não estivesse desocupada o tempo inteiro e não lhes devesse favores em quantidade suficiente para fazer suas vontades pelo resto da vida. Portanto, sentávamos lado a lado em uma sala de espera, Marcela em seu celular, conversando com seus grupos de amigos, a boca semiaberta como uma criança esperando uma colherada de sopa, e eu assistindo ao programa matinal em uma TV a nossa disposição, fascinado com a receita de um pudim cuja textura lembrava a de uma nuvem. Não me parecia tão delicioso, mas era bonito de se ver. A apresentadora pulava passos em sua receita, valendo-se de pudins em estágios avançados de preparo, tornando todo o processo bastante prático e me obrigando a calcular mentalmente o tempo necessário para a conclusão de uma receita como aquela, se tudo fosse feito do começo ao fim. Será que eu conseguiria preparar algo assim para o almoço ou só para o jantar?

– Está animado? – perguntou Marcela, de repente.

– Não sei. Seria a minha primeira receita mais elaborada e não estou tão seguro quanto a ela...

– Do que está falando? Estou falando do seu braço.

Olhei-o por um instante, o gesso rabiscado com as mensagens e os desenhos feitos pelos meus colegas de sala.

– Acho que me acostumei com ele.

– Não diga besteira. Você quer ficar bom logo, não quer? Ainda sente dor?

– Só um incômodo no dedinho.

– Se tudo der certo, talvez você tire seu gesso hoje.

– Seria uma boa. Tornaria o número de dança mais fácil.

Quando notei que a conversa não continuaria, voltei o olhar para a televisão, enchendo-o com o pudim que a cada instante ficava mais e mais bonito. Marcela, no alto de sua covardia,

esperou até o momento em que eu ficasse completamente compenetrado na TV para então puxar o meu braço saudável e me repreender:

– *Do que é* que você está falando?

– Do número de dança que vou apresentar com a Júlia na escola – respondi, recuperando-me do susto.

– Quando foi que o número de dança da Júlia na escola passou a ter você como parte do plano? Quando conversamos sobre ela, você não chegou a mencionar isso!

– Porque ainda não tinha acontecido.

Contei sobre a mensagem que ela me enviou durante a noite, quando me convidou para fazer parte do número de dança. Não demonstrou preocupação com o meu braço, o que eu *ainda* achava estranho, mas revelei que aceitei a proposta por conta da conversa tida mais cedo naquele dia, quando Marcela disse que eu deveria estar por perto para ajudar a Júlia, se fosse necessário.

– Veio a calhar – ela comentou no final do relato. – E vocês chegaram a ensaiar alguma coisa? Nunca vi você dançar nada.

– Nos reunimos uma vez, sim.

– Que ótimo. E como foi?

– Descobri que sou um ótimo dançarino, ou que pelo menos sei dançar sertanejo muito bem. Mesmo com um braço imobilizado.

– Hum, se pararmos para analisar, o seu braço já está imobilizado na posição ideal para ser par de alguma garota em uma rotina de dança sertaneja.

– Já pensou em ganhar a vida como piadista, irmã?

Eu estava sendo irônico, mas Marcela riu às gargalhadas.

– E como ela está? – perguntou quando conseguiu fôlego.

– A Júlia...? – perguntei, ainda que soubesse de quem ela estava falando.

– Sim.

– Bem, ela continuava seca como sempre foi, ou pelo menos como passou a ser depois da nossa separação. Não pareceu surpresa com a minha boa desenvoltura e, se me elogiou, eu não consigo me lembrar. – Dei de ombros. – Para falar a verdade, a Júlia sempre foi assim quando precisava manter o foco em algo. Ela se transforma nessa imagem e semelhança de um chefe muito rigoroso, que interrompe conversas sobre banalidades para nos lembrar do que precisamos fazer. Foi assim que conseguiu me ensinar grande parte da coreografia.

– Você disse que ela *continuava* seca como sempre foi. Em algum momento do encontrou

ela deixou de ser?

Vacilei por um instante, certo do que vinha a seguir. Se eu continuasse com aquela conversa por muito mais tempo, teria que mencionar a aparição de Thiago, algo que, por si só, não era um problema, pelo menos não até a parte em que ele começava a forçar sua entrada para dentro da casa, como um criminoso descarado. Em seguida, eu teria que mencionar que tentei afastá-lo e que, bem, não fui tão bem sucedido, já que só tinha um braço disponível para isso, mas que ainda assim ele se afastou, embora mais pela surpresa de me ver do que pela minha ou pela vontade de Júlia.

– E antes de ir embora – de repente eu estava dizendo –, ele disse que o final daquela *situação* seria diferente se eu não estivesse com o braço engessado. – Do momento em que eu comecei a falar sobre o que acontecera eu não conseguia me lembrar, mas já não podia mais voltar atrás. – Acho que ele quis dizer que poderia me bater, se eu não estivesse com isso aqui – expliquei, indicando o braço engessado.

– Esse Thiago é *pior* do que eu imaginava – disse uma Marcela de olhos arregalados.

O que ela não sabia era que ele poderia ser ainda pior. Se àquela altura Marcela estava tão chocada quanto aparentava, o que diria se soubesse que, durante o nosso primeiro encontro do comitê de eventos, ele me disse algo sobre ter um pai policial que costumava lhe dar aulas de tiro com a pistola de que tinha posse? Talvez surtasse. Se eu mesmo já ficava preocupado com a possibilidade de o Thiago ter fácil acesso a essa arma, como Marcela não ficaria, no alto da sua insanidade?

– Ela deve ter ficado devastada depois disso... – Marcela sacudia a cabeça em negativa, a visão desfocada enquanto construía as cenas em sua cabeça. – Se ela tem o *mínimo* de juízo, vai se afastar desse garoto em um piscar de olhos. – A tela do seu celular desligara, depois de tanto tempo ociosa. – E você ficou lá para ajudá-la, suponho.

– Sim, fiquei.

– E o que disse para ela?

Que, apesar do que amor que eu sentia por ela, os erros que ela cometera não me permitiam pensar na possibilidade de um dia voltar a namorá-la.

A pergunta de Marcela não era a correta, considerando o que ocorreu depois de Thiago ter ido embora. O mais certo era perguntar o que *ela* me falara, afinal, Júlia praticamente tomou o tempo da nossa conversa para falar sobre si e explicar suas atitudes. Expôs um lado de si que eu não conhecia, um que se apegava a garotos por pura carência, para se sentir aceita, mesmo que esses garotos fossem completos idiotas. No entanto, essa parte da conversa era tão pessoal

que eu não achava justo revelá-la a Marcela, por mais próximos que fôssemos.

– Prometi que tudo ficaria bem – foi o que eu disse. – E que ela poderia contar comigo sempre que precisasse de ajuda.

Uma mentira que construía um cenário clichê, mas que ainda assim pôs emoção no rosto de Marcela.

– Você é um ótimo irmão, sabia? – disse e me puxou para um abraço. – E não só isso, mas também um ótimo garoto.

Aceitei o abraço e até o retribuí. Fico me perguntando se Marcela ainda pensaria o mesmo se soubesse o que realmente aconteceu – ou até mesmo se *gostaria* de saber o que aconteceu. Melhor uma falsa verdade que conforta do que uma verdade que só traz angústia.

Aquela conversa precisava de uma mudança de curso, e eu sabia de algo que Marcela ficaria muito feliz de saber e que, feliz ou infelizmente, não era mentira.

– Eu tive um presságio.

Marcela pôs fim ao abraço e se voltou na minha direção com aquele mesmo olhar arregalado que já usara tantas outras vezes só naquela manhã.

– Está falando sério?

– Sim. Quer dizer, não sei. – Cocei a cabeça, confuso. – Um presságio é uma visão de futuro, não é? Acho que foi isso o que aconteceu.

Os braços de Marcela estavam agora arrepiados, o que tanto podia ser culpa do ar condicionado mal ajustado da sala de espera quanto uma reação ao que acabara de ouvir.

– Me explique o que aconteceu, Leandro.

Contei de quando cochilei no ombro da senhora no ônibus e que, durante aquele breve momento, fui capaz de “assistir” boa parte do encontro de Lilian com Vanessa, mesmo estando a muitos metros de distância de onde ele ainda ocorreria. Não consegui uma descrição rica em detalhes do processo, porque mesmo o instante de transe em que o presságio aconteceu me era uma memória um tanto confusa. E muito embora eu tivesse certeza de que o encontro de Lilian terminara bem porque eu *vira* isso acontecer, eu não tinha recordação nenhuma de como essa cena ocorrera.

– Agora que paro para relembrar o momento, não consigo me lembrar de ter *assistido* o encontro como assistimos a um filme, por exemplo, que exige toda a sua duração para que seja compreendido. Foi mais como se o acontecimento inteiro, ou pelo menos a parte que importava, tivesse sido colocado na minha cabeça, como uma memória implantada. – Marcela ainda me encarava, boquiaberta. – Marcela, eu estou dando o meu melhor com essa

explicação!

– É justamente a confusão nela que a torna tão *linda*! – Uniu as mãos em frente ao peito, como uma mãe orgulhosa diante de um filho que acaba de lhe descrever uma grande proeza. – As pedras funcionam, Leandro! Você ainda tem alguma dúvida quanto a isso?

Vê-la assim, empolgada com o que suas pedras poderiam ou não ter feito, me fazia duvidar da minha própria sanidade. Será que eu também começava a acreditar que pedras comuns vendidas em camelô poderiam conceder dons?

– Não tenho tanta certeza – foi o que respondi.

– Leandro, você acabou de me fazer uma descrição apurada de um presságio. – Olhou para os dois lados e se aproximou quando disse: – Se não foi isso o que aconteceu, o que poderia ser?

– Talvez eu tivesse certeza de que tudo daria certo no encontro da Lilian. Quer dizer, eu não precisaria conhecer as palavras que elas trocariam para saber que, ao deixar o Habib's, elas saíam como um casal. – Apertei os olhos, intrigado com a maneira como Marcela me olhava. – Por que está me olhando assim?

– Você chegou a conversar com a Lilian sobre o encontro dela?

– Sim.

– E como ela o descreveu?

Foi como reviver a visão que eu tivera no ponto de ônibus.

– Não precisa dizer mais nada! – disse Marcela como que em resposta ao meu silêncio, voltando a se ajeitar na cadeira. – Leandro, eu estou arrepiada até onde não se pode ver, mas já não é mais tão agradável quanto foi no começo. Acho melhor eu ter uma pausa dessa conversa. – Ajeitou os cabelos, organizando-os em um nó, e concluiu: – Acho também que preciso de um tempo para pensar no que ouvi e associá-lo ao que já conheço para conseguir te oferecer uma ajuda que preste.

– Por que acha que preciso de ajuda?

– Porque você claramente não tem controle nenhum sobre o seu... – pigarreou, voltou a olhar ao redor e sussurrou a palavra: –... *dom*. – Voltou a pigarrear, agora falando com mais clareza. – E não seria fabuloso poder controlá-lo?

– Se ele existisse...

– Ele existe.

Quando a porta de um consultório se abriu, eu tinha certeza de que era o meu nome que o médico chamaria. Dito e feito.

– Eu preciso ir até lá...

– Vá. Eu vou ficar por aqui.

Levantei-me e segui na direção do médico. Não eram ótimas as notícias que eu estava prestes a receber, mas eram boas, pelo menos.

26.

A boa notícia foi que, após uma bateria de exames, o médico concluiu que eu poderia retirar o gesso que cobria o meu braço inteiro, uma vez que a junção dos ossos do meu dedinho e da parte danificada da minha mão estava bem encaminhada. A má era que, em substituição a esse gesso, eu agora andaria com uma tala menor, que envolveria o meu antebraço ao mesmo tempo em que manteria o meu dedinho imobilizado. Era um tratamento em fase final, pelo que entendi, e aquela etapa serviria apenas para garantir que tudo ficaria no seu lugar até que o movimento da mão fosse inteiramente recobrado. Em uma próxima consulta, talvez eu nem precisasse mais do gesso.

Essa ligeira mudança trouxe os seus benefícios. Eu já não me sentia mais como um caminhão de mudança dirigindo pelo interior da escola, tendo que tomar cuidado por onde passava para não colidir com os outros ou para evitar que colidissem comigo. Com um gesso mais discreto, agora eu me sentia como um furgão, desses que são maiores do que carros comuns, mas que incomodam menos do que um caminhão. Eu ainda precisava ter cuidado para não esbarrar em nada ou ninguém, mas o peso no meu braço era bem menor e mais fácil de ser movido.

Aquele novo gesso também me fazia sentir mais bonito. Não que eu o encarasse como um acessório que se usa para ir a uma festa, mas, por ser mais discreto, usá-lo no lugar de um trambolho me fazia sentir menos vulnerável e, conseqüentemente, mais seguro. Além do mais, aquela nova tala, segurada por faixas muito bem apertadas por uma capa azulada, era um tanto charmosa. Não havia espaço para assinaturas daquela vez, mas de qualquer modo não vi interesse geral em fazer isso, como se todos já tivessem dito no gesso anterior o que precisavam dizer, um que hoje fazia parte de alguma coleta de lixo hospitalar e cuja memória estava guardada na única foto em que eu figurava com ele, tirada durante a festa de aniversário do Márcio.

A troca de gesso também me ajudou com a Júlia e o seu número de dança.

Apesar de não parecer muito preocupado com a festa junina da escola, eu *estava*. As reuniões do comitê de eventos nos levavam a poucas conclusões e, àquela altura, não tínhamos acertado mais do que as mesas e as suas decorações, ainda que não houvesse projeto de organização para elas, o que nos impedia, por exemplo, de avançar para o próximo estágio, que

seria o de definir a disposição de uma pista de dança. As barracas de atividades estavam listadas, mas tampouco havia espaço reservado para elas, enquanto que a localização da “prisão” fora estabelecida próxima à cantina, o que só mostrava como nossas noções de prioridade eram deturpadas.

Mesmo assim, com duas semanas para o evento, ainda nos sentíamos otimistas, contando com a possibilidade de tudo ser miraculosamente resolvido até a nossa próxima reunião. No último encontro antes da festa junina, no entanto, todo e qualquer otimismo perdeu espaço para um senso de negativismo que tomou a todos como uma doença contagiosa. Cartolinas eram espalhadas pelas mesas com desenhos mal feitos da planta do pátio da escola e quadrados eram desenhados a esmo, sem definição do que significavam. Muitos dos alunos gritavam ordens para serem ouvidos, enquanto que a professora respirava longa e pesadamente em busca de calma.

Lilian, que, apesar de não ser meticulosa com a própria arrumação, fazia o seu melhor, agora andava como uma sem-teto, a ponto de não se importar nem com a má posição dos óculos sobre o seu nariz. Quando percebia alguma discussão entre alunos que não conseguiam chegar a um consenso, aproximava-se, afastava-os à força e tomava as rédeas da situação.

– Não precisamos fazer nenhum *feng shui* para escolher a droga das posições das barracas, as pessoas vão até elas *mesmo* que não as enxerguem! – Roubou o canetão da mão de alguém, virou a cartolina para usar o verso ainda limpo e começou um rascunho ainda mais absurdo do que considerava a planta da escola. – Mas coloquem-nas aqui, aqui e aqui! – disse, fazendo círculos. – Assim, vão ficar próximas da entrada e estarão *à vista* de quem entra!

– Vamos arrecadar muita grana com isso – disse Vanessa, passando de relance pela mesa. Caminhava com dificuldade, enquanto tentava se livrar de um novelo de bandeirinhas de São João.

Lilian, por uma fração de segundo, perdeu o semblante severo e sorriu. Quando Vanessa se afastou o suficiente, voltou a enrugar as feições e a gritar ordens para os alunos perdidos.

Minha colaboração em meio ao vulcão em erupção era praticamente nula, o que eu achava bom, pois ninguém parecia se importar e eu podia fazer de conta que não existia, sem ninguém me importunar, enquanto ainda assim me sentia parte do grupo. Encostado com Bruno em um canto, de braços cruzados, assistíamos ao circo pegar fogo em silêncio, preocupados em pelo menos não atrapalhar, já que não podíamos ajudar.

– Fico me perguntando se não deveríamos oferecer a nossa ajuda a alguém – eu lhe disse em dado momento.

– Não acho que seja uma boa ideia.

– Por quê?

– A Lilian está muito focada nesse trabalho. Se cutucá-la enquanto ela cospe ordens, talvez ela vire um tapa na sua cara, sem dar a mínima para o seu braço engessado.

Pelo menos o Thiago teve essa preocupação.

– Tem razão.

– Sei que tenho. Além do mais – disse Bruno e ajeitou os óculos sobre o nariz –, não sou bom com essa coisa de pró-atividade. Se quiserem que eu faça algo, prefiro que me peçam. E que me digam exatamente o que fazer, também.

A última reunião do comitê de eventos durou muito mais do que o normal, então não houve aula de informática para ninguém. Tanto esforço teve sua recompensa; quando saímos da escola naquele dia, todos os planejamentos estavam prontos e não havia ponto que ainda precisasse ser tratado. Em contraparte, nunca estive com tanta fome em toda a minha vida, mas, como eu parecia ser o único a senti-la, guardei a reclamação para mim.

Bruno, Lilian e eu já estávamos alguns passos fora da escola quando Júlia me cutucou pelas costas.

– Júlia?

– Posso conversar com você por um instante?

Eu estava surpreso. Depois do nosso último – e único – ensaio na sua casa, não tínhamos mais nos falado. Nem pelo *WhatsApp*. Eu até esperava que fôssemos nos falar durante as reuniões do comitê, mas Júlia destinara toda a sua atenção para o trabalho que precisava ser feito e mal olhou na minha direção. Durante as aulas, apesar de não estar tão focada quanto, o cenário não fora outro.

– Tudo bem, Leandro – disse Lilian. – Eu e o Bruno vamos indo. Nos falamos amanhã.

Quando Lilian optou por esse caminho, não me deixou opção de resposta à pergunta de Júlia, senão a que ela esperava.

– Claro.

– Precisamos falar sobre o nosso ensaio.

Por que eu achei que seria diferente?

A partir dessa breve conversa, foi estabelecida uma rotina de ensaios que prometemos seguir com mais rigor do que me agradava: todos os dias, até o próximo fim de semana, nos encontraríamos para treinar o número de dança. Aceitei a sugestão com um pouco de relutância, mas dei o meu melhor em contê-la, sem jamais me esquecer da promessa que fizera

de ajudá-la com o que fosse preciso. Vê-la satisfeita com a minha ajuda seria recompensa suficiente por aquele sacrifício.

Assim, no final das aulas, eu despistava quem precisava despistar e me encontrava com a Júlia no portão principal da escola minutos após o último sinal da manhã. Almoçávamos na sua casa, fazíamos um descanso rápido em frente à TV e então subíamos para a laje para nos dedicarmos aos ensaios.

Nada de batidas cantaroladas dessa vez; agora Júlia colocava a música para tocar. No começo, ouvíamos trechos pequenos, para que pudéssemos ensaiar curtos intervalos de passos, mas logo passamos a ensaiar trechos maiores, o que nos deixou a poucos passos de ensaiar a música inteira de uma vez só. Eu já não aguentava mais ouvi-la, mas Júlia me motivava a seguir em frente, mesmo que não soubesse disso. Motivava-me quando aplaudia o nosso progresso ou quando exibia um sorriso. Motivava-me quando, mesmo após terminarmos a coreografia, continuava dançando sozinha e cantarolando a letra que já conhecia e com a qual eu acabara me acostumando. Motivava-me quando se despedia de mim com um abraço apertado no fim dos ensaios, lembrando-me de que era por ela que eu me dedicava tanto.

Foram dias tranquilos, apesar de um tanto cansativos. Não fizemos parte de nenhuma discussão até o final da semana, o que podia ser visto com bons olhos por quem nos conhecia ou soubesse pelo que tínhamos passado, mas não para mim. Além do sucesso da coreografia, da alegria contagiante de Júlia e da jarra de água acompanhada de dois copos, compartilhávamos o espaço da laje com um elefante que nos forçávamos a ignorar: as consequências do nosso primeiro e fatídico ensaio. Cada novo dia em que nos encontrávamos e nos púnhamos a dançar era um esforço tremendo para não falar nada sobre ele, tudo no intuito de evitar atritos. Na véspera da festa junina, no entanto, quando nos aplaudimos pela última vez pela boa execução da nossa coreografia, o que estava entalado na minha garganta encontrou seu caminho para fora.

Estávamos na cozinha, compartilhando um pacote de salgadinhos, quando joguei as cartas na mesa.

– Como você e o Thiago estão?

Muitas vezes, não são necessárias palavras para um completo entendimento de uma mensagem; mesmo o silêncio é capaz de passar um conceito. Além dele, uma mudança de postura, como a que Júlia teve ao ouvir a minha pergunta, trocando o apoio no balcão de um braço para o outro e passando os cabelos para trás da orelha, também pode exercer essa função.

– Não nos falamos muito. – Revirou os olhos e os parou no chão.

Sorri até o momento em que Júlia voltou a erguê-los na minha direção.

– É o certo, não é mesmo? – quis saber. – Quer dizer, depois de tudo pelo que passamos, é normal que nos afastemos. – Passou a mão na cabeça. Parecia desconfortável. – Ele não estava bem naquele dia, não é verdade?

– Ele estava péssimo.

– É, foi o que me pareceu também. – Arriscou uma risada, mas percebeu a tempo que essa não fora muito bem colocada. – As pessoas dizem loucuras quando estão irritadas, coisas que não têm vontade de dizer.

– Ou talvez elas só tomem coragem de falar aquilo que sempre quiseram falar.

– Não é o caso dele – disse Júlia, sacudindo a cabeça em negativa. – Quer dizer, eu acho que não, pois não o conheço muito bem.

Apanhei um pouco dos salgadinhos e enchi a boca, aproveitando-me da pausa na conversa – salgadinhos de requeijão eram os meus favoritos. Com a boca cheia, mantive a língua distante das besteiras que eu tinha vontade de falar, como aquelas que diria ao refutar Júlia sobre o fato de ela acreditar no melhor de Thiago ao dizer que, ao agarrá-la daquela forma, ele só estivera *irritado* e que, por isso, dissera o que não tinha vontade de dizer. Para mim, a natureza do garoto estivera clara desde o momento em que nos conhecemos, o que talvez Marcela atribuísse ao efeito de mais alguma das suas pedras, mas eu gostava de imaginar que era fruto da minha esperteza. Eu era um garoto observador, afinal de contas.

– Mas ele não é o meu namorado, Leandro – Júlia voltou a repetir, dessa vez com um pouco menos de ênfase do que em todas as outras, como se já estivesse cansada de ter que repetir aquilo. – Ficamos algumas vezes, só isso. Eu gostava de ficar com ele, porque ele tinha...

– Prefiro não saber dos detalhes – apressei-me a dizer, cuspiendo salgadinho ao abrir a boca.

– Tudo bem, vou poupá-lo disso.

Júlia puxou o pacote de salgadinhos para si e foi a sua vez de encher a boca com eles.

– Você se sentia feliz com ele? – perguntei.

Júlia não se apressou em terminar de mastigar, tempo que talvez tivesse usado para pensar em sua resposta.

– Não. – Sacudiu a cabeça em negativa por algum tempo antes de acrescentar: – Não consigo me lembrar da última vez em que me senti feliz, para dizer a verdade.

Nem de quando estávamos juntos?, tive vontade de perguntar, mas não perguntei. Acho que temia a resposta.

O processo de separação de um casal de namorados pode ser algo bastante interessante de

se acompanhar, era no que eu pensava enquanto Júlia vasculhava o pacote de salgadinho. Claro que ele pode ter diferenças entre casais, e a minha separação com a Júlia teve momentos bem peculiares e fáceis de serem identificados.

Começara com a minha apatia, quando a sua presença já não me interessava mais como antes. Nessa etapa, ouvi-la falar me fazia sentir preso, como se minha vontade fosse a de estar em outro lugar e, talvez, com outra pessoa, embora eu não pudesse fazer isso. Quando convoquei a separação, além do alívio, senti raiva pela maneira como Júlia agira, querendo que eu me sentisse culpado por ter dado aquele passo. Sua atitude fora determinante para fazer com que eu nunca mais quisesse vê-la pelo resto da minha vida.

Mas então veio o arrependimento. Não por ter me separado, mas por ter me convencido de que fora cruel durante o pedido de separação. Tive vontade de pedir desculpas a Júlia e até cheguei a forçar uma aproximação para isso, mas fui afastado a gritos e insultos. Ela também não queria me ver; tinha mais interesse em se vingar. Jogou sua traição na minha cara, mesmo que não tivesse coragem de mencionar o fato com clareza. Queria me humilhar.

Isso até começar a namorar – digo, até começar a *sair* com o Thiago. Senti ciúme no começo, porque, como namorada ou não, Júlia era alguém que eu amava e com quem eu me importava. Júlia estivera disposta a sacrificar a própria felicidade em prol desse pequeno instante de satisfação, o de me ver enciumado, mesmo tendo que fingir interesse por um garoto que mal conhecia ou levando aquela relação de mentirinha pelo tempo que fosse necessário até que a resolução que procurava fosse, então, alcançada.

Porque Júlia me queria de volta. Como sempre, não tinha coragem de dizer as palavras, mas estava implícito em seu súbito interesse em se aproximar de mim, de conversar comigo, de pedir a minha ajuda para um plano que levava com tanta seriedade. Tentava transmitir suas intenções sem ter que expressá-las em voz alta, mas suas expectativas encontraram uma dura parede de concreto em seu caminho, imposta quando eu lhe disse que não pensava em reatar o nosso namoro. Era algo que eu precisava dizer para me sentir bem, para me livrar da dor que um problema não resolvido costuma causar. Não pensei em consequências, só fiz o que precisava ser feito para que eu, para que *nós* pudéssemos seguir em frente, eu com a minha vida e ela com a dela, de preferência bem distante do Thiago e de suas más intenções.

Cada uma das partes de uma separação leva o seu tempo para chegar à sua aceitação, mas eu encontrara a minha com rapidez. Se essa fosse uma corrida, eu atingira a linha de chegada primeiro, enquanto Júlia só apareceria muito tempo depois, muitas *semanas* depois, naquele momento, quando, enfim, terminaria de mastigar seus salgadinhos e se viraria na minha

direção para dizer:

– Eu sei por que te chamei para dançar comigo, Leandro, e temo que você também saiba. Acho que ainda se lembra de que eu revelei ser uma garota que comete muitos erros, e infelizmente esse foi mais um que cometi sem perceber. Esperava que o meu passado pudesse ser apagado da sua mente quando você me visse como uma garota mais centrada, mostrando algumas boas atitudes. Talvez acreditasse que eu tinha mudado. Mas... – A Júlia que me expulsara de casa dias atrás já teria chorado, mas aquela estava convicta do que tinha a dizer. Suas palavras não refletiam seus pensamentos de agora, mas os que coletara durante vários dias. – Você está certo quando diz que jamais poderíamos voltar um para o outro, mas só vejo isso agora porque percebo que eu também não conseguiria mais lidar com a nossa relação. Já não sinto mais falta dela.

Eram palavras duras, que machucariam com facilidade um garoto apaixonado, mas eu já não era um desses havia muito tempo. Tive uma vontade ainda maior de sorrir enquanto Júlia abria o seu coração e era, enfim, franca sobre os próprios sentimentos. Teria de fato sorrido, se suas próximas palavras não tivessem sido tão inesperadas.

– É por isso que, depois de amanhã, quando fizermos nossa apresentação de dança, eu gostaria de me afastar de você, Leandro. Para sempre. – Não tinha coragem de olhar nos meus olhos, mas falava com certeza. – Para que eu possa... Para que eu possa *respirar* e fazer o que eu tenho vontade de fazer, sem contar com ninguém. Ficar com quem tenho vontade de ficar – disse e riu. – Se eu continuar forçando essa relação, sinto que não vou me desprender do nosso passado e que isso só vai continuar me atrapalhando. Jamais vou ter liberdade para ser quem quero ser se você ainda estiver por perto. – Segurou a minha mão. – Entende o que eu quero dizer?

– Entendo – respondi com prontidão. Se Júlia tivesse me perguntado se eu aceitava a sua decisão, contudo, não garanto que a resposta fosse tão certa.

– Ótimo. – Solto a minha mão. – Vamos fazer um ótimo trabalho amanhã, Leandro, eu sinto isso. Graças a você.

– Não, graças a você.

– As pessoas não vão entender quando nos virem lá – disse, soando empolgada. – Vai ser uma surpresa e tanto!

– Mas e quanto ao Thiago...?

– Precisa *mesmo* ficar colocando ele na conversa o tempo todo? – Deu um tapa no balcão. – Curta o momento, Leandro! Deixe de ser tão encanado!

É, ela tinha razão.

Júlia afrouxou a tensão no rosto, se aproximou e sussurrou.

– Se amanhã será a última vez em que ficaremos tão próximos, será que não podemos fazer desse momento o melhor das nossas vidas? Longe de mim querer me afastar de você com más lembranças. Vamos fazer isso do jeito certo e encerrar o nosso relacionamento em clima de festa!

– Acho que posso fazer isso.

– Você também não sente como se houvesse grandes coisas reservadas para amanhã?

A resposta que eu tinha para Júlia antes de ela agarrar a minha mão era uma tão cheia de otimismo quanto fora o seu discurso até ali, mas, quando seus dedos se entrelaçaram nos meus, senti minhas sobrancelhas caírem enquanto uma fisgada rasgava o meu peito. Esse conjunto de maus sintomas me fez querer dizer uma palavra, aquela que existia para negar todas as vontades, por mais bem intencionadas que fossem, dar banho de realidade em sonhos impossíveis ou pôr pontos finais a histórias que não podiam seguir em frente: eu quis dizer não.

Mas, mais aquela vez, guardei a língua dentro da boca. O que quer que estava para acontecer estava fora do nosso alcance e não seria *aquela* palavra que mudaria o seu curso. Eu sentia isso, mas podia ver que Júlia sentia também.

27.

Com ingressos vendidos a poucos reais, era esperado que a festa junina da escola fosse um sucesso de público, resultado que podia ser observado já em seus primeiros minutos de funcionamento, quando uma boa quantidade de pessoas circulava pelo lugar, fosse observando o que as tendas tinham para oferecer ou analisando qual das mesas disponíveis seria digna de sua escolha. A festa era essencialmente voltada para alunos e seus parentes, mas é claro que penetras acabavam surgindo, aproveitando-se da boa vontade de alunos que tinham acesso aos ingressos, mas que não faziam questão de aparecer. Mais do que a celebração de uma cultura, a festa junina também servia para conhecer gente nova, o que, para muitos, era a principal atração de um evento como aquele.

Marcela foi a única da nossa família que providenciou uma caracterização mais elaborada, com direito a não só camisa xadrez, que meus pais e eu também vestíamos, como também à famosa maquiagem de pintinhas nas bochechas, a um dente pintado de preto e a tranças enfeitadas com fitas. Usaria um chapéu de palha também, se tivesse um. Ao entrarmos na escola, fiz o que pude para fingir que não a conhecia.

A primeira coisa que se notava ao chegar à festa era que havia forró tocando, embora ninguém dançasse. Não haveria bebida alcoólica *de verdade* nas tendas, então os mais corajosos ainda esperariam a chegada de um número maior de pessoas, o suficiente para formar uma multidão, antes de puxarem alguém para uma dança – ou pelo menos essa era a estratégia que eu seguiria, se estivesse interessado em dançar.

Marcela foi a primeira a apontar uma mesa e puxar uma cadeira para si. Sem muito interesse, meus pais a seguiram, deixando claro que preferiam explorar melhor o lugar antes de se acomodarem. Eu, com interesse ainda menor em me sentar, parei alguns passos atrás deles, procurando alguém que pudesse conhecer.

– Leandro, vem aqui! – Marcela gritou, acenando na minha direção. – Qual é a senha do Wi-Fi?

– Essa é uma escola pública, não temos essas coisas, Marcela!

O choque no seu olhar ao se dar conta de que seu celular não serviria para outra coisa naquela festa, senão parar tirar fotos, foi cômico.

Encontrei Lilian conversando com alguém em uma das barracas e então soube o que faria:

juntar-me-ia a ela. De longe, podia ver que Lilian organizara os cabelos em duas tranças que jogara por sobre os ombros e que usava um macacão jeans. Aproximei-me e cutuquei-lhe o braço, chamando sua atenção. A pessoa com quem Lilian conversava, a responsável pela barraca de pescaria, era Vanessa, então tive que aguardar o passar de alguns minutos antes de ela, enfim, me dedicar alguma atenção.

– Estávamos acertando alguns detalhes – explicou-me enquanto me guiava para longe das barracas. – Temos trinta peixes naquela água e apenas um deles pode conceder o prêmio maior. E só temos dois prêmios maiores, que são aquelas pelúcias de baleia.

– Porque pelúcias de baleia?

– Ao que parece, ninguém gosta muito de pelúcias de baleias, o que a tornou a de menor preço e de maior tamanho em meio às opções de compra. Espero que pelo menos o pessoal por aqui se interesse por elas.

– Não há a opção de só quererem pescar por diversão?

– É claro que não! Grande parte da arrecadação da festa vai vir dessas barracas, e esse dinheiro será usado para pagar o prêmio da classe vencedora no recolhimento de prendas.

– O parque de diversão...?

– Exatamente.

– Se eu soubesse que o passeio sairia na faixa, teria me dedicado mais.

– Tarde demais. Nossa sala não vai vencer a coleta de prendas desse ano.

– Mais um ano comum para gente como a gente.

– Pois é.

– Eu *preciso* daquela baleia! – alguém gritou às nossas costas e, a julgar pela excitação da voz, não poderia ser outro garoto, senão o Márcio. – É sério! Vocês viram aquela pelúcia de baleia na barraca da pescaria? Eu preciso muito dela!

Lilian encontrou o meu olhar e riu. Eu, que tinha a atenção de Márcio no momento, dei o meu melhor em esconder o riso.

– Vejo que não está para brincadeira com a sua caracterização de caipira – falei, mudando de assunto. – Pediu a ajuda de alguém para desenhar esse bigode?

Márcio passou o dedo no buço e a sujeira nele sequer se moveu.

– Não desenhei nenhum bigode, Leandro.

– Então é bom passar uma gilete nesse pelo de neném que está nascendo na sua cara – concluí enquanto Lilian ria às gargalhadas.

– Muito engraçado, Leandro! Pelo menos eu tenho algo para ser zoadado na cara, mas e você,

quando é que vai entrar na puberdade?

Eu poderia ter rido da piada de Márcio tanto quanto Lilian agora ria, mas não consegui. Márcio encontrara o meu ponto fraco: a minha vontade de ter barba, um desejo que só resultaria em frustração, se pelo nenhum nascesse na minha cara nos próximos anos.

Com lágrimas de riso nos olhos, Lilian pediu licença e se afastou para tomar conta da organização de festa, um trabalho que não parecia ter fim. Tentou nos explicar onde sua presença era necessária, mas falou entre gargalhadas e, por isso, não a entendemos. De qualquer modo, Márcio estava empolgado demais com as coisas que tinha para fazer para conseguir prestar atenção em qualquer explicação chata sobre organização de eventos. Se se interessasse por ela, teria feito parte do comitê.

A festa acontecia no período da tarde, por volta das quinze horas, e iria até à noite. Embora não houvesse horário fixo para o seu término, estimávamos que por volta das oito não haveria mais comida para ser comprada ou brinde para ser entregue nas barracas, o que faria com que alguns grupos deixassem o evento, encorajando os demais. Tais estimativas eram feitas com base na possibilidade de a maioria dos convidados ter chegado ainda à tarde, mas muitos só começaram a aparecer quando a noite começou a cair, por volta das seis. Bruno e sua enorme família foram um desses casos.

Bruno tinha três irmãs mais novas, que se desgarraram do abraço apertado dos pais e se perderam na multidão. Sua arrumação consistia apenas em uma camisa xadrez para fora da calça que, estranhamente, não parecia muito diferente do que ele costumava vestir quando nos acompanhava em qualquer passeio fora da escola.

– Eu os convenci a chegar tarde – explicou-nos quando se aproximou. – Disse que o horário no convite estava equivocado.

– Por que fez isso? – Márcio quis saber.

– Não é óbvio? Não gosto de festas, Márcio, especialmente as que exigem algum tipo de interação social. – Olhou ao redor, a cabeça abaixada, como se esperasse ocultar a própria presença. – E vejo que não há muito o que fazer aqui, além de conversar com os outros.

– Pode ficar com a gente, se quiser – sugeri. – Ou brincar nas barracas.

– Eu vim contando com isso!

Minhas preferências quanto às comidas típicas da festa de São João eram bem específicas, mas podiam se resumir a um único doce: paçoca. Paçocas podiam ser encontradas tanto nas tendas de comida quanto nos brindes das barracas de brincadeiras, que eram numerosas, indo desde a pescaria até o jogo de acertar a bola na boca do palhaço. Sempre que ganhavam

alguma dessas atividades e entre a premiação havia uma paçoca, eu fazia questão de gentilmente pedi-la a Márcio e Bruno, que ora a concediam de bom grado, ora me obrigavam a roubá-la e sair correndo pelo pátio.

– Você devia tentar jogar, Leandro – sugeriu Bruno enquanto decifrava a embalagem de uma barra de chocolate.

– Talvez você não tenha percebido, Bruno, mas ainda tenho um gesso no meu braço.

– Não sou idiota, eu sei que você é canhoto. Tenho certeza de que conseguiria acertar argolas naquelas garrafas, se usasse sua mão boa.

Eu também tinha essa certeza, mas ao mesmo tempo queria evitar o trabalho duro: gastar dinheiro com brincadeiras.

– É verdade, Leandro – disse Márcio, sorrindo com malícia. – Por que não vai lá e tenta acertar algumas argolas?

Porque eu não queria. Porque eu não era obrigado. Eu tinha mais umas cinco respostas para aquela pergunta, mas Márcio rebateu cada uma delas sem titubear. Não tardou e vi meu dinheiro passar da minha mão para a do garoto que tomava conta da barraca das argolas.

– São cinco argolas – ele explicou, falando com a monotonia de alguém que já fornecera aquela explicação muitas outras vezes. – Você deve tentar acertar as garrafas no chão. Quanto mais distante estiver a garrafa, maior a pontuação.

Não seria precisa uma nova explicação.

Errei a primeira, o que não foi nenhuma surpresa, pois o jogo era novo e eu ainda não tinha me acostumado com a sua mecânica. Errar a segunda também era esperado, pois ninguém é perfeito. Errar a terceira me deixou frustrado o suficiente para jogar a quarta com mais força do que deveria, fazendo-a quicar na parede e aterrissar diante dos pés do garoto que tomava conta da barraca. Acertei a quinta em uma das primeiras garrafas, o que me deu direito a uma bala de hortelã como prêmio.

– Pode ficar com ela – eu disse, entregando-a a Márcio. – Esse jogo é impossível!

– Assista e aprenda – disse Bruno, brandindo suas cinco argolas.

Bruno era péssimo com suas aptidões físicas, mesmo as mais simples. Gostávamos de brincar com ele, dizendo que até a mais simples das caminhadas poderia resultar em um acidente sério para ele, o que Bruno entendia e não negava. Sendo assim, quando quatro das suas cinco argolas atingiram uma das garrafadas mais distantes, o que lhe concedeu um pacote com um acumulado de doces, dentre eles a paçoca, não consegui evitar a surpresa e meu queixo foi ao chão.

– Nada que uma boa tarde de videogames não possa ensinar – disse, como que em justificativa.

– Tenho que concordar, seu desempenho foi incrível. – Voltei o olhar para o pacote de doces. – Será que pode me dar *uma* paçoquinha...?

– Não dessa vez. Não gosto muito de paçocas, mas você já comeu umas dez, então essas devem ser saborosas. – Levou-a à boca e mastigou com uma careta, como se tivesse acabado de engolir uma boa porção de couve crua. – Continua tão péssima quanto eu me lembrava.

– Você não sabe o que é bom.

– A Júlia chegou – disse Márcio, apontando-a com nenhuma descrição.

Júlia acabara de passar para dentro do pátio e não estava acompanhada. Estava bonita em uma calça jeans justa e uma blusa xadrez de amarrar. Tinha até um chapéu sobre a cabeça, e não um de palha, mas aqueles de caubói, de couro. Sua bela aparência não combinava com a carranca que exibia no rosto, como se só tivesse aparecido ali por imposição de alguém. Tirou o celular do bolso, digitou algo nele e logo senti o meu celular vibrar. Quem mais poderia querer falar comigo naquele início de noite, senão ela?

– Vocês vão ter que me dar uma licencinha... – comecei a dizer.

– Você não está pensando em ir até ela, está? – perguntou Bruno, incrédulo.

– Na verdade, estou.

– Você não consegue reconhecer por si só quando está sendo idiota, não é mesmo? – disse Márcio. – Vocês terminaram, Leandro, então por que ainda tenta uma aproximação?

– Não é bem isso o que está acontecendo.

– E o que é, então? – perguntaram Bruno e Márcio em uníssono.

– Vão ter que esperar pra ver. Com licença.

A carranca de Júlia não se aliviou quando me viu. Tinha me notado muito antes de eu me aproximar, mas nem quando lhe desejei uma boa noite ela pareceu se animar.

– Está tudo bem? – perguntei.

– Estou um pouco irrit...

– Nervosa? – completei. – É, eu também estava, mas parei de pensar na dança. Vou deixar para enfartar só quando todos os olhares estiverem voltados para nós.

Júlia experimentou sorrir, mas seus lábios tremiam, como se recusassem fazer parte disso.

– Tem certeza de que está tudo bem? – voltei a perguntar.

– Eu só...

Seu olhar se desviou de mim para algo atrás de mim, e não consegui conter minha

curiosidade em saber o que chamara a sua atenção.

Era Thiago quem passava. Também estava sozinho e não tivera a menor preocupação em se arrumar para a ocasião. Estava a muitos metros de nós, em distância segura para não conseguir nos ouvir mesmo que falássemos um pouco mais alto, mas podíamos ver que nos fitava enquanto parecia se encaminhar para o banheiro. Seus olhos estavam apertados, como se não planejasse prestar atenção em mais nada, além de nós dois. Na verdade, era mais certo dizer que não planejava prestar atenção em mais nada, além de um de nós dois. Em Júlia.

– Júlia, ele...?

– Não temos que nos preocupar com ele, Leandro.

– Não é o que está parecendo! Por que ele estava nos olhando assim?

– Porque ele é um grande idiota. – Voltou o olhar para o celular. – Vou procurar as meninas que farão parte da nossa coreografia. Posso te encontrar aqui em dez minutos para nos prepararmos para a apresentação?

– Já vamos nos apresentar?

– Deve estar se divertindo bastante, se não percebeu que o tempo passou e que, logo mais, as famílias mais tradicionais vão começar a ir para casa.

Engoli em seco. Nem todo o exercício mental para esconder meu nervosismo conseguia ter efeito agora.

– Tudo bem, acho que consigo fazer isso.

– Ótimo. Nos encontramos daqui a pouco, então – disse Júlia e se retirou.

– Até daqui a pouco – eu disse para ninguém, desejando, com força sobrenatural, jamais ter feito parte daquele plano maluco.

As apresentações começaram no ápice da festa, quando quem tinha que chegar já tinha chegado e não havia mais mesas disponíveis para novos convidados. Mal havia espaço para ficar em pé. O céu noturno, negro como o céu do inverno geralmente é, mas um tanto nebuloso naquela noite, forçava sua escuridão sobre nós, o que exigiu que as luzes do pátio – e as lanternas nas mesas – fossem acesas, oferecendo um visual ainda mais bonito a uma festa que não fazia feio.

O espaço reservado às apresentações fora escolhido estrategicamente, de modo a garantir que todos os presentes pudessem assisti-las, mesmo que não quisessem: no centro do pátio. As mesas formavam um cerco em torno dessa área, mas também havia espaço para que quem estivesse em pé pudesse vê-la. Para chamar a atenção de todos, os postes de luz mais distantes

foram desligados, o que tornou as luzes sobre o centro da pista de dança muito mais chamativas. Não seriam muitas as apresentações, segundo o que ouvíamos falar, então por enquanto as filas em frente às barracas eram nulas, fosse pela curiosidade geral de ver as apresentações dos seus filhos e conhecidos ou porque simplesmente não sabiam o que estava para acontecer, mas estavam dispostos a descobrir.

Eu, Júlia e seu batalhão de oito dançarinas estávamos escondidos no corredor que levava à sala de vídeo. Na escuridão, mal conseguíamos nos ver, mas a excitação das garotas era audível, a ponto de não conseguirem parar de rir do que quer que diziam umas às outras. Não pareciam tão próximas de Júlia, apesar de ser ela a responsável por escalá-las para a apresentação, pois em nenhum momento se aproximaram para falar sobre a coreografia, tirar dúvidas ou comentar qualquer banalidade. Mas mesmo que quisessem se aproximar, Júlia estava tão tensa que o mais provável era que não obtivessem resposta. Ou que ouvissem uma que não gostariam de ouvir.

Mas eu precisava tentar algo.

– Júlia, vai dar tudo certo.

Não falei da boca pra fora. Depois de toda a espera que sofrêramos até aquele ponto, eu já não sentia mais nervosismo pelo que estava para fazer; acostumei-me com ele e conseguia enxergar a situação com mais clareza.

– Não acho que a dança vai dar errado – ela me respondeu com um tom irritadiço, como se se sentisse incomodada.

– Que bom. Eu também não acho isso.

Não, não a dança, mas e minha amizade com Lilian, Bruno e Márcio, que não sabiam do que eu estava prestes a fazer? Talvez essa sofresse um pequeno abalo, do tipo que os poria longe de mim pelo resto da festa ou do final dessa e da semana seguinte. Não podia julgá-los por não mais confiarem em mim, depois de eu tê-los abandonado por tanto tempo. Quando me vissem dançando com a Júlia, talvez achassem que meus sentimentos por ela ainda eram os mesmos e que eu só fazia aquilo para tentar conquistar seu coração novamente, o que não passaria de conclusões precipitadas sobre uma situação que não conheciam e da qual não faziam parte. Eu só queria ajudar a Júlia e vê-la feliz.

– Ontem você disse que faríamos desse nosso último encontro o melhor de todos – voltei a falar, dessa vez sussurrando, para não ser escutado pelas outras garotas. Não que houvesse essa possibilidade, uma vez que elas pareciam muito mais interessadas nas próprias conversas do que na nossa. – Tenho certeza de que esse será.

Júlia tentou me entregar um sorriso caloroso, mas seu olhar ainda vacilava, caminhando contra as suas intenções.

Apoiei minha mão em seu ombro, guiei seu rosto para que ficasse de frente para o meu e falei pela última vez:

– Júlia, estou aqui para garantir que tudo dê certo, e vou até o fim. Você não precisa se preocupar com nada, só deixe que eu tome a frente e faça o que precisa ser feito. Tudo bem?

Júlia me avaliou com o olhar, apertando bem os olhos.

– Você não sabe mais sobre o que está falando, Leandro.

Talvez eu não soubesse mesmo.

Com o fim da apresentação de dança do grupo anterior – as apresentações daquela noite seriam basicamente uma sucessão de número de danças –, Júlia sabia o que tinha que fazer e me puxou pela mão, o que serviu de aviso para as outras garotas também. Um trecho fora aberto na multidão para que pudéssemos passar depois de o grupo anterior sair, então em instantes estávamos todos lá, em frente a centenas de olhares, as luzes voltadas na nossa direção enquanto as expectativas alheias nos golpeavam. As oito garotas se posicionaram em círculo e simetricamente ao nosso redor, enquanto eu e Júlia nos postávamos no centro, de mãos dadas e voltados para o público.

Engoli em seco.

– *Boa sorte, Júlia* – eu lhe sussurrei.

– *Vou precisar de mais do que sorte para sobreviver a essa noite.*

A música começou, com seus acordes tocados em violão, e no mesmo instante as garotas ao nosso redor começaram a dançar. Júlia ergueu minha mão saudável no ar e começou um giro individual triplo, jogando-se no meu braço engessado em seguida, tomando o cuidado de não atingi-lo com muita força, como tínhamos combinado. Ficávamos nessa posição por algum tempo, enquanto os acordes amornavam, preparando-se para o começo da estrofe. Quando essa começou, a pista de dança se abriu para que acolhesse nossa coreografia.

Com nossas mãos e corpos unidos, começamos um giro pelo espaço, passo que, no início, fora o que eu tivera mais dificuldade de aprender. Feito isso, migrávamos para um mais tradicional, com Júlia jogando seus quadris para os lados e eu a envolvendo em uma distância segura, para não atrapalhá-la. Júlia sabia o que fazia e, em determinados pontos da coreografia, fechava os olhos, como se não precisasse de referências visuais para se situar. Suas expressões, tão serenas e, de certa forma, sensuais, enriqueciam a dança, como que em uma atração à parte. Que bom que todas as atenções estavam voltadas para ela, pois meu rosto não demonstrava

outro sentimento, senão admiração por aquela que era minha parceira de dança.

O refrão era o ponto alto da nossa coreografia, quando Júlia se desprendia de mim em seu giro e parava em uma pose graciosa, a alguns passos de mim, com um braço erguido no ar. Eu corria até ela e apanhava essa mão, puxando-a para um abraço, jogando nossos corpos para os mesmos lados. Júlia se desvencilhava e me envolvia por trás, o que me dava acesso às suas mãos. Como em um nó sendo desfeito, eu girava o meu próprio corpo e então ficávamos frente a frente, trocando pernas e olhares, calculando tempos e oportunidades.

A ponte da canção era o momento em que menos dançávamos, quando o foco se voltava para as oito dançarinas. Enquanto elas giravam e balançavam braços em uma coreografia que mais se assemelhava ao balé do que a uma legítima dança sertaneja, eu e Júlia nos mantínhamos abraçados, eu a envolvendo por trás, os rostos tomados pelo torpor que só alguém que sente uma música ou uma coreografia poderia sentir. Eu já ouvira aquela canção tantas vezes, mas, naquela noite, os arrepios que percorriam meus braços eram os de alguém que a ouvia pela primeira. Estava tão hipnotizado por aquele momento, por aquela proximidade, pelo cheiro de Júlia, pelo seu toque contra o meu corpo que deixei a mente vagar, deixando a coreografia em segundo plano. Era como se eu estivesse apaixonado por Júlia novamente, como se sentisse tudo o que sentira nos instantes que precederam nosso primeiro beijo, aquela sensação tão doce que me fazia querer voltar os seus lábios na direção dos meus e beijá-los. Sabia que Júlia sentia o mesmo daquele mesmo jeito que um garoto sabe o momento certo de beijar uma garota. Quem sabe o que não teria acontecido se a ponte da música não tivesse chegado ao fim e não tivéssemos que retomar a nossa parte da coreografia?

Agora, as garotas se juntavam em pares e copiavam nossos passos, cinco duplas sincronizadas em passadas de pernas, giros e movimentos de quadril. A música estava em seu fim, então os acordes eram os mais altos, como se a melodia atingisse o seu êxtase. Eu sorria de satisfação, apreciando cada segundo como se fosse o último. Júlia me encarava de volta com uma admiração tão contagiante que me trouxe lágrimas aos olhos. Era o seu desejo se tornando realidade, o seu sonho de se apresentar em um número de dança bem sucedido. O nosso último encontro sendo tão perfeito quanto ela queria que fosse.

Ao final da música, eu segurava o seu rosto e Júlia segurava o meu, enquanto as dançarinas se jogavam em círculo no chão, os braços apontados na nossa direção. Os aplausos vieram, altos como o rugir de mil tambores, nos envolvendo com seu toque enquanto eu e Júlia trocávamos aquele olhar que ensaiáramos tantas vezes, o de dois jovens apaixonados. A expressão era convincente. Talvez fosse real.

Levei um tempo para perceber que, junto com os aplausos, a multidão gritava algo. No início, como só alguns deles faziam parte do coro, as palavras não eram fáceis de entender, mas, quando a comoção foi geral, o pedido chegou aos nossos ouvidos com clareza:

– *BEIJA! BEIJA! BEIJA! BEIJA!*

Franzi o cenho. Júlia ainda me encarava em silêncio, parecendo um pouco confusa. Os pedidos prosseguiram e ninguém tinha coragem de se mover, tampouco a professora que anunciava as atrações ousou intervir. Ficaríamos daquele jeito por quanto tempo, antes que algum de nós tomasse alguma iniciativa? O corpo de Júlia estava tão tenso que sequer parecia capaz de se mover. Era como se esperasse algo acontecer.

Como se esperasse que *eu* desse o próximo passo.

Dobrei-me para frente e beijei-a, os lábios se encaixando com tanta facilidade que era como se Júlia já esperasse pelo beijo. Os arrepios, então, encheram a minha face e desceram pelas minhas costas, encontrando seu destino final no chão sob os meus pés. Não trocamos toques de língua e tampouco levamos o beijo a outro patamar, um em que os lábios se massageariam e as trocas de carícia seriam inevitáveis. Não durou mais do que alguns segundos, e eu não precisei me preocupar em ser aquele que lhe daria um fim, pois Júlia se encarregou de fazer isso.

– O que pensa que está fazendo?! – ela gritou e, não satisfeita, empurrou-me para trás.

– E-Eu só achei que...

– Esse é o seu problema, você sempre *acha* tudo! – sua voz ecoava no silêncio da multidão, chegando mesmo àqueles que estavam mais distantes. – Se afaste de mim, Leandro!

– Júlia, e-eu...

– *Para sempre!* – voltou a me empurrar quando percebeu minha tentativa de aproximação.

Não era hora de tentar dizer qualquer coisa, mas esperei que meu olhar fizesse o trabalho. Eu queria pedir desculpa, mas imagino que, àquela altura, Júlia já achasse esse pedido um tanto batido, de tantas desculpas que trocamos. E ela de fato ficou alguns instantes na minha frente, como se esperasse mais alguma atitude da minha parte, mas eu estava constrangido demais para conseguir agir.

Cansada daquela situação, girou o corpo e penetrou a multidão à força, pondo-se fora do círculo em que eu e suas dançarinas nos encontrávamos. O próximo grupo de dança já se aproximava para a sua apresentação e as dançarinas de Júlia aproveitaram o ensejo para se retirarem também, retomando as conversas aos sussurros, dessa vez rindo muito mais do que antes riam.

Foi Lilian quem me retirou do centro da pista de dança, me puxando para junto de onde

Bruno e Márcio se encontravam. Movi as pernas para acompanhá-la em sua velocidade, mas o fiz em silêncio, deixando-me levar. Tudo o que havia de mais horrível para acontecer em uma noite como aquela já acontecera, então ser retirado da pista de dança à força, diante de centenas de olhares espantados, não tornaria as coisas piores.

28.

Um dos cantos do pátio estava tão mal iluminado que, para quem não o conhecesse, era como se não existisse. Parte dessa atmosfera se devia à grande árvore nele plantada, que cobria boa parte do céu sobre si com a sua copa. Desviamos-nos dela para conseguir chegar ao canto mais extremo do pátio, delimitado por um muro alto. O plano de Lilian ao me levar até lá talvez fosse o de buscar um lugar tranquilo e silencioso para que pudéssemos conversar, mas o que eu fiz ao perceber que a caminhada tinha terminado foi me jogar contra o muro e deslizar até o chão.

– O que você tinha na cabeça? – ela perguntou, andando de um lado para o outro. Bruno e Márcio também estavam por perto, um com as mãos nos bolsos e o outro, de braços cruzados. – Só me diga isso: o que você tinha *na cabeça*?!

– Em que momento? – perguntei num murmúrio. – Quando aceitei fazer parte da apresentação da Júlia ou quando achei que seria uma boa ideia beijá-la?

– Para falar a verdade, uma explicação para os dois seria ideal – disse Bruno.

– Lilian, será que você poderia, *por favor*, parar de fazer isso? – pediu Márcio, segurando-a pelos ombros. – Está me deixando enjoado.

– Está me deixando enjoado também – eu disse e levei a mão ao estômago. Havia um gosto amargo na minha boca, como se minha saliva estivesse contaminada. Parecia ter gosto de bÍlis.

– Sinto muito – disse Lilian –, mas, ainda assim... Leandro, o que foi *aquilo*?

– Achei que tivesse assistido à apresentação.

– Quero ouvir com as suas palavras!

– Vocês me pediram para ajudá-la, porque podia ser que ela estivesse em um relacionamento abusivo. A Júlia não tem muitos amigos, então não tinha mais com quem contar. Quando ela propôs de eu fazer parte do número de dança, eu aceitei por causa de tudo que vocês disseram. Achei que poderia protegê-la, se estivesse por perto. Pelo menos teria um bom pretexto para isso. – Esperei que Lilian dissesse algo, mas ela só me entregou o silêncio. – Você não se lembra de ter me dito isso?

– É claro que lembro.

– E você não foi capaz de perceber *sozinho* que essa ideia era absurda? – disse-me Márcio. – Ajudar a ex só porque ela não tem amigos próximos? Ex-namoradas são como livros

repetidos: ou a gente abandona, ou entrega para outra pessoa.

– Achei que estivesse fazendo a coisa certa.

– E acabou se apaixonando por ela de novo – disse Bruno.

E eu ri.

– Admiro seu raciocínio lógico sempre *no ponto*, Bruno, mas receio dizer que dessa vez você está errado.

– Não duvido. Geralmente, falo sem pensar. Mas os olhares que vocês trocaram durante o número de dança, cara, eles foram *sinceros*. Realmente me pareceu que vocês estavam apaixonados de novo.

– Foi por isso que pediram para vocês se beijarem! – lembrou Márcio. – Acho que ninguém ali sabia do que vocês tinham um passado.

– Sabia – disse Lilian. – Algumas das pessoas que iniciaram o coro eram da nossa sala.

– Ainda assim, elas só saberiam como o nosso relacionamento era se nós lhes contássemos – voltei a dizer. – Todo mundo sabia que tínhamos terminado e essas mesmas pessoas viram que ela estava com o Thiago. Mas não sabiam o que eu estava fazendo por ela. E nem por que eu fazia o que fazia. Jamais entenderiam.

– Você ainda a ama – Bruno observou.

– Amo – assumi. – Mas não sou idiota.

– Me pareceu bastante idiota quando a beijou agora há pouco – disse Lilian, irritada, o que me surpreendia, porque era como se fosse ela a pessoa a ter se constrangido na frente de centenas de pessoas, e não eu.

– Por que está tão revoltada? – perguntei, franzindo o cenho. – Fui eu quem sofreu as consequências de um erro, não você.

– Você é meu amigo, Leandro, então não me julgue por sentir empatia!

Mesmo com a boca semiaberta, mantive-a calada. Lilian tinha razão no que dizia; eu podia reconhecer seu sentimento no que sentira por Júlia quando me sujeitei àquela presepada.

Tantas boas intenções...

Que Júlia não quisesse ser beijada, esse era um desejo seu. Claro que fora eu a pessoa a cometer o erro maior, o de ouvir a plateia e acatar a sua vontade. Agira por impulso, tomando decisões com base na cabeça de baixo, envolvido pelos sentimentos causados pela dança, que me confundiram e me fizeram enxergar coisas que não eram reais. Eu estivera enganado desde o momento em que pensara que Júlia poderia me querer novamente, não muito diferente de qualquer outro jovem adolescente que quebra a cara por tomar atitudes impulsivas no dia a dia.

A diferença da minha condição para as demais, no entanto, era que eu sofrera suas consequências em público, para que todos pudessem ver e ter material para me julgar pelo resto da vida.

Eu estava chorando, mas não de agora. Vez ou outra, eu via que Lilian, Bruno e Márcio olhavam na minha direção, como que para checar que eu ainda estava vivo, mas estava escuro demais para que pudessem ver as minhas lágrimas. Também não podiam ouvi-las, porque eram silenciosas como lágrimas de tristeza são. Desciam uma após a outra, seguindo o fluxo dos meus pensamentos, acompanhando as lembranças.

Júlia tivera a oportunidade de guardar o que sentira para si e descontá-lo em mim assim que deixássemos a pista de dança, mesmo que gritasse todos os palavrões que quisesse, dizendo que, se antes queria o meu afastamento, agora queria a minha morte, por fazê-la se sentir envergonhada na frente de tanta gente, por beijá-la quando essa era a sua última vontade, mas ela escolheu me humilhar. Empurrou-me como se eu fosse um louco que não compreendia limites e gritou para a multidão como se eu fosse o tipo de pessoa que só entende a vontade alheia quando elas são ditas assim.

– Você está chorando? – perguntou Bruno de repente. Como notara o meu choro, eu não sabia dizer. – Quer dizer, você está fungando como se estivesse chorando.

– Talvez.

– Isso foi um erro desde o começo – disse Márcio, sacudindo a cabeça em negativa.

– Não me arrependo dos momentos bons.

– Não estou falando disso, estou falando sobre a separação. – Márcio olhou de relance para Lilian, como se esperasse sua validação. – Não que você não tivesse que se separar dela, até porque, se o seu namoro não funcionava mais, você tinha que se separar *mesmo*. Porém... Vocês não se separaram de verdade. – Bruno o mirou como se cobrasse uma explicação. – Quer dizer, vocês deveriam ter se afastado *para sempre*. Não existe bom motivo para que ex-namorados voltem a se ver. Esse lance de terminar com alguém e propor que sejam amigos funciona muito bem nos filmes, mas não na vida real.

– Acho que nem nos filmes funciona direito – disse Lilian.

– Que seja! Se vocês terminaram, tinha um motivo para isso acontecer. Isso significa que, se vocês voltaram a se ver, estavam indo contra a natureza do relacionamento. Esse final já era esperado.

– Você não sabe sobre o que está falando, Márcio...

– Ele tem razão – interrompi. – Esse escândalo que vocês viram hoje... A Júlia é esse tipo

de garota. Não foi a primeira vez. – Dei de ombros. – Acho que o que vocês viram hoje foi apenas um garoto sofrendo as consequências de não saber a hora certa de pular fora de um relacionamento, por mais claros que estivessem os sinais.

Lilian, Bruno e Márcio lamentaram em silêncio a verdade sobre a minha vida, comovidos o bastante com o que ouviram para não saberem o que dizer. Não estavam muito diferentes de mim que, sentado no chão do pátio, isolado do mundo na companhia dos melhores e mais sinceros amigos, não tinha a mínima ideia do que fazer a seguir.

Até que um grito chegou aos meus ouvidos.

– O que foi isso? – perguntei, alerta.

– Isso o quê? – perguntou Márcio.

– Ouvi um grito – disse Bruno.

– Não é parte da música? – disse Lilian.

– Não, ele veio de lá – disse Bruno, apontando o muro.

Como eu temia.

– O que tem para lá, Lilian? – perguntei, levantando-me num pulo.

– A garagem em que os professores estacionam seus carros, mas esse grito não parece ser de um professor.

– Foi um grito de mulher – disse Bruno.

– Foi o grito da Júlia.

Esquadrinhei o redor, buscando acessos. A passagem para a secretaria estava a alguns metros de nós, um portão de grades engolido pela escuridão. Eu podia ver que estava aberto. Poucas vezes tive que frequentar a secretaria, mas, segundo o que me lembrava, o mesmo corredor que dava acesso a ela servia também para chegar a tal garagem dos professores, um desses corredores que, se seguidos do começo ao fim, tão rápido quanto entrou a pessoa sairia dele. Não havia nele quaisquer indícios físicos que comprovassem a minha suspeita, mas, para mim, estava claro que Júlia o utilizara logo após fugir da pista de dança.

– Como você pode saber disso? – perguntou Lilian, a voz uma oitava mais aguda.

A resposta para aquela pergunta era mais complexa do que eu poderia explicar no momento, então optei pela versão resumida:

– Eu só sei.

E corri. Não olhei para trás e não fiz questão de saber se alguém me acompanhava; segui em frente com determinação. Júlia tinha uma estrutura bem menor do que a minha, então tive que abrir um pouco mais do portão, arrastando-o sobre suas roldanas. Avancei pelo corredor e

passei pelo outro portão, o que levava à garagem.

A noite era de um céu nebuloso, sem estrelas, mas a garagem era um lugar muito bem iluminado por postes de luz que tingiam tudo de amarelo. Havia espaço ali para o que estimei serem cinquenta carros, mas a maior parte das vagas não estava ocupada, o que me permitiu ver Júlia e Thiago em uma séria discussão a não muitos metros de mim.

Ele novamente a segurava pelos pulsos, enquanto Júlia se sacudia para tentar se livrar. Thiago era um garoto com o corpo e a força de um homem e mal se movia enquanto a garota em suas mãos se esquivava. Por um momento, fiquei parado no lugar, relembrando minha separação com Júlia e me perguntando, mais uma vez, se eu a segurara daquela mesma forma. Começava a me convencer de que seria precisa uma boa quantidade de insanidade para que eu tivesse agido assim.

– *Larga ela!* – eu pedi, enfiando os braços entre os dois, o bom e o ruim. – *Larga ela, seu doente!*

Um cotovelo me acertou no queixo e não tive referências visuais suficientes para saber se a pancada viera do braço de Júlia ou de Thiago. De qualquer modo, não era hora de se preocupar com isso, e continuei com meu esforço para tentar libertá-la.

– Sua *vadiazinha!* – Thiago dizia, as palavras saindo sem clareza, como se ele não se desse o trabalho de afastar os dentes para falar. Seus braços, ainda que magros, estavam duros como pedra quando eu os agarrei, os poucos músculos total e completamente retesados. – *Sua vadia, vadia, VADIA!*

Júlia tentava retrucar, mas chorava tanto que suas palavras eram ainda mais ininteligíveis. Destinava todas as suas energias à tentativa de se soltar, mas nem isso parecia o bastante.

– Thiago, pelo amor *de Deus*, solta ela ou eu te faço soltar! – exigei.

Mas Thiago estava tão compenetrado no que fazia que não parecia sequer me notar. Pelo visto, esse era um padrão no seu comportamento, o de focar seus esforços em uma única atividade e ignorar todo o restante. Assim, definia suas prioridades: queria machucar Júlia e mais nada. Meus pedidos não passavam de zumbidos em seus ouvidos, logo, eu precisava agir.

Acertei um soco no seu estômago.

Júlia estivera se esforçando tanto para se soltar que, quando as mãos de Thiago se abriram, ela disparou para o chão, o barulho do seu corpo contra o concreto soando mais alto do que me parecia correto. Thiago, por outro lado, só cambaleou alguns passos para trás, segurando a barriga enquanto praguejava. Que ele lidasse com a própria dor; Júlia era a minha prioridade, e me volvei para ela para ajudá-la a se levantar.

Mas Júlia negou a mão oferecida.

– *Me deixa em paz, Leandro!* – exigiu. – *Vá embora enquanto ainda há tempo!*

– Não vou deixar que fique sozinha com esse cara! Ele pode te *matar!*

– Eu sei me defender, eu já fiz isso antes, *EU NÃO PRECISO DA SUA AJUDA!* – disse, gritando a última frase.

Aquela não era a primeira vez que eu era obrigado a lidar com aquele grito, então ignorá-lo não foi difícil. Com a mão saudável, agarrei uma das mãos de Júlia e a coloquei de pé. Seus cotovelos se machucaram na queda e um deles sangrava.

– Eu vou cuidar disso – falei, analisando o ferimento. Não parecia sério, mas ainda assim era um ferimento. – Eu vou com você para casa e...

Alguém me puxou pelo ombro, forçando um giro no meu corpo. Tive pouco tempo para entender o que acontecia antes de o punho de Thiago acertar o meu rosto.

Devo ter gritado, mas tamanha fora a força da pancada que meus ouvidos zumbiram. De olhos abertos, via o mundo girar, como se tivesse bebido demais e não conseguisse lidar com a realidade.

Quando o zumbido começou a se dissipar, o mundo se colocou no lugar. Pisquei algumas vezes antes de perceber que Thiago gritava algo para mim.

– *Hein?* Por que você ainda se intromete nisso? – Empurrou-me. – Por acaso quer comê-la também? *Quer?!*

– Thiago, *vai embora...*

– É por isso que quis dançar com ela, não foi? Pra ficar de quadril colado com ela, como se ela fosse sua *namoradinha?* – Espalmou a mão na minha cara e voltou a me empurrar. – Seu *merdinha!* – Deu um chute na minha perna, o que quase me jogou no chão.

– Vai embora, Leandro, *por favor...!* – Júlia exigia, o choro bastante claro em sua voz.

– Vou garantir que você seja punido por isso – tentei falar. Sentia gosto de sangue na boca.

– Vou garantir que todo mundo saiba da pessoa que você é. – Não conseguia manter o equilíbrio e ficava trocando o peso de uma perna para outra.

– Que louvável! – disse Thiago em resposta. – E o que vai ganhar com isso? Um espaço no céu? – Sacudiu a cabeça em negativa. – Se é tão religioso, porque continua desejando a mulher alheia?

– O... O *quê?*

– Eu percebi qual era a sua desde quando nos conhecemos naquele barraco de favela – disse ele, e seus dentes, de fato, não se afastavam enquanto falava. – Vi que você desejava a Júlia

assim que te vi! E quando conversamos... Foi quando eu tive certeza. – Olhou na direção de Júlia. – Há quanto tempo você tem dado para mim e para ele, sua *vadiazinha*?

– Deixa ela em paz – pedi, afastando-o.

– Nunca ouviu falar que não se deve intrometer na briga de um casal de namorados? – Com as duas mãos, me afastou para o lado.

– Não sou sua namorada – Júlia tentou dizer enquanto ele se aproximava. – Nunca fui, mas você não *consegue entender*.

– Entendo que você é uma vadiazinha oportunista que dá atenção pra qualquer cara! – Os insultos já eram bem ruins de aturar, mas, quando ele acertou um tapa no rosto de Júlia, não houve nada em meu caminho que barrasse minha atitude furiosa.

Foi a minha vez de puxá-lo pelo ombro e acertar seu rosto com meu punho saudável. O som que minha mão fez ao acertá-lo me encheu de prazer, o que me motivou a acertá-lo de novo. Thiago quase tropeçou nos próprios pés.

– *PAREM COM ISSO!* – Júlia bradou, mas já era tarde demais.

Thiago rugiu quando correu na minha direção, agarrando meu pescoço e apertando-o até que eu não sentisse mais a passagem de ar. Agarrei-me aos seus pulsos no que talvez fosse minha tentativa de me livrar do aperto, uma busca por salvação. Não conseguia pedir para que ele parasse, e ele claramente não pararia até concluir o serviço, se Júlia não tivesse tido coragem de acertar um pé entre as suas pernas.

Sem pleno controle das minhas pernas, caí no chão e, infelizmente, aliviei a queda com a minha mão engessada. A dor que rasgou meu dedinho foi instantânea, mas o alívio sentido por poder sorver o ar fez com que eu não lhe desse tanta atenção.

– Sua *desgraçada*! – Thiago praguejou, segurando as próprias bolas. – Eu não peço a você mais do que cooperação, e você me serve com *isso*?! – Parecia incrédulo e cuspiu ao falar. – Eu devia ter percebido no começo que você era uma garota desobediente, que não sabe o próprio lugar em um relacionamento! Uma vadia que não valoriza a importância que o cara que te ama lhe dá!

– Você não m-me ama... – disse Júlia, sacudindo a cabeça em negativa. – V-Você é um psicopata, um *l-louco*, você p-precisa de tratamento!

– Loucura? É isso o que você vê no amor que sinto por você? – Thiago lhe entregou outro tapa com o verso da mão. Júlia chorava tanto que suas lágrimas podiam ser vistas em pontos espalhados pelo chão. – E eu vejo *ingratidão* no seu amor. Eu *sinto* a sua ingratidão! Se você não pode ser minha, Júlia, então...

Não me lembro do momento exato de ter me levantado, mas de repente eu estava agarrado às costas do garoto, mirando cotoveladas na sua cabeça, mas só conseguindo acertá-las em algumas das tentativas. Meu humor estava alterado de tal maneira que eu já não conseguia analisar a situação com frieza ou calcular qual seria a melhor coisa a fazer, então fazia o que meus instintos me diziam para fazer, e os golpes que eu desferia me faziam sentir tanto prazer que eu não conseguia interrompê-los.

Thiago agarrou a minha orelha e a puxou tanto que, por um momento, pensei que a arrancaria. Quando conseguiu o que queria, me jogou no chão e acertou um chute na minha lombar que fez a minha visão enegrecer por alguns segundos. Meus gritos se confundiam ao choro de Júlia, enquanto Thiago nos agredia com o silêncio típico de alguém que não sente nada pelo que faz.

– Vocês não me deixam escolha – disse ele, o rosto contorcido em uma tristeza disfarçada, como se quisesse mostrar que sentia muito pelo que via acontecer. – Vocês não tornaram fáceis as coisas para mim, e eu preciso resolver esse problema. *Hoje*. Não quero mais sofrer por você, Júlia, então preciso lutar com mais força. – Voltou um olhar estático na minha direção. – Mas se esse merdinha ficar no meu caminho toda vez que eu tentar reivindicar o que é meu, vou ter que acabar com ele.

As dores atingiam meu corpo em tantos pontos que eu não conseguia definir quais delas eram novas, vindas dos chutes que eu agora recebia, e quais já eram velhas, de outros golpes que Thiago me acertara. Cada chute parecia atingir uma área grande, como se o pé do garoto fosse uma marreta, e não um pé comum. Ele me acertava nas costas, que era o que eu lhe permitia acertar enquanto me mantinha em posição fetal. Cuspi sangue em algum momento. Sentia meu rosto se molhar em lágrimas.

– Tentei ser educado na nossa primeira discussão – disse Thiago, interrompendo sua agressão. As dores latejavam em tantos pontos do meu corpo que não parecia haver parte dele que não doesse. – Disse que não te bateria porque você estava com o braço engessado. Eu *tentei* ser educado, mas já dizia a minha mãe que não podemos esperar dos outros aquilo que queremos para nós mesmos. Você foi desrespeitoso, e de onde eu venho não há outra maneira de punir desrespeito, senão com um bom *corretivo*. – Ergueu o meu braço imobilizado e prosseguiu: – Isso vai mantê-lo à distância por algum tempo.

Seu pé acertou a junta do meu braço, e de repente eu não sentia nada do cotovelo para baixo. Ainda assim, havia dor, uma tão forte que parecia correr por todas as minhas veias, cegando-me, imobilizando-me. Eu sabia que gritava porque algo arranhava a minha garganta,

mas eu não podia me ouvir. Rolar de um lado para o outro não trazia alívio nenhum, físico ou mental. A parte engessada do meu braço já não respondia mais aos meus comandos.

Aquele desgraçado tinha quebrado o meu braço.

– Júlia, eu juro que gostaria de resolver esse contratempo de maneira amigável, sem que ninguém precisasse se machucar, mas vou deixar que você escolha como quer que as coisas aconteçam. – Tentava se aproximar de Júlia, mas ela sempre se afastava, cambaleando, prestes a cair. – Eu posso pegar sua mão agora e você apertará a minha com carinho, para que possamos ir embora dessa festa como o casal de namorado que somos. Eu até deixo você me beijar, se quiser, e sei você que gosta da minha boca. O que acha dessa solução?

Júlia sacudiu a cabeça em negativa.

– Preciso ouvir da sua boca, meu amor – disse ele, a mão se escondendo às costas, como se apanhasse algo escondido.

– Eu prefiro a *morte*! – ela respondeu.

Thiago trouxera uma pistola consigo, e agora a segurava ao lado do corpo. Júlia não parecia tê-la notado, pois só isso explicava não ter fugido ainda.

– Repita o que disse, por favor – ele pediu.

– Você *nunca* me t-terá. – Júlia soluçava, ainda que tentasse falar com firmeza.

– Repita o que disse antes, por favor.

– Você *nunca me t-terá*! – ela retrucou com um grito. – *Nunca*! Nem que eu esteja *morta*!

Thiago apontou a pistola para a testa de Júlia, uma arma comum, dessas que se vê nos coldres de policiais. A .38 que pertencia ao seu pai.

– Repita o que me disse antes e tenho certeza de que terá o que quer, meu amor.

Júlia não vacilou. Pelo contrário, seu rosto endureceu como se nunca estivesse tão certa de estar no lugar certo na hora certa. Era como se tivesse desistido, como se finalmente conseguisse o que queria, como se o cano da pistola apontada para a sua cabeça compusesse o clímax que ela sempre desejara. Júlia não desistira de lutar; ela desistira da própria vida.

Seus lábios até sorriam quando disse:

– Faça o que tem que fazer.

Thiago puxou a trava da arma, um clique que ecoou pela garagem como se não houvesse espaço para outro som no mundo, além daquele.

Júlia fechou os olhos e afrouxou os ombros, pronta para acatar seu destino.

Antes de o indicador de Thiago encontrar o gatilho, no entanto, eu me joguei na frente do cano da arma.

E quando ele, enfim, puxou o gatilho, eu apaguei sem sequer ouvir o disparo que tirou a minha vida.

7.

Com um estalo, os olhos se abriram.

Luz, e ela era mais clara do que eu esperava, esbranquiçada. Não era lilás, não era sequer rósea. Forte, machucava os olhos. Apertei-os.

Esfreguei-os.

O lugar era conhecido, mas tampouco era o que eu esperava. A mente tinha dificuldade em se situar. Bancos, inúmeros. Janelas, sim, mas as de um lado nada mostravam, enquanto as do outro... *Plataforma*. Isso, uma plataforma.

Metrô.

Levantei-me; minhas pernas tremiam. Algo escorregou do meu colo e bateu no chão: um CD. Apanhei-o. *Os Pranchetas*, dizia a capa. *O que é isso?*

Onde estou?

Metrô.

Por quê?

Não sei.

Que horas são?

Era difícil estimar, sendo aquela uma estação subterrânea, mas se eu estivesse com o meu celular... Não, não era preciso. Havia uma TV na altura do meu rosto e nela eram mostradas as horas. Quase seis da tarde.

Eu me sentia tonto. O mundo girava, como se eu estivesse bêbado. Cada canto me parecia familiar e cada nuance daquela situação me causava uma sensação de *déjà vu*, o CD caindo, as horas na televisão, o lugar em que eu me encontrava. Eu não estava perto de casa, mas aquela linha de metrô me servia, e até essa constatação não me soava inédita, como se eu já tivesse vivido aquele momento. Mas um *déjà vu* não dura tanto tempo e, segundo o que eu uma vez li, nem poderia. Um *déjà vu* prolongado pode significar um problema na cabeça, algo que talvez precisasse de tratamento com neurologista ou algo do gênero.

Já esse pensamento era novo.

As portas se fecharam com um anúncio sonoro e eu voltei a me sentar. Havia outras duas pessoas no vagão, e elas se sentavam longe de mim, cada uma cuidando da própria vida. Será que sentiam o que eu sentia? Eu teria que lhes perguntar para saber.

Foi a maior viagem de metrô que fiz na minha vida, ou talvez a mais incômoda. Eu me agarrava ao meu casaco como se ele, e mais ninguém, pudesse me manter preso à realidade e evitar que eu fugisse de mim. Não, a atmosfera não estava mais lilás e nem parecia querer estar, mas o meu ser acreditava que eu estava no lugar errado, no momento errado.

Não, não era isso o que ele dizia. Na verdade, o que ele tinha era dificuldade em se ajustar. Era como acordar depois que o efeito da anestesia passa: você se deita em uma cama e acorda em uma sala completamente diferente, sentado em uma poltrona. Quem melhor poderia descrever essa sensação, senão eu, que fora anestesiado recentemente durante a cirurgia que pôs o meu dedinho no lugar?

Gemi com espanto quando me dei conta de que não havia gesso nenhum no meu braço.

– Isso, isso... – minha boca dizia, repetindo a palavra inúmeras vezes. Um dos olhares no vagão se voltou na minha direção. – Isso, isso...

Isso não está certo, era o que minha mente queria dizer, mas eu me recusava, pois assumi-lo seria loucura. Se aquilo não estava certo, o que estaria? Não tinha cara de sonho, não como um dia teve. *Aquela* era a realidade, uma certeza que eu tinha tão fortemente que não havia espaço para dúvidas. É como quando se acorda de um sonho ruim e se sente alívio por perceber que a realidade é bem diferente dele. Sim, eu acordara de um sonho ruim.

Será?

Abandonei o trem na minha estação. Do lado de fora já era noite, uma não tão movimentada quanto eu esperava para o horário em um sábado. Talvez aquele não fosse um sábado afinal, mas um domingo.

Meu celular tocou.

– Alô? – atendi por impulso, sem verificar a tela.

– Onde é que você está? – perguntou a voz de Marcela.

Marcela?

– Eu... Eu...

Marcela suspirou.

– Eu imaginei que você não fosse estar bem – disse, com pesar na voz. – A maioria não reage muito bem a uma separação.

Minha mão apertava o celular, como que para não deixá-lo escapar.

– *Do que você está falando, Marcela?* – perguntei num sussurro arrastado, quase que sem fôlego para me fazer ouvido.

– Leandro, não faça nenhuma besteira. Venha para casa, por favor. Quero te dar um abraço.

Talvez ajude.

Marcela desligou. Vi o encerramento da ligação na tela do celular e quase o deixei cair. O enfiei no bolso do casaco. Ainda segurava o CD com a outra mão.

Qual é o caminho para casa?

Essa era uma pergunta cuja resposta eu felizmente conhecia, o que era bom, pois, àquela altura, minhas confusões eram tantas que eu duvidava da própria sanidade. Duvidava das minhas certezas, e elas já eram poucas. Meu braço... Ele deveria estar engessado, com uma tala menor, com uma capa azul, que me deixava mais bonito. Mas meu dedinho parecia bom e funcionava bem, então por que eu usaria uma tala?

E aquele CD? *Os Pranchetas*. Um detalhe tão pertinente àquela realidade quanto eu esperava que o gesso fosse, mas ele, diferentemente do gesso, pertencia a outro tempo, um muito anterior, de semanas atrás, de quando eu me encontrei com a Júlia em um parque e...

– Ah, *não!*

Havia uma espécie de feira em frente à escola quando passei por ela e, apesar de esse me parecer um descobrimento recente, também era como se eu já o tivesse. Já passara por aquela feira antes, e não em outro, mas *naquele mesmo dia*. Nela, havia uma barraca que vendia bebidas quentes, e duas garotas acabavam de comprar doses de tequila. Beberam o seu conteúdo e comemoraram sua conquista batendo os copos no ar, mas um deles se quebrou. O dono da venda se irritou. Eu olhava na direção da cena, mas era difícil saber se eu realmente a via acontecer ou se só via o que estava *prestes* a acontecer. Minha cabeça já não era mais a mesma. Eu ainda estava me situando, mas quanto tempo mais esse ajuste levaria?

Toquei a campainha de casa para que alguém viesse abrir o portão para mim. Marcela viria. Digo, foi Marcela quem veio.

Vinha devagar, despreocupada – ou totalmente preocupada. Segurava um pacote de biscoitos doces de que eu não gostava muito. Mirava-me com uma tristeza contida, como se quisesse mostrar força. Abriu o portão e ofereceu espaço para que eu pudesse passar.

Mas eu a puxei para fora de casa pelo colarinho.

– *O que pensa que está fazendo?!*

– Marcela, eu, eu, eu...

Eu pensava em atravessar a rua, mas, no primeiro passo que dei, ouvi um cachorro ganir.

– Você pisou no pé dele! – Marcela me repreendeu.

Não era possível. Não podia ser. *Até o cachorro?*

– Esse cachorro...

– Ele parece estar com fome, mas eu não vou lhe dar biscoitos, Leandro. Você sabe o que dizem sobre alimentar cachorros de rua, não sabe?

– Que biscoitos podem deixá-los com cáries.

Marcela apertou os olhos.

– É, é exatamente isso o que dizem.

– Marcela, eu preciso de ajuda.

– Tudo bem, estou aqui para isso, mas, por favor, largue a minha blusa enquanto eu ainda me preocupo *só* com ela.

Mirei meu punho fechado no seu colarinho. Afrouxiei-o e o soltei.

– Certo – disse Marcela, falsificando a própria calma. – Agora, vamos entrar em casa e conversar *com calma* sobre o que aconteceu.

– M-Marcela, e-eu...

– Sim, eu sempre soube que a Júlia era louca e que não tornaria isso fácil para você, não precisa se culpar.

Júlia?

Ah, não, *a Júlia!*

– Marcela, eu não posso terminar com a Júlia!

– Sei que vai se arrepender no começo, mas, vai por mim, vai valer a pena. E de qualquer forma isso não pode mais ser desfeito.

– Mas tem que ser!

– Por quê, Leandro?

– Porque essa separação vai custar a minha vida. E provavelmente a dela também.

8.

Fui para o meu quarto, porque eu não aceitaria ir a qualquer outro lugar, senão esse; queria me sentir confortável e precisava da minha zona de conforto. Sentei-me na cama e esfregava uma mão na outra. A noite parecia fresca, mas eu me sentia gelado. Desde algum tempo, minha respiração entrara em um ritmo desregulado e nada no mundo conseguia controlá-la. Estar vivo era agora tão difícil quanto estar à beira da morte. Era angustiante.

Marcela entrou algum tempo depois, sem bater ou se anunciar. Em qualquer outro dia, sua invasão me irritaria, mas não naquele. Eu precisava da sua ajuda e ela concordara em fornecê-la sem contar nada para nenhum dos nossos pais, que só tornariam o meu estado ainda pior com seus questionamentos. Sentou-se ao meu lado e me ofereceu um copo com uma água esbranquiçada.

– Tem açúcar – explicou. – Você parece péssimo, e um pouco de água com açúcar pode acalmar os nervos.

Bebi um gole e não fiquei surpreso com o gosto estranho que a bebida tinha, mas bebi outro. Eu estava prestes a explodir e, se Marcela confiava naquela receita para me acalmar, eu confiaria nela também. Depois de tudo pelo que passei, confiar totalmente em Marcela era o mínimo que eu podia fazer.

– Agora, por favor, me explique o que está acontecendo – ela pediu, falando baixo e devagar, como se se preocupasse com a possibilidade de eu não entendê-la.

– Feche a porta.

Marcela se levantou para fechá-la.

– Você disse algo sobre *morrer*, Leandro. – Voltou a se sentar e agora quase sussurrava enquanto falava: – Por que você acha isso vai acontecer?

Arrepios percorriam o meu corpo quando eu pensava nas palavras que estava prestes a falar, em parte porque me constrangia acreditar no que eu agora acreditava e em parte porque me constrangia ter duvidado de Marcela. Ouvir os seus julgamentos não me ajudariam em nada no momento, mas eu precisava desabafar e não havia outra pessoa no mundo, senão ela, com quem eu poderia fazer isso, mesmo que as consequências dessa revelação fossem difíceis de lidar.

Aliás, eu *precisava* lidar elas. Com urgência.

E, de qualquer forma, eu e Marcela ainda não tivéramos a conversa sobre as pedrinhas que ela comprara e espalhara pela casa. Será que elas existiam mesmo?

– Eu... Eu preciso checar algo.

Coloquei o copo de água com açúcar no chão e fui até a minha estante de bonecos do Dragon Ball. Todos eles continuavam lá, estáticos, empoeirados, incólumes. Entre as esferas do dragão, não havia nenhuma pedra alaranjada, e por um momento toda a minha angústia deixou o meu corpo, me fazendo soltar um longo suspiro, aliviado.

Mas não foi aí que você a encontrou pela primeira vez, foi?

Não, não tinha sido.

Minhas pernas ainda tremiam e caminhar já não era mais tão fácil quanto fora no passado. Ou quanto seria no futuro. Abri a porta da minha sapateira e encontrei os tênis que eu ainda usaria na festa de aniversário do Márcio. Continuavam tão limpos como se fossem novos, e já no movimento de retirá-los do lugar em que estavam guardados eu senti que havia algo rolando dentro de um deles. Era a pedra.

Ergui-a na direção de Marcela, que empalideceu.

– Eu p-posso explicar.

– Não precisa – eu lhe disse, sentando-me ao seu lado. Abri a mão de Marcela e lhe passei a pedra. – Eu sei que você comprou isso em São Thomé das Letras de uma mulher estranha, vestida nas roupas do marido, e que acredita que ela pode conceder dons. Há outras espalhadas pela casa, mas só sei das que estão na cozinha.

Marcela não sabia se olhava para a pedra ou para mim; suava frio, como uma garota que teve um segredo muito íntimo descoberto.

– Como você descobriu essas pedras, Leandro?

– Você me falou sobre elas.

– Eu *nunca* falei sobre elas com ninguém, nem com os nossos pais! Nem com as minhas amigas!

Engoli em seco.

– Tem razão. Você *ainda* não falou.

– O que quer dizer com isso?

– Você espalhou as pedras pela casa porque acredita que elas são capazes de promover sabedoria e dons místicos, como o de prever o futuro. Acredita também que a mediunidade está em nossa família há gerações, como a vovó costumava dizer, então as pedras só serviriam para dar um empurrão. Eu duvidei de você, Marcela, como o irmão idiota que sempre fui, mas

eu vi o futuro acontecer. – Minhas narinas ardiam e minha garganta tinha aquele gosto amargo e desagradável. – E eu morri, Marcela. D-Digo, eu me vi morrer, mas... Mas estou vivo.

Marcela não era conhecida por ser uma mulher séria, independentemente da situação. Suas poucas amigas, quando estavam em casa e gastavam um tempo para falar dos seus feitos, gostavam de mencionar como Marcela era extrovertida e divertida, a palhaça do grupo. Marcela concordava com esse aspecto e às vezes o enriquecia: dizia que era sua falta de seriedade que a impedia de conseguir um emprego decente. Eu gostava de rebater dizendo que, na verdade, sua falta de seriedade a impedia de conseguir qualquer tipo de emprego, não só os decentes. Vê-la séria ou sem palavras era algo que acontecia tão raramente que eu não conseguia me lembrar de nenhum outro momento, próximo ou distante, em que eu a tivesse visto assim.

Mas ali estava ela, de cenho franzido, os lábios tão comprimidos que não passavam de um risco. Parecia descrente, ou pior: ofendida. Devia achar que eu estava brincando com as suas crenças ao dizer aquilo, o que era de se esperar, considerando que prever o futuro não é algo que tivéssemos visto acontecer com tanta frequência. Mesmo as histórias da nossa avó eram muito antigas e duvidáveis.

Mas eu estava enganado em cada uma das minhas suposições, um futuro que não consegui prever.

– Leandro, eu estou... Eu estou *chocada*. – Marcela derramou uma lágrima e a limpou rapidamente. – E estou tão *confusa*.

– Marcela, eu não estou mentindo.

– Eu não acho que está, eu não acho *mesmo*! – Limpou outra lágrima e puxou o ar pelo nariz. – É por isso que estou tão p-preocupada.

– Eu não entendo...

– Leandro, você disse que se viu *morrer*. – Deu de ombros. Seus olhos estavam bastante vermelhos. – Isso só significa uma coisa.

– O quê?

Marcela engoliu em seco e soluçou. Esfregou os olhos, tomou fôlego e coragem e falou ainda mais baixo do que já falava:

– *Isso significa que você vai morrer.*

Sacudi a cabeça em negativa.

– Não, não, não, não...

– O futuro não pode ser mudado, Leandro!

–... não, não, não, não...

– *O que vamos fazer?! –* ela gritou, e eu levei meu indicador aos seus lábios, calando-a.

– Eu vou evitar que isso aconteça.

– Você não pode fazer isso! – disse ela, jogando minha mão para o lado.

– Eu *posso*. Eu já fiz. No meu presságio, eu pegava dois daqueles seus biscoitos horríveis e jogava para o cachorro em cuja pata eu pisei, mas eu não fiz isso nessa noite. Aquele cachorro vai embora sem nunca ter comido esses biscoitos, o que significa que eu mudei o seu destino.

– Não é assim que funciona!...

– É assim *sim!* – Eu esbravejei. – Tem que ser. – Minha voz vacilou por um momento; as lágrimas vinham. – Eu não quero morrer, Marcela. E eu não quero que a Júlia morra também.

Marcela tentava controlar seu choro e falhava. Em dado instante, se dobrou em direção ao copo de água com açúcar e o sorveu inteiro, não deixando uma gota sequer para mim.

Eu precisava que ela acreditasse em mim. Não só porque Marcela entendia de mediunidade, mas porque precisava ter certeza de que estava certo quanto às minhas suposições. Se ela estivesse certa quanto ao fato de eu não poder mudar meu futuro, isso significava que meu destino estava definido e que não havia nada que eu pudesse fazer até lá, senão aguardá-lo. A morte é a única certeza na vida de qualquer pessoa, mas a minha estava ali, batendo na porta, e eu não podia e não queria aceitá-la, não tão cedo. Eu precisava agir e precisava que Marcela acreditasse que meu esforço surtiria algum efeito.

Por efeito placebo ou não, a água com açúcar a acalmou. Quando colocou o copo no chão, suas lágrimas estavam secas e seus soluços já tinham passado. Espalmou as mãos sobre as próprias pernas, deu de ombros mais uma vez e falou:

– Eu não quero que você morra, irmão. Nunca quis, mas especialmente agora eu não quero que isso aconteça, não quando ficamos tão próximos.

Esfreguei um olho quando senti minha lágrima surgir.

– Eu também não quero, irmã, e por isso preciso fazer algo. Nem que seja para descobrir que estou enganado e que não posso mudar o futuro.

– Mas se você não pudesse mudar o futuro, qual seria o propósito de vê-lo?

Eu não sabia. Marcela não sabia. Tínhamos tanto conhecimento sobre esse assunto quanto o cachorro que fora embora sem os biscoitos. Mas será que alguém sabia? Será que havia algum estudo sobre esse tipo de coisa? Será que havia algum especialista nesse assunto?

Eu não tinha tempo para pesquisar. As horas corriam e eu não conseguiria viver a minha vida com tranquilidade se não resolvesse esse problema logo.

Agarrei ambas as mãos de Marcela, mesmo a que segurava a pedra.

– Vamos descobrir isso juntos – eu disse. – Você promete?

– Vou usar todo o meu tempo em prol disso.

Assenti com a cabeça.

– Mas preciso saber o que você viu, Leandro.

Contei tudo, pontuando cada um dos acontecimentos que me levariam àquele final. Mencionei que Júlia não aceitaria bem a separação, mas que depois sugeriria uma volta do nosso namoro. Mencionei o que ela me diria sobre o porquê de ter me traído, sobre ser carente e gostar da atenção dos outros, mesmo quando ela era masculina e cheia de segundas intenções. Mencionei o Thiago.

– Descobri que eles namoravam durante a festa de aniversário do Márcio, e desde então ele me pareceu estranho. Não sei por quê, eu só sabia. Mas foi durante a reunião do comitê de eventos da escola, enquanto combinávamos a festa junina, que descobri do que ele era capaz. Ele falava algo sobre ter aulas de tiro com o pai, que era um policial e tinha uma arma consigo. Isso já era bem preocupante, mas então ele ouviu a Júlia dizer que apresentaria um número de dança durante a festa.

– E o que ele fez?

– Ele a proibiu. Não tinha vergonha de fazer isso aos gritos, mesmo que houvesse tanta gente ao nosso redor, mas a Júlia o rebateu. Ela é assim. Foi a primeira briga deles que vimos, mas tenho certeza de que não foi a primeira que tiveram. Depois dessa, eu ainda veria outras...

– Ela devia ter se afastado dele.

– Foi o que eu pensei, mas não foi o que ela fez, apesar de eu ter sugerido isso. Então, na festa junina, o Thiago deve nos ter visto dançar e ficou com ciúme. Deve ter ficado ainda mais nervoso quando nos viu nos beijando. – Neguei com a cabeça quando Marcela pediu uma explicação. – Não sei por que fiz isso, mas fiz. Ela saiu da pista de dança muito irritada, me xingando e me empurrando. Foi por tê-la ouvido gritar um tempo depois que fui atrás dela. Ele a estava agredindo. – Marcela levou a mão ao coração. – Não mais verbalmente, mas fisicamente. Ele a estapeava, e me socou quando me aproximei. Já não gostava de mim àquela altura. Eu aguentava as agressões, mas não aceitava o que ele fazia com a Júlia. Mas aí ele quebrou o meu braço...

– Você disse que estava com o braço engessado.

– Eu estava, mas ele pisou nele com *força*. – Essa lembrança, mesmo que ainda não tivesse acontecido, me fazia sentir gosto de sangue. – Isso me manteve no chão. Mas quando eu o vi

apontar a pistola para a cabeça da Júlia...

– Você se jogou na frente.

– E recebi o tiro.

Foi indolor. Essa constatação deveria me trazer um pouco de tranquilidade, afinal, morrer sem sofrer é a vontade de qualquer pessoa quando se pensa na morte. Mas e se a de Júlia não fosse tão indolor quanto? E se ela sofresse?

Mesmo que eu soubesse que sua morte seria tão tranquila quanto a minha, eu não queria aceitá-la. Thiago agira por ódio e caras como ele precisavam ser punidos – se não isso, no mínimo afastados. Não era do meu feitio querer se tornar um mártir ao ser assassinado em um crime passional, defendendo a garota que amava. Eu *vira* a morte acontecer, eu *sabia* como ela iria acontecer. Eu tinha os fatos a meu favor.

Eu poderia mudar o final dessa história.

– Leandro, eu preciso saber de uma coisa – disse Marcela. – Por que você se jogou na frente do tiro?

Abri a boca para dizer algo, mas nada saiu. Até tive vontade de rir, me perguntando se Marcela de fato fazia aquela pergunta a sério. A resposta não lhe era óbvia? A minha intenção era salvar a Júlia.

Mas aquela conversa tinha um quê de já ter acontecido. Como a realidade e o possível futuro ainda não tinham se acertado na minha mente, eu os confundia com frequência, mas eu sabia que já conversara sobre aquele assunto com Marcela, no passado ou no meu presságio. Não, a conversa fora no meu presságio. Falávamos sobre quando eu salvei o Márcio de ser atropelado pela bicicleta.

“E é por isso que me pergunto: se você não o ama como um amigo de verdade, por que se sacrificaria para salvá-lo?”, Marcela dissera, enquanto falávamos sobre o porquê de eu ter me jogado na frente da bicicleta. *“Por um excesso de empatia? Porque imagina que a vida dos outros vale mais do que a sua?”*. Mas essas perguntas continuavam sem resposta.

“Se você fez isso por alguém que nem ele, um amigo que você nem considera tanto assim, o que não faria por alguém que ama de verdade?”

– Eu daria a minha vida por aqueles que amo.

Eu olhava fixamente para um ponto do quarto, saboreando as minhas palavras. Entendia o seu impacto e conhecia o seu significado: se Júlia voltasse a passar por tudo o que a levaria ao clímax de quase receber um tiro de um garoto obsessivo, meu destino não seria outro, senão a morte. Eu me jogaria na frente do tiro de novo, e o faria porque meus instintos me obrigariam a

isso. Se no lugar da pistola o Thiago usasse qualquer outra arma, eu ainda assim me poria no caminho, então no final a causa da morte poderia ser outra, mas eu sempre acabaria dando a minha vida pela Júlia. Era a minha natureza.

– Isso é muito sério, Leandro – disse Marcela. – Digo, *toda essa situação* é muito séria. Eu queria que você jamais tivesse conhecido a Júlia a essa altura.

– Essa é uma parte da história que não posso mudar.

– Mas você ainda pode evitar que ela morra. Digo, você pode evitar que *você mesmo* morra. Mas como?

De novo, voltei meu olhar para Marcela, descrente de que ela não tivesse chegado sozinha à resposta que procurava.

– Eu vou ter que voltar com a Júlia.

Minha irmã sacudiu a cabeça em negativa.

– Você não pode fazer isso.

– Eu posso *sim*.

– Você acabou de me dizer que ela saía com outros garotos por carência. Reatar com ela não vai mudar isso!

– Talvez eu possa suprir essa carência e evitar que ela tenha interesse em outros caras.

– Já tivemos essa conversa antes e aceitamos que a culpa da traição não foi sua! E ela *te disse* isso, Leandro!

– Eu preciso garantir que ela nunca conheça o Thiago, Marcela, nem que para isso eu tenha que estar ao seu lado o tempo todo.

Meus argumentos eram contundentes e eu já imaginava que Marcela não teria como rebatê-los. No entanto, ao voltar meu olhar para ela, o que encontrei em seu rosto foi uma careta de nojo, como se ela tivesse ouvido algo blasfemo.

– E que diferença há em morrer e viver uma vida que não se quer viver? – foi o que perguntou.

Será que há diferença?, eu me perguntava.

– Pelo menos eu ficarei vivo. E ela também.

– Leandro, se jogar na frente de uma bala ou gastar sua vida ao lado de alguém que só te fará mal não tem diferença nenhuma! Em ambos os casos, você não vive!

– Eu sei.

– Então por que não pensa em outra coisa?!

– *Porque não há mais o que eu possa fazer!*

Eu gritei, cuspiendo com fúria, e com isso fiz com que não só os meus pais no andar de baixo da casa, mas também os nossos vizinhos me ouvissem. Não gritei porque quisesse que Marcela me ouvisse com clareza e parasse de insistir em seguir por um caminho que não levaria ninguém a lugar nenhum, mas porque aceitar que aquele era o único caminho possível me doía. E não é normal que uma pessoa com dor grite? Foi isso o que fiz.

Mais cedo naquele dia eu terminara meu relacionamento com Júlia e me sentira livre e *pleno*. Andei pela cidade de São Paulo com outro olhar, vendo beleza e cores em seus detalhes e me atentando aos seus sons como nunca antes tinha me atentado. Comprei por impulso o CD da banda que tocou a trilha sonora desse momento. Provei do que era a verdadeira felicidade quando, enfim, aceitei que Júlia e sua traição ficariam longe de mim e que, assim, eu poderia seguir em frente com a minha vida e fazer dela o que bem entendesse. Talvez pudesse conhecer uma garota que me amasse de verdade, e eu teria amor suficiente para lhe dar também. Mas nada disso fazia sentido mais.

Eu precisava aceitar que essa vida não era e jamais serviria para mim. Meu destino estava atrelado ao de Júlia, quer eu quisesse ou não. Dedicar todos os dias da uma vida a uma pessoa que não lhe fará feliz e não lhe será fiel em momento algum soava bastante ruim, mas seria essa uma opção pior do que viver livremente, porém convivendo com a culpa de ter podido evitar uma morte?

Eu queria poder não me importar com a Júlia da mesma forma como ela não se importava comigo. Mas eu não conseguia.

– Leandro...

– Eu sei o que preciso fazer.

– Tenho certeza de que conseguiremos pensar em outro plano para evitar esse destino...

– E eu vou fazê-lo com ou sem a sua aprovação. – Fitei-a com seriedade, os olhos estatelados, sem piscar.

Marcela os sustentou até onde consegui. Abaixou a cabeça, limpou o nariz com o verso da mão e balançou a cabeça em confirmação.

– Eu queria poder ajudar, juro que queria – disse, já se levantando para se retirar. – Mas estou com as mãos atadas. – Passou uma mão pela minha cabeça, afagando meus cabelos. – Eu quero que continue vivo e que seja feliz, Leandro. – Afastou-se e já estava à porta do quarto quando disse: – Mas essa escolha é sua e, no momento, sinto que vou ter que me acostumar em tê-lo apenas vivo.

Fechou a porta ao sair.

Foi quando afundei o rosto em um travesseiro e gritei até a garganta machucar.

9.

Casais infelizes são uma realidade conhecida, vista ou vivida por muitos. Talvez você não seja parte de um casal infeliz, seja porque é solteiro ou porque está bastante satisfeito com o seu relacionamento, mas algum outro casal perto de você será. Não se fala muito sobre isso, porque estamos acostumados com a premissa de que não se deve interferir no relacionamento de ninguém, sendo ele feliz ou não, porque ele é responsabilidade apenas de quem o compõe. Em alguns casos, mesmo o casal infeliz não fala sobre o assunto, partindo de outra premissa, uma que diz que, se você não falar sobre um problema, é como se ele não existisse. Ambas são maneiras de fingir que está tudo bem – e funcionam. Assim, casais infelizes podem durar anos, virar casamentos e render dezenas de filhos, centenas de netos e milhares de gerações.

Júlia e eu um dia fomos um casal infeliz, conformados com o que vivíamos. Se eu não tivesse descoberto a traição, talvez levássemos nossa história por muitos e muitos anos, sem que fosse necessária aquela breve separação. Mas não temos controle sobre os segredos alheios que, indireta ou diretamente, acabamos por descobrir, e se o conhecimento deles nos afeta só há dois caminhos que podemos seguir: tentar resolver a situação, mesmo que isso resulte no término do namoro, ou fazer de conta que o problema não existe, aprendendo a conviver com ele. Eu experimentara a primeira opção, mas esse se mostrou um caminho que, apesar do trajeto agradável, apenas me levaria à morte. Era hora de tentar a segunda, portanto.

Eu já sabia que Júlia não iria para a escola na segunda-feira seguinte à nossa separação, então ir para a aula não fazia sentido. Faria se eu estivesse disposto a aguardar o seu aparecimento, que só aconteceria dois dias depois, mas eu não estava; queria resolver logo aquele problema. Sendo assim, acordei no horário de sempre, me vesti como se de fato fosse para a escola, saí no horário em que eu sempre saía para ir à escola e, apesar de ter seguido na direção que sempre seguia quando ia à escola, fiz a curva na esquina e dei a volta no quarteirão, seguindo na direção da casa da Júlia. Meus pais confiavam em mim o suficiente para jamais imaginar que eu não ia aonde eles esperavam que eu fosse naquela manhã, e eu contava com isso para conseguir sucesso com o meu plano.

Andava tão rápido que cheguei ao meu destino com pouquíssimos minutos de caminhada, no momento exato em que os pais da Júlia saíam para o trabalho. Abaixei o rosto e me virei na direção de uma das casas para não ser reconhecido. Quando o carro em que eles estavam fez a

curva e sumiu do meu campo de visão, eu atravessei a rua e toquei a campainha. Foi a tia da Júlia quem veio até mim.

– Oi, querido! Como é que você está? – disse ela, sacudindo um molho de chaves, procurando aquela que abriria o portão para mim. Como eu esperava, Júlia não tinha lhe contado sobre a nossa separação.

– Estou bem. Hum, a Júlia está?

– Não, querido, ela geralmente está na escola nesse horário. Achei que vocês fossem da mesma sala.

– Somos, mas é que tínhamos combinado de ir juntos para a escola. Pelo visto, ela se esqueceu disso.

– Sim, ela se esqueceu. Ela até se apressou para conseguir carona com os pais. Os três saíram *nesse instante!*

– Ah, claro. Eu vi o carro sair. Bem, vou procurá-la na escola, então. Obrigado.

Isso não fazia sentido.

Júlia não tinha ido para a escola no meu presságio, não na segunda-feira e nem na terça-feira. Surgiria na quarta-feira, acabada e contrariada como se não quisesse estar lá. Comecei a duvidar do meu presságio. Se esse pequeno detalhe já não era igual ao que eu supostamente tinha previsto, o que garantia que todo o restante também não passava de fantasia? E se esse tivesse sido apenas um longo e terrível sonho?

Eu tinha que ir para a escola para confirmar.

Já passava das sete horas e o portão de entrada já devia estar fechado, mesmo para os mais atrasados. Perto de chegar à escola, eu começava a pensar em uma boa desculpa para conseguir entrar pela secretaria, algo que eles dificilmente permitiam, como forma de punir os que se atrasavam. Foi na esquina do quarteirão em que ficava a escola que percebi que Júlia, de fato, aparecera por lá.

Mas ela nunca chegou a entrar.

– Oi – eu lhe disse quando me aproximei.

Júlia estava sentada no chão, encostada no enorme muro que cercava o terreno da escola. Tinha a mochila entre as pernas e os braços jogados por sobre os joelhos. Do meu presságio, eu me lembrava de que, quando apareceu, Júlia estava desmazelada, mas ainda tinha um pouco de beleza para mostrar. Naquele dia, no entanto, ela estava pior, como se sequer tivesse lavado o rosto antes de sair de casa.

– O que está fazendo aqui? – perguntou, sem erguer muito o rosto. O sol a cegava.

– O que *você* está fazendo aqui? – perguntei.

– Eu não queria vir para a escola, mas meus pais sabiam se eu não tivesse vindo. Minha tia não é muito boa em guardar segredos. De qualquer forma, eu não tinha mais para onde ir, então aqui estou. – Riu rapidamente, como se só então tivesse percebido o que estava fazendo.

– Mas isso não é da sua conta, não é? Nem sei por que estou te dizendo isso.

Joguei minha mochila no chão e me sentei ao seu lado.

– Eu queria conversar com *você* .

– A conversa de ontem não foi suficiente? – disse ela com menos ódio do que diria se a conversa acontecesse dali a dois dias.

– Ontem eu fui um idiota.

Júlia ergueu a cabeça, como se quisesse me olhar de cima. Estava claro para mim que ouvir aquelas palavras lhe causava prazer, especialmente naquela altura da nossa separação, em que nossos egos estavam feridos e qualquer confissão de um erro lhes serviria como massagem.

– Eu não sei o que tinha na cabeça, mas...

– *Você* não foi só idiota – ela interrompeu –, *você* foi desprezível!

– Eu sei, mas...

– *Você* não passa de um garotinho metidinho de merda que acha que o mundo é um grande *playground* construído para que *você* possa se divertir e quebrar o que quiser sem se preocupar com as consequências. Mas sabe de uma coisa, Leandro? Para a sua infelicidade, eu sou melhor que isso, e essa suas *conversinha* não vai funcionar comigo.

– Mas eu ainda nem disse o que quero dizer...!

– Não precisa. Eu sabia que *você* apareceria para me dizer essas coisas. Aliás, eu estava contando com isso.

Como poderia?

– Eu sei o que *você* quer – ela prosseguiu, tão cheia de certeza na voz. Seu olhar reluzia, tão prazerosa que lhe era a conversa. – Quer pedir desculpas pelo que aconteceu e dizer que cometeu um erro *terrível* por pedir a separação. Dizer que não sabia o que estava fazendo é só o começo. Vai voltar a dizer que me ama e que não consegue imaginar um mundo em que não estejamos juntos, mas vou ter que decepcioná-lo dessa vez, Leandro, e dizer que não sou um brinquedinho que *você* pode quebrar, jogar no lixo e pegar de volta para consertar. *Você* me despedaçou. – Levou dois dedos à minha boca, me calando, quando disse: – *Você* me destruiu. *Você* fez com que eu me sentisse importante nesse mundo, fez com que eu lhe desse valor só para, então, pisar em mim. Por que fez isso? O que eu fiz pra *você* para merecer esse tipo de

vingança? – Não chorava, mas seus olhos estavam vermelhos, prontos para isso. – Eu estou me sentindo uma droga, graças a você. Achei que nunca mais fosse conseguir voltar para a escola, porque sabia que você estaria nela e que teríamos que nos ver. Isso só me faria *mal*. – Sacudiu a cabeça em negativa. – Como vou conseguir superar tudo isso, Leandro? Dói *tanto* que parece que nunca vai passar! Então me diga: *como vou superar tudo isso?*!

Você vai encontrar um garoto que vai se mostrar interessado por você e então vai se entregar para ele de corpo e alma. E isso vai resultar na sua morte.

– Eu tenho *nojo* de você, sabia? *NOJO!* – gritou a última palavra, apanhou as alças da mochila e se levantou num pulo. – E espero nunca mais ter que te ver na minha vida. Não depois do que você fez.

Era justamente o que eu pensava quando descobri a traição que me levou a querer a separação.

– Suma da minha vida! – ela finalizou. Feito isso, vestiu sua mochila e se pôs em caminhada para sabe-se lá onde.

Mas eu não podia desistir.

– Júlia! *Júlia!* – Eu corria na sua direção e, como já tinha feito antes, puxei-a pelo braço. – *Por favor!*

– Me deixa em paz.

– Volte comigo, Júlia! – Eu estava desesperado, à beira do choro. – *Por favor!*

– Eu já pedi para me soltar.

– Não vamos ter um futuro se não estivermos um com o outro...

– Isso é *muito* prepotente da sua parte! Tão típico de um cara com o ego de uma criancinha!

Eu ouvia as ofensas, que me atingiam como facas no peito, e também os pedidos de afastamento, mas eu não podia ir embora sem que Júlia aceitasse voltar para mim.

– Júlia...

– Você me fez pedir que me solte duas vezes e na próxima eu *juro* que vou gritar.

– Nossas vidas dependem disso!

Júlia arregalou os olhos e, por uma fração de segundo, achei que ela tivesse acreditado no que eu dizia. Mas então ela sorriu de um jeito insano, mostrando bem os dentes, mandando a minha esperança por água abaixo.

– Está me ameaçando?

– N-Não foi o que eu quis dizer...!

– Não achei que você fosse esse tipo de pessoa, Leandro... – Júlia forçou o braço contra o

meu aperto, mas eu o mantinha muito firme. Não podia deixá-la escapar. – Achei que fosse um cara *bom*.

– Júlia, eu só queria que...

– E eu só queria que você me soltasse, mas nem isso você é capaz de fazer. – Despejou uma lágrima antes de dizer: – Não achei que chegaríamos a esse ponto, mas estou vendo que vou ter que chamar a polícia para você, Leandro.

Minha mão se abriu no mesmo instante.

Júlia sorriu sem contentamento, contemplando a mancha avermelhada que meu aperto deixara em seu braço.

– Eu devia ter imaginado que, mesmo que não me ouvisse, você teria medo de alguém que poderia puni-lo por isso – disse, esfregando o braço. – Ainda que jovem, sou uma mulher e terei que lidar com homens que nem você pelo *resto da minha vida*, homens que não aceitam um não como resposta, mesmo quando ele é dito com clareza. – Voltou a sacudir a cabeça em negativa, com descrença. – Você me surpreendeu hoje, Leandro. De uma maneira bem negativa.

Virou as costas e apertou o passo na direção contrária à que levava à sua casa. Não parecia ter destino, de qualquer forma, não depois de tudo pelo que passara. Era compreensível.

Mais tarde, Júlia voltaria para casa e se trancaria em seu quarto para chorar sozinha. Em algum momento dos próximos dias, conheceria Thiago, que, no início, lhe pareceria promissor. Seria feliz por alguns instantes e então sofreria por mais alguns. Depois disso, a morte lhe daria o beijo final, um que viria muito precocemente.

O mesmo beijo que viria a mim.

Marcela estava certa e o futuro não era coisa que se pudesse mudar. O meu destino estava selado e não havia nada que eu pudesse fazer. Só me restava aceitá-lo.

Mas isso não seria fácil.

10.

Entrei na escola quando o portão abriu para aqueles que entravam na segunda aula. Cheguei à sala de aula antes do professor. Chegar tão tarde me ofereceu poucas opções de carteiras disponíveis, mas a que Júlia tomaria dali a dois dias, próxima à parede das janelas, estava vaga. Joguei a mochila sobre ela, sentei-me e cruzei os braços. Olhando para o chão, perdurei todo o período da manhã.

Eu vou morrer, era no que eu pensava. Sei o dia e a hora em que isso vai acontecer, e o que posso fazer a respeito?

Nada. Talvez viver.

Talvez antecipar o final.

E espera ganhar o que com isso?

Uma morte à minha escolha, e não baseada na decisão de outra pessoa.

Mas se você pensa em se matar porque sabe que morrerá no futuro, não é como se o assassino já tivesse vencido?

Talvez, mas pelo menos seria *eu* a pessoa a sujar as mãos com isso.

Então você aceitou dar a vitória ao Thiago.

Não, jamais. Eu nunca, *nunca*, nem depois de morto, aceitaria numa boa dar a vitória a Thiago, mas mesmo um bom jogador precisa saber a hora de desistir, e aquela era a minha. Quando suas armas se esgotam, um soldado pode tentar fugir para um lugar seguro ou se entregar e aceitar a morte como destino, mas eu jamais permitiria que Thiago assassinasse Júlia sem resistência, então a morte viria a mim pelas mãos dele cedo ou tarde. Talvez nem acontecesse na festa junina, mas depois dela. Ou antes. Thiago era capaz de matar alguém a sangue frio e o faria na primeira oportunidade que tivesse. A solução para aquele problema, portanto, seria afastá-lo de Júlia, algo que eu tentara fazer e não conseguira.

Pelo menos a morte vai ser indolor, voltei a pensar. Você sequer vai ouvir o disparo quando ele vier.

– Ei – disse alguém, cutucando-me no ombro. Ergui o olhar. Fora Bruno quem me cutucara.

– Bruno?

– Ah, você ainda sabe o meu nome. Eu tinha medo de que não soubesse.

Apertei os olhos na direção dele e na de Márcio e Lilian, que o acompanhavam, todos de

semblantes tão assustados que pareciam estar lidando com uma fera perigosíssima. Márcio era o mais distante, o mais cauteloso. Lilian era visivelmente a mais preocupada e Bruno, o único corajoso o suficiente para falar comigo dentre os três.

– Por que eu esqueceria o seu nome? – perguntei.

– Já não nos falamos há tanto tempo...

Claro que era por isso. Acordar de um presságio era um constante processo de reaprender o seu verdadeiro tempo, pelo que eu podia notar.

– Entendo.

– Estamos saindo para o intervalo – Lilian arriscou dizer. – Se quiser nos acompanhar...

Lilian segurava seu lanche natural ainda guardado dentro de um pote. Márcio tinha consigo um pacote de bolacha já aberto, um que compartilhava com Bruno.

– Claro, vamos.

Estar na companhia dos meus melhores amigos já não era mais tão fácil. Lembro-me de que, no presságio, eu me sentira completo ao me juntar a eles e saboreei cada instante, percebendo a importância que tinham. Louvara o fato de ainda se manterem tão unidos, mesmo depois de todo o tempo em que estive fora. Seguiram com suas vidas enquanto eu seguira com a minha, de escolhas erradas e consequências severas. Mais e mais, ficava claro para mim o erro que fora deixá-los de lado para seguir um sonho que nunca se concretizaria: ser amado por uma garota leal.

Estar com eles não era fácil porque me fazia pensar em como seria difícil abandoná-los quando minha morte chegasse. Não que houvesse comparação entre o que eu sentiria e o que eles sentiriam, afinal, para mim, o que haveria seria apenas o vazio existencial enquanto que para eles restaria apenas a saudade. Para eles, haveria dor, enquanto que para mim não haveria nenhuma. Seria uma dura pancada em seus emocionais, mas já não havia nada que eu pudesse fazer. Teriam que me perdoar por aceitar o meu destino. Quem sabe eu não lhes deixasse uma carta explicando que eu lutara para evitá-lo, apesar de não ter conseguido?

– Leandro, está tudo bem? – Márcio quis saber, um garoto que nunca se preocupara com o meu bem estar. Marcela dizia que eu e ele não éramos amigos de verdade, mas será que não éramos mesmo? Será que esse só não era o jeito de Márcio de ter um amigo, um tanto impessoal quando comparado com os demais?

– Eu estou bem – respondi com a voz embargada. Temia que meus dias, a partir daquele, fossem desse jeito, em clima de despedida, calculando cada palavra para não ter que chorar na frente daqueles que me amavam e tentando aproveitar o máximo de cada momento para que

meu tempo de vida valesse a pena.

– Se você diz...

– Sua cara está péssima – disse-me Bruno.

– Quer um pedaço do meu lanche? – disse Lilian, oferecendo-me metade do seu sanduíche natural e sem cor.

Apanhei-o sem nada dizer. Era tão sem gosto quanto eu esperava, mas devorei cada pedaço, sem me importar com o paladar.

– Talvez comer um pouco melhore o seu aspecto – disse Lilian. – Você não parece ter comido nessa manhã.

– Não comi mesmo.

– Seu fim de semana foi bom? – Bruno quis saber.

– Ótimo.

– Eu sabia que ele estava de ressaca... – disse Márcio, apontando uma mão na minha direção. – Essas olheiras, essa palidez, esse jeito rouco de falar, tudo isso é sintoma de alguém que está passando por uma ressaca *brava*. Deve ter saído para beber com a Júlia, e é por isso que ela não veio para a escola hoje, porque a ressaca dela deve estar ainda *pior*.

Eu ri, e por muito pouco não despejei lágrimas nesse riso. Nenhum dos outros me acompanhou com isso.

– Não sei se foi o caso – disse Lilian, mais para os outros do que para mim.

E ficaram um momento em silêncio, tão pouco à vontade na minha presença como jamais estiveram. E a culpa disso era minha. Mas o que mais eu poderia fazer? Não conseguia falsificar o que sentia.

– Já que mencionamos ressacas e essas coisas... – disse Bruno, lançando um último olhar na minha direção, prestes a mudar de assunto. – Vocês ficaram sabendo do que aconteceu com o Maurício?

Incrível como aquele nome já não me causava nada àquela altura.

– O quê? – disse Márcio, que parecia não ter ouvido o rumor ainda.

– Eu sei o que houve – disse Lilian. – Ele foi expulso porque encontraram cerveja na mochila dele.

Expulso porque encontraram cerveja na mochila dele...?

– Isso é sério? – Márcio quis saber.

– Sim – disse Bruno. – É claro que todo mundo sabia que ele carregava bebida e que às vezes até a compartilhava com os outros alunos. – Voltou a olhar na minha direção. – Mas

acho que alguém foi fazer a denúncia formalmente na coordenação. E agora ele foi expulso.

Expulso porque tinha bebida na mochila.

– Ele foi expulso porque tinha bebida na mochila – eu repeti, a voz soando esganiçada, emocionada. – Duas latinhas. Nem dá pra ficar bêbado com isso.

– Não foi só por isso, mas porque ele dividiu bebida com outros alunos...

– Isso não importa! – interrompi. – Eu já sei o que fazer!

Eu precisava encontrar Carol, e por isso andava com pressa pelo pátio, sem verificar se meus amigos me acompanhavam. Eu esperava que não. O pátio nunca me pareceu tão cheio. Carol tinha poucas amigas e elas geralmente se juntavam nos cantos mais extremos do pátio, onde pudessem se esconder e destilar veneno sobre outras garotas de quem não gostavam. Para a minha sorte, o intervalo tinha apenas começado e nem eram tantos os cantos a explorar, portanto eu poderia encontrá-la com rapidez e, em seguida, colocar meu plano em prática em questão de minutos!

Eu a encontrei segundos depois, próximo ao portão da quadra.

– Preciso falar com você – pedi, interrompendo a conversa que ela tinha com suas duas amigas.

– E quem é você? – Carol quis saber.

– Você sabe quem eu sou, não se faça de desentendida. – Apertei os olhos na direção das amigas. – Por favor, nos deem licença!

Por medo do meu semblante ou porque eram garotas que respeitavam a vontade alheia sem questionar, as amigas se deram o braço e se afastaram pelo pátio.

– É bom que seja importante, porque eu estava tendo uma conversa *muito séria* com elas antes de você surgir!

– Poderá falar sobre garotos e o tamanho do pinto deles o quanto quiser depois que eu for embora, mas agora eu preciso da sua ajuda e não pode ser em outro momento!

– Vai ter que ser mais *agradável* do que está sendo, se quiser que eu lhe faça algum favor.

– Eu sei que você tem droga na sua mochila em quantidade suficiente para ser expulsa dessa escola e ter má fama pelo resto da vida, a ponto de nenhuma escola querê-la mais entre os seus estudantes.

– *Shhhh!* – disse ela, tapando a minha boca com a mão. – Seu dedo-duro de merda! Quem foi que te contou isso? Foi a Pâmela?

– Não importa. Eu sei do seu segredo e vou usá-lo a meu favor. Vou chantageá-la.

– Se o que quer é ficar comigo depois da aula, não precisa fazer todo esse showzinho! Você

nem é tão feio assim!

– *Não quero* ficar com você!

– E o que você quer de mim, então?

Carol não entendia por que eu gargalhava, mas não se importava. Meu semblante a amedrontava, e ela fazia o que eu quisesse, se pudesse se afastar de mim o quanto antes. Temia o que a minha loucura poderia lhe causar.

E talvez eu estivesse louco mesmo, como só alguém que prova da verdadeira felicidade poderia ficar.

11.

Fui à sala da coordenação e bati na porta.

– Pode entrar – disse a voz da coordenadora Noêmia de lá de dentro.

Abri a porta e a fechei ao passar. A coordenadora, sentada à mesa, tinha diante de si um caderno grande, onde parecia conferir tabelas e seus números.

– Em que posso ajudar? – perguntou, retirando os óculos.

– Eu gostaria de fazer uma denúncia.

Percebendo a seriedade da situação, a coordenadora indicou a cadeira do outro lado da mesa.

– Pode falar, fique à vontade – disse –, mas, se for o que estou pensando, posso garantir que já lidamos com ele.

Enquanto eu me sentava, franzi o cenho. Do que ela estava falando?

– Não quero confundi-lo, apenas diga o que tem para dizer.

Pigarreei. Queria que minha voz soasse limpa e clara, para que eu não tivesse que repetir a frase depois de dizê-la uma vez.

– O Thiago, da sala 2, tem droga na mochila e eu o vi oferecê-la a outros alunos.

– O Thiago do 3º B, o aluno novo...?

– Ele mesmo.

A coordenadora voltou a pôr os óculos, como se com isso buscasse enxergar melhor a situação.

– É uma acusação muito séria.

– Tenho certeza do que estou relatando.

– Não que eu duvide disso. Vou pedir que um inspetor o traga até mim. Muito obrigada pelo aviso, Leandro.

– Eu que agradeço. – Levantei-me, já pronto para sair. – Espero que as devidas medidas sejam tomadas para afastar essa má influência da nossa escola.

– Se o que diz for verdade, tenho certeza de que as medidas cabíveis serão tomadas. Agora volte para a aula, Leandro, e não precisa se preocupar, pois seu nome será mantido em sigilo.

Assenti com a cabeça e apanhei a maçaneta.

– Hum, por curiosidade, o que achou que eu fosse relatar quando disse que já tinha lidado

com *ele*? – perguntei antes de sair.

– Sua namorada, a Júlia, veio aqui na semana passada para relatar algo que descobriu sobre outro aluno, um que hoje já não faz mais parte do nosso corpo estudantil. Não conversaram a respeito?

– Ela deve ter comentando alguma coisa, sim.

– Acho que acabei dando com a língua nos dentes. Se puder manter o nome dela em segredo em relação a isso tudo...

– Não vou prejudicar a garota que amo, coordenadora Noêmia. Muito pelo contrário.

A senhora à mesa assentiu lentamente com a cabeça e sorriu, inspirada pelo que ouvia.

– É um garoto nobre e bom, Leandro.

Assenti também e me retirei da sala.

12.

Thiago foi expulso do colégio.

Sua expulsão não gerou tanto rebuliço, pois ele *ainda* não era um aluno relevante. Sua falta só foi notada pelos seus colegas de sala, que o conheciam de vista, mesmo que nunca lhe tivessem dirigido a palavra. Ao que parecia, Thiago era um garoto um tanto antissocial, do tipo que entrava e saía da sala sem falar e sem se preocupar em agradar ninguém.

Uma pessoa que não soubesse do que estava para acontecer sequer teria notado essa expulsão. Lilian e Bruno, que faziam de conta que não eram fofoqueiros, mas eram, não ficaram sabendo de nada, por exemplo, nem no dia seguinte ao da expulsão, nem no outro. Na semana seguinte àquela, ainda não sabiam de nada, o que me fez crer que nunca saberiam.

A primeira e única pessoa com quem falei sobre o que fiz não podia ser outra, senão Marcela. Foi no mesmo dia em que fiquei sabendo da expulsão. Não lhe contei antes do meu plano, pois não queria lhe prometer algo que eu não sabia se teria resultado. E se ele não fosse expulso? Nossos humores já estavam abalados o suficiente para que uma nova notícia ruim tornasse tudo ainda pior.

À tarde, não havia ninguém em casa, além dela. Invadi o seu quarto enquanto Marcela escrevia uma *fanfic* e a assustei com meus passos pesados e apressados.

– Eu estava *concentrada*! – explicou enquanto eu ria. – Mas, se ri tanto assim, deve ser porque está de ótimo humor. Consegui fazer com que a Júlia voltasse para você, para viver sua vida com mediocridade?

– Não, eu não consegui, e agora a Júlia nunca mais vai querer saber de mim. Agi como um ogro agiria e estraguei tudo! – Joguei-me na sua cama. Era impressão minha ou o colchão dela era mais macio do que o meu? – Mas acabei tendo uma ideia melhor.

– O que você fez, Leandro?

– Espero que não me julgue. – Aproximei-me para que pudesse sussurrar a revelação. Era improvável que alguém pudesse nos escutar no momento, mas mesmo assim eu me aproximei de Marcela. Tornava tudo ainda mais importante. – Eu incriminei o garoto.

– O Thiago?

– Sim. Coloquei droga na mochila dele.

Marcela suspirou e levou ambas as mãos à boca.

– M-Mas c-como...?

– Meus amigos me deram a ideia, sem perceber. Não é fabuloso? – Eu estava tão feliz que tinha vontade de gritar e de falar sem parar. Era um sentimento novo para mim. – Me contaram que o garoto com quem a Júlia tinha me traído, o Maurício, tinha sido expulso porque a coordenação descobriu que ele andava com bebida alcoólica dentro da escola e que a oferecia a outros alunos. Não é mentira, pois eu mesmo vi Júlia compartilhar dessa bebida. O mais engraçado nisso tudo é que, ao ouvir essa história, eu me lembrei de uma conversa que tive com uma garota da minha sala, uma que nunca vai acontecer porque eu mudei as coisas. Na festa do Márcio, eu a descobri fumando um baseado, e ela pediu, por tudo, para que eu não contasse sobre ele a ninguém porque, se descobrissem com quanta droga ela andava pela escola, ela poderia ser expulsa. Eu a chantageei, peguei um pouco da maconha, descobri a sala do Thiago e coloquei a erva na mochila dele. Em seguida, fui à coordenação e fiz a denúncia.

Marcela voltou a suspirar.

– Eu não consigo acreditar.

– Pois deveria.

– Você cometeu um crime.

– Para evitar outro, um ainda maior, que custaria duas vidas.

Marcela consentiu em silêncio, tão espantada quanto parecera ao me ver entrar em seu quarto.

– Bem, não posso dizer que estou triste – disse ao se recompor. – Na verdade, estou muito mais feliz do que triste com essa história. Pensando bem, acho que não sinto tristeza nenhuma. Você fez o que devia ser feito, Leandro, e eu me sinto tão orgulhosa que não há espaço para pensar em nada de ruim.

– Vou aceitar isso como um elogio. Obrigado.

– Isso vai garantir que a Júlia nunca o conheça.

– Exatamente.

– E, melhor do que isso, significa que eu vou ter o meu único e mais amado irmão comigo pelo resto da vida.

– O índice de criminalidade em São Paulo ainda é alto, então pode ser que eu venha a morrer de outra coisa, como um...

Marcela jogou seu pesado corpo sobre mim em um abraço tão aconchegante e espaçoso que não tive como me mover, nem para envolvê-la com os meus próprios braços. Quando o concluiu, gritou como uma garota que descobre que ganhou na loteria.

– Você é um gênio! – disse-me, rodopiando em sua cadeira de rodinhas. – E pensar que, em todos esses anos, eu achava que era a única inteligente da família!

Fiz um travesseiro acertá-la em cheio no rosto. Eu ainda ria quando Marcela o acertou de volta em mim.

– Mas sabe o que eu acho mais intrigante nessa história? – voltei a falar, pondo o travesseiro de lado. – Pelo que sondei, o Thiago é antissocial, do tipo que não fala com ninguém da sala em seus dias de aula.

– Como um psicopata?

– Ou algo assim. Então como é que ele pode ter se aproximado da Júlia, se não tinha coragem nem de falar com o pessoal da *própria sala*?

– Eu tenho uma teoria sobre isso. Pode ser que as pedras me concederam sabedoria sobre o assunto, mas fato é que tenho certeza da explicação que tenho para te contar.

– Estou interessado em ouvi-la.

– A Júlia é carente, não temos como negar, e o Thiago era um aluno relativamente novo, sem muitos amigos e de fácil acesso. Se a Júlia estava desesperada por companhia, não consigo pensar em ninguém melhor do que ele para preencher esse papel. Estava à mão, acessível. Bastava ela jogar um pouco de charme para cima dele e o conquistaria num piscar de olhos. Lembre-se de que a Júlia não é feia e não precisa se esforçar muito para roubar o coração de um garoto.

– E ela tinha que escolher justamente o mais problemático?

– Não é possível saber do que uma pessoa é capaz só de olhá-la. E convenhamos que, mesmo quando soube do que ele era capaz, a Júlia não fez questão de se afastar dele, segundo o que você me disse. Ela precisava de companhia e faria o que fosse preciso para mantê-la.

Ou o que fosse preciso para mantê-la longe, pensei ao me lembrar do que ouvi da coordenadora, sobre Júlia ter feito uma denúncia sobre o Maurício. Não consigo imaginá-la fazendo isso a um garoto de quem estivesse a fim, então é provável que, se o denunciou, essa foi a única maneira que encontrou de se afastar dele. Mas ela não teria material para fazer o mesmo com o Thiago, não é mesmo? Além do mais, quem acreditaria nela, se ela dissesse que estava em um relacionamento muito pouco saudável e que já não conseguia mais fugir dele?

“Ainda que jovem, sou uma mulher e terei que lidar com homens que nem você pelo resto da minha vida, homens que não aceitam um não como resposta, mesmo quando ele é dito com clareza.”

Livrá-la de uma morte precoce era algo que eu podia fazer. Livrá-la da realidade de uma

mulher em meio a homens opressores e abusivos era algo que exigiria um pouco mais de trabalho, um que não podia ser feito por uma pessoa só.

– Hum, Marcela, eu posso te perguntar uma coisa?

– Claro, o que quiser.

– O que acha de jogarmos as suas pedrinhas fora?

Marcela agarrou-se aos braços da sua cadeira como eu tivesse lhe feito uma ameaça.

– Por que quer fazer isso?

– Muito embora eu me sinta bastante grato por ter tido a chance de ver o meu futuro e poder evitá-lo, eu não sei se quero passar por isso de novo. Foi bastante ruim ir dormir sabendo que seria assassinado em algumas semanas, mas ir dormir convivendo com a possibilidade de viver outro presságio é tão ruim quanto. Quero ser só um garoto normal, que faz confabulações sobre o futuro sem saber o que ele reserva.

– Mas você sabe que ainda assim a mediunidade corre o sangue da nossa família há tanto anos que...

– Mas se as pedras facilitam o acesso a ela, eu prefiro mantê-las longe.

Marcela analisou o meu rosto e pude ver que engoliu em seco antes de dizer:

– Foi bem estressante lidar com o futuro dessa vez.

– Foi mesmo.

– Vou recolher as pedrinhas pela casa e vou jogá-las fora, então. Você quer me acompanhar com isso?

– Eu faço questão.

Foi divertido descobrir onde Marcela escondera suas pedrinhas, cada uma em um lugar mais inusitado do que o outro (havia uma dentro da lâmpada da sala de estar, para se ter uma ideia). Depois que as recolhemos, mais de vinte no total, caminhamos até o terreno baldio mais próximo, um que ficava atrás de um ferro-velho, e lançamos uma a uma por sobre suas cercas de madeirite. Um gato reclamou com seu miado esquisito quando uma das pedrinhas o acertou.

Marcela segurava a última, a que estivera no meu quarto aquele tempo, quando perguntou:

– Tem certeza de que quer fazer isso? Não penso em voltar à São Thomé das Letras tão cedo.

– Se um dia voltar lá, por favor, traga queijo e doce de leite, não pedrinhas que só servem para destruir a cabeça de alguém.

Marcela se voltou na direção do terreno e lançou a pedrinha alaranjada. Pudemos vê-la descrevendo um arco no ar e sumindo do nosso campo de visão, mas nunca a ouvimos cair.

13.

Com o dedinho funcionando e nenhum gesso no braço, algo que consegui evitar vigiando todo e qualquer passo de Márcio em nossa busca por chope de vinho, eu já estava em sua festa de aniversário havia um bom tempo quando Júlia apareceu. Não estava vestida com o belo vestido negro e reluzente de que eu me lembrava, mas com um conjunto de blusinha branca e saia negra, um visual bem menos requintado, mas não menos bonito. Alisara os cabelos e os jogara para trás. E estava sozinha.

Passou boa parte da noite tentando se entrosar com a Carol e com as suas amigas. Carol, que não esperava por essa aproximação, parecia bastante incomodada, mas não suas amigas, que aceitaram a presença de Júlia com grande entusiasmo. Deviam conhecê-la muito bem e sabiam do que ela era capaz em relação aos garotos, portanto esticavam o papo com ela e o esticariam até que nunca se acabasse, se conseguissem. Carol, por outro lado, não via a hora de se desprender daquelas garotas para fazer eu sabia bem o quê: subir para a varanda do quarto de Márcio e preparar o seu baseado. Em dias comuns, faria isso sem se preocupar com o que a possibilidade de alguém encontrá-la, mas, desde que eu tomara um pouco da sua droga para armar para cima do Thiago, ela parecia ter ficado mais cautelosa.

Aproximei-me do grupo, tomando o cuidado de nem mesmo resvalar em Júlia, e puxei Carol pela mão.

– O que pensa que está fazendo? – ela quis saber, irritada.

– Estou te *ajudando*. – Não consegui ignorar Júlia por mais tempo e, olhando na sua direção, falei: – Está linda nessa noite.

Achei que ela fosse virar o rosto e me ignorar, mas, apesar de não ter virado o rosto, ela ainda assim me ignorou.

Carol não resistiu enquanto eu a guiava para dentro da casa e para o andar superior, passando para dentro do quarto de Márcio e terminando nossa caminhada em sua varanda.

– Sempre achei que você tivesse uma queda por mim – ela disse, apoiando-se na cerca da varanda de maneira insinuante.

– Não, eu não tenho.

– Não me acha atraente?

– Até acho, mas eu não faria isso com o meu amigo, que é quem realmente gosta de você.

– Então por que me trouxe aqui?

– Vi que estava ansiosa para fugir da conversa que suas amigas tinham com a Júlia, mas que não via como fazê-lo. Sendo assim, eu quis ajudar, em retribuição à ajuda que você me deu.

Carol sorriu, quase rindo.

– É bem observador.

– Eu tento.

– Percebeu que eu só queria fazer isso para fumar um baseado, suponho.

– Sim, eu percebi. Espero ter ajudado.

– Eu agradeço.

Assenti com a cabeça e me pus em retirada.

– Leandro?

– Sim?

– Ah, tinha medo de ter errado o nome. O que quis dizer com “eu não faria isso com o meu amigo”? De quem está falando?

– Do aniversariante.

– Imaginei. Reparei que ele estava olhando para mim, mesmo.

– Ele ficaria muito feliz, se você lhe desse uma chance.

– Vou pensar no caso – disse Carol, mas, no final da festa, quando todos os convidados já tivessem ido embora, ela ainda roubaria um beijo de Márcio, do jeitinho que fizera no meu presságio. – Tenho uma curiosidade. O que você fez com a minha erva naquele dia?

Minhas narinas arderam. Ainda que eu usasse o porte de drogas da Carol como chantagem para cima dela, eu nunca lhe revelei quais eram as minhas intenções com a sua droga. E nem poderia.

– Se eu dissesse que você ajudou a salvar não uma, mas duas vidas com aquela maconha, você acreditaria?

Carol deu de ombros.

– Maconha medicinal é usada no tratamento da depressão. Evitei dois suicídios quando você roubou a minha? Ou vocês só queriam ficar loucos?

– Não dois, talvez um. Mas, não, eu não quis ficar louco. Só tenho a te agradecer.

– Faria um agradecimento melhor se não desse com a língua nos dentes.

– Seu segredo está muito bem guardado comigo.

Em meu caminho até Lilian, que tomava o que seria seu segundo copo de bebida, abordei Bruno e lhe disse o que ele queria ouvir:

- Pode entrar na piscina quando quiser, o Márcio não se importa.
- Ele te disse isso?
- Mais ou menos.

Bruno estava a caminho de dar o seu salto bomba na água quando puxei Lilian para um canto.

- Você e a Vanessa...?
- *Como é que você sabe disso?* – ela me interrompeu com um sussurro tão baixo que eu quase não o escutei em meio à música alta.

- Vocês já se beijaram?

Lilian enrubesceu até não haver qualquer traço da sua palidez.

- S-Sim, a gente se beijou.
- Diga para ela quem você é. A Vanessa já sabe disso, por mais que você tenha omitido o seu nome, e ela não se importa. Na verdade, ela gosta de você exatamente do jeito que você é.
- Como é que você sabe disso?
- Não sei. Só sei que é.

Com isso, fiz com que a noite dos meus amigos fosse tão perfeita quanto eles esperavam. Bruno nadou a noite toda, o que o manteve longe da obrigação de interagir com estranhos, Vanessa e Lilian praticamente deram início ao que seria um namoro ali mesmo e Márcio recebeu um beijo da Carol, realizando uma de suas maiores fantasias.

Quando já não havia mais convidados na festa e depois de prometermos que ajudaríamos o aniversariante com a bagunça, eu me aproximei do grupo, forçando uma pausa em seu recolhimento de copos descartáveis e guardanapos sujos, e lhes disse uma única palavra:

- Obrigado.

Bruno até questionou o agradecimento, pergunta que também vi dançar nos lábios de Márcio, mas Lilian os calou. Não estava tão bêbada quanto imaginava, então enxergava o que acontecia com clareza. Só eu sabia que os agradecia porque, involuntariamente, eles foram os responsáveis pela ideia que salvou a minha vida, ao mencionar a expulsão do Maurício. Se não tivessem feito isso, talvez fosse tarde demais para impedir que Júlia conhecesse Thiago quando esse assunto, enfim, viesse à tona. Sendo assim, não restavam dúvidas: eu devia a minha vida a eles.

Um pensamento que não me era novo, mas a gratidão expressa em voz alta, ah, essa era.

14.

Júlia não me chamou para acompanhá-la em seu número de dança na festa junina, convite cujo surgimento eu aguardei até o último instante.

Algo na atitude que eu tivera em pedir desesperadamente para que ela voltasse para mim destruiu a possibilidade de ela um dia me querer de volta. Não que eu estivesse contando com isso, afinal, Marcela me ensinara bem, e se eu amava Júlia tanto quanto defendia, vê-la feliz, mesmo que longe de mim, deveria me satisfazer. E satisfazia. Mas ao mesmo tempo era difícil pensar nos bons momentos que poderíamos compartilhar, mesmo que não como namorados, se eu não tivesse sido tão babaca, o que me fazia sentir certo arrependimento não por ter mudado o curso dos acontecimentos para que ela se mantivesse viva, mas por não ter pensado em uma abordagem melhor para que isso fosse possível. Aquele fora um momento muito próximo da separação para que eu fizesse exigências sem explicar o porquê delas, e uma pessoa com a razão em dia teria percebido as consequências dessa minha escolha de atitude melhor do que eu, se soubesse com antecedência do que eu faria.

Seu número de dança teve apenas a companhia das oito garotas. Diferentemente do que preparara no meu presságio – uma dança de casal envolvida por oito dançarinas –, em seu número atual, ela e as oito garotas dançavam com sincronia, fazendo os mesmos passos. Em número ímpar, não podiam formar pares, mas até essa barreira Júlia conseguiu contornar; compôs uma série de transições que consistia em uma constante troca de duplas de dança entre as garotas, o que era fascinante de assistir e supriu, com maestria, a falta de um garoto no número.

Os aplausos no final da apresentação foram estrondosos. Na minha opinião, foram ainda mais barulhentos do que foram para as outras apresentações, embora minha comparação não fosse totalmente confiável, já que eu mal prestara atenção nos outros números. Júlia abraçou suas amigas e, aos risos e sussurros, deixaram a pista de dança. Mesmo quando o outro grupo chegara para se apresentar, ainda podíamos ouvi-las gritar.

Depois de ter trocado a roupa da apresentação por uma mais confortável, Júlia se despediu das amigas, vestiu a alça da sua mochila e se pôs para fora da escola. Na rua, ao lado do portão, eu a esperava.

– Foi uma apresentação e tanto.

Júlia estava digitando algo em seu celular e, quando me notou, não pareceu contente. Suspirou com fadiga, o que demonstrava a sua insatisfação em me ver.

– Leandro...

– Eu não estou aqui para ser o babaca que fui na última vez em que conversamos, prometo! – eu disse, espalmando as mãos em sinal de rendição. – Eu me senti muito mal depois daquele dia. Você me deu algo para pensar, fez com que eu percebesse o monstro que eu era. E, sim, você tem razão em crer que vou dizer que não estava com a cabeça no lugar, porque eu não estava mesmo. Sou só um adolescente com hormônios à flor da pele que não pensa na possibilidade de magoar alguém antes de sair por aí tomando iniciativas.

Júlia trocou o peso do corpo de uma perna para a outra.

– Você é tudo isso, sim, mas também é muito mais – disse.

– Sinta-se à vontade para me xingar do que quiser.

– Você é um garoto impulsivo, capaz de dar grandes saltos sem antes ponderar uma situação. É desesperado, sim, e pode machucar alguém, se essa pessoa não dedicar o mínimo de atenção ao que você diz.

– Eu te machuquei?

– Não. É claro que não. Nem naquela droga de parque e nem aqui na frente da escola. Acha que sou tão frágil assim?

– Não foi o que pensei, mas vejo essa minha *mania* de segurar as pessoas para que me ouçam como um enorme defeito meu. Preciso me policiar para parar com isso.

– Concordo. Poderia aprender a falar mais alto. A gritar, de repente. Isso certamente me faria parar no lugar, sem que você tivesse que me segurar pelo braço.

Concordei.

– Quero pedir o seu perdão – eu disse em seguida.

– Posso perdoá-lo. A essa altura, já não sinto com a mesma intensidade o que sentia naquela época e vejo que exagerei um pouco com as minhas atitudes, também. Brinquei de ser a garota indefesa sendo afrontada pelo garoto opressor.

– Acha que sou um garoto opressor?

– Jamais. Você é o garoto mais correto que conheci na minha vida. E respeitoso, também. Sei por que terminou comigo e, bem, não posso julgá-lo. Acho que eu faria o mesmo. Eu poderia me explicar, mas...

– Não, não precisa. – Quando Júlia voltou a abrir a boca para falar, eu insisti: – Por favor. Também não te julgo por fazer o que fez. Acho que somos parecidos nesse aspecto, de agir

sem pensar.

– Acha que estamos quites?

Dei de ombros.

– Só o tempo dirá.

Júlia assentiu e olhou para trás.

– Eu já vou embora. Não tenho mais o que fazer nessa festa.

– Posso acompanhá-la até a sua casa, se quiser.

– E vai deixar a sua família e os seus amigos para trás?

– Não. Volto assim que te deixar em casa.

– Tudo bem.

O caminho que Júlia faria para casa naquela noite estava vazio, abandonado e potencialmente perigoso, mas ela o conhecia como a palma da mão e não se sentia nem um pouco intimidada. Ficamos em silêncio durante boa parte do trajeto, e isso porque tínhamos muito no que pensar. Olhávamos para o chão em nossa caminhada. Mantive um espaço seguro entre nós, para deixar claro que eu não forçaria nada que ela não quisesse, que apenas oferecia a minha companhia.

Só quebrei o gelo quando paramos em frente ao portão da sua casa.

– Sei que já disse isso, mas... Você fez um excelente trabalho hoje.

– Obrigada. Fiquei orgulhosa.

– Você deveria investir nisso. Já pensou em ingressar uma escola de dança? Elas costumam montar grupos para se apresentar em competições. Você pode ganhar uma grana com isso.

– Já pensei, sim, mas tenho certeza de que os meus pais não aceitariam bem a minha decisão. E como poderiam, tendo uma filha que prefere uma escola de dança a uma faculdade?

– Na boa? A gente só vive uma vez, Júlia, e nosso tempo aqui é muito curto para gastarmos com o que não nos faz bem.

– Gosto de imaginar que temos tempo suficiente para fazermos o que quisermos.

Dei de ombros.

– É um jeito de pensar.

Júlia riu.

– Acho que nunca tivemos uma conversa tão breve e profunda quanto essa.

– E não é que é? – reparei e me juntei ao riso.

– Isso é engraçado. Se namoro é um tipo de relacionamento que só existe para conectar duas pessoas em um nível profundo, por que sinto que estou muito mais próxima de você agora do

que estive antes?

Eu não fazia ideia.

– Quem saberia? – respondi, rindo de novo.

– Você tem razão. Por que ao invés de procurar significado nas coisas a gente só não curte o momento?

Apanhei a sua mão porque, de repente, tive certeza de que poderia fazer isso. Júlia retribuiu o aperto com firmeza, e então erguemos nossas mãos na altura dos nossos rostos. Ela parecia fascinada e eu, à beira de explodir de tanta emoção.

– Sei que vai soar um pouco piegas o que tenho para dizer agora, mas... – Engoli em seco e tomei coragem: – Que tal se a gente fosse só bons amigos de hoje em diante?

Júlia apertou os olhos.

– Só bons amigos? – Sacudiu a cabeça em negativa. – E existe algo melhor nessa vida do que ter e amar um bom amigo?

Eu não tinha resposta para essa pergunta. Talvez o silêncio a carregasse consigo.

Quando soltamos nossas mãos, Júlia me entregou um sorriso e se voltou na direção do portão, prestes a abri-lo, enquanto que eu girava nos calcanhares em direção à escola. Em minha caminhada, olhei para trás uma única vez, a tempo de vê-la acenar em despedida, já do outro lado do portão. Acenei de volta.

Quando Júlia sumiu no interior da própria casa, eu enfiei as mãos nos bolsos e retomei minha caminhada. Olhando para frente, eu sorria para a noite, tão satisfeito com os seus acontecimentos como não conseguia me lembrar de já ter estado.

Sobre o Autor

Rennan Oliveira sempre viu na escrita uma ótima maneira de relaxar e se distrair. Quando consome ficção, prefere as comédias, mas ainda assim tem uma queda inevitável pelo drama. Talvez por isso tenha contado a história de Leandro e Júlia do jeito que contou, porque há quem diga que nem metade dos acontecimentos ruins foi tão tensa quanto a descrição feita aqui. Por outro lado, até hoje, não se ouviu falar nada sobre os momentos de felicidade.

Costuma postar notícias sobre suas obras, entre outras amenidades, no site <http://raoliverautor.blogspot.com.br/>, mas talvez você ache mais fácil segui-lo no twitter @r_a_oliver.

Sinopse

O que Leandro e Júlia tiveram foi bom até o momento em que ele descobriu que foi traído. Em vista disso, qualquer garoto teria se afastado de vez da ex-namorada e seguido com a própria vida, mas Leandro não é como os outros; ele ama Júlia e ainda se preocupa com ela.

E motivos para isso ele tem aos montes, principalmente agora que Júlia está de namorado novo. Thiago não parece um bom rapaz e, segundo o que Leandro tem sondado com a ajuda dos amigos e da irmã, ele pode inclusive estar ameaçando a segurança da sua ex.

Para muitos, o término de um namoro é o final de uma história. Em “Lilás”, ele é apenas o começo de uma.

Sumário

- [1.](#)
- [2.](#)
- [3.](#)
- [4.](#)
- [5.](#)
- [6.](#)
- [7.](#)
- [8.](#)
- [9.](#)
- [10.](#)
- [11.](#)
- [12.](#)
- [13.](#)
- [14.](#)
- [15.](#)
- [16.](#)
- [17.](#)
- [18.](#)
- [19.](#)
- [20.](#)
- [21.](#)
- [22.](#)
- [23.](#)
- [24.](#)
- [25.](#)
- [26.](#)
- [27.](#)
- [28.](#)
- [7.](#)
- [8.](#)

[9.](#)

[10.](#)

[11.](#)

[12.](#)

[13.](#)

[14.](#)

[Sobre o Autor](#)

[Sinopse](#)